

LIVIA STOCCO

Os
Objetos
Supremos

MUNDO DE
BHARDO

- LIVRO I -



Editora da Aurora





Livia R. Stocco

o mundo de
Bhardo
Os Objetos Supremos



Indie

~ MUNDO DE BHARDO ~
OS OBJETOS SUPREMOS
L. T. R. Stocco

Título Original
A FANTÁSTICA HISTÓRIA DO MUNDO DE BHARDO
OCTOFORTE E OS OBJETOS SUPREMOS
PARTE I

Livro I da saga “Mundo de Bhardo”

Direitos autorais do texto original © 2013 Livia Taisa Rolim Stocco
Todos os direitos reservados.

ISBN: 978-85-918540-0-4

Primeira publicação no Brasil em 2013 pela Amazon.com.br em formato digital e
pelo Clube de Autores em formato impresso.

Registrado no Escritório de Direitos Autorais da Fundação BIBLIOTECA
NACIONAL
sob o Número 413.239, Livro 771, Folha 399



Este livro é uma obra independente. Todos os seus elementos – texto, diagramação, preparo para publicação e arte da capa — foram elaborados pela autora, com a colaboração de leitores amigos que auxiliaram na revisão do texto.

*Dedicado aos meus pais,
que me ensinaram o poder das palavras
e que sempre acreditaram
no valor das minhas.*

~ ÍNDICE ~

Prólogo

O selo de Cermalháct

Reunião sobre o Rochedo

Os Objetos Supremos

A Nalvim de Melvim

Bonde para Ylhuah

Astur

Flachim'ttoér

Nas Colinas Gritantes

A queda das Linhas de Sustentação

Lherád

Sob Pirraftér Acchernol

O Hiperbólico

O caminho para Terem

A Pedra das Vaidades

Étolo, o louco

Separação

APÊNDICES

Prólogo

Enfileirados, os oito mantinham os olhos fixos num ponto distante. Uma centena de pessoas os encarava, e todas pareciam nervosas. O general, cabelos brancos, pele morena e olhos verdes, caminhava lentamente, parando um minuto à frente de cada um. Embora a rigidez dos tempos antigos não fosse mais usada, ao menos nessa ocasião, e somente nessa ocasião, ela era seguida.

Lentamente ele proferiu as palavras. Com as mãos cruzadas sobre o peito formando um “x”, os jovens repetiram o juramento.

“Juro servir à Fortaleza dos Muros Dourados Octoforte como sua sentinela, zelando pela vigilância de minha torre, pela defesa das muralhas que nos protegem, seguindo as ordens de meu general, cuidando de meu pelotão, e vivendo sob os preceitos da honra, da lealdade, da coragem e da justiça. Como sentinela de Octoforte, juro jamais abandonar meu posto, que é meu até o dia de minha morte e, como sucessor de Ariell, juro que seus feitos serão lembrados para sempre, e que jamais permitirei que o inimigo que ele combateu se levante novamente sem que minha espada se interponha em seu caminho. Minha total servidão ao Mundo de Bhardo, ao Mundo de Agharta e ao Mundo Terra, pela paz e equilíbrio entre os três, eu juro.”

— A partir de agora vocês são Sentinelas de Octoforte — disse o general.

O selo de Cermalháct

“Você quer tanto conhecer o mundo, mas será que saberá o que fazer quando estiver lá?”

Márcio ajeitou as costas na pedra fria. Esfregou os olhos, espantando as luzinhas que insistiam em piscar tentando hipnotizá-lo e fazê-lo dormir. Já perdera a conta de há quantas horas estava ali. Tinha a impressão de que estava parado naquele lugar há dias, mas o céu continuava no mesmo breu desde o momento em que chegara. Ele olhava para o alto o tempo todo, desconfiado daquela estranha massa disforme de névoa que cobria cada centímetro da abóbada celeste. “*Nuvens*”, Jadhe dissera, carregadas de água, e que logo se dissolveriam sobre a terra. Márcio desejava que isso acontecesse logo, pois suspeitava que fosse aquela quantidade de nuvens que tornava tudo tão escuro. Em Cermalháct, de onde ele vinha, não havia nuvens, nem noite, nem dia, só uma luminosidade branca e intensa, e ele estava incomodado com a escuridão, os olhos doloridos pelo esforço de manter as pupilas dilatadas para enxergar melhor. Ao seu lado Pablo cochilava, com uma espetacular capacidade de se adaptar a ambientes tão inóspitos para descanso. Márcio bem que tentara fazer o mesmo, mas a armadura pesada e enferrujada era extremamente desconfortável, e rangia alto a cada movimento. E, a cada vez que piscava com um pouco mais de demora, aquela estranha figura que o perseguia em sonhos havia muitas noites aparecia outra vez, e cada vez com uma pergunta mais extravagante... “*O que fazer no mundo?*” Por sua própria culpa, ele não teria chance de descobrir, não agora que passara no teste e se tornara sentinela, e isso o frustrava muito. Que espécie de pergunta era aquela, vinda de um sonho? Não, ele não devia pensar nisso, precisava ficar acordado, era sua primeira... “*missão*”.

— Pablo — ele chamou, depois de um ronco excepcionalmente alto do irmão.

— Quê?... hm que? Que é? Você me acordou!

— Você *deveria* estar acordado, Pablo, essa missão é *nossa*, minha e sua.

— Que missão? — murmurou Pablo, esfregando os olhos.

— Como “*que missão?*” Vigiar o portal, impedir a passagem de bhardanos para o outro lado... — respondeu Márcio, enfadado.

— Aham... E você já impediu algum? — resmungou Pablo. De um salto ele pôs-se de pé, sacudindo, displicente, a lança dourada coberta de ferrugem.

— Ora, o que você queria, nós somos sentinelas, nosso trabalho é vigiar!
— falou Márcio, cambaleando para levantar, sombras escuras embaçando seus

olhos.

— Estamos vigiando... — o rapaz bocejou.

Márcio ficou alguns minutos em silêncio, lançando pedrinhas escada abaixo, sentindo os olhos arderem enquanto tentava visualizá-las na escuridão. Quando a última delas sumiu de vista, ele perguntou:

— Já lhe ocorreu que não precisávamos ficar plantados aqui, do lado de fora, pra vigiar? Octoforte, nossa *Fortaleza*, não fica do outro lado do portal, com todas as nossas torres de vigia, com todas as nossas armas e nossos guardas? Minha opinião é que Fauret só nos trouxe aqui pra mostrar para alguns reis de Bhardo que ele está tendo trabalho.

Aquela era a última esperança de Márcio, que Octoforte fechasse logo para que ele estivesse tanto livre do compromisso quanto da culpa de não ter servido ao lado de Pablo, que ele sabia que não abandonaria o forte depois de ter passado a vida toda nele.

— Eles querem fechar a Fortaleza, não querem? Já que Fauret não deixou, tem que provar que ela... que *nós* somos necessários... Não que eu ache que sejamos...

Márcio ergueu uma sobrancelha: — Por que você se alistou, fez todos os testes e tudo mais, se também acha esse serviço inútil?

Pablo o encarou, os olhos cor de mel lacrimejando de sono. Deu um bocejo e sacudiu os cabelos, e então disse entediado: — Eu gosto da vida mansa de Octoforte, Márcio, sempre gostei. Gosto de estar perto da Nini, ela é como uma mãe. Mas você só se alistou por minha causa, e eu te disse várias vezes para não fazer isso, não é justo com você mesmo.

— Que coisa mais absurda! De qualquer jeito, pra onde eu iria sozinho?

— Márcio, se você quisesse partir, sabe que poderia ter conseguido. Teria encontrado um lugar pra você neste mundo. É um mundo grande, sabia? Você é aventureiro, entende de mapas, de matemática, gosta de ler. Seria fácil arranjar um lugar pra você. Eu nunca quis sair, e, apesar do que Verônica fala, Diana também confessou que não queria partir de Octoforte, então, pra mim, está tudo bem.

— Isso porque vocês têm lembranças da época que viveram aqui...

— Exatamente por causa dessas lembranças é que eu não quero voltar. Bhardo é um lugar perigoso... De pessoas perigosas... Além disso, Ólie Fauret acredita muito em nós, acha que temos chance de provar que o forte ainda tem serventia... Eu, particularmente, acho que isso não vai acontecer, mas fico feliz em ouvir as histórias de antigamente e vir aqui na ilha vez por outra — concluiu Pablo.

Márcio suspirou e baixou a cabeça. Tornou a se sentar na pedra fria. Pablo se sentou também, do outro lado do portal, apoiado na lança, agora

totalmente acordado e um pouco aborrecido. Olhava para frente, em direção à escadaria de pedra que descia logo adiante.

Estavam no alto de um morro irregular de pedras negras. O portal que Márcio e Pablo guardavam ficava bem no meio do morro, que fora erguido artificialmente para que se pudesse chegar até ele. Era como uma fina lâmina de água luminosa e azul pairando no ar, de tamanho suficiente para deixar passar um elefante. Parecia ser bidimensional já que, se alguém o contornasse e o olhasse por trás, não veria nada.

O portal era chamado *Cermalháct* no mundo de Bhardo. Na língua antiga, *Cermalháct* queria dizer “encruzilhada”, e foi essa a primeira impressão que os antigos tiveram quando o atravessaram. Do outro lado encontraram uma pequena área de gramado, de não mais que dez quilômetros quadrados, limitada por uma névoa densa, tão densa que impedia qualquer movimento. No meio dessa névoa existiam outros dois portais, que se abriam para dois outros mundos, um imenso de poucas pessoas, chamado Agharta, e outro pequeno e lotado de gente, a que seus moradores chamavam de Terra.

Ali, na pequena encruzilhada, os moradores de Bhardo ergueram uma Fortaleza, que hoje controlava as idas e vindas das pessoas dos três mundos. Octoforte, a Fortaleza dos muros dourados, tinha oito torres, uma para cada sentinela, e abrigava, além de órfãos, dezenas de soldados (no passado eram centenas), muitas enfermeiras que trabalhavam no forte, mas que viviam na ilha Agerta, alguns tutores — homens e mulheres que, por um motivo ou outro, tinham decidido viver em Octoforte e cuidar dos órfãos como se fossem seus filhos (como era o caso de Nini, a tutora de Márcio e Pablo), além do general, que nessa época era Ólie Fauret, um homem alto, moreno, de olhos muito verdes e cabelos muito brancos, embora não fosse tão velho assim. Ele tinha a intenção de manter a Fortaleza aberta para que a história não escrevesse que tinha sido em suas mãos que ela ruiria, embora Márcio suspeitasse que o único temor de Fauret se a Fortaleza fechasse era perder o acesso aos portais e, através deles, aos objetos curiosos dos homens do mundo Terra que ele costumava contrabandear para vender em Bhardo.

— Pablo? — Márcio chamou, os olhos fixos em algum ponto além da escada.

— Que é?

— Acha que vamos morrer igual Mayala?

Pablo riu.

— De tédio?

Então eles ouviram vozes e se puseram de pé. Márcio se espreguiçou e suas costas estalaram. Tinha o corpo musculoso cheio de pequenas marcas,

consequências da infância passada com outros quatorze órfãos briguentos. Pablo era mais alto e mais magro, mas seus traços eram parecidos com os de Márcio. Seus olhos eram amendoados e seu rosto redondo. À fraca luz azul que vinha do portal não era possível distinguir o tom de mel dos cabelos dele, nem a pele de Márcio parecia tão morena quanto era; na verdade quem os visse de longe pensaria que eram duas assombrações.

As vozes pareciam femininas. Com certeza eram Diana e Verônica, que tinham vindo substituí-los. Elas conversavam e riam alto.

— Pablo?

— Que é? — respondeu ele, mal humorado. — Você já está torrando minha paciência, sabia?

— Sabia que sentinelas são proibidas de ter família?

Pablo corou. Abaixou a cabeça, evitando deliberadamente olhar para o irmão. Depois a ergueu, mas mesmo assim continuou a olhar para o lado. — Eu sei. E acho isso uma regra muito estúpida.

— Não é estúpida não, como você vai vigiar sua torre se tiver que sair toda hora pra cuidar dos filhos e da mulher? Você já tem que dormir, se perder mais tempo que isso qualquer um vai passar na sua vigília, não é? — disse Márcio, esperando a reação do rapaz.

— Ninguém atravessa o portal há décadas! E Diana e eu terminamos, se é o que quer saber! — Pablo esbravejou, o rosto cada vez mais vermelho.

— Terminaram, é?

— Terminamos. Você sabe, eu não abandonaria a carreira de sentinela, tem segurança e é bem remunerada... E Diana também, ela sempre quis ser sentinela, e agora que conseguiu, ela não arriscaria isso por nada... nem eu...

Pablo deu uma olhada de relance para o rosto de Márcio, que tinha um ar debochado estampado no rosto.

— Ainda bem que pelo menos vermelho você fica!

— Como assim?

As vozes estavam mais altas, as moças deviam estar perto agora.

— Pablo às vezes você se esquece, eu sei... mas somos *irmãos*. Você não pode me enganar.

— Não estou querendo te enganar! — e mesmo sob a frágil luz azul, o rosto de Pablo ficava cada vez mais vermelho.

— Você é um péssimo mentiroso — Márcio riu.

Um palavrão chegou aos lábios de Pablo, mas ele não o soltou, pois nesse momento as moças que vinham subindo a escadaria chegaram ao patamar do portal.

Diana era uma moça alta, de longos cabelos louros e encaracolados, olhos de um azul profundo muito bonito, um rosto redondo e risonho, pele clara com muitas sardas. Junto com Márcio e Pablo, fora acolhida na Fortaleza quando pequena depois de perder os pais, e lá vivia desde então. Desde menina era muito chegada a Pablo, em quem encontrou seu grande companheiro. Márcio achava difícil acreditar que eles pudessem se separar, nunca vira um casal se dar tão bem.

Verônica era bem diferente. Mais alta que todos ali, a pele clara e azulada, olhos amendoados e avermelhados, da mesma cor dos cabelos, um rabo suntuoso e garras nos pés, ela era uma gárgula. Fora encontrada pelo próprio general Ólie Fauret, perto de uma fonte de água cristalina e pedras claras no mundo Agharta, muitos anos antes. A partir daquele momento o general a adotou como filha, e a instruiu da melhor maneira que pôde para que ela se tornasse militar em Octoforte. A gárgula também tinha assumido a tutela de Diana quando a garota chegou ao forte, mesmo sendo apenas doze anos mais velha que ela.

Os estudos de Verônica foram bem puxados, pois o general queria muito que a filha se tornasse sentinela, o posto mais alto de Octoforte, porém Márcio achava que toda a insistência do pai não surtira efeito porque, apesar dela realmente ter cumprido a vontade de Fauret, tinha se tornado muito preguiçosa. Verônica nunca teve vocação pra ser guerreira, usar armadura e tudo mais, seu sonho era uma vida mansa e cultivar um grande pomar em algum lugar de terras férteis, mas por hora tinha decidido acatar o desejo do pai até conseguir juntar um bom capital pra aplicar nos próprios sonhos.

Quando chegaram ao patamar, as vozes silenciaram. Diana olhou desconfiada para os lados. Pablo engoliu em seco, o rosto cada vez mais colorido. Márcio e Verônica observavam, trocando olhares divertidos.

— Oi... — cumprimentou Pablo, a cabeça baixa, mas antes que pudesse levantá-la, Diana se jogou em seus braços e o beijou calorosamente.

— Di, nós não combinamos?!

— Ah, tenha dó Pablo, é seu irmão que está aqui!

— E a filha do general!

— Pablo, tenha paciência! — retrucou a garota. — Estamos nos esquivando desde as provas, mas agora, depois da nomeação, acho que já podemos reescrever algumas regras meio obtusas... como essa de não poder ter um companheiro!

Verônica revirou os olhos.

— Se querem tanto assim ficar juntos, pelo menos podiam arrumar uma casa por aqui e viver uma vida normal.

— Já temos uma vida normal, obrigada — Pablo respondeu ríspido, abraçando Diana pela cintura.

— Estivemos conversando, Verônica e eu, e concordamos que precisamos disfarçar nosso namoro por um tempo *perto de Fauret*, antes de fazermos nossas exigências — riu Diana, e sua voz era fina e divertida.

— Não, Di, *você* concluiu isso. Eu sempre achei que *você* devia vir para o lado de cá e abrir um restaurante ou uma loja de café... Mas agora você fez esse juramento... — disse Verônica, lançando um olhar aborrecido para Pablo.

Márcio sabia que Verônica estava brava porque não achava que Diana devesse se comprometer com Pablo. Não que ela não gostasse do rapaz, mas o achava “parado” e ranzinza demais para acompanhar Diana, sempre tão alegre e jovial, e com um excelente talento culinário. Um tempo antes dos dois começarem a namorar Verônica tentou aproximar Diana de Márcio, que era dado a aventuras, mas os dois cresceram como irmãos e assim permaneciam até hoje, e logo a moça se acertou com Pablo, por quem confessou ser apaixonada desde a infância.

A lembrança das tentativas de Verônica separar o casal fez Márcio sorrir. Por vezes a gárgula tinha causado muita discórdia enquanto tentava mostrar a Diana que Pablo não era o homem certo para ela. Verônica tinha um amor quase maternal por Diana, e Márcio percebia que a gárgula via na moça a esperança que ela mesma não tinha: escapar de uma vida atada à Fortaleza, como seu pai desejava. Mas, embora Verônica tivesse tentado mostrar as belezas da liberdade do outro lado do portal para Diana diversas vezes, a decisão da moça tinha permanecido inabalável. Como bem dizia Nini, “*Não há aventura, riqueza ou conhecimento que preencham o vazio de um amor distante.*” Era isso que Diana queria evitar.

Apesar da hostilidade entre Verônica e Pablo, havia muitos momentos engraçados de que Márcio podia lembrar, especialmente porque Diana encarava os conflitos entre os dois com muito bom humor. A garota era, sem dúvida nenhuma, uma pessoa decidida, e tinha escolhido ficar com Pablo e com a vida no forte mesmo se não conseguisse passar nos testes, e embora Verônica soubesse que Diana tinha curiosidade em conhecer os mundos além dos portais de Cermalháct, ela reconhecia que Pablo a fazia feliz. Ultimamente Verônica se contentava em implicar com Pablo enquanto ele revidava, e geralmente a rixa dos dois fazia Márcio e Diana rirem bastante.

— Ei, está quente aqui em cima! — disse Diana, voltando os grandes olhos azuis para a lâmina de luz que era o portal e estendendo a mão até ficar a menos de um centímetro dele. — Será que é o portal? Será que ele esquenta e esfria quando quer?

— Ora, Di, não seja boba! — retrucou Verônica balançando a cabeça e sentando-se ao lado de Márcio. — O portal precisa ser no mínimo “*estável*” para as

pessoas ficarem passando por ele a toda hora, né? Seria meio estranho se ficasse esquentando e esfriando...

— Não precisa responder assim — ranhetou Pablo. — Não conhecemos essa coisa muito bem, e você sabe disso.

— Como não! Vocês *vivem* olhando pra essa coisa... Não me digam que nunca atravessaram escondidos, pelo menos uma vez.

— Pablo já atravessou várias vezes! — Diana falou de repente e Márcio achou graça. Ela nunca teria se gabado dessa traquinagem infantil se não fosse para mostrar que, ao contrário do que a gárgula pensava, Pablo tinha ousadia dentro dele.

— Verdade, e sempre me levava junto — Márcio completou. — E toda vez que chegávamos aqui víamos essa escada tenebrosa, o céu escuro... Nunca ficamos muito tempo.

— Então...

— Eu nunca atravessei escondida — Diana confessou.

— Como assim? — Verônica perguntou, passando a mão pelos cabelos.

— Atravessei uma vez, é lógico... quando fui de Bhardo para Octoforte. Mas era muito pequena e não me lembro... — Diana não tirava os olhos da luz tênue que se espalhava como líquido no espaço. Tocou-a de leve com a ponta dos dedos. Em seguida fez atravessar o braço todo, até a altura do cotovelo, depois o puxou lentamente. — Eu sempre tive um pouco de medo de voltar aqui, até Fauret mandar todos nós pra cá — ela virou o rosto para olhar Verônica de frente. — É gelado!

— É, é gelado... — respondeu Verônica, com uma expressão indecisa na face, que Márcio adivinhou ser frustração: ela não suportava quando Diana demonstrava não ter o mesmo gênio que ela.

— Então descemos por esta escada... — Márcio foi dizendo. Nem ele nem Pablo tinham visitado o acampamento ainda, tinham recebido ordens de permanecer em vigília ao lado do Portal assim que atravessaram.

— Vocês descem, seguem a trilha que vira à direita lá na frente — Verônica explicou — e vão chegar às casas do vilarejo. Aí vocês continuam na trilha sem entrar no vilarejo, ela vai subir por um rochedo. Lá no alto há um casebre abandonado, o pessoal está acampado em barracas perto dele.

— Bom, já que estamos os quatro aqui... — Pablo foi dizendo, ajeitando as costas para ficarem retas. — O que vocês acham dos nossos novos colegas? Quer dizer, ainda não tivemos tempo de conhecê-los direito, são todos bhardanos... Mas chegaram já faz uma semana e não tivemos chance de conversar entre nós depois disso, com a quantidade de papéis que Fauret inventou para assinarmos, com a mudança para as torres...

— É já se passaram sete dias desde a nomeação... — disse Diana, sorridente, um brilho alegre em seus olhos. Rapidamente, relâmpagos dos últimos meses passaram pela cabeça de Márcio... Os doze testes escritos, os seis testes de força, os três testes com armas, e o último deles, o teste com o *mac*, a força do espírito capaz de controlar a natureza. Até agora Márcio não entendia como ele e Pablo tinham conseguido passar em todos, os escritos tinham sido difíceis, e os irmãos não tinham estudado nada. Márcio inventou boa parte das respostas para perguntas sobre o Mundo Agharta, História Antiga de Bhardo e Fauna e Flora de Bhardo, e mesmo assim obteve uma boa nota.

— Bom — disse Verônica, respondendo a pergunta de Pablo. — Aquele rapaz de cabelos pretos, Shiu...

— Shenu — Diana corrigiu.

— É, isso... Ele é bem alegre... Fala o tempo todo da época dele de andarilho... A menina baixinha...

— As duas são baixinhas! — Márcio observou.

— A negra — Verônica completou. — Ela parece muito séria, ficava encarando as brincadeiras de Shenu com um ar emburrado.

— Esta é a Yoná — falou Diana.

— Eu sempre me esqueço do nome dessa — murmurou Márcio, que não tinha se afeiçoado muito a essa moça em especial. Ela parecia achar que tudo o que os outros faziam estava errado o tempo todo.

— Eu acho que ela só precisa de tempo. Ainda pensa que Octoforte vai transformá-la numa heroína, como nos tempos antigos — disse Diana.

— Coitada, nasceu na época errada... — Pablo comentou.

— O outro rapaz, Dominique, ele é o máximo, não é? — Verônica falou em tom de provocação.

Pablo amarrou a cara. O tal rapaz tinha aproveitado o triunfo no fim do último teste e convidado Diana para um jantar a dois para celebrar a aprovação dos dois para o posto de sentinela. Isso foi antes de saber que a moça era compromissada; Diana agiu com perfeita dignidade e Dominique desculpou-se tanto com ela quanto com Pablo quando teve a chance, mas Pablo não esqueceu o ocorrido, especialmente com Verônica comentando o tempo todo sobre o quanto o rapaz era bonito.

— Além daquele rosto perfeito ele ainda é um *gênio dos ventos*! A mulher que tiver ele como companheiro vai se sentir literalmente nas nuvens! — Verônica continuou com uma voz estridente, sorrindo à toa e olhando para o céu com as mãos para o alto.

— Como assim “rosto perfeito”? — Pablo retrucou. — O cara tem uma cicatriz enorme do lado direito do rosto, passa por cima do olho dele!

— Olhos cor-de-mel...

— Ele tem um rosto bonito — Diana comentou num tom bastante casual. Márcio não sabia se ela simplesmente não percebia o quanto aquilo podia deixar Pablo magoado ou se ela não queria que o namorado pensasse que ela fingia não ver outras pessoas na frente dele e saía comentando pelas costas com Verônica. — Mas aquela cicatriz estraga um pouco. Acho que Jadhe gosta dele.

— O que? Aquela garota *esquisitinha*? — Verônica perguntou com certa malícia.

— Ela é muito bonita, Vê — Márcio falou. Era verdade, tanto Jadhe quanto Yoná eram muito belas, mas Jadhe tinha certa aura em volta dela que a fazia parecer uma princesa.

— Ah! Mas, também, quem não gostaria de Dominique? Um gênio dos ventos, com aquelas asas enooooormes... — a gárgula completou.

— E quanto a ela? Jadhe? — Márcio indagou, lembrando-se que a garota tinha chegado ao cargo de sentinela da água com as melhores notas de todos.

— Ela parece à margem de tudo, sabem? Observando, espreitando... É bem esquisita.

— Ah, deixa a garota, Vê! — disse Diana, brincando com a lança de Pablo. — Vai ver é só tímida!

Pablo ficou olhando Diana brincando com sua lança, depois olhou as duas garotas de cima a baixo com uma expressão curiosa. Márcio reparou também: estavam sem armaduras.

— Por que vocês não estão vestidas direito? — Pablo puxou a lança de volta.

As meninas riram.

— Nós não precisamos usar isso aí! — Diana apontou para a armadura de Pablo, desgastada em vários pontos.

— Mas...

— Fauret só fez *vocês* vestirem isso porque apostou com os soldados que vocês ficariam com elas até o final do turno, fizesse calor ou frio! Se ele perdesse, teria que pagar uma viagem de navio pela costa de Agerta pra todos os que apostaram, mas, afinal, ele ganhou!

— Mas que namorada é você, Di! — Pablo zangou-se.

— Suas traidoras, por que não falaram nada? — Márcio brigou, sentindo-se realmente estúpido por não ter retirado aquelas peças pesadas antes. — Ele nos fez de bobos, Fauret! — disse.

— Ah, mas vocês ficam tão gracinhas assim... — disse Diana, fazendo beicinho.

Márcio riu. Olhou para o céu, onde agora pesadas nuvens vermelhas tingiam o negro bojo, então lhe ocorreu fazer uma pergunta.

— Há quantas horas estamos aqui?

— Doze horas redondinhas — respondeu Diana.

— Doze horas... Em quantas horas é dividido o dia em Bhardo?

— Em vinte e quatro, se não me engano... Mas falei doze porque meu ponteiro já correu uma vez inteira pelo relógio. Ele é dividido em doze horas e, para passar um dia, tem que correr duas vezes por ele todo. É um relógio humano!

— Relógio dos humanos? — Pablo perguntou. — Onde você conseguiu um desses?

— Ólie Fauret me arranjou.

— Meu pai te deu? — falou Verônica, curiosa.

— Não, na verdade ele me vendeu... Ora, o motivo dele ter vindo passar dois dias aqui em Bhardo não é para vender os relógios e as bugigangas dos humanos? Pelo menos eu comprei um...

— Provavelmente, mas isso é ilegal. Ele não pode trazer nada aqui! — Márcio exclamou, mas sem grande preocupação.

— Pra isso estamos aqui, não? Pra protegê-lo, caso alguém queira prendê-lo! — Verônica sorriu.

— Então faz doze horas que estamos aqui? — Márcio indagou.

— Sim. E só pra vocês saberem, eu comprei quando *ainda* estávamos em Cermalháct, então não foi uma compra ilegal, eu acho — Diana enrugou a testa.

Márcio continuava intrigado, e seus olhos corriam pelo céu à procura de algo.

— O que você quer saber? — perguntou Verônica.

— Não era hora de amanhecer? Estou doido pra conhecer o sol...

Diana e Verônica começaram a rir. Pablo ficou nervoso, sentou-se e bufou:

— Ora, qual é a graça agora?

— A graça é que...

— Não sei se devemos falar — interrompeu Verônica, com um gesto de mão. — Afinal, onde vocês estavam nas últimas aulas sobre Bhardo mesmo, hã?

— Como? — indagou Márcio, incrédulo que a moça tivesse desenterrado isso.

— Bhardo não tem sol, Márcio! — respondeu Diana. — Por que mais você acha que todo mundo aqui tem um relógio?

— Como “não tem sol?” — questionou Pablo, olhando para o céu, como se procurasse algum vestígio invisível do amanhecer.

— Vocês saberiam disso se não estivessem muito ocupados matando aula nos jardins. Bhardo não tem sol, nem amanhecer, nem alvorada, nem muitas pessoas conhecem essas palavras. Aliás, você, que gosta tanto de ler, Márcio, devia dar uma olhada nos livros sobre Bhardo ao invés de ficar obcecado com a história e geografia de Agharta, só porque sabe que nunca vai poder ir até lá. Como foi que vocês conseguiram passar nos testes, afinal? Essa pergunta caiu tanto no exame de “História de Bhardo” quanto no de “História de Cermalhác”!

Diana parou de repente e ficou séria; normalmente falaria muito mais, daria explicações longas e detalhadas sobre a questão; exemplificaria, com modelos simples e outros complexos, faria um verdadeiro discurso, mas Pablo fez sinal para que ela parasse. Tinha ouvido um barulho estranho vindo do vilarejo que ficava pouco além do pé da escada. Era um lugar movimentado, normalmente barulhento, mas o som que vinha de lá, dessa vez, não parecia a chamada do feirante para os fregueses comprarem abóboras.

— Gritos?

As sentinelas desceram os degraus de pedra, até chegarem à base da colina. À frente, entre os paredões dos rochedos da ilha, se estendia uma estradinha tortuosa e lamacenta, consequência da chuva que caía ininterruptamente no dia anterior. As primeiras casinhas do vilarejo podiam ser vistas logo depois da curva, pois ficavam a cinco minutos da escadaria; pobres, feitas de madeira e palha, pequenos casebres recortados pela luz dos relâmpagos, que agora não paravam de atravessar o céu. Estavam fechadas, e Márcio pensaria que estavam inabitadas também, não fosse a coluna de fumaça que espiralava de uma chaminé.

Caminharam um pouco enquanto começava a chover, uma chuva fina e gelada. Pelos trovões, cada vez mais retumbantes, era certo que logo o chuvisco se tornaria tempestade. O coração de Márcio acelerou, ele já tinha visto ilustrações de chuva e conhecia os raios porque Pablo podia convocá-los com seu *mac* (apesar de ter conseguido pouquíssimas vezes e com assombro), mas nunca tinha estado no meio de uma tempestade.

— Alguém deveria ter ficado lá em cima, nossa tarefa é vigiar o portal, não é? — disse Márcio, tentando disfarçar o nervosismo, ao mesmo tempo em que uma luz vermelha que não vinha de relâmpago nenhum brilhou intensamente na direção do centro da vila e depois desapareceu.

— As meninas devem subir. — Pablo concordou.

— Não vamos...

— Não discuta, Diana! É seu turno, vocês vieram nos substituir. Subam, ou a bronca de Fauret vai cair em vocês! — brigou Pablo. Diana chegou a abrir a

boca para falar, contrariada, mas Verônica concordou com o rapaz; era realmente o turno delas e ela não queria descobrir o que era aquela agitação.

Pablo e Márcio observaram as meninas subirem os primeiros degraus da escada, iluminadas pela luz azulada do portal. Depois tornaram a olhar para frente e, com cautela, acompanharam a estradinha para a cidadela, que era escura e ficava ainda mais escura por causa das pedras grandes que ficavam nas margens dela. Um brilho vermelho agora tremulava na parede de uma rocha que marcava a curva brusca naquela parte do caminho.

Os irmãos endireitaram o corpo e juntos rumaram para a volta da estrada. Os gritos tinham cessado. Não havia sinal de viva alma por ali. *O que teria acontecido com as pessoas?* Chegaram à curva. À esquerda havia uma imensa pedra clara, e à direita um monte alto de palha, que impedia a visão de tudo mais. À frente ficava o vilarejo, e dali vinha o brilho vermelho: uma casa adiante queimava, porém não havia ninguém tentando apagar as chamas.

— Será que tem alguém lá dentro? — Pablo perguntou, desconfiado.

— Duvido, estaria gritando.

— Talvez não consiga... Pode estar desmaiado... ou morto...

— Onde estão todos? Ouvimos vozes o dia todo, por que ninguém tenta apagar o fogo?

— Talvez estejam esperando que a chuva o apague... — Pablo sugeriu, mas girava a cabeça de um lado para o outro, desconfiado. — Não sei, Márcio, mantenha a lança na mão.

Chegaram à casa que queimava. Em breve não restaria muito dela, apenas destroços. A praça, a oeste, de terra batida, estava deserta, e mais uma casa, do outro lado, queimava.

Finalmente os jovens avistaram alguém, uma única pessoa na rua, observando a casa que ardia. Logo Pablo e Márcio perceberam que ele não era dali, usava uma capa grossa carmim, mesmo que na ilha estivesse um calor intenso. Tinha nas mãos uma espécie de cetro, com um garfo de duas pontas dobradas na extremidade.

Márcio apertou a lança. De algum modo, parecia que aquela cena estava errada, como se aquele homem não pudesse estar ali. Ele estava de costas, mas Márcio sentiu, ou pressentiu, que quando ele se virasse, algo ruim aconteceria. Olhou para Pablo: ele parecia extremamente nervoso, porque segurava a lança enferrujada apontada para o homem. Então olhou para a figura de capa, e ela começou a se virar.

Viram um senhor de rosto enrugado, a pele de um vermelho apagado, olhos negros e severos, de cabelos cinzentos, que se ajeitavam em sua cabeça fazendo duas pontas para cima, no alto das orelhas. A capa longa e pesada estava

presa em uma vestimenta negra, e ele usava botas imensas, feitas do couro grosso e preto.

— Quem vem lá? — perguntou Márcio, enchendo-se de coragem.

Nenhuma resposta.

— Somos Márcio e Pablo Adenetti, sentinelas de Octoforte, o que acontece nessa vila durante nossa estadia aqui é nosso problema. Quem é você e o que quer?

O homem nada respondeu. Sem mudar de expressão, esticou o cetro que carregava em direção aos garotos, e da ponta dele saiu uma rajada de vento que cortou os ares e atirou-os para longe. Márcio bateu numa pedra e desmaiou, Pablo foi lançado na casa que queimava, mas o telhado de palha cedeu e ele se levantou a tempo de sair da casa sem queimaduras e ver o homem misterioso entrando na estrada.

Sem pensar, Pablo pulou na frente do homem brandindo a lança sem muita destreza, os joelhos trêmulos, um ponto dolorido nas costas indicando que ele deveria ter machucado alguma coisa.

— Você não pode passar! Sou sentinela de Octoforte e proíbo a sua passagem!

O homem estendeu o cetro novamente, mas dessa vez Pablo estava preparado. Ele sabia que tipo de poder o estranho estava usando, também conhecia aquela arte, uma das poucas que Octoforte fora capaz de lhe ensinar, embora não tivesse muito controle sobre ela. Estendeu a lança à frente do corpo, segurando-a com as duas mãos, observando o homem franzir a testa e, quando ele lançou sua rajada de vento, o *mac* de Pablo fluiu de seu corpo como em raras ocasiões havia acontecido, e essa energia fez a lança vibrar e dela saíram relâmpagos, como os que cortavam o céu. As duas forças se chocaram e explodiram para os lados, atingindo as pedras. Por pouco uma fagulha não caiu em Márcio, que começava a acordar.

Os irmãos se puseram entre o estranho e a estrada, mas o homem sorria e não parecia nem minimamente intimidado. Então ele moveu os lábios e falou:

— Tolos! Sou Zebarân, Senhor das terras de Aduna. Espanta-me que vocês saibam usar as artes antigas do *mac*. Então ainda estão ensinando alguma coisa que preste em Octoforte... Mas parece que não ensinaram a vocês tão bem, nenhum homem com juízo se colocaria à minha frente.

— Você não vai passar! — gritou Pablo, uma moça loura dançando em seu pensamento. Mas Zebarân abriu os braços num movimento largo e, num instante, toda resistência foi abaixo. Uma ventania agourenta e forte lançou os dois rapazes na rocha ao lado da estrada.

Zebarãñ continuou, os passos lentos e pesados; passou por Pablo e Márcio, inconscientes, sem nem mesmo olhar para eles, alcançou a escada de pedra e subiu um a um seus degraus. Os olhos miúdos se estreitaram quando um vulto claro usando vestes azuis perguntou do alto do patamar:

— Quem é você?

Antes que ele pudesse responder, Verônica se atirou de uma árvore no pescoço dele, garras saindo pelos dedos das mãos, usando o poder de transformá-las em garras de animais. Ela levantou a mão direita para desferir um golpe; acertou o rosto do homem, e pulou para o lado a um metro dele. Zebarãñ nada fez além de olhá-la com desdém, enquanto a ferida se fechava em sua pele rugosa.

E tudo aconteceu muito rápido. Verônica e Diana gritaram ao mesmo tempo, mas Verônica estava mais perto do homem e não conseguiu se livrar do golpe; Zebarãñ agitou o garfo e lançou-o contra a moça com uma rajada de vento, ela subiu no ar e bateu com violência com as costas numa árvore, desfalecida.

Diana desceu os degraus depressa para socorrer a amiga, enquanto Zebarãñ continuou seu caminho lento até o portal, desprezando-as. Ela segurou a cabeça de Verônica em seus braços, escorria um filete de sangue da parte de trás. A gárgula não tinha movimento... Diana sacudiu os braços da amiga, chamou-a, sentiu sua pulsação e coração, mas... as lágrimas encheram seus olhos, o desespero se apoderou dela...

— Vo-você... você...

Ela gritou, mas o estranho continuou seu caminho, e parou no patamar em frente ao portal.

— *Você a matou!!!*

Ela se pôs em pé. Jamais tinha visto alguém morrer, jamais tinha precisado realmente lutar, mas no momento só o desespero a controlava. “*Por quê? O que aquele homem queria?*” Ela mal conseguia formular um pensamento completo. Avançou, correu para enfrentar o estranho, mas antes que tivesse se aproximado o suficiente, Zebarãñ se virou e, num segundo, estava diante dela, encarando-a com aqueles olhos frios e escuros.

Ela ficou imóvel. Por um instante, todos os pensamentos e atitudes lhe fugiram e apenas a tristeza a controlou. Então Zebarãñ ergueu sua mão enorme e golpeou a face da sentinela, que caiu três degraus abaixo.

— Se estivéssemos em outro momento eu poderia levar você para o meu reino, seria uma bela aquisição para o meu povo. Mas agora não é hora. Gostaria de saber por que Ólie Fauret trouxe sentinelas para cá... — disse ele calmamente, a voz cavernosa e sem emoção. Depois continuou, resmungando consigo mesmo — Não deveria haver ninguém do lado de cá, nenhuma testemunha... Mas não há razão para me perturbar....

Por algum motivo, Zebarãn olhou para trás, na direção da cidade e da praia, e sua tez se enrugou. Diana não se moveu, não conseguiria de qualquer forma; estava em estado de choque, as pernas adormecidas, Verônica, a amiga de longa data, uma irmã para a vida toda, morta em sua frente. O vento estava estranho, a chuva ainda estava fina. O agressor tornou a virar-se e chegou ao portal, desta vez sem ninguém para detê-lo. “Com esse poder, o que ele vai fazer quando chegar a Terra?”, pensou Diana. “Ou em Agharta? Vai destruí-los!”

Mas Zebarãn não cruzou o portal. Parou de frente a ele e para o centro apontou seu cetro, o objeto emitiu uma luz dourada que envolveu o portal e bloqueou a luz azul. E ele jogou alguma coisa em Cermalháct, e as ondas calmas de sua superfície se agitaram, e o estranho levantou a mão vazia e pronunciou palavras na antiga língua bhardanathé:

— *Simiráct delandrá cermalháct êh namor hi 'bexpucci simiráct.*

E o portal ficou dourado e, no instante seguinte, a luz desapareceu, e Zebarãn se virou e desceu os degraus tão lentamente como os tinha subido. Diana acompanhou-o com os olhos sem conseguir se mexer até ele contornar a curva da estrada e desaparecer de vista.

Reunião sobre o Rochedo

Era uma Fortaleza muito grande mesmo. Os muros eram altos e tinham sido revestidos de uma pedra não tão rara assim, mas que produzia um leve brilho dourado quando atingida pela luz e, embora não houvesse nenhum sol ali, também não havia noite, e o céu era eternamente claro.

Octoforte estava lá, soberana, desde muitos anos antes, quando ainda estava no auge de sua importância. Construída em homenagem a *Ariell Saramah*, a *Dilahratorn*, “Fortaleza dos Muros Dourados”, impedira muitos conflitos no passado, interferindo em desavenças esquecidas, lutando batalhas lembradas em canções, controlando a passagem entre os mundos.

A Fortaleza ficava situada exatamente na intersecção entre os mundos chamada *Cermalháct*, apenas um pedaço de terra onde o estranho lago borbulhante era a única fonte de água doce. Havia um pequeno número de árvores em *Cermalháct*, algumas frutíferas, poucos pássaros e nenhum peixe, e no centro daquele espaço gramado a Fortaleza fora erguida, cercada pela névoa no meio da qual ficavam os três portais que levam aos estranhos mundos paralelos. Dizem as lendas que o portal foi criado no momento em que o mundo de Bhardo nasceu, em uma grande explosão; tornou-se uma porta, e quando as primeiras pessoas o atravessaram acreditaram estar mortas ou presas em um pesadelo.

O vento soprava levemente. Do gramado onde estava, Márcio podia ver a torre sudeste, onde Mayala se trancara, doente, para passar seus últimos dias de vida na solidão. Havia alguém parado na janela. Com certeza era a velha sentinela das sombras, apreciando, por um breve momento, a paisagem imutável. Havia uma sombra escura nas paredes lá dentro...

Dor... dor de cabeça.

A testa latejava imensamente quando Márcio acordou naquela manhã... “*será que era manhã?*” Continuava tudo escuro... Flashes do sonho perturbador vieram a sua mente: Mayala, a Fortaleza, um homem com pele vermelha e botas de couro. Então se lembrou de que o homem era real, e a cabeça doeu mais que nunca quando ele a virou muito rápido, tentando se certificar de que o homem não estava por perto. Antes de seus olhos se habituarem à falta de luz ouviu um ronco distante e demorado: um trovão ao longe. A tempestade ou estava se aproximando ou já se afastava. Onde ele se encontrava estava tudo quieto, e Márcio não soube determinar quanto tempo havia se passado. Olhou ao redor: estava num espaço fechado, num quarto, aparentemente, e havia uma pessoa ali com ele, uma mulher que ele não conhecia. Não havia sinal nem do sujeito vermelho, nem de Pablo por

perto. Quando se sentou num colchão de palha coberto por um lençol roto e cinzento, viu a estranha mover a mão rapidamente, e no instante seguinte uma lamparina a óleo surgiu acesa entre seus dedos.

O quartinho era feito de madeira velha, podre em muitas partes, e exalava um cheiro ácido. Num canto havia uma mesinha de madeira com duas gavetas, que de tão gasta parecia prestes a desabar; a porta ficava diante dela, escondida por um tecido rasgado e sujo. Além disso, havia outra cama ao lado da dele, também com colchão de palha, coberta por um lençol empoeirado e igualmente cinza, além de um vaso com galhos de uma planta seca entre as duas camas. A mulher estava usando um capuz que lhe escondia o rosto, mas o garoto podia ver o tom rosado de seus lábios. Enquanto ele se endireitava ela aproximou-se, a lamparina firme na mão direita, e parou a sua frente.

— Márcio Adenetti, não é? Estive conversando com seus companheiros. Foi muita, muita audácia de vocês enfrentarem o senhor do Nepcoutem sozinhos.

— Obrigado — ele disse.

— Isso não foi um elogio. Foi ingenuidade, para não dizer estupidez. É um milagre estarem vivos.

— Somos sentinelas, era a nossa obrigação. — Márcio retrucou.

Mas a voz dele morreu aqui. A mulher tirou o capuz, e Márcio viu o rosto mais belo que ele jamais contemplaria na vida, e ainda assim, o mais terrível também. Ela tinha a face afilada, a pele era incrivelmente clara, intacta, sem nenhuma mancha ou marca da vida. Seus olhos eram os modelos da perfeição que *Dhonmen*, Senhor dos Senhores, um dia sonhou em projetar para olhos de mortais, e eram dum tom de cinza claro que refletia as luzes e cores que neles pousava; seu nariz era fino e longo, e seus lábios carnudos tinham a cor das flores de *lapélis*, quando jovens. Porém era também o rosto mais sério que Márcio jamais vira, como se nunca em sua vida aquela moça tivesse mudado a expressão para sorrir ou para chorar. Ela tinha um olhar um tanto vidrado que deixou o rapaz inquieto, como se Márcio não fosse um homem, mas algum ser viscoso vindo de outro planeta.

— Fauret lhes incumbiu de vigiar o portal. Por quê? — ela perguntou, a voz dura tão séria quanto sua face.

— Como “por que”? — ele respondeu relutante. — Porque é minha obrigação vigiar, não é?

— Poderia vigiar sem sair de seu posto. Por que Fauret os atravessou?

— Bem que eu gostaria de saber... — respondeu Márcio, dando de ombros. Fora a primeira coisa que ele perguntara ao general quando este lhes avisou que iriam para Bhardo, mas não conseguira respostas. E era melhor não falar sobre sua suspeita de contrabando de relógios da Terra para Bhardo para uma

total desconhecida. — Em todo caso, e... — ele acrescentou inseguro — com sua licença de perguntar... o que a... senhorita... tem a ver com isso?

A mulher o encarou por um momento, os olhos frios quase perfurando as íris de Márcio, cachos graciosos e dourados caindo pelos ombros pálidos.

— Perdoe minha indelicadeza — disse ela, por fim. — Esqueci de me apresentar. Sou Ártemis Caçadora.

Uma lembrança aflorou na mente de Márcio, algo não tão antigo assim. Pensou por um instante, tinha ouvido esse nome em Octoforte...

— Caçadora... mestra... de Dominique e Jadhe? — perguntou ele.

— Sim, embora eu tenha lhes instruído a não comentar isso com ninguém.

— Eles não comentaram! — exclamou Márcio, sentindo que, se não defendesse os companheiros, algo ruim poderia acontecer a eles. — Foi Fauret. No dia em que apresentou os vencedores das provas. “*Dominique e Jadhe, do Mundo de Bhardo, sentinelas da água e do vento, discípulos de Ártemis Caçadora*”. Foi só. Foi o que ele disse.

Ártemis suspirou e depois assentiu com a cabeça. Pediu, então, para que o rapaz a acompanhasse, pois disse que teria uma conversa com os soldados e as sentinelas que estavam do lado de fora esperando que ele acordasse, então afastou a cortina da porta com uma mão e saiu, deixando o quarto escuro e abafado. Márcio levantou-se da cama e a seguiu.

A paisagem não era das mais bonitas. Parara de chover, mas o céu continuava ameaçador. O casebre onde estava ficava na encosta de um rochedo, sobre uma grande pedra nua. Havia muitas pedras daquele tipo por ali. O mar ficava próximo, as águas revoltas tentando escalar o rochedo e levar o que estivesse sobre ele. Muitas conchas, pedrinhas, e lodo acumulado nas rochas se espalhavam pelo chão, o que tornava o ato de caminhar sobre as pedras molhadas um verdadeiro desafio. A noite continuava escura.

Eram oito sentinelas em Octoforte. No passado, cada um comandava um batalhão com quinhentos soldados e cinco capitães. Agora, porém, que os anos de gloriosa importância se acabaram, o exército de Octoforte contava apenas com oitenta soldados, divididos em grupos de dez, cada grupo com um capitão e cada capitão comandado por uma sentinela, além do próprio general. Ólie Fauret tinha convocado metade dos soldados para o acompanharem a Bhardo, com o intuito de levá-los para conhecer a cidade, ou, pelo menos, assim ele dissera. Os capitães tinham ficado na Fortaleza com os quarenta soldados restantes, as enfermeiras e os órfãos mais jovens.

As sentinelas tinham sido selecionadas havia apenas uma semana. Os testes para a escolha tinham começado quando a última sentinela do grupo antigo,

o velho Mayala, faleceu. Em Bhardo, quando os testes da seleção foram divulgados, poucos compareceram, pois era pequeno o interesse dos bhardanos em viver na Fortaleza já que, além de ter que abandonar o próprio mundo para se isolar dentro dos muros dourados, a sentinela devia abandonar planos de constituir família e, mesmo com os altos salários, geralmente deixava sua fortuna se acumular até a velhice, por não ter onde gastar. Porém alguns bhardanos se interessaram pela vida mansa do Forte, entre estes, Dominique e Jadhe, discípulos de Ártemis, Shenu, um andarilho, e Yoná, uma estudante nascida numa tribo indígena, que participaram dos testes e conseguiram o cargo máximo.

Márcio olhou para baixo. Todos os soldados estavam ali, sobre uma rocha grande e plana, em um nível abaixo daquela em que ele estava. Não pareciam apreensivos, com certeza ainda não sabiam o que acontecera. “*Será que ele mesmo sabia?*”

O grupo de sentinelas estava próximo, numa tenda montada em lona vermelha, e Márcio se uniu a eles. Entrou debaixo do tecido e se espremeu entre a negra Yoná, que hoje estava com uma expressão particularmente emburrada, e o gênio Dominique, colocando-se à frente das asas brancas que saíam das costas do rapaz. Ele cumprimentou-o com um aceno, mas havia certo nervosismo na expressão do gênio, que fez Márcio logo perceber que algo não estava nada bem. Não perguntou o que era, pois Ártemis subiu num pequeno monte de pedregulhos e esperou que todos silenciassem. Um a um os olhares dos soldados se voltaram para ela, com curiosidade. Ela correu os olhos por cada pessoa, demorando, por um segundo imperceptível, em Márcio... *ou seria imaginação dele?* Algumas pessoas encaravam Diana, a moça tinha os olhos inchados e soluçava, lágrimas rolando descontroladas por sua face.

— Soldados de Octoforte, escutem com atenção! — começou ela, e ninguém ousou desobedecer. — Sou Ártemis Caçadora, da Ordem dos Caçadores do Meio do Mundo.

Uma inquietação tomou conta de Márcio à medida que tomava consciência das dores em seu corpo e do estado de tensão em que seus colegas se encontravam. Um murmurinho agitado correu pelos soldados mais velhos. “*Ártemis?*”, ele os ouviu dizer. “*É, foi o que ela disse*”. “*A Ártemis?*” “*O que será que ela está fazendo aqui?*” “*Não acredito, não pode ser ela mesma*”.

— Na manhã de hoje, Zebarân, rei do longínquo Nepcoutem, chegou a essa ilha de Agerta depois de cruzar o oceano, matou três pessoas e queimou casas. Sei que esse é um momento doloroso para vocês, pois a sentinela Verônica está seriamente ferida e corre risco de vida, e também porque há suspeitas contra o seu general, Ólie Fauret.

Muitos olhos se arregalaram. “*Que brincadeira era aquela? Suspeitas contra o general?*”, Márcio ouviu Shenu falar, unísono com muitos dos soldados. Aparentemente, a maior parte das pessoas estava escondida da chuva nas tendas dos pescadores na praia ou em algum outro lugar na cidadela na hora do ataque, descontraída, e apenas os irmãos sentinelas tinham montando guarda à noite. Ninguém tinha ideia do que havia acontecido durante a vigília: só o que viram fora um incêndio na cidadela, e poucos souberam a respeito da luta de Pablo e Márcio contra o misterioso homem vermelho. E se Ártemis já era uma presença perturbadora, trazer uma notícia daquelas era pior. Cabeças giraram para os lados, procurando Verônica entre eles. Mas o choro de Diana e a expressão dolorosa no rosto de Pablo, que tinha metade do rosto roxa, confirmaram as notícias.

— Ainda há mais o que ser dito antes de lamentar, pois ainda há esperanças para Verônica — disse Ártemis, sem nem uma nota de compreensão. — Zebarân não cruzou meio mundo para matar umas poucas pessoas, mas por um motivo maior. E esse é o motivo pelo qual estou falando com vocês. Pela manhã Zebarân realizou um feitiço poderoso, tão poderoso que não pode ser desfeito por nenhum feiticeiro que conhecemos, e esse feitiço selou a passagem entre os mundos.

— Como assim “selou”? — perguntou Pablo, a voz fraca.

— Selou. Trancou. Fechou.

— Cermalháct não é uma porta que se abre e se fecha — protestou Yoná, cujos olhos negros encararam os de Ártemis nesse momento, e Márcio percebeu certo brilho de desafio neles.

Ártemis cravou o olhar em Yoná, e se a moça não fosse tão petulante quanto era, não teria conseguido sustentá-lo, mas Yoná encarou a Caçadora de volta.

— O que Zebarân fez foi transformar Cermalháct numa área de repulsão, — Ártemis explicou — ou seja, ele inverteu o fluxo do portal. Se alguém tentar passar por ele, ao invés de atravessar para o outro lado vai ser empurrado de volta e cair de novo aqui. Se quiser comprovar, é só tentar.

Os murmúrios aumentaram.

— Mas então, como faremos para voltar? — perguntou um soldado. Era Letch Azergam, um dos mais jovens soldados que tinha se alistado. Ártemis fitou-o por um segundo, até que todos estivessem tão calados aguardando a resposta, que o silêncio começou a incomodar.

— Ouviu o que falei, pelo menos assim espero, acredito que você não seja surdo. Não há feiticeiro nesse mundo que tenha poder para desfazer o que Zebarân fez, pois é uma magia de alto nível. O feitiço se acabará, com certeza, mas a duração dele é variável, entre cem e mil e trezentos anos.

— Como é que é? — bradou a jovem Mariê, entre os soldados. — Não podemos ficar aqui para sempre!

— Não podemos esperar cem anos! — gritou outro soldado, entre o nervosismo e o pavor.

E, quando os murmúrios viraram gritos Márcio viu Dominique acenar para Jadhe e os dois se viraram para conter o tumulto, e ele e Shenu, imitaram o gesto.

Corajosamente, Diana dirigiu-se à Ártemis quando os soldados silenciaram:

— Se esse *cretino* veio até aqui perturbar nossa vigília, nós temos o *direito* de exigir que ele desfaça essa loucura! — ela gritou, e tremia mesmo amparada pelos braços de Pablo. — Nós somos os responsáveis pelo portal, tarefa ordenada diretamente pelos Governantes dos países do Leste de Bhardo, portanto *temos* direito de exigir uma retratação!

Houve um silêncio mais pesado, quebrado pelo uivo agourento dos ventos gelados fustigando os rochedos de Agerta. Um calafrio percorreu a espinha de Márcio. Ártemis baixou a cabeça e ficou assim por um longo tempo, e quando a levantou Márcio percebeu que seus olhos tinham adquirido um brilho maníaco, e que seus lábios esboçavam um sorriso doentio, que espalhou uma onda de verdadeiro horror entre os soldados. Parecia que todos tinham decidido estalar os dedos, o pescoço, apertar as armas ou os pertences que tinham na mão, provocando uma onda de burburinhos ansiosos.

— Me diga garota, o que você sabe sobre Zebarã? O que te ensinaram em Octoforte sobre o Nepcoutem?

Diana não respondeu imediatamente, perturbada pela expressão assustadora na face da mulher. Então falou baixinho e rápido, reprisando uma aula de alguns anos atrás.

— Zebarã foi um rei tirano de muito tempo atrás... Que escravizou boa parte do povo original de Aduna e fechou as fronteiras de seu reino, impedindo a entrada de estrangeiros e a saída dos escravos. Depois que ele morreu, seus sucessores passaram a adotar o nome de Zebarã e manter a mesma postura, e assim criaram a lenda de um governante imortal e temível. Dessa forma, o resto do mundo teme o reino Aduna, que passou a ser conhecido como Nepcoutem, e muitos acreditam que o terrível senhor de lá seja mesmo um imortal.

— Muito bem — Ártemis disse — muito bem. A história que passaram lá no forte de vocês é exatamente a mesma que ensinam hoje nos educandários daqui do Leste de Bhardo. Se não fosse por alguns detalhes, seria uma descrição perfeita...

Silêncio absoluto.

— Zebarã não é um título: é o *nome* do rei. E não existe, nem nunca existiu nenhum sucessor de Zebarã: ele é único e, sim senhores, é imortal. E, desde que assumiu o controle de Aduna ela vem sendo chamada de Nepcoutem, o que aconteceu quase mil anos atrás. Além disso, ele estuda e pratica magia desde essa época. Para completar: o Nepcoutem é uma terra fechada, mas não por um decreto, uma cerca, nada disso. Existe uma barreira mágica em torno daquela maldita terra, e quem entra não consegue mais atravessar de volta. — os olhos de Ártemis se voltaram para o ponto de luz lá adiante, onde brilhava o portal para Cermalháct. — Imagino que a barreira mágica que envolve as terras do rei seja semelhante à que ele criou para envolver esse portal...

Era absurdo o que Ártemis falava, contudo não houve quem refutasse. O brilho nos olhos dela informava que, se aquilo tudo não fosse mentira, pelo menos ela acreditava cegamente no que dizia, e ninguém teria coragem de contestar olhos como aqueles.

— Mas então, o que sugere que façamos? Que fiquemos aqui? — uma soldada gritou de repente, atraindo o olhar da Caçadora.

— Não podemos ficar aqui, temos família do lado de lá!

— Minha mulher está lá!

— Meus pupilos também estão!

Os soldados desataram a falar, mas as sentinelas, nervosas, pediram silêncio.

— Vamos ouvir! — bradou Shenu, que tinha olhos negros, cabelos pretos e lisos e a pele muito clara. — Ninguém conhece Bhardo melhor do que Ártemis, e se alguém pode nos ajudar é essa mulher. Já é uma grande honra que ela esteja falando conosco!

— Mas então, mestra, qual é sua sugestão? — interveio Jadhe, sentinela da água. Mesmo que agora não devesse mais obrigações de discípula a Ártemis, Jadhe continuava com o hábito de se curvar a sua presença e chamá-la de mestra, educadamente. Ela era uma moça baixa, de cabelos negros e brilhantes que lhe chegavam à cintura.

— Não estou aqui para lhes trazer esperanças — Ártemis respondeu, seca. — O motivo de estar aqui é porque preciso obter as informações que vocês podem ter sobre Ólie Fauret.

— O que você quer saber sobre o general? — perguntou Yoná, em tom de desafio.

— Seu general — Ártemis revidou no mesmo tom de voz — saiu de Octoforte, trazendo todas as suas sentinelas para Bhardo, mais quarenta de seus oitenta soldados, deixando a Fortaleza descoberta, aparentemente sem motivos. Desapareceu tão logo Zebarã surgiu, sem deixar pistas. Sua Fortaleza agora está

trancada do outro lado, mas não sabemos se Zebarân quis mesmo atingir Octoforte trancando o portal. Além disso, Zebarân tocou no nome de Ólie Fauret enquanto batalhava com a sentinela Diana.

Muitos pares de olhos voltaram-se para a moça.

— Ele disse... — disse Diana, com a voz fininha — que gostaria de saber por que o general nos trouxe para cá... Ele hesitou em chamar Fauret de general... — e tornou a se esconder nos braços e Pablo.

— Quero saber — tornou a Caçadora — o que Fauret fazia aqui. Quais eram os negócios que ele tinha que resolver e por que não falou deles com ninguém. Quero saber onde ele está e por que não veio ver a filha que está tão ferida.

— Ólie nunca falava de seus negócios com ninguém. — disse Márcio. *Pensando bem, o general nunca foi uma pessoa muito amigável...*

— Tenho certeza de que alguém aqui deve saber *alguma coisa* a respeito desse homem, mesmo que pareça pouco importante. Sei que este é um dia difícil para vocês. Os moradores desta vila estão cuidando da saúde de sua amiga e companheira, e preparando os funerais de três moradores locais. Estarei nesta cidadela até o fim do dia de amanhã, aguardando qualquer um que possa me fornecer alguma informação sobre Ólie Fauret — ela demorou seu olhar nos expupilos — e ficarei hospedada na estalagem *Meritsiu*. Se alguém se sentir à vontade para falar qualquer coisa, estarei esperando.

Márcio nunca tinha passado por uma situação tão delicada quanto aquela. Agerta estava de luto. Os moradores assassinados eram vendedores antigos e muito queridos entre as pessoas da cidadela, e seu único erro fora oferecer legumes para Zebarân sem saber quem era aquele homem. Foi Dominique quem tomou a frente de organizar os soldados para que pudessem auxiliar o povo no que fosse possível. Os locais aceitaram a ajuda oferecida por Octoforte a princípio, mas com o passar do dia as pessoas passaram a olhar cada vez com mais receio para os soldados e sentinelas. Espalhou-se entre o povo o boato de que fora Octoforte e a estranha vinda de tantos soldados de uma vez que atraiu a atenção de Zebarân, aquele que a maioria das pessoas considerava não mais que um mito, até então.

Choveu muito durante o funeral, e não foi uma tarefa fácil cobrir as sepulturas, o que tornou as coisas ainda mais dolorosas. Flores murchas foram colocadas sobre túmulos cobertos com pedregulho, e a esposa de um dos senhores lamentou não ter sido possível encontrar pedras douradas para sinalizar a jazida. Sete soldados, que tinham passado algum tempo na cidadela no dia anterior, iniciaram um cântico de despedida, mas, depois de algum tempo, foram vencidos

pela chuva. Encabulados, abrigaram-se junto às sentinelas, enquanto os familiares dos mortos eram deixados sozinhos com sua dor.

A cerimônia acabou às horas de almoço, quando a preocupação com a Fortaleza e com a volta para casa começou a despertar nos soldados, que passaram a andar de um lado para o outro sob a cortina fina de chuva, indo e voltando a todo o momento, perguntando qual seria a atitude dos jovens líderes. Todos queriam voltar para a Fortaleza dourada, e muitos ainda não tinham entendido o que acontecera, e principalmente aqueles que pertenciam ao pelotão de Verônica passaram o dia aguardando notícias de sua melhora às portas da Casa de Recuperação para onde ela tinha sido levada: uma pequena cabana com teto de madeira, ao invés da palha usada nas casas dos moradores.

Quando as horas da noite chegaram, nada diferentes do restante do dia, o grupo de Octoforte retornou ao acampamento à beirada do penhasco, rodeando o casebre abandonado onde tinham se reunido mais cedo. Só então Márcio conseguiu assimilar tudo o que havia acontecido. Aquela história de ter o portal trancado era absurda! Não podia ser verdade. Porém Dândalo, um dos soldados mais experientes, tinha se arriscado a atravessá-lo, alardeando, aos quatro ventos, que aquela história toda não passava de balela, e fora atirado do alto dos sessenta degraus que conduziam ao topo do monte e tivera uma queda nada macia. Mas, se não pudessem atravessar mais, como Márcio chegaria até Nini? E quanto a Traylór, seu melhor amigo, depois de Pablo? E Samantha, aquela garota linda com quem ele jamais tivera coragem de falar? Estariam todos perdidos para sempre?

Pablo estava tão preocupado quanto Márcio, imaginando, pior ainda, se Zebarân não teria enfeitado, só por maldade, os outros dois portais de Cermalháct, prendendo os moradores de Octoforte no limitado espaço da encruzilhada entre as dimensões. As pessoas de lá dependiam totalmente das provisões conseguidas nos mundos paralelos, e os estoques do forte poderiam sustentar os que tinham ficado por cerca de um ano, não muito mais que isso. O que seria deles depois?

Para além de tudo isso, Diana estava preocupada com as crianças. Como sentinela, ela não poderia ser nomeada tutora oficial de nenhum dos órfãos, mas podia auxiliar, e a pequena Ondily, abandonada em frente ao portal aos pés da escadaria de Bhardo, havia se tornado sua jovem protegida, do mesmo modo que Verônica tinha feito com Diana.

Com toda essa agitação, Márcio e Pablo, que estavam feridos e cansados, só conseguiram dormir quando Jadhe os obrigou a tomar um chá calmante bem forte. Diana, porém, se negou veementemente a tomar o tal chá, e não houve quem a convencesse do oposto. Jadhe e Yoná lhe fizeram companhia, mas ela se recusava a conversar e mantinha o olhar fixo num ponto distante. Já Dominique e Shenu,

esses decidiram ficar acordados para o caso de Zebarãh voltar ou Ólie Fauret aparecer.

— Eu senti falta, mais do que eu imaginava... — Shenu disse em um momento, observando as nuvens de chuva. — Achei que não seria difícil ficar um tempo parado, mas Cermalháct é um lugarzinho *mínimo*! Nada acontece lá!

— Acredite ou não, senti falta do escuro, da noite. E da floresta. De Crimehuór. Eu morava lá. Mas também sinto falta de I’Jaboris. Aquela cidade é fenomenal! — Dominique respondeu, os olhos no céu.

Dominique fora criado por Ártemis junto com Jadhe, e não se lembrava do local onde havia nascido. A Caçadora o encontrara quando criança quase morto, na floresta de Crimehuór, e decidira cuidar dele como sua tutora. Dominique era um gênio, o que tornava sua aparição no meio da floresta ainda mais fantástica, pois a raça de homens alados era nativa de Gehenmy. As asas do rapaz eram de penas brancas e grandes, contrastando com o corpo moreno claro e com os cabelos castanhos. Seus olhos eram da cor do mel, e havia um brilho jovial neles. A grande cicatriz sobre o olho direito, ele não sabia de onde tinha vindo.

Um raio fino e trêmulo cortou o espaço por um instante. Ali na frente, Diana deitou a cabeça no ombro de Yoná. Parecia ter adormecido, embora fosse difícil dizer naquela escuridão. Jadhe alisava os cabelos dela.

— Acha que Fauret tem alguma coisa a ver com isso? — Shenu perguntou, o trovão reverberando ao longe. Observava a chuva, que caía fina nas cabanas montadas com peles e panos, entrando pelos vãos que se formavam no tecido.

— Ele é um homem muito estranho, não é? Não olha nos nossos olhos quando fala. Mas só o conhecemos há alguns dias... — respondeu Dominique vagamente. Ele observava Jadhe. Uma lembrança longínqua apareceu em sua memória. Quando tinha treze anos e voava sozinho sobre a mata encontrou a menina, na época com dez anos, quase à beira mar. Ele a levou para a cabana e cuidou dela. Quando Ártemis chegou deu permissão para que ela ficasse também, como protegida da mulher. Por um ano inteiro ela não falou sequer o próprio nome, mas depois de um tempo Dominique conseguiu descobrir que se chamava Jadhe e que era três anos mais jovem que ele. *Que hora mais estranha para lembrar isso!*

— Ele não teria mandado matar a própria filha! — Shenu protestou, virando para encarar Dominique, que sacudiu a cabeça para se manter atento à conversa.

— Você não ouviu o que Ártemis falou, ouviu? — Dominique perguntou, baixando um pouco o tom da voz. Era tarde, os soldados e as outras sentinelas tiveram um dia triste, Nique não queria acordá-los. — Zebarãh não veio matar nem

lutar com ninguém, isso foi por acaso. Ele veio fazer a magia dele, e a gárgula estava no caminho, só isso.

Shenu baixou a cabeça. Estalou os dedos magros, pensando. Quando tornou a falar tinha um ar perplexo.

— Eles são loucos. Desafiar Zebarân! Eu nunca sonharia... Sério, cara, esse homem, pra mim, era lenda mesmo...

— Não conhecem a fama dele, nunca saíram da Fortaleza. São ovinhos ainda, não saíram da casca... — respondeu Dominique. — Poderiam estar todos mortos agora...

— Zebarân... De verdade! E imortal de verdade! Sempre achei que fosse um título medonho, mas se Ártemis disse que ele é imortal mesmo... E aqui... no fim do mundo! — murmurou Shenu.

— Pense comigo: para quê trancar um portal que não é usado há décadas por ninguém? Ainda mais na época em que a própria Fortaleza está prestes a se fechar?

Shenu ficou calado por um instante. Pelo canto do olho, Dominique percebeu o rosto do colega se torcendo em expressões estranhas, e por duas vezes ele tomou fôlego, como se fosse falar alguma coisa, mas mudou de ideia e sacudiu a cabeça. Por fim voltou-se para o gênio:

— Ártemis acha que ele pode estar tentando impedir alguma coisa de entrar aqui, não é? — Shenu perguntou.

— Eu não sei, a mestra tem as ideias dela, mas não vai dividir com a gente. Mas acho essa ideia um pouco absurda. Está tudo tão estranho... — disse Dominique.

— Se Zebarân está impedindo alguma coisa de entrar, essa coisa não pode ser ruim, não é? — nervoso, Shenu insistiu: — Cara! Até ontem tudo isso era só lenda! Se a história antiga estiver certa, a intenção de Zebarân pode ser a mesma que foi no passado, lembra? Escravizar o mundo todo, se ele puder. Ele deve ter barrado algo que vem para impedi-lo de conseguir isso.

— Bom... Mas de onde viria alguém ou alguma coisa com esse poder?

— Da Terra é que não, eles nem sabem usar o *mac* lá... — falou Shenu.

— Eles tem armas mecânicas — argumentou Dominique.

— Rapaz, nem aquelas bombas gigantes que destroem um monte de cidades, nem aquilo pode rachar a barreira do Nepcoutem, e acho. Se Zebarân não quiser, nada entra lá.

— Então o quê? Vem de Agharta? — perguntou Dominique, mas Shenu balançou a cabeça, sem ideias para responder. Agharta era um mundo muito primitivo, e as poucas pessoas que viviam em sociedade não tinham nenhuma tecnologia. Quase tudo o que vivia por lá eram animais e plantas, e os homens se

recusavam a ter contato com os bhardanos. À sua própria maneira, eles já tinham selado o portal havia uns anos, com dezenas de blocos de pedra na frente dele.

— E se não for alguma coisa que vem? E se Zebarân, na hora em que fez o feitiço, e se ele colocou alguma coisa *em* Octoforte? — Shenu propôs, de olhos arregalados, se assustando com a própria suposição.

— Uma bomba, ou algo assim?

— Ou um encantamento, uma maldição...

— Um mal? Uma doença? — Dominique perguntou, a testa franzida.

— Talvez ele não queira prender ninguém lá, talvez ele tenha mandado alguma coisa pra lá e não queira que isso volte para Bhardo e nos contamine...

Mas Dominique sacudia a cabeça de um lado para o outro. — Só que isso não faz muito sentido, pra que contaminar, matar ou amaldiçoar pessoas que ele nunca mais vai ver? Pra que contaminar a Terra ou Agharta? Eles ignoram nossa existência, e isso seria inútil!

— Se Fauret estiver envolvido, isso explicaria porque ele nos trouxe pra cá. Talvez tenha selecionado os soldados com quem ele tinha mais afinidade, ou os mais fortes, não sei, e poupado as vidas deles... a nossa.

— Não, não, os capitães ficaram lá. Não se lembra de Larezim, o capitão da guarda do trovão? Fauret o adorava e, convenhamos, ele era muito inteligente e mais forte que a maioria aqui. Eu sempre duvidei de que Pablo fosse mais forte que ele, mas como Larezim perdeu no teste...

— É, você não gosta muito do Pablo, não é? — perguntou Shenu, com um sorriso maroto, e voltou os olhos para o grupo das meninas, onde agora Diana dormia a sono solto enquanto Jadhe e Yoná conversavam.

Dominique corou, lembrando-se do dia em que convidara Diana para jantar, e do grande embaraço depois de ter levado um fora dela e uma bronca azeda do namorado.

— Isso não tem nada a ver!

— Claro que não! — Shenu riu alegremente, jogando a cabeça para trás e olhando para as meninas também. — Mas Pablo não vai gostar de você de jeito nenhum, pelo menos por um bom tempo!

— Eu sei disso... — Nique resmungou, e ele e Shenu tornaram a olhar para as meninas.

De repente, Shenu comentou:

— Sua irmã é linda!

— Minha *o quê*?

— Jadhe, sua irmã! — Shenu insistiu. Dominique franziu a testa e perguntou um “*como assim*”, ao que Shenu respondeu: — Você não foi criado junto com ela? Ela deve ser uma irmã pra você, não?

— Jadhe não é uma irmã pra mim! — o gênio protestou, as asas dobrando-se sobre o corpo para protegê-lo da corrente de ar frio que entrava pelas frestas da tenda junto com chuva que aumentava lentamente.

— Então o que ela é? Uma *companheira*?

— É claro que não! Que absurdo! — “*Jadhe, sua ‘companheira’, como Diana com Pablo, isso era desconfortável até de pensar*”...

— Então o que ela é? — Shenu perguntou, impaciente.

— Ela é mais... ela é... — “*O que ela é?*”, pensou — Ora, eu nunca pensei a respeito disso! É, é como uma irmã, como você disse...

Shenu sorriu de lado. — Se ela é uma irmã para você, então eu tenho que ser um bom amigo seu! Ela é uma moça *muito* bonita, com aqueles olhinhos pequenos esticados...

Algo no tom de voz de Shenu ao dizer essas palavras fez Dominique se sentir incomodado, mas ele não sabia o que era. Já era tempo de Jadhe ter pretendentes, antes de Octoforte e dos testes ela nunca saía da floresta ou do educandário a menos que a mestra mandasse. Mas era muito estranho pensar que a menina já era uma mulher crescida: apesar de Dominique saber o quanto ela era talentosa e forte, pensar que poderia aparecer de mãos dadas com Shenu o fez sentir náuseas.

— Você está bem? — Shenu perguntou, e Dominique percebeu que estava com o olhar fixo à frente, na direção da tenda das meninas, com o rosto todo contraído.

— É claro que estou — ele respondeu num tom um tantinho mais ríspido. — Mas você não devia pensar em mulheres agora que é uma sentinela.

— Ah, cara! Imagine só se essa regra de solidão é respeitada mesmo! É impossível que em todos esses anos sem nada pra fazer as sentinelas antigas não tenham arranjado mulher em algum lugar!

— Jadhe não é esse tipo de pessoa. Se ela quisesse ficar com alguém, seria para ter uma vida com essa pessoa.

Sem aviso, Shenu desatou a rir.

— Tudo bem, tudo bem! Já entendi! O irmão mais velho está com ciúmes! Relaxe, eu só disse que ela é bonita, só isso... Deixe a vida mostrar seus caminhos... Vamos... Vamos voltar ao assunto de antes? O que será que Zebarã mandou pra Fortaleza?

— Não tem como saber se não voltarmos para Cermalháct — Nique respondeu rapidamente, um pouco mal-humorado.

— É, mas não temos como voltar. Se houvesse uma maneira, Ártemis teria nos dito, não?

— Não sei. Depende da maneira, eu acho.

— Mas... — Shenu fixou o olhar nas meninas, que agora dormiam na varanda do casebre de madeira — precisamos pensar em uma maneira de contornar esse encantamento — ele disse, encarando Dominique nos olhos. — Temos que tentar voltar para lá. Todo o tesouro de Octoforte está atrás desse portal!

Dominique sorriu. — Pelo visto parece que você só arranjou esse posto para conseguir tesouros, andarilho!

— As histórias que contam... — disse Shenu, e começou a contar os boatos sobre mapas de tesouro no forte e as histórias do tempo em que era andarilho e procurava antigas relíquias.

Os dois continuaram a conversa noite adentro até que o sono e a chuva que se fortificava os afugentou.

Os Objetos Supremos

Quando as sentinelas acordaram depois de uma noite de descanso mal dormida, se reuniram para responder as perguntas dos soldados. Primeiro souberam que Verônica estava se recuperando rapidamente, que a pancada em sua cabeça fora muito forte mas não deixara sequelas, consequência do duro couro de gárgula da moça, e a jovem, miraculosamente, já estava fora de perigo. Diana passou o dia muito mais alegre, mesmo com as bandagens no braço ferido, afinal a impressão de que a amiga estava morta fora muito perturbadora. Dominique, Jadhe, Yoná e Shenu se mantiveram mais ou menos afastados da movimentação, já que os soldados mal os conheciam; preferiram deixar a cargo de Márcio e Pablo contar as boas novas aos companheiros, e eles receberam uma chuva de questionamentos sobre o que seria feito para resolver aquela situação.

Era estranho ouvir pedidos de orientação vindos de homens tantos anos mais velhos e mais experientes. Muitos dos soldados de Octoforte tinham sido órfãos como Márcio, criados dentro dos muros da Fortaleza, com pouco ou nenhum contato com o mundo. Seu lar era dentro dos muros dourados, e sem poder chegar a ele aqueles homens pareciam simplesmente perdidos. Se não fosse a determinada liderança de Dominique nesse momento, que decidiu interferir, Márcio achava que a discussão poderia ter se tornado uma grande briga, pois Justião, do grupo de Verônica, Dalgór, do grupo de Diana e Estetil, do grupo de Márcio, três homens maduros e respeitados na Fortaleza, tinham começado a alterar o tom de suas vozes.

— E por que você acha que temos culpa de alguma coisa? — Dominique questionou, depois de ouvir Estetil berrar bem alto que os soldados de Octoforte pertenciam à Fortaleza, que não deviam estar do outro lado do portal, e que as sentinelas sabiam disso. O gênio continuou, em voz alta e com as asas abertas, fazendo questão que todos os outros soldados ouvissem. — Se você ainda não entendeu, foi Ólie Fauret quem nos *convocou*! Foi uma *ordem* vir para cá, e se vocês ainda não compreenderam, são todos *empregados* da Fortaleza, *funcionários*, *soldados*! Se não queriam seguir as ordens de seu general, que não se alistassem!

Márcio segurou Dominique pelo cotovelo, sentindo que o rapaz poderia passar dos limites se continuasse. A maioria dos guardas tinha se alistado pelo mesmo motivo que Pablo — receio do Mundo de Bhardo — mas de nada adiantaria levantar esse assunto, que só causaria mais desavença. Então deu um passo à frente, enquanto Dominique encolhia as asas e respirava fundo para se acalmar.

— Amigos — Márcio começou, sentindo um frio na nuca. Era a primeira vez que falava àqueles homens como sentinela, como seu superior, e não queria parecer arrogante nem autoritário; muitos daqueles soldados tinham ajudado a criá-lo e alguns tinham competido com ele pelo posto que ele conquistara, e não estavam muito felizes com isso. — Soldados. Sabemos que suas famílias estão lá, e que não querem deixar o portal como está, enfeitado, mas tanto quanto vocês, eu, Pablo, Verônica e Diana também temos entes queridos do outro lado, e vocês sabem disso. Nini está lá... Não é porque nos tornamos sentinelas que alguma coisa mudou. Também *precisamos* voltar.

Os homens passaram os olhos por Márcio e dele para Diana e depois para Pablo. A aflição nos rostos deles era tão evidente que desconcertou o grupo de soldados que tinha iniciado o tumulto, e eles se calaram.

— Vamos fazer o que estiver ao nosso alcance! — falou a voz de Yoná, vinda de um ponto às costas de Márcio. Ele calou-se enquanto ela andava a frente dos homens com uma postura rígida, digna de uma capitã. — Mesmo que isso custe nossas próprias vidas, mesmo que tenhamos que ir ao próprio Nepcoutem desafiar o rei Zebarã, e escrever a história dos quarenta e oito guerreiros de Octoforte que enfrentaram o rei tirano! Vamos fazer o possível para reabrir o portal!

Um burburinho assustado correu entre os soldados.

— Acho que é *you* que está se exaltando agora, Yoná — Shenu sussurrou no ouvido dela.

Dalgór esticou os ombros e depois falou: — Não queremos isso. Ninguém poderia pedir por isso. Mas algo precisa ser feito, não podemos simplesmente nos contentar em ficar aqui. Há pessoas atrás desse portal esperando por nós.

Pablo tocou o ombro de Márcio e olhou-o nos olhos. A mulher de Dalgór era uma das tutoras e tinha ficado na Fortaleza, pois estava grávida e não queria comprometer a saúde viajando pelo portal gelado.

— Nós prometemos fazer o que for possível — Márcio reafirmou, colocando-se ao lado de Yoná e olhando nos rostos de cada colega de posto em busca de apoio. — Vamos encontrar a Caçadora e conversar com ela e, se houver uma mínima chance de revertermos essa situação, vamos nos apegar a ela até o fim.

Márcio achou que suas palavras tinham soado estranhas em sua boca, não pareciam palavras de alguém seguro de si. Porém, pensou: seria possível alguém se sentir seguro numa situação tão inusitada? Apesar disso, parecia que as palavras tinham surtido algum efeito pacificador, ou talvez tivesse sido a sugestão escabrosa de Yoná de levar todos às terras malditas, pois os homens respiraram

mais fundo e Dalgór pediu desculpas em nome de todos. Então Shenu bateu solidário no ombro do colega, e ele e Márcio incumbiram alguns dos soldados de comprar comida para o grupo e pediram para que os outros esperassem no acampamento, enquanto as sentinelas iam até Ártemis em busca de novidades. Seguiram, então, para a cidadela, para encontrar a única pessoa que podia lhes ajudar em todo o Mundo de Bhardo.

Enquanto desciam a ruela estreita até o início da cidade, Shenu olhou várias vezes por trás do ombro, aparentando nervosismo. Quando o grupo ficou totalmente fora do alcance da vista de qualquer soldado ele falou:

— Já estamos longe. Podemos parar agora.

— Como assim “parar”? — Pablo perguntou.

— Ora, não vamos mesmo até Ártemis, não é? Ela vai comer nossos olhos se formos até ela sem informações, ainda mais pra perguntar a mesma coisa.

— Ártemis não é assim! — Jadhe protestou, e sua voz soou melodiosa.

— Ela não é tão ruim quanto a fama que pintam dela.

— Eu não conheço a fama dela... — Pablo comentou.

— Outra hora falamos disso — Shenu atalhou. — Agora, não existe solução para esse impasse! Os soldados vão ter que se conformar e ficar por aqui, não é tão mal...

— Você é mesmo um idiota, Shenu! Tem pessoas contando conosco aqui e do outro lado! *E* nós demos nossa palavra! — Pablo ralhou.

— *Vocês* deram sua palavra...

— E *you* — Yoná interferiu com faíscas saindo dos olhos — você é sentinela, e você vai respeitar esse nome!

— Ei, ei, ei, calma! — Shenu riu nervoso com o dedo de Yoná apontado para o peito dele. Ela era baixinha, miúda e bem jovem, mas com certeza era a mais intimidadora de todas as sentinelas. — Eu só estava... expondo as possibilidades.

O grupo parou em frente à estalagem *Meritsiu* (que, em bhardanaté quer dizer *gato azul*). Havia uma estátua horrenda de madeira de um gato em tamanho real presa à porta sob um pedestal, pintada com tinta fosca azul; ela ainda pingava água acumulada da chuva, que parara havia algumas horas. Era uma casa de pedra de aspecto sujo e frio, cuja portinha de madeira batia sem parar por causa do vento que soprava forte.

— Parem com isso os dois — disse Dominique com cuidado, mas com as sobrancelhas franzidas. Ele olhou feio para Yoná e completou: — Já estamos nervosos o bastante e vamos *tentar* encontrar uma solução diferente de ficar de braços cruzados.

— Se não houver nada a ser feito, então vamos liderar essa gente até que eles possam ter suas próprias vidas — Jadhe falou com simplicidade, e Shenu concordou com a cabeça. — Mas vamos esgotar qualquer mínima possibilidade de resolver de outra forma antes de nos dar por derrotados.

— Só mais uma coisa — Dominique falou de novo, com a mão na porta para abri-la. — Vamos encontrar minha mestra, então demonstrem um pouco de respeito.

O gênio olhou bem fundo nos olhos de Yoná ao falar isso e ela retribuiu com uma cara feia. Enquanto os dois se fuzilavam criando uma verdadeira chuva de fagulhas, Jadhe suspirou e tomou a frente, empurrando a portinhola de entrada.

Quando cruzaram a soleira, as sentinelas depararam com um salão não muito espaçoso, onde as vigas de madeira que sustentavam o teto torto limitavam a visão. Havia algumas mesinhas toscas feitas de troncos grossos, todas aparentando mais de cem anos. Apenas três fregueses sentavam-se nelas, Ártemis a um canto e dois homens conversando em voz baixa numa mesa afastada da luz. De um deles vinha uma fumaça contínua, proveniente da ponta fumegante de um cachimbo. Não havia piso, o chão era de terra batida. Velas presas à parede iluminavam fracamente o ambiente. Havia um pequeno balcão, também de madeira, atrás do qual um senhor idoso e barrigudo se apoiava nos cotovelos, os olhos quase fechados. Quando as sete pessoas entraram de uma vez ele se assustou, olhou atordoado para o grupo, contanto a quantidade de novos fregueses, correu para uma portinha na parede, atravessou-a, e Márcio ouviu um som de água e vidro vindo de lá.

Ártemis estava sentada na mesinha do canto mais escuro da estalagem, usando a mesma capa cinzenta do dia anterior. O capuz estava sobre a cabeça, talvez com a intenção de ocultar seu rosto, mas o brilho dos olhos dela era tão intenso que chamava a atenção de qualquer forma.

Dominique resmungou quando Márcio, Pablo e Diana sentaram-se, sem convite, à mesa de Ártemis; ele e os outros permaneceram em pé até a Caçadora, cordialmente, estender a mão, oferecendo-lhes os lugares vazios. Márcio arriscou um olhar para Pablo e percebeu que o irmão estava tão embaraçado quanto ele, os dois não conheciam nada sobre as regras de etiqueta de Bhardo.

— Oito pessoas já vieram até mim hoje, todas trazendo as mesmas perguntas sobre como sair daqui, mas nenhuma com informações que pudessem me ajudar. Estava apenas terminando minha bebida e já ia me retirar, mas vocês chegaram antes. Muito bem, sentinelas... Se vieram para dizer algo que preste serei toda ouvidos, mas se estão aqui para perguntar e não para responder, podem se retirar, pois não tenho respostas para vocês — disse ela bruscamente, lançando um olhar mordaz para Dominique e Jadhe.

— Sinto muito, mestra — Jadhe falou, sem se intimidar, com uma voz doce e suave que tinha o poder de acalantar até mesmo o obscuro coração de Ártemis. — Mas agora, como a senhora disse, somos sentinelas, e temos a obrigação de tentar tudo o que pudermos para levar os soldados de volta para casa. Além disso, estamos preocupados com o que pode ter acontecido aos outros, os que estão presos em Octoforte.

— Senhora Caçadora, — começou Pablo, que começava a entender que Ártemis não deveria ser tratada com displicência — não temos o que falar de Ólie Fauret, sempre foi uma pessoa reservada, nunca nos pareceu suspeito, mas costumava atravessar o portal mais ou menos quatro, cinco vezes por ano para visitar a Terra, e mais três ou quatro para visitar Bhardo... Quanto ao nosso problema, não há mesmo nada que possamos fazer?

Ártemis encarou-o por um momento, como se analisasse se a informação que ele lhe dera era de alguma relevância. Por fim deve ter concluído que sim, pois soltou um suspiro leve; o rosto impassível, como se fosse feito de cera.

— Vou explicar a vocês com cuidado, e espero que dessa vez vocês entendam. Achei que por haver bhardanos natos entre vocês seria mais fácil aceitar, mas vejo que não — a voz dela era ríspida e ela começou a falar rápido e contrariada.

“A Encruzilhada foi criada antes que nosso mundo fosse habitado, portanto só podemos imaginar o que a criou. Pode ter sido uma explosão de proporções inimagináveis que criou os portais e nos ligou, sem querer, à Terra e à Agharta. Mas acreditamos, por exemplo, que existem ao menos mais duas dimensões: aquela para a qual vão os mortos culpados e aquela para onde vão os mortos de alma leve. É possível também que exista pelo menos mais uma, aquela por onde as almas passam antes de encarnarem e voltarem a Bhardo. Se for assim, é bem possível que existam muitas outras dimensões e que as entradas para elas sejam as mais variadas, um número incontável de portas às quais talvez nunca tenhamos acesso. Zebarân construiu uma barreira mágica na frente de uma porta dessas portas, bloqueando-a de tal forma que a tornou quase intransponível”.

“Vocês querem uma solução e eu vou lhes mostrar três. A primeira: produzam uma explosão tão intensa quanto a que criou o portal no início dos tempos, e rezem para que uma porta se abra e que essa porta leve vocês diretamente para a sua casa e não para outro mundo qualquer, e também rezem para que o portal criado seja perfeito como o de Cermalháct, pois se ele for defeituoso pode estraçalhar vocês de corpo e alma no caminho. E ainda, se conseguirem pensar em como criar algo assim, não se esqueçam de me avisar, pois então terei escolha entre o suicídio e esperar que vocês destruam o mundo e eu

morra com ele, porque quando a primeira explosão aconteceu não havia vida aqui; se houvesse teria sido extinta, com certeza”.

O lábio de Ártemis tremeu quando ela disse “*suicídio*”, mas Márcio achou que não era por nervosismo, mais parecia que ela achava aquilo engraçado.

— A segunda opção é um pouco mais plausível: entrem no reino proibido de Zebarân, consigam uma reunião amistosa com ele, passando pelos seus demônios, monstros e escravos, e fiquem amiguinhos dele; então o convençam a fazer a magia inversa por vocês, pois só ele tem poder para isso.

“Sua última opção: treinem, treinem o máximo que puderem, dia e noite, noite e dia, até conseguirem se equiparar em magia aos níveis de Zebarân. Antes, é claro, terão que descobrir a fórmula da imortalidade, pois Zebarân é um imortal. E ele vem se aperfeiçoando nessa arte da magia há mais de mil anos. Bem, aí estão suas três opções.”

Um instante de silêncio caiu entre eles. O dono da estalagem trouxe oito copos limpos cheios de um caldo grosso e vermelho vivo para o grupo, sem que ninguém os tivesse pedido. Márcio provou a bebida: tinha um gosto cítrico e doce, cheirava a flores do campo e, embora ele nunca tivesse tomado aquilo antes, sabia que se tratava de *caldo-de-primavera*, uma bebida quente extraída de flores vermelhas. Era adocicado e ardido ao paladar.

— Mas... então há um jeito — disse Yoná de repente, brincando com as pontas dos cabelos. — É só conseguir esse poder, não é? Há um jeito!

Márcio achou que devia ter tirado algum osso do lugar, tão rápido virou sua cabeça de Ártemis para Yoná. A garota estava sorrindo.

— Não guarde seus pensamentos para si, menina. Compartilhe-os, por mais absurdos que possam ser — Ártemis disse, ajeitando o capuz nas costas.

— Há um jeito, um atalho, pra conseguir esse poder. Através de objetos mágicos! — ela exclamou.

Shenu sorriu, como se o pensamento fosse muito óbvio.

— É claro, — disse ele — objetos mágicos são usados para armazenar poder. Se juntarmos alguns poderosos, podemos conseguir a magia necessária pra desfazer esse feitiço!

Os olhos de Ártemis cruzaram com os de Shenu. O sorriso em seus lábios morreu, um frio escorregadio e grosso desceu pela garganta dele e o fez estremecer, minando qualquer sinal de otimismo.

— Nem que vocês reunissem todos os objetos mágicos deste mundo, não conseguiriam metade da força necessária. Objetos mágicos são feitos por magos, e mesmo que um mago ficasse a vida toda depositando largas quantidades de sua magia num objeto, não conseguiria produzir um objeto duradouro e poderoso. Bhardo perdeu os grandes magos há muito tempo.

A Caçadora procurou a face de Yoná, esperando encontrar nela vestígios de desânimo, mas a sentinela mantinha uma expressão de ansiosa determinação. Ártemis lançou-lhe um olhar indagador.

— Existem os *Crimedéct'z* — Yoná falou, sutilmente.

Ártemis fitou-a com aqueles olhos de gelo. Dominique, as penas das asas eriçadas pela brisa que entrava pelas frestas da porta, fez cara de espanto, assim como Jadhe e Shenu, mas Diana, Pablo e Márcio não entenderam.

— Desculpe — Diana interrompeu, falando pela primeira vez. — Existem o quê?

— Os *Crimedéct'z* — Yoná repetiu, sentindo que Ártemis lhe dava espaço para falar. — Os Objetos Supremos. Sete objetos poderosíssimos, criados no tempo do grande herói Ariell, e por ele usados para derrotar o Imperador.

— O *Imperador*? — Pablo indagou.

— É, o Imperador, o tirano que se apoderou das terras meridionais e governou sem escrúpulos. Ariell o derrotou usando o poder destes objetos.

— Só que o Imperador é lenda, Ariell é lenda e os Objetos Supremos também são — exclamou Shenu com ironia, mas antes que pudesse completar a risada, Ártemis levantou-se de uma vez e lançou alguma coisa pesada à mesa que o fez calar.

Naquele instante a estalagem, que já estava vazia, pareceu esvaziar ainda mais. O homem que servira a bebida e estava a pouco cantarolando no balcão levantou-se de repente, lançou um olhar medonho para as mesas ocupadas, e sumiu sem nada falar, atrás da portinha para a cozinha. Aquele que fumava um cachimbo e seu colega silenciaram e se levantaram de sua mesa devagar, e logo escorregaram pela porta de saída. O ar tomou um peso estranho — denso como o caldo no copo de Márcio, e Jadhe e Yoná fizeram caretas enjoadas. Os jovens ficaram inquietos. Márcio sentiu um calafrio percorrer seu corpo, sua garganta ficou seca e sua respiração ofegante, como se esperasse o ataque de uma besta feroz. Sua visão se distorceu: ele sentiu como se estivesse tentando enxergar o fundo da escadaria do portal através da noite escura.

Era uma caixa pequena de paredes transparentes como vidro. Suas arestas eram unidas por barras de prata, e sua base e sua tampa lembravam o teto e as escadas de templos antigos. Estava presa por uma corrente, também de prata, ao cinto da Caçadora, e dentro da caixa reluziam, a todo instante, minúsculos relâmpagos silenciosos, lançando luzes esbranquiçadas e lúgubres nos rostos dos jovens.

— O Lampejo dos Desesperados — indicou Ártemis Caçadora, parecendo ainda mais severa do que nunca. — O sexto objeto supremo. Suas paredes são fatias do maior diamante já encontrado, o Nathawér. A cúpula e a base

são de algavar, prata bhardana. Aqui dentro estão presas dezenas de almas. Eles existem, Shenu Argottem, os Crimedéct'z, pois aqui mesmo tenho um em minhas mãos, e conheço os outros seis e sei que existem. Mas, diga-me Yoná Sanai, pois estou curiosa, como vocês fariam para encontrar os outros seis Tesouros mágicos perdidos pelo mundo? Pouco se sabe sobre eles, pode ser que estejam perdidos para sempre.

— Não é nada agradável ficar perto dessa coisa... — Márcio murmurou. Se todos os objetos fossem como aquele, pensou, mesmo que pudessem encontrá-los, era possível que morressem de desespero no caminho.

— Eu conheço um meio — sussurrou Yoná e, talvez para mostrar que aquilo não a incomodava, ou porque estivesse nervosa, deu uma grande golada no caldo de primavera antes de continuar, com o queixo empinado. Depois bateu com o copo na mesa e falou: — Existe uma bússola construída especialmente para achar os objetos.

— Uma bússola? — perguntou Ártemis, genuinamente interessada.

— Sim, construída pelo próprio Ariell. Sei onde ela está.

— Como pode saber? — perguntou a mulher, guardando o Lampejo dos Desesperados com cuidado de volta dentro da capa, fazendo com que o ar se tornasse imediatamente mais respirável.

— Porque só me alistei em Octoforte porque o pajé Sanai disse que seria meu caminho. O pajé é meu pai, e uma filha deve obedecer ao pai, mas antes de me tornar sentinela servi como sacerdotisa do templo que guarda essa bússola.

— Você foi sacerdotisa? — Shenu perguntou, um brilho diferente em seus olhos pretos.

— O que acha, Caçadora? — perguntou Yoná, ignorando Shenu e agora mais segura, já que a mulher guardara o item mágico.

Silêncio. Copos com caldo de primavera se esvaziaram. Olhares concentrados nos olhos de prata.

— Talvez... seja possível — Ártemis disse finalmente, pensativa. — Já está na hora de despertar os *Crimedéct'z*. Mas vocês estão dispostos a se aventurar mundo afora apenas para destrancar a porta de casa? Podem arrumar outra casa por aqui, se quiserem.

Shenu acenou afirmativamente com a cabeça, concordando, mas Pablo lançou um olhar enviesado para ele.

— Bem que eu gostaria de ficar — falou Dominique, com certo pesar. — Mas, como viramos sentinelas... agora somos responsáveis por todos aqueles soldados lá no acampamento. E eles não vão deixar por isso mesmo.

— Além disso, não sabemos o que está acontecendo *dentro* de Octoforte. Zebarân pode ter colocado alguma coisa lá — acrescentou Márcio.

— Ou enviado algo para os outros mundos... Um de seus monstros... Pode estar destruindo a Terra ou Agharta agora mesmo. Os capitães e os soldados que ficaram lá dentro podem estar precisando de ajuda — Diana completou, parecendo assustada com as próprias suposições. — Nossos tutores, professores... protegidos... Ondily...

Ártemis mordeu o lábio antes de prosseguir: — Pode não restar ninguém vivo quando vocês finalmente chegarem do outro lado. Não pensem que vai ser fácil, nem rápido, vocês podem levar anos nessa busca e, mesmo assim, acabar encontrando um beco sem saída. E, se por algum motivo Zebarân suspeitar que aquilo que vocês procuram vai interferir com o plano dele, seja esse plano qual for, acreditem, estarão condenados a uma perseguição sem fim. Ainda assim, vocês querem investir nesta procura?

A mulher esquadrinhou cada rosto à procura de fraquezas, e nenhum dos rapazes a olhou de volta, pareciam perdidos em pensamentos. Então seu olhar recaiu sobre Jadhe e depois em Diana, e as duas a encararam com firmeza.

— Zebarân quase matou Verônica e ela é minha tutora — disse Diana. — E teria me matado, e Pablo, e Márcio, se quisesse. O que quer que ele esteja fazendo, não pode ser bom, pode?

— Só nós sete nos preocupamos, mestra — falou Jadhe docemente. — Ninguém mais.

A Caçadora nada falou, algo perturbava sua mente.

— Têm consciência do perigo que vai seguir vocês? — ela indagou, os olhos fixos em Dominique, mas foi Márcio quem respondeu:

— Só sei que, se há uma chance de reverter a situação, vamos tentar!

— É nossa responsabilidade intervir — disse Jadhe. — Somos as sentinelas, não?

— É, já ouvi isso milhões de vezes...

Jadhe sorriu. Márcio percebeu que ela, assim como Yoná, estava determinada a honrar o título conquistado, talvez justamente para impressionar a mestra, mas tanto Pablo quanto Shenu pareciam decididamente assustados. Então ele olhou para Dominique e a expressão que viu no rosto do gênio era tão divertida que quase o fez rir. Nique não cabia em si de tanta satisfação, e pelo pouco que Márcio tinha conversado com ele o motivo devia ser um só: viajar pelo Mundo de Bhardo, fosse pelo motivo que fosse, correndo perigo ou não, era o grande sonho do gênio dos ventos. Quando seus olhos cruzaram com os de Márcio ele sorriu brevemente, piscou um olho e depois mordeu o lábio para se fazer de sério. Márcio teve que fazer uma careta para não parecer que não dava importância ao perigo.

— Muito bem — suspirou Ártemis. — Porém, duvido muito que vá ser fácil. Façamos o seguinte: procurem os outros seis Tesouros que estão perdidos e,

se porventura conseguirem todos, eu cedo o Lampejo às suas mãos. Mas não tenham muita esperança, pois nem mesmo com eles será fácil desarmar o feitiço que Zebarân colocou. Enquanto isso, estarei procurando pistas sobre seu mestre. Ólie Fauret é minha caça agora por ordem do Conselho do Meio do Mundo. O rei de Ylhuah está muito interessado em prender Fauret por suspeita de contrabando. Caso algo saia dos eixos, eu os encontrarei para alertá-los.

“Porém, devem se lembrar: os Crimedéct’z são os objetos de magia mais cobiçados, caros e perigosos que existem. Não mencionem sua jornada com ninguém, entenderam? Shenu conhece bem o Meio do Mundo, Dominique, Yoná e Jadhe conhecem algumas partes da Grande Floresta, mas duvido muito que sua geografia vá ajudá-los, pois não há lugar conhecido onde não se tenha procurado por estes Tesouros. Portanto, cuidado com o caminho que há de vir”.

Um fiozinho de excitação correu pelas veias de Márcio. Debaixo da mesa ele viu a mão de Pablo esbranquiçada, porque ele apertava a mão de Diana com força, muito perturbado, com certeza. *Viajar pelo mundo... Conhecer de verdade todas as maravilhas que as ilustrações dos livros mostravam... Rios, florestas, estrelas, animais! Lugares diferentes, cores diferentes...* Suas pernas começaram a formigar. E, com um movimento leve, Ártemis se pôs de pé. Deixou algumas moedas de ouro na mesa, avisando que a bebida era por conta dela. Disse um breve “*boa sorte*” e passou pela porta, desaparecendo noite adentro, deixando que os garotos terminassem suas bebidas.

— Mulher interessante, Ártemis, não? — comentou Shenu, a boca ligeiramente aberta.

— Achei que você a conhecesse! — disse Márcio. — Fez tanta propaganda dela para os soldados no rochedo...

— Só a fama dela. A mulher é como um leão, sabe? Belo, formoso, fascinante. Conhece-se a fama, mas ninguém o conhece de perto e, de preferência, nunca vai conhecer...

— Quanta bobagem... — Dominique murmurou.

— Então é isso? — Pablo perguntou, num tom visivelmente aflitivo, enquanto ainda fitava a porta por onde Ártemis havia saído. — Está decidido? Vamos viajar pra encontrar essas... essas coisas?

— Você têm ideia melhor? — Yoná questionou.

— Não sei, mas a gente podia... A gente podia pelo menos ver se é isso mesmo... Se esse feitiço... Se esse portal está mesmo tão bloqueado...

— Já fizemos isso — Jadhe informou. — Ou melhor, aquele soldado, Dândalo, ele tentou atravessar. Foi lançado escada abaixo, se machucou bastante...

— Verdade — Dominique completou. — E olha que ele teve sorte. Poderia ter quebrado uma porção de ossos!

— Mesmo assim, essa viagem pode levar meses... Anos! — Pablo retrucou, num início de pânico. Diana acenou compulsivamente com a cabeça. Viajar por aquele mundo desconhecido e sem luz não fazia parte dos planos deles.

— Não vai levar tudo isso não — Shenu falou, num tom despreocupado. — Chegando ao Continente Maior vamos tomar uns bondes pra onde, I’Jaboris? — perguntou, e Yoná concordou com a cabeça. — E depois, qual é a distância até o templo?

— Uns dois ou três dias de caminhada.

— Só isso? — Shenu se surpreendeu. — Depois, com a bússola nas mãos, os bondes, alugueis de cavalos, carroças, bicicletas, quadriciclos, essas coisas, devemos levar no máximo uns poucos dias pra pegar cada Tesouro! Vai ser fácil!

Jadhe balançou a cabeça.

— Não acha que está sendo um pouco otimista demais? Essas joias podem estar bem longe do “Meio do Mundo”.

— Mesmo que estejam mais distantes, não há nenhum lugar onde eles possam estar em que não se possa chegar em uma semana. E já até sabemos o paradeiro de um deles! Em um ou dois meses estaremos de volta, e com tudo resolvido!

Com uma pontinha de confiança, Pablo e Diana acompanharam Shenu porta afora, e por isso não viram quando Yoná ergueu as sobrancelhas e Nique e Jadhe, discretamente, trocaram um olhar cúmplice, acompanhado de um sussurro, bem baixinho do gênio:

— Um ou dois meses? Para onde esse cara pensa que estamos indo, para algum roteiro turístico?

A Nalvim de Melvim

Foi uma tarde turbulenta de explicações e repetições; várias vezes as sentinelas disseram que Ártemis os havia instruído sobre um possível modo de voltar a Octoforte, mas várias vezes também tiveram que negar a explicação de que modo seria esse. Às horas da noite voltaram para o acampamento e, mesmo durante o sono, muitos soldados podiam ser vistos indo e vindo por aí, entrando nas barracas dos garotos para tentar conseguir informações.

Quando todos os soldados finalmente se convenceram de que os jovens não tinham mais respostas e decidiram deixá-los dormir, Márcio não conseguiu pregar os olhos. Pablo lhe dissera que estava sentindo um terrível amargor na boca, e era mais ou menos isso o que sentia Márcio também. Só que Pablo conseguira adormecer minutos depois dessa conversa, enquanto Márcio permanecera acordado ainda por muitas horas, sentindo as dores no corpo se juntarem a uma crescente e latejante dor de cabeça, e quando pegou no sono foi só para entrar numa terra de pesadelos estranhos, onde ele tinha que viajar por um labirinto de paredes altas e pegajosas, que se transformaram nas entranhas de uma criatura que o devorava. Quando uma figura estranhíssima apareceu, vestindo uma capa de cipós e falando sobre plantas venenosas, ele acordou e não conseguiu dormir mais. Levantou-se para caminhar e encontrou Diana, com quem conversou um pouco sobre seus medos. A garota não conseguira dormir, tampouco.

Pela manhã os jovens foram vistos ajeitando a pouca bagagem que traziam, comprando mantimentos na cidadela e algumas roupas de frio, embora Shenu não se cansasse de repetir que não seriam necessárias. Sua experiência como andarilho o levava a conhecer muitos lugares, porém ele sempre se limitara à parte do mundo conhecida como “O Meio do Mundo”, que incorporava os países do leste, as partes sul de Gehenmy e Crimehuór, e algumas ilhas do Oceano dos Dragões. Como a maioria dos andarilhos, ele acreditava que nada que valesse a pena ser encontrado estaria fora desses limites, porque as terras do oeste eram tidas como *terras-de-bárbaros-cortadores-de-cabeças*. Como o Meio do Mundo era uma região quente, Shenu não entendia o porquê dos agasalhos.

As instruções para os soldados incluíam armar um grande e duradouro assentamento na ilha, onde todos pudessem viver até a volta das sentinelas. Jadhe preveniu os soldados de que a jornada que iriam enfrentar estaria além de muitos limites e que poderia ser tão longa que os soldados deveriam construir suas vidas na ilha Agerta do melhor modo possível, até que os ventos trouxessem notícias diferentes. Como era de se esperar, Dalgór e outras pessoas, que tinham família atrás do portal para *Cermalháct* ficaram extremamente abalados, e foi preciso

muita conversa para convencê-los de que não havia nada mais que pudesse ser feito imediatamente. E Verônica, que já estava melhor, com a cabeça envolta em bandagens, aceitou a incumbência de ficar e orientar os soldados como sua líder; ela não poderia viajar tão logo, sua recuperação ainda seria lenta.

De certa forma, Márcio acreditava que seria um período proveitoso. Afinal os soldados, que há muito tinham esquecido como era ter que trabalhar para se manter, teriam que encontrar um modo à força de sobreviver, um choque com certeza, mas um choque útil para pessoas que viviam presas no mundinho de dez quilômetros quadrados que era *Cermalháct*.

Seria mais difícil, no entanto, convencer os moradores locais de que a estada dos homens poderia ser pacífica, pois o líder de Agerta, um homem de cabelos brancos e fala rude conhecido como Belgo, surgiu no meio das “*horas do dia*” para conversar com o líder do acampamento de Octoforte. Como Fauret não havia sido encontrado Márcio e Dominique conversaram com ele, e ouviram palavras grosseiras expulsando o grupo todo da ilha. Mas Verônica interferiu na conversa e, com uma fala educada, conseguiu convencer Belgo a lhes conceder mais alguns dias de estadia. Depois se voltou para os rapazes, dizendo:

— Não se preocupem com isso, eu vou lidar com esse homem. Eu tenho algumas ideias para convencê-lo de que devemos ficar. Mas não demorem muito para partir, ou o momento de fazer minha proposta pode passar.

Que proposta Verônica queria fazer a Belgo, Márcio não soube naquele momento. Só o que sabia era que seu estômago revirava só de pensar na jornada que teria pela frente. Foi um choque ver o mapa de Bhardo e descobrir que a ilha era tão minúscula se comparada ao resto do mundo, e que haveria lugares imensos e pessoas diferentes em cada lugar por onde iriam passar. Toda vez que ele, Pablo e Diana paravam para contemplar a praia escura, com aquelas ondas barulhentas, aquela força colossal, e imaginavam as terras além, ele percebia um grande receio na conversa. Há dois dias, quando fizera a travessia para Bhardo, a ilha parecera monstruosamente grande, a maior coisa que ele já tinha visto, mas agora iriam viajar para longe do portal, para depois do mar, que parecia ser o fim do mundo. Sabia que estava excitado, e se sentia péssimo por isso, porque nem Nini nem Samantha saíam de sua cabeça, e pensar que estava se afastando do portal lhe dava a sensação de as estar traindo, mesmo sabendo que, se não fizesse isso, poderia jamais atravessá-lo de novo. Era um pensamento estúpido, mas imaginava que, depois que deixasse de ver aquela lâmina brilhante, sua vida desmoronaria.

O céu continuava fechado quando os sete se despediram dos soldados, instruindo-os para que conseguissem terras para plantar e varas para pescar, elegendo, cada sentinela, seu sucessor. Assim Dalgór ficou sendo o sucessor de Diana, e ela pediu diversas vezes para que o homem não perdesse as esperanças;

Vardo foi escolhido por Pablo para sucedê-lo, pois era um homem forte e de bom caráter; Márcio não pode deixar de escolher Udinia, pois a mulher, embora não fosse muito forte, tinha grande poder de persuasão e poderia ser uma grande líder se fosse necessário; Dominique elegeu Valponte, um homem de poucas palavras mas que para ele, que pouco conhecia dos soldados, tinha um aspecto feroz; Yoná pediu para que Ilanda ficasse em seu lugar, principalmente por saber que a mulher era a chefe de enfermagem de Octoforte, o que seria de grande valia naquela ilha de recursos tão escassos; Jadhe selecionou Durval, que nitidamente exercia influência sobre muitos e Shenu escolheu Evondér, um homem grande de nariz empinado. Como Verônica iria ficar não escolheu nenhum sucessor, mas declarou para os soldados que, se houvesse algum perigo e algo acontecesse a ela, seria Justião, que sempre tomava as iniciativas no grupo da torre da fauna, que ficaria no lugar dela.

Enquanto escolhia o soldado para representá-lo, Dominique percebeu a fragilidade daquele exército. Não passavam de crianças, mesmo que sua idade não condenasse isso. Nunca tinham estado numa batalha, nunca tinham passado por nenhuma situação inusitada, não sabiam como agir ou se comportar. Era assustador imaginar aquelas pessoas, que só sabiam plantar e colher, pegando em armas.

Com a bagagem preparada e mantimentos nas sacolas, Pablo, Márcio, Diana, Shenu, Dominique, Jadhe e Yoná deixaram seus soldados, despediram-se afetuosamente de Verônica, jogaram as mochilas de tecido grosso nas costas e rumaram por um caminho incerto através das pedras até o porto da ilha, guiados por Shenu, que garantia conhecer todos os barqueiros e barcos do mundo e que, portanto, saberia qual seria a melhor opção para a viagem.

A ilha era muito escura, não só pela ausência de sol, mas também pela ausência de qualquer outra fonte de luz que não fogueiras ou archotes esparsos, de modo que os casebres diversos não pareciam habitados. As pessoas do vilarejo estavam com muito medo de sair de casa depois do ataque de Zebarã, então ficavam escondidas, com as luzes das lamparinas apagadas. Poucas estavam nas ruas e estas eram mendigas revirando os depósitos de lixo, olhando torto os estrangeiros de aparência limpa, além de uns poucos pescadores saindo para o trabalho. No porto precário havia uns três barquinhos terrivelmente velhos ancorados em pequenos cais de madeira carcomida. Cada um parecia menos seguro que o outro, e nenhum aparentava poder cruzar o oceano no meio da tempestade que revirava o céu ao longe.

— Shenu...

— Hm... Vamos viajar naquele barco vermelho, olha só o capitão, está na cara que ele é um homem decente e robusto, deve saber controlar um navio... barco. E ele vai nos cobrar uma pechincha com esse tempo!

— Shenu, eu não vou entrar num desses! — esbravejou Diana. — Eu não sei nadar, vai chover e eu não quero morrer afogada!

— Você... Não sabe nadar? — Dominique perguntou, um tanto surpreso. Como uma sentinela não sabe nadar?

— Nenhum de nós sabe — acudiu Pablo, e depois explicou: — Nunca aprendemos.

— Como Ólie Fauret nunca se preocupou em ensinar isso a vocês? — admirou-se Yoná.

— Não importa, vocês terão muitas oportunidades de aprender, acreditem. — disse Jadhe gentilmente. — Agora, Shenu, não vamos de barco. Aliás, duvido que algum desses barcos vá viajar hoje com esse tempo.

— Então vamos de que? A pé, sobre as ondas? Ou vamos todos nas costas de Dominique? Porque só ele pode voar!

— Aqui nessa ilha existe uma embarcação bem diferente, e nós vamos nela. Vamos viajar em uma *Donaeér*. — disse ela.

Muitas testas se enrugaram. Parecia que só Jadhe e Dominique sabiam o que era a tal embarcação.

— *Donaeér*? E o que seria isso? — perguntou Márcio.

— Ora, é... — começou Dominique, mas Jadhe o interrompeu:

— Não estrague a surpresa, vai ser incrível quando eles virem! Vamos torcer para que tenha embarque hoje. Acompanhem-me, sei o caminho.

— Você *sabe* o caminho? — Dominique perguntou, as asas agitadas e uma expressão intrigada no rosto. — Como você pode saber o caminho se não conhecia essa ilha? Como pode saber que tem uma *Donaeér* aqui? E de onde tirou essa ideia de que *Donaeér* é uma embarcação?!

Mas Jadhe, com um sorriso matreiro, já tinha saído na frente, sem responder. Os outros seguiram a moça de cabelos longos, Márcio sentindo-se como se estivesse sendo abduzido por uma alienígena, que o conduzia a uma nave estranha que viajaria para algum lugar mais estranho ainda. Pelas expressões de Diana e de Pablo os dois estavam com a mesma impressão, mas nenhum deles falou nada, e por todo o caminho o rapaz sentiu seu estômago pulsando de forma engraçada, como se fosse o próprio Lago Borbulhante.

A garota os guiou através de mais um caminho cheio de pedras até o fim do porto. Ali, no último cais antes de um rochedo enorme, estava parado um homem baixo e magro, careca, porém com uma bigodeira preta magnífica que terminava em trancinhas. Algumas pessoas formavam uma fila atrás dele, conversando e murmurando curiosas e excitadas, provavelmente para entrar na embarcação que deveria estar oculta pelas sombras da noite, porque Márcio não conseguia vê-la. Olhou para o irmão e surpreendeu-o encarando a superfície do

mar com um interesse desconfiado. Ele sorriu enquanto achava adivinhar o que o Pablo estava pensando: sempre ouviram falar de como era nauseante viajar pelo mar, e Pablo tinha um estômago horrível.

Jadhe se encarregou de pagar a viagem ao barqueiro. Todos tinham trazido uma quantidade considerável de moedas de ouro; nunca foi segredo que os salários em Octoforte eram gordos, porém eram raras as vezes que os soldados podiam gastá-los: quase sempre, quando um guerreiro morria, deixava toda sua herança de volta nos cofres da Fortaleza. Portanto, na primeira oportunidade de comprar algo em Bhardo, todos trataram de trazer consigo o máximo do ouro que tinham acumulado, o que, para Márcio, Pablo e Diana, que tinham sido soldados por muito tempo antes de se tornarem sentinelas, era um bocado de ouro.

O homenzinho de bigodes espetados olhou para o grupo de passageiros. Esticou o braço e, com um gesto amplo, convidou: “*E-entrem*”, e a fila começou a andar em direção ao mar. Diana ficou apavorada com a água lá em baixo, que ia e vinha fazendo barulho; agarrou o braço do namorado e arregalou os olhos: a embarcação não era mais que uma balsa! Um grande piso de madeira lisa de cerca de dez metros quadrados, grandes bancos de madeira trabalhada pregados nela, uma mureta de meio metro de altura com belos arabescos trabalhados que cercava a tábua, e só. Não havia mais nada, nem mesmo remos. “*Será que eles teriam que bater os braços para cruzar o oceano?*”

— Po-podem ent-trar e se se-se-sentar. Fiquem à vontade e não se p-p-preocupem — disse o barqueiro gago, o que só deixou os garotos ainda mais nervosos.

Márcio sentiu a perna pesar quando ergueu o pé para avançar para a embarcação. Ele, no entanto, não fez como Diana, que segurou forte o braço de Jadhe, dizendo com convicção que não entraria naquele pedacinho de madeira, mas concordou com o comentário ansioso de Pablo, que mordiscava o lábio enquanto falava:

— Parece que nosso mundo virou de cabeça pra baixo em menos de meia hora! Enquanto estávamos no acampamento, junto com os nossos soldados — nossos amigos, pra falar melhor — éramos os veteranos, aqueles que conheciam a Fortaleza, e esses quatro eram os novatos. Mas assim que saímos de lá nos tornamos os filhotinhos saindo da toca pela primeira vez, e eles, os gaviões que tudo sabem sobre o mundo. Não gosto dessa sensação, estamos totalmente à mercê da vontade deles, e nem sabemos se estão nos guiando para o rumo certo.

Um calafrio percorreu a espinha de Márcio. Pablo tinha o dom de ter sempre os piores presságios, e mesmo quase nunca estando certo, Márcio tinha a desagradável mania de sempre assimilar esse pessimismo.

Os passageiros entraram na balsa. Dominique, Márcio percebeu, estava tão apreensivo quanto ele, decerto porque suas asas não combinavam muito bem com toda aquela água, mas Jadhe puxou-o pelo braço, ralhando: “*não vai querer voar até o continente no meio dessa chuva, vai?*”. Como se ouvindo o comentário, um chuvisco começou a cair, lento e frio. Quando todos estavam finalmente sentados e acomodados o barqueiro entrou, parou na frente dos bancos e falou, um largo sorriso estampado no rosto:

— B-bem vindos à *Nalvim*, mi-minha humilde embarcação. Meu nome é Loberto e vou ser seu gu-gui-ia hoje durante o percurso da i-i-ilha Agerta at-té o primeiro pon-onto de b-bondes em *Zebelim*, no vila-lar-rejo *Tinórcio*.

Pablo olhou para os outros passageiros e segurou-se com as duas mãos no assento, mas Shenu não parecia mais confortável, tampouco Yoná. Diana estava preste a chorar, e Márcio a ouviu questionar o porquê daquela água toda ficar se mexendo pra lá e pra cá. A única pessoa totalmente tranquila era Jadhe, mas ela governava a água e talvez, Márcio delirou, pudesse respirar debaixo dela ou algo assim.

— Ve-vejo q-que alguns de vo-vocês esstão... bem... desconfiados, desse je-jeito de vi-vi-viajar, mas possso garantir sua se-se-gurança. Bom, para-ra isso, eu acho m-melhor... acho que é bom ap-presentar... Melvim, dê um-um alô!

As pessoas apertaram os olhos para ver, na escuridão, o local onde estava o olhar de Loberto. Muitos passageiros além do grupo de Octoforte também não estavam muito confiantes, e isso deu um pouco de ânimo a Márcio. Uma pedra arredondada havia ali adiante, um pouco afastada da praia. O rapaz ficou imaginando qual seria a profundidade da água ali, se iriam bater no fundo, se Melvim estaria naquele pedregulho com algum tipo de barco para puxar a balsa. O vento estava insuportavelmente gelado...

— V-Vamos, Melvim, na-não seja bobo! — exclamou o barqueiro. — M-Melvim é mu-muito tímido, sabiam? Melv-vim... apen-nas dê um alô!

Então Melvim resolveu aparecer. O pequeno morrinho que era aquela pedra redonda de repente começou a crescer e crescer, e então já era uma pequena ilha e a ilha continuou crescendo e subindo, e virou uma montanha muito redonda, que entortou para o lado deles, abriu um olho enorme e sonolento e piscou para os passageiros, a maioria já embaixo de seus banquinhos.

Uma mulher soltou um grito de “Dragão”, mas Loberto sorriu e explicou com sua voz calma e baixa:

— Oh, não-não, não, m-minha querida, dr-dr-dragão não! — e a criatura tornou a enfiar lentamente a cabeça debaixo d’água. — Melvim não é um dr-dr-dragão, é u-uma *Donaeér*, uma tart-taruga ma-marinha gigante. Só ex-xistem

algumas de sua esp-écie no Oceano como Melvim, e s-são mu... mu... muito mansas.

Pablo apertava com força o braço de Diana, que por sua vez estava extremamente pálida. Para uma primeira vez no mar ninguém teria imaginado um transporte tão inusitado.

— Ag-gora, senhores — foi falando Loberto, enquanto sentava-se num banquinho pequeno à frente dos outros — por favor, m-mantenham-se senta-tados e calmos. Em menos de ci-ci-cinco horas essstaremos chegan-ando à praia de Zebelim (só cinco horas? Um barco leva dias!), já in-incluindo as paradas eventuais de M-Melvim p-para pegar fôlego e dêss-cansar. Viajaremos sob a água (cinco horas debaixo d'água?) e vo-vocês vão perce-ceber q-que a viag-gem será tranquila. Essa balsa é pro-o-tegida por magia, por isso, quando entr-rarmos na água nos tornar-remos... hã... impermeáveis... bom, talvez não sej-ja essa a palavra, mas teremos uma redom-ma de ar fresco para respirar. Segurem-se b-bem então, e vamos partir!

Melvim começou a nadar devagar para frente enquanto seus passageiros se encolhiam e se seguravam nas cadeiras. E, enquanto Pablo rangia os dentes, e Diana sussurrava uma prece desesperada a qualquer entidade que pudesse ouvi-la, a tartaruga afundou e levou consigo a pequena balsa nas costas. Márcio segurou a respiração, muitos fizeram isso, estava muito escuro lá embaixo, ele não podia enxergar, iria se afogar, tinha certeza que iria! Pablo também, eles não sabiam nadar, e Diana... Diana estava gemendo de medo!... *Gemendo? E ele ouviu?*

Abriu os olhos. *Hm, por isso estava tão escuro*, pensou, pois com os olhos abertos enxergou a pequena lamparina de luz azulada nas mãos de Loberto. Além dela havia algumas pequenas luzinhas cintilantes e azuis nas bordas da balsa, presas no chão. Olhou para o alto e contemplou, admirado, o oceano lá fora, escuro e profundo, separado deles por um teto transparente. Era como se uma enorme bolha tivesse envolvido a balsa nas costas da tartaruga.

Incrível! Aos poucos os olhos se acomodaram a pouca luz da cabine e então um visual deslumbrante se descortinou diante dos passageiros. A lamparina de Loberto era fraca, mas conseguia iluminar os seres que surgiam mais próximos, e eles apareciam: primeiro recifes de corais fluorescentes, que abrigavam uma diversidade de cardumes de pequenos peixes e enguias coloridas, que saíam curiosas com a grande tartaruga. Os peixes pequenos que chegavam mais perto fugiam depressa quando avistavam a Nalvim presa à carcaça do bicho, mas muitos outros, especialmente os grandes cardumes, não se intimidavam com a presença dos humanos. Eram vermelhos, amarelos listrados de azul, verdes com manchas vermelhas, azuis com a cauda branca. E tinham todos os tamanhos: grandes, pequenos, minúsculos e gigantes, do tamanho de cachorros ou até maiores.

— Poderíamos fazer um belo espetado de peixe aqui! — murmurou Pablo timidamente, os olhos mudando do terror inicial para um ligeiro brilho, e lembrando-se de um tipo de churrasco de peixes no espeto, que Ólie Fauret costumava fazer na Fortaleza quando voltava, carregado de coisas, depois de passar um tempo no Mundo de Bhardo.

— E se o ar acabar aqui dentro? — perguntou uma criança que viajava com a mãe, sentada num dos bancos mais à frente.

— Ah, não-não, não, é por isso que M-Melvim vai à superfície a ca-cada hora, apanhar ar-ar pra n-nós e pra ele também.

— E não podemos ser atacados por... coisas do mar... sabe, tubarões? Ouvi dizer que eles têm uma infinidade de dentes, e a mordida deles estraçalha qualquer coisa com a força de três toneladas, e podem farejar uma gota de sangue em qualquer lugar do oceano, em um raio de quilômetros! — Diana disse, tentando, sem sucesso, não parecer assustada em demasia.

— Oh, mo-moça, vej-jo que c-conhec-ce a litera-a-atura dos humanos! Vo-o-ocê faz part-te do grup-p-p-po que está na ilha, que v-veio de Oc-c-ctofort-t-e?

A moça assentiu com a cabeça, encabulada porque muitas pessoas observaram a conversa.

— B-bom, p-pode fic-car calma. Melvim é mais esp-perto do que vo-você p-pode im-m-maginar, se formos atac-cados, ele saberá lidar com agressores. M-Mas quase nenhum animal marinho se atr-tr-r-re-eve a atacar u-uma *donaeér* — respondeu Loberto, com uma calma quase irreal.

— Onde você conseguiu esse bicho? — perguntou a criança novamente. Era um menino de uns nove anos, com ar curioso e cabelos desalinhados. Sua mãe conversava, despreocupada, com três senhoras cheias de sacolas, que mostravam peças de decoração e roupas produzidas em Agerta que, pelo que Márcio pôde perceber, elas estavam levando para revender em sua cidade natal.

— Melvim, m-meu rapaz, é m-meu amigo. Salvei-o de pi-pi-ratas muitos anos atr-rás, q-quando ele era só um bebê de pouco m-mais de dois metros. É uma longa his-stória. Depois disso, e ele tem sal-alvo minha vida, e eu a dele diiversas vezes, de diiversos modos, nesses meus quarenta e sete anos...

Márcio já não ouvia mais. Passou vários minutos enfeitiçado pelo movimento da água lá fora, como se os peixes o tivessem hipnotizado. Viu enguias flutuando acima dele, e arraías no fundo do oceano acompanhando o desenho das areias; viu estrelas do mar agarrando-se a pedras limosas, e cavalos-marinhos cavalgando entre as algas, e viu medusas se entrelaçando com os recifes, formando cidadelas submarinas quase mágicas de tão belas. À medida que a Nalvim avançava ia mais e mais para o fundo e a escuridão ao redor se tornava onipresente,

e as formas dos animais, mais fabulosas e elaboradas. Era possível enxergá-los um pouco por causa das luzes da Nalvim, mas também porque muitos possuíam uma luminosidade inexplicável: peixes com dentes quase maiores que eles mesmos que avançavam afiados para fora de suas bocas, com glândulas que brilhavam como lâmpadas na frente deles; lulas, que tinham as cabeças do tamanho de um ser humano, com uma luminescência tênue em cada um de seus tentáculos, medusas que pareciam ter filamentos elétricos correndo por dentro de suas cabeças, piscando em vermelho e azul numa vibração estonteante. Pensou na cara que Traylor faria quando ele lhe contasse sobre todo aquele espetáculo, e depois sentiu uma dor incômoda no estômago, ao lembrar de que isso poderia demorar a acontecer. O pior era pensar que o amigo também era soldado do forte, e que só não tinha acompanhado o grupo até Bhardo porque se machucara nos testes para sentinela e ainda estava com a perna imobilizada. Então ele pensou em Nini, em como ela ficaria assombrada com o relato que ele faria daquela expedição, e decidiu que se concentraria em pensar apenas no reencontro, e não na separação.

Tinha caminhado meio inconsciente até a borda da balsa, e observava o espaço preenchido com água escura lá fora. Tentava enxergar a grande tartaruga, mas nada mais podia ver do que parte de seu casco iluminada pelas lamparinas azuis de bordo. Ele não sentia os movimentos dela, talvez por magia, talvez porque ela deslizasse com tamanha suavidade que era impossível percebê-los. Márcio imaginou se, em algum lugar daquelas profundezas, poderia haver uma civilização escondida, como contavam nos livros de aventuras. Estendeu a mão para tocar a parede mágica invisível, a água lá fora passou muito veloz entre seus dedos, como se fosse uma cascata. Sentiu uma mão no seu ombro e, quando se deu conta, o barqueiro e seu bigode de trancinhas afastaram-no da água.

— D-dentro da bolha estamos protegidos, rapaz. Mas, l-lá fora, não há co-como saber o que existe. M-mantenha sua mão aqui dentro, certo?

Assustado, Márcio concordou e nesse exato instante ouviu a voz de Shenu exclamando:

— Ela está subindo!

As bagagens dos passageiros deslizaram para a parte traseira da balsa e ficaram paradas na mureta de madeira. Márcio não permitiu que sua mochila saísse de perto dele, com medo de perdê-la no mar; segurou-a com força nos braços enquanto sombras escuras e velozes amontoavam-se lá fora. O cenário exterior se modificou velozmente: as criaturas sombrias e cheias de luzes se transformaram novamente em peixes e corais coloridos aos quais as luzes da Nalvim podiam alcançar, e outros animais marinhos de formatos mais conhecidos surgiram no campo de visão dos passageiros, ainda que passando muito rápido: baleias, ao longe, tartarugas marinhas — estas, de tamanho normal, peixes enormes e gordos,

e Márcio podia jurar ter visto uma barbatana triangular bem perto. Então os ouvidos dele estalaram e uma súbita mudança na pressão do ar o fez perder o fôlego, e a água se transformou em céu, e as ondas, em nuvens, e os peixes, em estrelas.

SPLASH!!!

Um grande solavanco, e Melvim saltou do mundo submarino para uma noite escura e enlutarada lá fora, e muitos e muitos golfinhos saltaram, graciosos, ao lado da tartaruga, e enquanto Melvim ainda estava no ar eles davam saltos lá embaixo, como se competissem para ver qual seria capaz de alcançar a *donaeér* em seu voo.

As sentinelas puderam vê-lo; Melvim era uma bela e colossal tartaruga marinha de cerca de noventa metros de casco, que ficou imóvel por alguns segundos no ar antes de começar a cair na água. Apontou a cabeça para baixo, totalmente indiferente às exclamações e gritos que vinham das pessoas em suas costas, e com um grande *TCHIBUM* enfiou-se de novo no oceano só para sair outra vez, agora devagar, na superfície.

Era impossível saber como os banquinhos, luzinhas e muretinhas continuavam intactos, com tantas pessoas agarrando-se a eles e caindo sobre eles com força. Shenu perdera o fôlego e lutava para recuperá-lo e colocar-se de pé, pois tinha caído de costas no chão. Muitos pingos d'água respingaram dentro da cabine, deixando as mochilas salgadas e o chão molhado. Márcio estava com os cabelos ensopados e cheirando a peixe, mas não se importou: quando Melvim saltou da água o rapaz quase caiu da balsa, mas ficou preso em alguma coisa no ar que o manteve dentro da cabine. Com certeza aquela era a barreira mágica de Loberto e, apesar de quase ter morrido de susto, isso o deixava tranquilo: pelo menos agora tinha certeza de que não iria se afogar.

— Bem s-senhores, pa-pa-para q-quem nunca viajou com a *donaeér*, s-sei que o primeiro salto é s-sempre um choque — sorriu o pequeno homem. — Melvim é u-uma tartaruga ado-olesscente, mede oitenta e sete metros, ou m-melhor, mais ou menos isso, porque da ú-última vez q-que eu medi ele não q-queria esticar o pescoço. Os a-adultos dessa espécie atingem os cento e cinquenta metros só-só de casco, mas é ex-x-xtremamente ra-raro ver um desses na superfície, porque eles só pre-ecisam respirar realmente de três em três dias.

— E de quanto tempo sua magia precisa para abastecer o suprimento de ar? — perguntou Dominique, um tanto ansioso.

— C-Cerca de q-quinze minutos, rapaz, se q-quiser dar uma volta por aí...

— Ah! Muito obrigado! — respondeu o gênio dos ventos. Foi até a beirada da balsa, esticou bem as asas, que estalaram, pegou impulso e voou como

um pássaro.

Abalados com a saída inusitada de Melvim da água, as três jovens sentinelas que nunca tinham conhecido o Mundo de Bhardo quase deixaram de apreciar toda a beleza do cenário à sua frente. Para o oeste, na direção de Agerta, uma massa revoltosa de nuvens acinzentadas e relampejantes turvava a visão, mas onde estavam o céu estava claro, com restolhos de nuvens cinzentas aqui e ali, salpicando o espaço. Entre elas havia uma quantidade de pontos luminosos tão fabulosos, que Márcio pensou que poderia passar o resto da vida só admirando-os. As constelações preenchiam o vazio do céu como se a caixa de joias de uma rainha antiga tivesse sido derramada no leito cósmico, e ali tivesse encontrado um lugar mais interessante de onde pudesse ser apreciada. Eram tantas estrelas e tão brilhantes, que Márcio teve dificuldade em descobrir para onde devia olhar. Mas uma nuvem moveu-se com o vento, e detrás dela surgiu uma fascinante estrela branca maior que todas as outras. Por um longo tempo o rapaz ficou olhando para ela, até que uma nova mudança nas nuvens descortinou a senhora da noite: *Larehssu*, a pequenina lua branca, a menor das três que existiam em Bhardo, e também a mais luminosa. Nessa noite ela estava em sua majestade absoluta, e sua luz banhava as ondas do mar, que estavam calmas e silenciosas, produzindo um caminho de brilho branco no meio dele, como uma estrada resplandecente sobre as águas para o norte.

— Incrível — exclamou Yoná, enquanto esquadrinhava a balsa com os olhos. — sabe, há muito tempo eu frequentei o Centro de Iniciação Mágica na Cidade Verde, em *Crimehuór*, e tive algumas lições em magia. Nunca soube de alguém que fosse capaz de lançar um encantamento tão poderoso... Com certeza é de nível seis... ou mesmo sete não?

A moça procurou os olhos de Loberto e Márcio o viu sorrir bondosamente:

— Oh, n-não senhorita, e-eu não sonharia! Re-realmente, não sei de ninguém capaz de lançar um fei-ei-tiço desse nível, talvez a famosa Caçadora, ou m-mesmo o rei de Zefim, soube q-que é um bruxo fantástico... m-mas, não, essa m-mágica que eu uso aqui não passa do teste do ní-nível três, segundo as normas de Ylhuah... O que p-produz o efeito duradouro é o ca-asco do nosssso amigo aqui. A Na-alvim tem magia minha e de Me-elvim. Nós s-somos um time-me! — respondeu ele, com uma piscadela para Yoná.

Dominique voltou para o barco. Diana, já mais calma, conversava com Pablo e Shenu a respeito dos animais submarinos que viviam naquele breu, e Márcio só identificava a voz dela na conversa. Jadhe tinha uma expressão felicíssima, não dizia uma palavra, mas seu rosto acusava uma alegria efusiva. Ela, sentinela do elemento água, não escondia o prazer que tinha de voltar para Bhardo.

Dominique também gostava de Bhardo, mas quando pousou ficou olhando para o céu com a cara emburrada, “*um cara com asas não deve estar gostando de estar num lugar sem terra firme para pousar, por mais bonito que seja*”, pensou Márcio.

A tartaruga afundou novamente. Desta vez, Márcio percebeu, estavam indo muito mais fundo do que antes. Os golfinhos que os acompanhavam não conseguiram seguir a Nalvim por muito tempo, tão rápido ela viajava. Depois da terceira hora de viagem o clima sério do início já havia se dissipado, o garoto curioso, cuja mãe agora dormia profundamente, veio se juntar às sentinelas e conversou animado com Márcio e Yoná, enquanto Shenu discutia a política *ylhuahe* com um senhor de aspecto respeitável. Dominique agitava as asas para afastar o calor que fazia na cabine sob a água, para alegria de duas jovens belas, que faziam gracinhas e soltavam risinhos toda vez que uma pena dele roçava o rosto de uma das duas. Jadhe contou histórias sobre piratas e monstros marinhos para um Pablo e para uma Diana meio acabrunhados, mas a todo o momento ela interrompia a narração e lançava olhares furtivos para o colega alado e suas novas amigas.

Já cientes do salto da Nalvim, os viajantes não se assustaram quando a tartaruga deu sinais de vir à tona outra vez. E saltaram, e mergulharam, e saltaram de novo. Parecia que Melvim estava feliz. Na superfície a noite estava clara, não havia sinais de chuva, o céu não podia estar mais límpido, com *Larehssu*, a lua branca, a iluminá-los, transformando as gotículas que saltavam junto com Melvim em pequenas joias rutilantes. Márcio contemplou, maravilhado, as estrelas e a lua no céu, e sentiu um vento gelado bater em seu rosto, trazendo cheiros e sensações que ele desconhecia. Ao seu lado, Pablo e Diana, de mãos dadas, sorriam, entorpecidos como ele.

Com um estrondo alguma coisa saltou da água a alguma distância da Nalvim; para o deleite de Loberto era outra tartaruga gigante, que pulou, girou e caiu novamente no mar com o casco para baixo, só para voltar a saltar segundos depois.

Gaguejando mais do que nunca, o barqueiro começou a explicar como eles eram felizardos por verem uma cena daquelas, pois só havia umas cem *donaeér’z* em todo o oceano do mundo, e que ele mesmo nunca tinha visto nenhuma outra além de Melvim. Disse ainda que elas têm a audição incrível, e podem ouvir alguém chamá-las mesmo a longas distâncias, que vivem de seiscentos a mil anos e só se reproduzem quando estão perto de morrer. De seus ovos, que sempre são dois, nascem um macho e uma fêmea, e os pais se afastam depois que os filhotes nascem, indo para o profundo abismo do Oceano Bruzombo, o cemitério marinho, para morrer e dar seu lugar aos filhos, preservando o equilíbrio da espécie.

— Qu-uando um c-casal se fo-forma, lá dep-p-ois dos cem an... anos do macho, ma-mais ou menos, eles nu-u-unca ma-mais se sep-param e p-p-passam a viaj-jar... A viaj-jar...

— Juntos? — indagou Pablo, tentando obrigar o homem a completar a frase, mas Loberto tinha ficado mudo. Olhava para algum ponto ao longe, sem nem piscar.

Havia um grande barco negro navegando à distância. Não fosse pela lua branca ninguém seria capaz de vê-lo, pois não havia luz em suas janelas, o que fez Márcio imaginar que, talvez, fosse um navio fantasma, comandado por espíritos. Pablo sussurrou ao seu ouvido:

— A outra tartaruga desapareceu...

Márcio não disse nada, aquele navio lhe dava uma má sensação. O barqueiro levou um dedo à boca, pedindo silêncio geral, e ninguém o contestou. Melvim ficara totalmente imóvel, apenas com parte da cabeça fora d'água. Instantes depois, a Nalvim submergiu silenciosamente, e só após mais alguns minutos alguém falou, o garotinho curioso que conversara com Márcio.

— Q-que foi? — Loberto indagou

— Perguntei — insistiu o menino, cujo nome era Feneto — que barco era aquele?

Loberto tinha uma ruga no meio da testa. Estava sério.

— Perdoe — disse a mãe do menino, parecendo encabulada. — Achei que ele fosse muito pequeno para contar essas coisas.

— F-fez bem, s-s-senhora, f-fez bem, m-mas sempre existe um-m-momento para que se desc-cubra em q-que mundo se viive. Meu jovem — ele falou brandamente — aq-quele navio vinha das ter-rras mais d-distantes do mundo, vinha do N-n-n-nepcoutem.

O menino arregalou olhos enormes. As moças que davam risadinhas a pouco agora se encolhiam, de mãos dadas, os pelos dos braços arrepiados. Márcio e as sentinelas prestaram atenção.

— Nepcoutem? Mas o Nepcoutem não existe só depois dessa vida? Para gente ruim, quando morre?

Feneto falou numa inocência tão grande e com tanto pavor que Márcio não pôde deixar de sorrir. Todos os passageiros prestaram atenção à conversa, e parecia que muitas mães costumavam poupar seus filhos de informações indesejáveis, porque a maioria demonstrava tanta curiosidade e assombro quanto o menino. Mesmo entre os adultos havia muita tensão.

— Ah, é s-sim, meu jovem, é s-sim, mas aqui, no m-mundo dos vi-i-ivos, também ex-existe um Nepcoutem. Não-não é “O” Nepcoutem, aq-quele lug-gar para onde vão as al-al-allmas dos maus... Aq-quele barco vem d-de um lugar real,

que p-pert-tence a um rei tirano. Ess-sse rei es-scraviz-z-zou q-quase toda a população p-para q-que p-procure ouro p-para ele no m-meio dos vulcões. O país se chama *Aduna*, mas as pe-pessoas o ch-ch-chamam por es-sse nome hor-rr-rrível de *Nepcoutem*.

— E aquele barco? — perguntou o menino.

— Oh, r-rezo para que você j-jamais venha a c-conhecê-lo mais de perto! Ai-inda bem que na-ão nos viu. O no-nome dele é *Sambuk*. É um m-mercador de alm-mas. Sequestra ma-marinheiros, piratas, banhi-nhistas perdidos na praia e tudo o mais que enco-ontra no mar... dep-pois os vende para ess-sse reino, p-para essas pessoas servi-irem de escravos lá. Vo-você tem a mi-inha palavra, garo-oto, não vai q-querer nunca visitar esse lugar.

A água escura passava rápida sobre a Nalvim lá fora. O próprio Zebarã, fosse imortal ou fosse um título de rei, poderia estar naquele *Sambuk*, voltando para suas terras amaldiçoadas, Márcio pensou. Será que devia se lamentar por seu grupo não ter forças para desafiar o rei tirano nesse exato momento? Ou deveria agradecer pelo mesmo motivo? Com essas dúvidas pairando sobre a cabeça, Márcio viu quando espetaculares enguias luminosas piscaram azuis e verdes lá fora, tentando capturar peixes que irradiavam uma luz vermelha. Seus olhos pesaram...

Bonde para Ylhuah

Havia uma massa disforme de terra à frente, que Larehssu, a menor das três luas que iluminavam Bhardo, mal conseguia tocar. No alto do rochedo um fogo ardia, tingindo de cor-de-laranja as pedras lá em cima, e depois de cinco horas ouviu-se o som da rebentação ao longe, diferente do barulho surdo do fundo do oceano.

O vento úmido passou pelo rosto dos passageiros agitando-lhes os cabelos. A água ficou para trás, salgada e violenta, batendo nas rochas lá embaixo. De repente o grupo se viu sentado em cima de uma enorme rocha ambulante, que caminhava numa extensa faixa de areia. Melvim andava desajeitado, sacudindo a carcaça de um lado para o outro, e cruzou toda a areia até chegar numa parede de rochas. Parou tão perto dela que era possível saltar da balsa, escorregar por uma ponte afixada ao casco e chegar à parede da falésia sem dificuldades. Ali havia uma escada escavada na pedra, cercada de archotes flamejantes, que vinha da praia e levava até o topo do paredão.

— B-bem, s-senhoras e s-senhores, foi um prazer viajar com vo-vocês e tr-razê-los em s-segurança ao s-seu destino. Es-sta é a P-praia do P-porto, no país de Ze-zebelim. Essa p-praia fica nu-uma área des-serta nas cha-chamadas “*Du-u-unas de Mã*”, mas é p-perto do Tin... Tinórcio. Em outra oca-casião ficarei muito satisfeito de comp-partilhar com voc-cês o que sei so-obre Mã, mas vejo que estão todos cans-sados e precisados de terra firm-me — Dominique concordou. — Foi um prazer! B-boa viagem, de ag-gora em diante! E s-sempre que p-precisarem, chamem a Nalvim; sempre enc-contramos quem nos p-procura. Adeus!

Márcio já sentia saudades quando as pessoas começaram a levantar das cadeiras para sair. Pablo não terminara a viagem bem, estava enjoado e verde, e teve que se apoiar na namorada para ficar em pé. Shenu parecia muito agradecido por poder pisar em terra firme novamente e correu para tomar a frente da fila e desembarcar primeiro, mas tanto Jadhe quanto Yoná preferiram esperar todos saírem antes de descer. Um a um os passageiros se enfileiraram e foram descendo da barca para um pequeno patamar no caminho estreito na rocha, alguns apontando e cochichando entre si enquanto Dominique subia voando rapidamente. Márcio esperou até o último minuto, só para poder espiar a tartaruga mais um momento. Melvim parecia curioso e olhou longamente na direção dele, mas então o rapaz descobriu um ramo de uma planta comestível que as tartarugas adoram incrustada na parede, atrás de onde ele estava. Despediu-se com um aceno de cabeça, não antes de apertar a mão de Loberto, que sacudiu levemente a bigodeira e disse num tom profético:

— Em q-qualquer p-praia do mundo, meu rapaz, a q-qualquer momento.

Pablo se apoiava em Diana com uma aparência muito feia. Se houvesse mais luz daria para ver seu rosto mudando de cor, como se tivesse comido alguma coisa estragada, pois agora que descera da balsa parecia-lhe que a terra estava muito menos firme que da última vez em que pisara nela.

— Não acho muito bom fazê-lo falar agora — Diana falou para Márcio, quando este ameaçou perguntar alguma coisa ao irmão. — É para o seu próprio bem. — Márcio não insistiu.

A escadaria terminou num extenso planalto estéril de terra vermelha. Para o oeste, o penhasco de mais de duzentos metros caía numa escuridão sem fim até chegar à areia grossa que formava uma faixa de praia de trinta metros, onde era possível ver o movimento lento de Melvim recolhendo-se ao seu casco para dormir uma boa noite de sono. A água agitada do mar, cintilante por refletir a lua branca em suas ondas espumosas, batia na traseira do seu casco e parecia embalá-lo. À frente havia uma ampla plataforma, com piso em forma de círculo feito de pedras grandes e prateadas. Ao redor dela várias piras queimavam em vasos de barro enormes pintados de branco, com ornamentos em tinta azul representando flores e frutas. Tinham o tamanho de um homem adulto. Eram seis no total e ao lado deles havia outros fogareiros menores: archotes pequenos pendurados em postes finos de ferro de hastes duplas, que clareavam bastante e produziam um calor agradável. Entre um archote e outro, pequenas banquetas de pedra para uma só pessoa estavam dispostas no contorno do círculo.

Márcio suspirou enquanto esquadrihava com o olhar aquele lugar estranho. Havia pessoas sentadas nos banquinhos e, atrás delas, uma vastidão negra se estendia ilimitada. Era incômodo estar entre tantos desconhecidos: no Forte era impossível não conhecer a todos. Sentindo o estômago doer outra vez ele olhou para trás, pensando se poderia enxergar ao fundo, nos limites do mar, a luz brilhante e azulada do portal, como uma tocha final de esperança. Mas não viu nada, e sentiu seu ânimo afundar.

O mais impressionante naquela plataforma eram as duas imensas pilastras metálicas que se erguiam nas extremidades do círculo de pedras. Havia um espaço de uns quatro metros entre uma e outra, e eram grossas e lisas. Na verdade “imensas” era pouco, pois ainda que o céu estivesse estrelado e enluarado, era difícil ver até onde as toras iam. “*Será que os bhardanos viajavam através daqueles pilares? Talvez algum portal se abrisse no meio deles...*”, Márcio devaneou. Além da plataforma, apenas deserto.

— Grande viagem, não é Pablo? — Shenu sorriu, esticando-se e dando um tapinha nas costas de Pablo, que retribuiu com uma careta. — A Nalvim... É,

eu já tinha ouvido falar dela quando estava hospedado na Cidade Laranja, lá em Ylhuah, mas nunca pensei que viajar nela seria tão *agradável*! E aí, você também gostou?

Dominique, perto dos dois, esticou as asas e os braços e respondeu por Pablo:

— Acho que não é saudável ficar tanto tempo embaixo d'água. E estou com fome!

Ouvindo isso, Pablo se agachou com a mão cobrindo a boca, e correu para trás da pilastra mais próxima.

— Jadhe — Diana chamou, esfregando nervosa uma mão na outra. — A Nalvim foi mesmo um *achado*, uma experiência que nunca mais vou esquecer, super-rápida, super-segura, uma coisa mesmo só de Bhardo, mas, daqui, sabe... como vamos viajar?

Jadhe sorriu placidamente.

— Ah, é mesmo! Sempre me esqueço de que vocês nunca estiveram aqui! Bem, Diana, Pablo, Márcio, vocês estão numa plataforma de embarque. Se repararem, essas pedras aqui no chão são magnéticas e há um número nelas, formado pelas pedras mais claras, que é o número da plataforma de embarque. Essa plataforma é a vinte e cinco.

— Daqui partem e chegam os bondes — completou Yoná. — Vamos embarcar no próximo, vai nos levar até a capital de Ylhuah. — Acho que chegamos bem na hora. Ouçam.

Antes que qualquer um pudesse perguntar mais sobre o bonde um zunido cortou o silêncio da noite, levantando os passageiros que tinham se sentado e trazendo Dominique de volta a terra (pois ele estava voando). O zunido virou chiado, o chiado virou barulho, e como um cometa que vem caindo no mundo com um estrondo assustador, muito acima das cabeças nervosas de Pablo, Márcio e Diana, algo grande e pesado veio descendo, arranhando os pilares de metal muito rápido, soltando faíscas perigosas e, pouco antes do chão, reduziu a velocidade e parou, a poucos centímetros do solo, balançando perigosamente para os lados.

Um grande vagão de ferro, com hastes largas que o prendiam aos pilares de espessura maior que a de um homem, parou no meio da plataforma. As muitas luzes dentro do bonde tremeluziram nas faces espantadas dos jovens que o viam pela primeira vez. A porta pesada se abriu e dela saíram algumas pessoas, que logo tomaram uma estrada no deserto que levava a um foco de luz ao longe, provavelmente, pensou Márcio, outra parada de bondes. Havia luzes espaçadas ao longo do caminho, e *Larehssu* brilhava para além das montanhas ao norte, mas ainda assim a estrada era escura, por isso muitos acenderam lamparinas. Várias pessoas apertaram os nós de suas capas de viagem pois, embora não fizesse frio, o

vento cortante trazia um toque gelado. Desviando da visão da pequena lua, que o tinha praticamente hipnotizado, e olhando de volta para a plataforma, Márcio percebeu um rapaz mirrado parado ali perto, um dos pés apoiado num banquinho, tomando notas em uma prancheta e cuidando das vendas de archotes para os passageiros que não tinham trazido suas próprias lamparinas.

— Lá — Shenu falou, exibindo-se — fica a plataforma vinte e seis. Aquelas pessoas vão para o norte do país, para a cidade de *Bellos*, dentro da mata *Dorahim*. E nós — ele vestiu a mochila nas costas — vamos para *I’Jaboris*, em Ylhuah, então vamos nesse bonde até *Dagsháq* e pegamos outro para Ylhuah uma hora depois de descermos lá. É melhor embarcarmos logo, o condutor não vai esperar!

Márcio arregalou os olhos. Se embarcar na Nalvim tinha sido uma experiência difícil, entrar no bonde parecia quase suicídio. A razão lhe dizia que seu medo era desnecessário e irracional, como tinha sido na viagem anterior, mas o resto do seu corpo não reagia racionalmente, e seu pulso acelerou, gotas de suor se formaram em sua testa como orvalho, e sentiu uma leve pontada de dor na temporeira direita, sinal de que sua velha enxaqueca não tardaria a dar as caras. “*Afinal de contas, como esse bonde se locomovia? Será que havia alguma trilha no céu, ou seriam as nuvens de Bhardo mais resistentes que as nuvens de outros mundos?*” Depois de viajar nas costas de uma tartaruga dentro do oceano, ele não duvidava mais de nada.

Shenu conduziu os companheiros rumo ao bonde, comprou as passagens do rapaz do banquinho e entregou-as ao cobrador parado à porta com uma expressão de aborrecimento; puxou Márcio pelo ombro e insistiu que ele entrasse na frente, depois pediu a Jadhe e Yoná que “ajudassem” Diana a entrar com Pablo, o que significava na verdade que empurrasse a moça e o namorado para dentro do vagão, pois ambos estavam petrificados, colados ao chão. Afinal Diana cedeu e subiu os três degraus de ferro como se caminhasse para um altar de sacrifício, logo atrás de Feneto, o garoto da Nalvim, e de sua mãe. Pablo tinha uma expressão cada vez mais enjoada.

Quando entrou no veículo, Márcio percebeu que a cabina dos passageiros não era totalmente presa na carcaça de ferro, ela parecia balançar um pouco lá dentro, como um brinquedo, onde o vagão era bem menor por dentro que por fora, o que o deixou mais apavorado ainda. Havia grandes e grossas janelas de vidro nas laterais, uma portinha no fundo do corredor (que não era muito largo), e muitas poltronas almofadadas, dispostas em duas fileiras de três lugares, com o corredor separando-as. Eram coloridas e velhas, limpas, mas tão desbotadas quanto a pintura amarelada das paredes. Pequenas gotas de cristal luminosas e amarelas pendiam dos cantos das paredes, tão desgastadas que lançavam sombras amarronzadas no

ambiente, causando a desgostosa impressão de mofo. Quando passaram pelo cobrador, este pediu a Pablo que se sentasse numa cadeira ao fundo, e que logo explicaria o porquê.

— Enjoado, não? — Márcio ouviu o cobrador comentar, enquanto seu irmão se afastava para se sentar no lugar indicado próximo à janela. Sentando-se perto de Márcio, Dominique comentou: — Viajei nessa coisa só duas vezes, e foi quando tive que ir de Ylhuah para Dagsháq e de lá até aqui pra pegar um navio, ir até Agerta e atravessar o portal para fazer o teste pra Fortaleza. Pode ter certeza, eu não gostei! Mas é o meio mais rápido de se viajar.

— E agora estamos voltando pelo mesmo caminho que você fez — Márcio comentou e viu Dominique responder dando de ombros.

Quando todos se sentaram e a porta se fechou, um zunido agudo saiu do piso do vagão. “Senhoras e senhores, boa noite, sou seu condutor, Danditi”. — disse um homem alto e gorducho de cabelos grisalhos, que surgiu por detrás do cobrador. “A estimativa de viagem para hoje é de quatro horas até Dagsháq. Temos tempo bom, nenhuma ameaça de chuva e, para aqueles que não conhecem o sistema de viagem do nosso bonde, existe uma grossa camada de espuma-de-coral entre a carcaça e o vagão, o que amortece os impactos da viagem, portanto teremos um passeio tranquilo. Se alguém se sentir mal, existem vagas reservadas na sala lá atrás, que acomodam até cinco pessoas, passando por aquela porta”. E acenou para a porta escura no fim do corredor.

— “Vaga reservada”? — Pablo indagou.

— Banheiro — sussurrou Yoná, ao seu lado. Ela também não parecia gostar muito de bondes.

— Nossa viagem é feita através de cabos de metal que, além de prenderem o bonde, também funcionam impulsionando-o, porque os cabos repelem nosso veículo como se fôssemos ímãs. Eu e meus filhos temos orgulho de dizer que já são mais de vinte e cinco anos de serviços prestados sem nenhum incidente, portanto podem ficar tranquilos. Acomodem-se bem agora, pois vamos elevar.

O vendedor, do lado de fora, se afastou. O apito agudo ficou mais forte, chegando a ferir os ouvidos, mas continuou aumentando até o bonde começar a estremecer. Os passageiros sentiram os pés grudarem no chão; o bonde subiu pelas pilastras seguro pelas hastes numa velocidade vertiginosa, parou lá em cima tão abruptamente que Feneto caiu e bateu a boca na quina de uma cadeira, mas antes que pudesse se levantar o bonde partiu tão rápido quanto um cometa pelo deserto afora.

No fim das contas não foi uma viagem tão ruim assim. Depois que o bonde “elevou” e ganhou velocidade, a pressão na cabine estabilizou-se. Apenas os

mais sensíveis sentiram os efeitos da pressão, como Jadhe, que passou toda a viagem com as mãos nos ouvidos, sem conseguir conversar.

Pela janela Márcio contemplou *Ramadissu*, a grande lua vermelha, surgir no horizonte em quarto crescente, e tocar o deserto de rochas com sua luz, dando a ele a aparência macabra de um mar de sangue. O balanço lento do vagão conseguiu distraí-lo e ele quase não percebeu o tempo passar durante a viagem, salvo por sua dor de cabeça, que aumentou lenta e sadicamente. Também viu surgindo, quase como um borrão, muitas árvores lá embaixo, e então algumas luzinhas aqui e ali, e antes que pudesse perceber o bonde parou bruscamente e desceu uns *não-sei-quantos* metros de pilastras até o chão.

Pouco mais de quatro horas depois de embarcar as sentinelas já pisavam novamente em terra firme, terra que nunca esteve menos firme para Pablo. O rapaz, que passara quase todo o caminho na “vaga reservada”, agora tentava sair pelo corredor sem precisar ser carregado; deixara a mochila com o irmão, mas acabou escorregando os três degraus da saída mesmo assim. Dominique, por sua vez, apertava Jadhe nos braços para ajudá-la a caminhar, pois a moça não conseguia ouvir palavra nem falar tampouco, seus ouvidos doíam muito.

— Vamos passar a noite aqui — ele pediu, quando todos já tinham desembarcado. — Já faz dez horas que estamos viajando, não vamos conseguir ir muito mais longe sem comer ou dormir.

— Se quiserem — chamou uma vozinha infantil. As sentinelas olharam e viram Feneto, o menino curioso da Nalvim que simpatizara com Márcio, segurando uma toalha molhada que usava para limpar o corte no lábio — minha mãe tem uma pensão. Podem ficar lá, eu falo pra ela dar um desconto!

— Feneto! — veio ralhando a mãe — Perdoem-me, meu filho é muito intrometido...

— Senhora, precisamos de hospedagem, e se vocês têm uma hospedaria... — Yoná intercedeu.

— Ora, nesse caso...

O rosto da mulher se iluminou, teria sete hóspedes nesta noite. Sonolentos, os viajantes seguiram-na pela cidade, deixando a próxima etapa da viagem para o dia seguinte.

A pensão ficava bem perto da plataforma, por isso não houve tempo para conhecer a cidade. Era uma construção pequena, se comparada às casas que a ladeavam, apenas uma casinha de um andar, com janelas baixas de madeira clara, ricamente talhada com detalhes arredondados imitando folhagens e flores. As paredes por fora da casa eram revestidas de mármore branco, e muitas eram as lamparinas penduradas próximas à porta de entrada, feita da mesma madeira das

janelas. O telhado era de madeira também. Havia contas-de-luz pendendo do teto pelo lado de fora, refletindo lindamente na pedra das paredes. Quando cruzaram a entrada, os jovens depararam com uma sala ampla, onde um grande lustre de velas pendia do teto. A mulher pediu para que os novos hóspedes se sentassem no sofá de capa de lona marrom enquanto ela acendia todas as velas e Feneto abria as janelas. Em silêncio os jovens esperaram, e levou quinze minutos para que a sala ficasse toda clara e a brisa começasse a arejar a hospedagem, espantando o cheiro de mofo que casas tinham depois de ficarem fechadas muito tempo. Então ela, que se apresentou como Sôhra, pediu para que o filho acompanhasse cada jovem a um quarto, avisando que dentro de duas horas o jantar seria servido.

Um único corredor levava às dez portas para os quartos pequenos, mas muito bem arrumados. As camas eram macias e cobertas com acolchoados grossos e marrons, forrados com espuma-de-seda, um tipo de espuma muito cara e difícil de encontrar, mas que na roupa de cama produzia uma sensação agradável, não muito quente nem muito fria. Feneto preparou o óleo perfumado para queimar em cada quarto; as cortinas estavam fechadas, mas ele abriu as janelas, convidando a brisa fresca da noite eterna a preencher o ambiente. Pelo visto a pensão tinha permanecido fechada por um bom tempo.

Quando o jantar foi servido já havia novos hóspedes: um casal com uma criança de colo. Sôhra teria muito trabalho naquela noite, esquentando água para os banhos de tantos fregueses e preparando o jantar e o café do dia seguinte, mas ela parecia não se importar.

— Na verdade — ela disse — estava com muito medo de não conseguir mais nenhum freguês depois de um mês com as portas fechadas. Eu e Feneto estivemos viajando de férias, pois o maior sonho de meu filho era passar algum tempo no mar, então fizemos uma pequena excursão e visitamos as praias de Algavar, todas lindas! Depois atravessamos o mar e fomos até Agerta só para ver o portal para Cermalháct e voltar na Nalvim, sempre ouvimos dizer que era uma viagem fantástica e impressionante. Por *Dhonmen*, eu jamais imaginaria que Zebarân, o próprio amaldiçoado Zebarân, pudesse sair de seu buraco *exatamente* nesse dia e ir *exatamente* para onde estávamos! Foi Dhonmen que nos protegeu, eu rezei tanto para ele, para que nos fizesse invisíveis aos olhos do bandido! Foi uma bênção sairmos ilesos de lá, pode ter certeza de que não será fácil me convencer a voltar àquela ilha nesta vida... Enfim, fiquei surpresa com a viagem; apesar de ter cochilado um pouquinho, os peixes no fundo do mar são incríveis! Estou cansada sim, mas estive descansando com meu filho por um longo tempo. Agora é hora de trabalhar!

A noite foi agitada sob os lençóis da cama macia. Ainda que estivessem guardados há tanto tempo, Márcio não se incomodou em aninhar-se confortavelmente no cobertor e descansar as costas, que, só então ele percebeu, ainda doíam por causa da luta em Agerta. Seus pensamentos fervilharam quando fechou os olhos; tanta coisa tinha acontecido, tantas novas imagens e cores em sua cabeça! E as cidades eram fantásticas! Tantas casas diferentes, tantas pessoas, tantas luzes, tantos sons e cheiros! Sentiu a cabeça doer forte e seu corpo pareceu afundar muitos metros dentro do colchão: era bom que adormecesse logo, pois só assim acordaria sem nenhuma dor. Ele e Pablo dividiram o mesmo quarto, as moças decidiram ocupar um só quarto juntas, mas Dominique e Shenu quiseram ficar em quartos separados. Apenas no dia seguinte, quando acordou, Márcio ficou sabendo que Shenu quase não dormiu porque teve um ataque alérgico por causa do cobertor, e que Diana acordou metade dos outros hóspedes, incluindo o bebê, por causa de um pesadelo que envolvia um demônio vermelho, o general e a garotinha Ondily, a qual ela ajudava a cuidar.

— Não podemos culpá-la — Pablo disse a Márcio, em defesa de Diana. Quero dizer, nem eu consegui pregar os olhos. Não consigo parar de pensar em Nini, e que deveríamos encontrá-la essa manhã. E agora estamos presos aqui, sem saber se... se elas estão bem...

— É exatamente por isso que as sentinelas são impedidas de ter família — disse uma voz grosseira por trás deles. Era Yoná, que tinha a aparência de quem tinha dormido muito bem. — Ter pessoas “queridas” — ela frisou, em deboche — nos torna vulneráveis. Vocês não trabalham direito.

— E o que é que você sabe sobre isso? — Pablo retorquiu, nervoso. — Você é moradora da Fortaleza há o quê, uma semana? Conhece tudo sobre aquela porção de terra que é Cermalháct porque leu uma porção de livros sobre a história dele, de mil anos atrás? — Pablo foi ficando vermelho e aumentando o tom de voz à medida que falava. — Deixe eu te contar uma coisa: você não sabe de nada! Há mais de cem anos ninguém tenta atravessar ilegalmente; há quatrocentos anos não há uma batalha, e você diz que estamos errados por vivermos tranquilos ao invés de mantermos o clima de guerra? Você, Yoná, você entrou lá atraída por uma ilusão que não existe mais, a de que seria uma grande heroína. Para a sua sorte, essa situação mudou. Mas não venha me dizer que eu, meus amigos e minha família, estivemos vivendo da maneira errada. Só havia fazendeiros em Octoforte até essa travessia pelo portal.

Muito séria, Yoná levou longos segundos para responder, até porque o vozerio de Pablo atraiu a atenção de várias pessoas. Por fim, ela disse:

— Com certeza essa viagem e esse problema não foram coisas que você escolheu para seu destino. Mas é isso que o destino escolheu para você. Acostume-

se. — E saiu emburrada, passando pelos curiosos sem olhar nos olhos de ninguém.

O desjejum foi farto com uma variedade de frutas e pães que Sóhra tinha comprado no mercado da cidade, pois não teve tempo de cozinhá-los ela mesma. Havia rosquinhas açucaradas, pães-de-ló, pães-de-mel, bolos de laranja e limão, torta de laranja e sucos de todos os sabores, inclusive caldo-de-primavera e chá mate. Márcio achou que Sóhra não devia ter dormido nem um minuto para conseguir arrumar tantos mimos como aqueles, e desejou que o atrito entre Pablo e Yoná não tivesse acontecido, pois seu estômago estava doendo desde então. Pensando bem, desde a conversa com Ártemis no *Meritsiu*, seu estômago andava estranho quase o tempo todo. Porém, com tanto capricho e com tantos quitutes desconhecidos, tanto ele quanto Pablo e também Yoná se acalmaram, e comeram bastante.

Quando estavam satisfeitos e prontos para partir Shenu encarregou-se de pagar a conta e se despediram da anfitriã. Feneto decidiu acompanhar os viajantes até a plataforma de embarque enquanto conversava mais alguns minutos com Márcio, e se fazia de guia do grupo.

Dagsháq era uma cidade muito grande e muito limpa. Ficava numa região plana e, como as ruas eram largas, era possível enxergar por elas até muito longe. Seria impossível conhecer a cidade toda em meia “manhã”, e o bonde que teriam que tomar saía bem cedo da plataforma. Mas mesmo com o tempo curto, Márcio correu à frente e acompanhou Feneto até uma lanchonete que ficava em frente à plataforma. Sentaram-se com a intenção de tomar apenas um chocolate quente, porque não sobrara muito espaço nas barrigas depois do café da manhã, mas ao pegar o cardápio o rapaz descobriu que não conhecia nada daquela comida e que tudo era muito caro por ali. O desconto que o menino conseguira na pensão da mãe não fora tão grande assim. Márcio suspeitava que, se em todas as cidades que passassem as coisas tivessem o mesmo preço dali, o dinheiro que ele e os amigos haviam trazido, e que achavam que era muito, acabaria em pouco tempo.

Todas as casas pareciam feitas de joias, com paredes revestidas de metal polido, pedrinhas brilhantes que refletiam as luzes dos muitos postes brancos, vidro espelhado, e qualquer material que cintilasse. Era impossível descobrir o que produzia tanta luz dentro dos globos pendurados aos postes, pois o vidro era fosco. E, antes que Márcio pudesse analisar melhor, e tendo tomado apenas um leite cremoso na lanchonete, o restante do grupo já os tinha alcançado e acenava para Márcio chamando-o, pois o bonde acabara de chegar.

Como um amigo de muito tempo, Márcio se despediu de Feneto, desejando muita sorte ao garoto, e correu para a plataforma.

O novo bonde era muito mais imponente que o primeiro; se tivessem conhecido este antes, ele, o irmão e Diana não teriam ficado com uma impressão tão ruim das viagens em Bhardo. Sua carcaça era de metal pintado de vermelho, o vagão tinha linhas arredondadas e era extremamente brilhante, com o dobro do tamanho daquele que tomaram no deserto. Nele embarcaram muitas pessoas, todas muito bem vestidas, com capas e capuzes de tecidos finos e tom sóbrios. Quase todas as mulheres usavam joias com muitas pedrinhas brilhantes e coloridas — rubis, esmeraldas e turmalinas — que eram tantas que pareciam ter crescido em árvores. O interior era extremamente belo e limpo e Márcio notou que havia uma espécie de amarra nos bancos para evitar quedas. As poltronas eram todas novas, revestidas de tecido preto elegante, e diferentemente daquele que vinha das Dunas de Mã, cujas luzes vinham de lamparinas a óleo, ali as luzes vinham de esferas de luz branca, como as dos postes na rua, porém em tamanho menor.

Pablo não falara quase nada desde que descera do primeiro bonde um dia antes, mas parecia que este aparelho, ainda que mais bonito, não lhe causava mais segurança, pois foi se sentar na poltrona mais próxima da vaga reservada. Yoná fez careta na hora de pagar, a passagem era quase duas vezes mais cara que a de um bonde comum.

— Senhoras e senhores, peço que, por favor, mantenham-se sentados e não soltem as correias até que estejamos estáveis no trilho acima. Os banheiros ficam no fim do corredor, as janelas não podem ser abertas, por favor, não insistam. Nossa previsão de viagem até *I’Jaboris* é de duas horas e quarenta e cinco minutos. Boa viagem.

Astur

Dominique estava se sentindo muito especial; ele percebia que metade das pessoas, tanto na cidade quanto dentro do bonde, o encaravam com curiosidade, e a outra metade evitava deliberadamente olhar para ele. *“Esse é o problema de ser uma lenda viva”*, ele disse a Márcio, gabando-se. *“Todos te olham como se você não pudesse existir, e os que não te olham assim, fazem força pra fingir que não estão te vendo”*. Então tirou de dentro da mochila um baralho que tinha comprado durante a breve visita a Dagsháq, numa casa de jogos que ficava ao lado da lanchonete onde Márcio parara para tomar café, e começou a embaralhá-lo. Sentou-se perto de Márcio e Shenu, e acabou se perdendo no tempo numa aula sobre jogos de cartas para Márcio, que gostou do passatempo, enquanto Shenu perdeu o interesse rápido e passou o resto do caminho fazendo piadinhas sobre o enjoo de Pablo.

Quando saltaram na plataforma de pedras brancas com números pintados de prata, as ruas estavam apinhadas de gente, mesmo sendo apenas nove horas da “manhã”, segundo o relógio de bolso de Dominique. Pessoas de vestes coloridas caminhavam rapidamente, casas de vários tamanhos se amontoavam do outro lado de uma rua larga, onde carroças gigantescas, puxadas por animais maiores ainda, passavam de um lado para o outro. Márcio comprou um folheto sobre a cidade de um mercador que vendia seu produto próximo das plataformas — porque ali eram três, uma quase colada à outra, e cada uma levava a um destino. Banquinhos havia muitos, numa praça grande e redonda construída em volta das plataformas para que as pessoas pudessem esperar confortáveis.

I’Jaboris, cidade cujo nome quer dizer “movimento constante”, na língua antiga, era uma cidade enorme, considerada por muitos não só o centro de Ylhuah, mas também o centro do mundo. Lá tudo acontece, a vida renasce a cada dia, e aqueles que querem uma vida segura e pacífica vão lá procurá-la, pois o país de Ylhuah foi fundado nos tempos antigos por refugiados de guerras que procuravam uma vida de paz.

Seus postes possuíam luminárias a óleo, mas a diferença é que ali cada poste tinha oito lâmpadas penduradas por hastes, como um belo guarda-chuva luminoso. Mesmo no breu da noite, que estava ainda mais escura por causa de uma cobertura de nuvens, podia-se enxergar ao longe.

Havia árvores por todos os lados, todas enfeitadas com lamparinas e espelhos, porque os *ylhuahe’z* gostavam muito de luz. As ruas eram pavimentadas com pedras brancas e tinha muita gente passando por elas, gente a pé, gente em carroças, gente com asas removíveis nas costas — um tipo de veículo local

moderno que deixou Dominique ligeiramente frustrado: naquela cidade ninguém ficaria encarando-o muito tempo. Não eram ruas muito limpas, mas Dominique só tinha visitado I’Jaboris poucas vezes em anos em visitas curtas, por isso hoje ele não só não conseguia perceber os problemas do lugar, como não parava de girar a cabeça em todas as direções, tentando captar o máximo que podia de tudo ali. Várias vezes ele apontou uma coisa ou outra interessante para Jadhe, coisas que sabia que ela gostaria de ver, como o vendedor de bijuterias feitas com sobras de couro e pedriscos, ou um sebo com livros de capas elaboradas expostas à porta. Ela, apesar de não ter a mesma paixão que ele por cidades e multidões, também não podia negar que muitas das coisas das quais ela mais gostava podiam ser encontradas ali.

Segundo Yoná, teriam que viajar ainda até Crimehuór de bonde e, de lá, continuar a pé até a aldeia em que ela nasceu para, só depois, seguir para o templo em que ficava guardada a Cuzpola. Havia um único bonde que viajava até as bordas de Crimehuór, até uma vila chamada de “*Ante Siliú*” porque ficava antes do rio Siliú, que ficava na divisa entre Ylhuah, Namor n’Chivin e Crimehuór. Como descobriram na Plataforma de Embarque, este único aparelho estava em vias de ser desativado por falta de passageiros, e enquanto ainda funcionava só tinha um horário de partida, no final das horas da tarde, então as sentinelas aproveitaram o dia para passear pela cidade.

Andaram um bocado pela cidade juntos sem comprar nada, mas depois de algumas horas decidiram procurar um lugar para almoçar, já que Shenu consultou seu relógio de pulso e informou que passava da uma hora da tarde, embora, com o estômago roncando, Márcio não precisava que lhe dissessem isso. Diferente de Dagsháq, ali tudo era muito mais barato e Márcio entendeu que, afinal, não era que ele que não conhecesse o cardápio bhardano, é que na capital de Zebelim as coisas eram diferentes. Ali, numa lanchonete aconchegante, que tinha poltronas estofadas no lugar de cadeiras e mesinhas de palha para acomodar grupos pequenos, os viajantes de Octoforte puderam saborear pães-de-queijo recheados com grossas fatias de queijo derretido e petiscos de *buffho*’z — um animal muito grande e de pelo marrom, que auxiliava no transporte e tinha carne macia. Márcio pediu um caldo-de-verão, mesmo com Yoná o prevenindo que causaria sono, pois nele iam ingredientes como maracujá e extrato de *lípa*. Sem dar ouvidos a ela ele bebeu, lamentando, depois de sair dali, não ter ouvido o conselho da colega, pois passou o resto do dia com olhos pesados.

De uma loja Shenu comprou todo o estoque de pães-de-mel, e o primeiro ele deu nas mãos de Jadhe. Dominique, um minuto depois, voltou de uma loja de sucos trazendo uma garrafa com três litros de caldo-de-cana, oferecendo aos

amigos enquanto eles se sentavam ao redor de mesinhas numa das praças da cidade, e mostrou-se interessado em saber por que Shenu tinha dado pães-de-mel para Jadhe e não para o grupo todo.

Das árvores da praça pendiam maçãs e mangas, mas ainda estavam muito verdes para serem colhidas.

— Em toda época de colheita os moradores fazem um mutirão e apanham as frutas — Shenu explicou. — Depois as distribuem numa grande feira livre. Quem menos pode leva mais. E sei que aqui em I’Jaboris ninguém nunca reclama de fome ou de nada parecido.

— Oh, aqui não senhor. Só se morre de fome naqueles países loucos do oeste — disse alguém.

A voz vinha de trás de uma árvore, de alguém que estava encoberto por sombras. De quem se tratava não era possível ver, mas Nique e Shenu se puseram de pé, desconfiados.

— Auto lá, que alerta é esse? — perguntou o estranho, cheio de desdém. — Por acaso não reconhece mais o próprio sangue, andarilho?

O homem saiu debaixo da árvore e a luz de um poste próximo o banhou. Tinha um semblante jovial e alegre, mas seu olhar maduro denunciava que era mais velho do que aparentava.

— Astur! — Shenu exclamou e, num instante, correu para o estranho e cumprimentou-o com um caloroso abraço. — Por *Dhonmen*, há quanto tempo! Não acredito que é você mesmo! — então, voltando-se sorridente para os companheiros, disse: Pessoal, este é Astur Argottem, meu irmão!

— Irmão?

— Você nunca mencionou um irmão... — Yoná falou, desconfiada.

— Ah, não tive tempo! E ninguém me perguntou, também — Shenu respondeu. — Eu tenho *dez* irmãos! E este é o primeiro de todos, aquele que primeiro saiu de casa pra pôr o pé no mundo e tentar a sorte como andarilho. Deixe-me apresentá-los!

Cordialmente, Astur estendeu a mão a Dominique, cumprimentou Pablo com um tapinha nas costas, em Márcio deu um abraço e beijou as bochechas de cada mulher. Sorria, e seu sorriso parecia contagiante; num minuto, Márcio já simpatizara com o homem que, sem cerimônias, sentou-se à mesa com eles, colocando um pacote de roscas de açúcar recém assadas na mesa e tomando o copo de caldo-de-cana de Shenu.

— Soube que se alistou em Octoforte, Shenu, e que conseguiu o cargo de sentinela... Mas não sabia que lá as pessoas eram tão desanimadas. Quanta seriedade! As pessoas estavam comentando lá atrás.

— Estavam, é? — Pablo olhou para os lados, inquieto.

— Deve ser por causa da viagem de bonde. Esses veículos não nos fizeram muito bem... — Diana explicou, alisando o cabelo de Pablo.

— Estivemos em um funeral há poucos dias — disse Jadhe, serena.

— É verdade, é verdade — disse Shenu. — Estamos cansados da viagem... Mas também estamos em missão, sinto muito, mas não vou lhe contar o que é, mas me canso de dizer que é melhor olhar as coisas pelo que temos a ganhar pela frente, e não pelo que perdemos atrás.

— Ah, Shenu tem razão! Que seria do mundo se todos os que perdem seus entes queridos fechassem os sorrisos pelo resto de suas vidas? Não vamos falar de funerais, vamos falar de aventuras! Como vão as suas, meu irmão? Está numa missão, heim?

— Bom, Astur, desde que entrei na Fortaleza não saí mais de lá, não é permitido! — exclamou Shenu, um quê de inconformismo fingido na voz. — Mas, agora estamos mesmo numa jornada. Estamos esperando um bonde para as bandas de Crimehuór.

Yoná ajeitou-se no lugar. Apesar de estar irritado com ela, Márcio compartilhou do receio que ela teve no momento: *será que Shenu contaria ao irmão o segredo da missão deles?* Mas, no instante em que olhava para ela, algo estranho aconteceu. Yoná enrugou a testa, fitou Márcio por um momento, uma expressão intrigada na face. Ele retribuiu com um levantar de sobrelance, e percebeu que Jadhe os observava de forma estranha também. Mas Astur continuou a falar, e os três voltaram seus olhares para ele, Yoná parecendo ainda mais desconfiada.

— Mas não é nada parecido com seu trabalho de andarilho, não é? — perguntou Astur. Inclinou-se para frente abaixando o volume da voz, fazendo com que todos se inclinassem para perto dele para poderem ouvir. — Quero dizer, vocês não estão procurando nenhum tesouro, estão?

— Por que pergunta? — Yoná questionou de supetão.

— Bom, é que uns poucos andarilhos que sondaram por aqueles lados descobriram um templo misterioso no começo do deserto... faz um tempo... E, bom, sei que Octoforte é um lugar para quem procura tesouros... — disse, e em seguida acrescentou, deparando com olhares de dúvida e deboche — pelo menos é o que todos dizem! Achei que seria uma missão interessante procurar o tipo de tesouro que todos querem, sabem? Aqueles mágicos e perigosos, difíceis de achar. Quando você mencionou Crimehuór, me lembrei desse templo.

— E que templo é esse? — Shenu indagou com um brilho nos olhos.

— Um templo antigo, com cara de ruína... Mas que de ruína não tem nada. Eu estive lá, um tempo atrás... Antes de nascer minha filha. Foi minha última investida de andarilho, tentar arrombar aquele templo. Achei que não

existisse nada o protegendo, mas me enganei. A magia ali é muito poderosa. Quase morri. Só depois descobri que muitos sabem da existência dele, mas ninguém conseguiu entrar lá, nem descobrir o que ele guarda.

— Interessante... — suspirou Dominique. — Mas não vamos caçar nenhum tesouro. Estamos atrás de outra coisa. Vamos para perto do lago Borel, no meio da mata, onde não tem nenhum templo... E sei que não tem porque eu vivi lá.

— Não, não é perto do Borel mesmo...

— Mas por que perguntou sobre esse templo misterioso, Astur? — Jadhe perguntou, com sincero interesse.

— Achei que esse fosse o tipo de serviço que faziam em Octoforte, quer dizer, agora que ninguém passa mais por lá, a Fortaleza não tem muita utilidade como vigia, não é? Já perdi um irmão e um pai... Não tenho vontade de perder mais um irmão, mesmo um desnaturado como Shenu que só dá notícias quando nos encontramos com ele por acaso pelo mundo. Mas, pelo menos, ele manda presentes para meus filhos!

Shenu abriu um largo sorriso.

— Dinaíça, Elarméct, como estão? Faz tanto tempo!

E assim seguiu-se a conversa, até que o bonde chegou. Despedindo-se do novo colega, Márcio embarcou no vagão, Shenu logo em seguida.

Era uma sala escura e circular. No centro uma grande fogueira de chamas laranja ardia no chão. Um homem estava parado diante dela. Tinha acabado de chegar. Apreciou por um momento a dança do fogo, que apesar de grande e quente, não iluminava muito. Tirou algo das vestes negras e longas que usava, e atirou ao fogo. As chamas ficaram vermelhas e escuras, e subiram dez metros acima.

— *Gouty kamare ulon ramaddron* — sibilou o sujeito.

A coluna de chamas se contorceu e espiralou, engrossou e espalhou uma densa fumaça preta que impregnou toda a câmara com cheiro de enxofre. E a fumaça tomou forma — torcida, comprimida entre o teto e o chão, formou-se a comprida cabeça de um dragão. Lentamente seu corpo se materializou das chamas: era vermelho, chamuscado de preto. Seus olhos eram como topázios e sua barba e suas barbatanas tinham a cor da noite, sua cauda ardia em chamas púrpuras. Iluminadas pelo fogaréu, as escamas de seu peito reluziam douradas. E o dragão abriu suas seis enormes asas vermelhas e negras e equilibrou-se sobre dois de seus quatro pares de patas e empertigou-se:

— Quem ousa interromper o sono de Decaiko, Imperador dos Dragões Vermelhos? — bradou a gigantesca fera.

— *Ulon Decaiko*, então não me reconhece? — disse o homem, e sua voz era fria e austera.

Um longo tempo se passou até que o dragão respondesse. O homem sentiu em suas próprias veias o desgosto que o gigante sentia ao vê-lo novamente.

— Macrux? — o dragão respondeu, relutante. — É mesmo você, Macrux?

O homem derrubou o capuz e descobriu seu rosto redondo e jovem, de nariz afilado e boca fina e descolorida, frio como frias são as geleiras de Blando, tão rígido como a mais dura rocha. Seu cabelo era encaracolado e da cor do cobre, e estava comprido passando um palmo da altura de seus ombros. Seus olhos eram grandes, mas o mais impressionante neles era o vazio: onde deviam estar as íris coloridas em globos brancos havia um negrume líquido, como se suas órbitas estivessem consumidas por petróleo.

— Perdoe-me, Macrux — murmurou o dragão, e já não tinha a mesma imponência. — Compreenda... Os boatos... O tempo que se passou... Todos acharam que você estivesse morto.

— Morto — Macrux pareceu divertir-se. — Como eu estaria morto e você ainda vivo? É minha magia que te prende ao mundo físico, ancião. Será que não vê minha maior magia espalhada em todos os lugares desse mundo, todos os dias?

— Há lugares em que ela já está enfraquecida, meu senhor. E quanto a mim... Há tanto não desperto! Cheguei a crer que minha alma tivesse se desprendido da carne depois de todo esse tempo... — respondeu o dragão, parecendo desgostoso com o próprio pensamento.

— Minha magia decaiu, faz muito tempo desde a última vez que estive aqui. Mas eu voltei. Voltei para meu mundo e voltei para ficar. Decaiko, é chegada a hora em que você honrará o juramento que me fez. Será capaz de honrá-lo?

O dron respondeu tão rápido, que pareceu ter sido espetado com a ponta de uma lança em brasa. Um fulgor violento surgiu em seus olhos e uma rápida labareda saiu de sua garganta quando ele disse:

— Mas é claro, meu senhor!

— Esteve atento ultimamente? Pedi que estivesse.

— Percebi a estranha atitude de Zebarân, se é sobre isso que o senhor fala.

— Zebarân está agindo sob minhas ordens, do contrário jamais sairia das terras dele.

O dragão pareceu surpreso. Enrugou as sobrancelhas e, com cuidado, pesando cada palavra, perguntou:

— E quais são seus planos, senhor, se me permite saber?

Macrux encarou Decaiko olhando-o nos olhos, da forma como nenhum mortal conseguiria fazer, pois conseguia se fazer maior diante de tal gigante rei dos

Dragões Vermelhos.

— Já faz muito tempo que deixei o Mundo de Bhardo. Parti para terras longínquas, moradas de povos mais primitivos, reinos mais rudes, tornei-me senhor desses povos. Parti... e, ao retornar, o que eu vejo? Vejo que meu próprio mundo me esqueceu! Minha maldição irá perdurar sobre essa gente até o fim de meus dias, mas mesmo dela esse mundo já se esqueceu. Continuam vivendo batalhas e guerras imbecis, despreocupados e alienados. Meus planos? Pensei em sua sugestão da última vez em que estive aqui. Quero agir novamente, e conquistar meu lugar por direito. Quero sentar-me ao lado dos Senhores, e desfrutar com eles o banquete dos imortais. Quero esmagar esse mundo com uma só mão, fazê-lo estremecer diante de mim, e ver minha sombra se estender até os lugares mais brilhantes de Bhardo.

— Senhor, o senhor veio convocar o Exército Vermelho?

— Ainda não, *dron*. Seu exército será o último a atacar, e o primeiro a ser declarado vitorioso.

— Mas, senhor... — Decaiko parecia receoso de tomar a palavra — se seus planos se concentram naquele trono... Não é certo que não precisa de nossa ajuda? No final sua vingança não é contra tudo o que há em Bhardo?

— *Ramaddron* — o homem disse, uma expressão indescritível no rosto — Uma vez eu lhe disse que jamais esqueceria o que fez por mim. Por minhas mãos Bhardo deverá reconhecer a superioridade daqueles a quem teme. Sim, farei o mundo sofrer... Mas aqueles que já sofreram por muito tempo deverão conquistar o que lhes pertence. Seus dragões têm sido caçados e escoraçados do mundo, perseguidos até a morte e, mesmo sendo tão maiores e mais fortes, eles não revidam, pois sabem quantos podem matar de uma única vez. Há outros como vocês; não dragões, mas criaturas nas mesmas condições, que por sua complacência com os homens têm sido punidos com a morte e a reclusão. Pois eu os libertarei da ética que os Senhores lhes impuseram, e os deixarei revidar. Darei esse mundo a vocês. Só precisam ter paciência.

“Por enquanto a ajuda de que preciso é simples. A primeira parte de meu plano foi um sucesso. Zebarân cumpriu-a bem. Aquele que poderia pensar em algo para barrar a magia, o general de Octoforte, está morto. Nesse mundo não há ninguém com poderes para superar a magia que está no portal; mas ainda existem os *Crimedéct’z* e todos eles juntos possuem esse poder. Se algum mortal conseguisse uni-los e por um milagre descobrir o encantamento inverso, meu plano ficaria comprometido, com um pequeno defeito, e eu quero que ele seja perfeito”.

— O senhor deseja então que eu destrua os Objetos Supremos?

Macrux esboçou um sorriso no canto do lábio.

— Ingênua ignorância! Nem mesmo eu poderia destruí-los, são poderosos demais! Não foram criados por magia comum, são especiais de uma

forma que não há comparação nesse mundo. Não, sua ajuda será mais simples. Preciso que mande um dos seus *dron'z* até *Lherád*, onde está o Medalhão dos Elementos. Com os outros objetos eu não creio que tenha que me preocupar.

— Será como quiser, meu senhor.

— E mais uma coisa: destrua as linhas de sustentação. Todas elas, de todas as regiões. Não deixe nenhuma em pé.

Dessa vez o fio de energia que correu pelos braços e costas de Macrux era pura excitação, o sentimento que Decaiko teve ao ouvir aquele pedido.

— Oh, sim, senhor — o dragão contorceu o rosto, num sorriso grotesco. — Como quiser, senhor!

— Faça seu melhor — disse o homem, girando nos calcanhares.

Num instante, já não estava lá.

Pela janela as montanhas assomavam ao longe, negras à noite eterna. O bonde cruzava veloz o deserto, ainda mais desolado visto de cima. Dominique tinha o rosto colado ao vidro, imaginando se seria capaz de chegar mais rápido à cordilheira voando por conta própria.

Dominique achava que era o único que conservava alguma energia para gastar com bom humor. Um silêncio mórbido pairava entre os viajantes e nenhuma frase dita tinha mais que três palavras: “*noite escura...*”, “*tempo feio...*”, “*como está quente!*”. Após uma breve discussão sobre Astur o assunto tinha voltado ao perigo do caminho que tinham que trilhar, e à quase morte de Verônica. Shenu tinha ficado inquieto com o assunto, mas Yoná, com seu inexplicável mau humor, parecia mais zangada do que assustada. Diana, que sem sombra de dúvida era a que mais sentia a falta da amiga, franzia a testa e não conseguia conter os suspiros a cada vez que mencionavam o nome dela, e Márcio e Pablo, sempre que isso acontecia, guardavam um silêncio respeitoso que, para Dominique, era quase uma tortura. Então, escolhendo bem as palavras, o gênio começou a falar, sentindo-se um pouco culpado por estar excitado com a viagem.

— Olhem, sei que estão todos abatidos, mas ninguém do nosso grupo morreu! Quero dizer, a sua amiga não está conosco, mas vai ficar bem cuidando dos soldados. Pensem, pior seria definhar até a loucura como aquele velho, Mayala! — e virou-se rapidamente para a janela, sentindo o olhar gelado de Yoná. — De qualquer modo seria bom se vocês aproveitassem a estadia aqui em Bhardo, essa é a terra natal de todos nós! — falou, e nesse momento encarou Pablo e Márcio, sentados bem diante dele. — Ora, vocês também nasceram aqui, a única pessoa a quem Fauret já deu abrigo e que *não é bhardana* é justamente a tal gárgula, Verônica! E vocês nunca visitaram o seu mundo, isso é deprimente! — então, desamparado, pediu socorro: — Jadhe, fale alguma coisa!

— Alguma coisa... — disse ela vagamente, parecendo hipnotizada pelos borrões de claridade lá fora.

— Jadhe!

— Que é? Desculpe, eu não tenho nada pra falar. Gosto do nosso mundo, é lógico. Só fui trabalhar em Octoforte porque a mestra achou que devíamos tentar, que a profissão seria boa, não muito arriscada, paga bem, essas coisas. Ela não nos deu muitas opções, você sabe disso, era isso ou nós dois viraríamos relojoeiros, o que é uma profissão valorosa, mas sem nenhuma emoção. Estou feliz por estar aqui, mas não gosto de bondes, muito menos de estar em um deles sobre este deserto.

Com certo desapontamento por não conseguir o apoio que desejava, Dominique ficou olhando para Jadhe, que fazia massagem perto dos próprios ouvidos e apertava os olhos a toda hora. Shenu achou graça na cena e a risada dele fez Márcio rir também, mas Yoná permaneceu carrancuda.

— Bom, ela está feliz do jeito dela... viram, não sou só eu!

— Nique — Márcio interveio com a voz rouca — nós três (ele abarcou a si mesmo e a Pablo e Diana num gesto) estamos bem nervosos, você deve imaginar! Minha cabeça não para de doer porque não consigo parar de relembrar cada detalhe de tudo o que vimos até agora! Mas acredite cara, — acrescentou baixinho, abaixando-se para falar — estou adorando!

— É, mas... será que não passou pela cabeça de vocês as circunstâncias em que nos encontramos? — Pablo questionou, com cara de enjoo. — Essa viagem pode durar anos, deixamos nossos soldados numa ilha e estamos desafiando a vontade desse rei terrorista. Espero sinceramente que ele jamais suspeite das nossas intenções, aliás, nem de nossa presença aqui.

— Ora, não vamos contar pra ninguém! Ele não vai imaginar que tem alguém tentando desfazer o feitiço dele se ninguém contar! — disse Shenu. — Nem sabemos se Zebarân sabe que estes Tesouros são reais, eu não sabia... E também não sabemos o que ele quer, talvez o plano dele não seja tão importante assim! Ele nunca vai imaginar que um bandinho de moleques atravessando um punhadinho de lugares pelo mundo estaria numa busca tão improvável contra ele. Nós temos a vantagem! Teremos uma bússola, coisa que eu nunca tive em minhas andanças. Sabem, era muito complicado ficar me guiando por mapas pessoais, feitos por pessoas que nunca ouviram falar em cartografia. Na época em que os mapas mais antigos foram feitos, o mapa de *Kenrilóh* nem existia!

— Que mapa é esse de *Kenrilóh*? — indagou Diana, interessada pela primeira vez na conversa.

Shenu respondeu logo e Dominique ficou empolgado que estivessem conversando novamente; não estava acostumado a ter companhias tão caladas.

— O mapa do mundo usado até hoje. Kenrilóh era um visionário, quer dizer, ele tinha o dom da visão, sabem? Levou quinze anos para elaborar o mapa todo. Mas isso faz muito, muito tempo. O pobre coitado morreu depois de terminar a tarefa.

— Morreu como? — Diana quis saber.

— Exaustão, eu acho. No fim, usou todo o *mac* do corpo para concluir a tarefa e enxergar todos os detalhes do Nepcoutem, que, como vocês já entenderam, é protegido por magia poderosa. O mapa original tem quase quatro metros de largura por três de altura, e está guardado na Biblioteca do Patrimônio Mundial, em Zebelim. E, mesmo sendo tão impressionante, há quem diga que várias coisas estão fora de seus lugares ou de suas proporções.

— Interessante — Diana comentou, mas logo o silêncio voltou a reinar entre os passageiros, para desgosto de Dominique, que apanhou novamente seu baralho e ficou passando as cartas de um lado para o outro. Márcio nada falou, mas ficou olhando o movimento das mãos do gênio com interesse, e Dominique percebeu que o colega estava mais feliz do que preocupado. Pela primeira vez na vida, dentro da cabine daquele bonde, Márcio devia estar sentindo liberdade, mesmo com todas aquelas ameaças.

Foi depois de dez minutos que Shenu tornou a falar, quase num murmúrio.

— Mesmo assim, ainda estamos em vantagem...

Yoná olhou para ele rapidamente. Shenu se assustou; mesmo para os padrões de Yoná, ela parecia brava demais.

— Que vantagem, andarilho?

— Ora, Yoná, *ele* não sabe de nada sobre nós, teremos uma bússola, será uma grande aventura!

— Aventura o quê, Shenu!

— Aventura sim, não vamos correr perigo!

— Como não?

— Teremos a bússola! É só evitar os caminhos difíceis!

— Shenu, abra os olhos! A Cuzpola é um instrumento, nos mostra onde estão as coisas que procuramos, mas não nos mostra o que devemos fazer para encontrá-las! Ah, Shenu, você acha que eu não sei o motivo que te levou para Octoforte?

De repente, todas as sentinelas estavam encarando o andarilho de Bhardo com um interesse inesperado na conversa.

— As lendas sobre os mapas de riquezas que estariam guardados em Octoforte correm todos os cantos do mundo, moço! E a maior ambição de qualquer andarilho é encontrar ao menos um Objeto Supremo, sei disso também! Agora te

dou o mapa para o maior tesouro que você jamais sonhou em ter, todos os objetos que você procurou a vida toda, não é isso?

Um brilho fugaz luziu nos olhos negros do rapaz, uma mistura de cobiça e triunfo.

— Mas me deixe perguntar: você realmente acredita que eles nunca foram encontrados?

— Bom... — Shenu gaguejou. Os colegas olharam ansiosos dele para Yoná. “*Ela realmente tinha o dom de provocar atritos*”, Nique pensou. — O Lampejo dos Desesperados já, não é, está com Ártemis, certo? Mas ninguém, além de Ártemis, teria a capacidade de encontrar um Tesouro desses e deixá-lo nas sombras. Qualquer um faria alarde da descoberta, ficaria rico e poderoso...

— O mundo é vasto, mas nem tanto! Todos os objetos já foram encontrados, eles não estão perdidos por aí num buraco qualquer, senão mesmo os sacerdotes da Cuzpola seriam capazes de buscá-los. Só que eles têm guardiões, Shenu, guardiões! Proteções mágicas, perigos naturais! Ainda que consigamos chegar até eles, cada um será um desafio de vida ou morte, e ainda que superemos todos, estaremos amaldiçoados enquanto os tivermos conosco! O que você acha que tem no templo que Astur mencionou?

— Não sei... O que?

— Eu sei que Astur falou dele para atizar o *seu* interesse pelo tesouro do templo... Pra te fazer dar uma espiada lá. Mas não precisa se preocupar, pois é pra lá que vamos. Pois o templo em que não se pode entrar é o *Flachim'ttoér*, o Templo de Poeira. E lá fica guardada a Cuzpola, o artefato que procuramos. Reze para que consigamos chegar a seus portões!

Dominique olhou para Márcio e revirou os olhos, debochando de Yoná. Shenu bufou contrariado. Resmungou alguma coisa que lembrava “rabugenta”. Diana contraiu os lábios com força, tanto para não rir de Yoná, que tinha o rosto contorcido numa careta que a deixava vinte anos mais velha, como para não desagradar Pablo, que obviamente concordava com ela. O ex-andarilho não disse nem mais uma palavra durante todo o percurso, mas ficou soltando suspiros indignados a cada cinco minutos, o que fez Dominique se lembrar, pelo resto do caminho, da sensação incômoda que tivera na presença do Lampejo dos Desesperados.

Era uma noite de luares interessantes a que encontrou as sentinelas na plataforma de Gehenmy, com a lua branca minguante no leste e a crescente vermelha no oeste. Não havia bonde que desembarcasse em Crimehuór, pois o Senhor da Floresta proibira construção de plataformas em seus domínios, e não

fazia sentido construir nenhuma plataforma em *Namor'n Chivin*, o deserto de areia mais extenso de Bhardo.

Próximas à plataforma existiam pequenas estalagens de pedra e palha, e em uma delas as sentinelas passaram as horas de sono. Dormiram por nove horas, pois todos estavam muito cansados, e quando se levantaram para outro dia escuro, tomaram chá com bolachas, pães e carne seca, oferecidos pela dona da casa, uma senhora idosa com ar de cansaço.

O céu estava estrelado e a lua vermelha brilhava intensamente quando saíram. Estavam em *Ante Siliú*, uma vila pequena de casas de madeira e poucos postes de luz nas ruas. Havia várias pessoas do lado de fora de suas casas, muitos idosos carregando baldes, crianças correndo descalças por ruas sem pavimento, mulheres cobertas com roupas rotas que mais pareciam lençóis desbotados. Eram pessoas trabalhadoras, e isso se notava nos seus rostos, nas mãos calejadas, e na ausência dos jovens e adultos que, àquela hora, estavam nas matas caçando, ou nas plantações colhendo. Podia ser só impressão mas Márcio podia jurar que, naquele momento especial do dia escuro bhardano conhecido como “as horas do dia” (horas em que, no passado, o Sol de Bhardo se levantava), o céu ficava um pouco mais claro, e isso tornava as pessoas de pele morena e traços largos mais visíveis, bem como suas roupas desgastadas e compridas, as tranças enormes e finas que tinham nos cabelos, e os chapéus pretos de diferentes formatos que usavam. Ali as roupas novas que as sentinelas vestiam atraíram olhares curiosos e despeitados, para deleite de Dominique, que dizia que *agora* os colegas podiam entender um pouquinho a sensação que ele tinha quando as pessoas ficavam olhando abobadas para suas asas.

Márcio se sentiu incomodado e Pablo, ao seu lado, lhe deu um tapinha nas costas e espreguiçou-se em seguida, tentando aliviar aquela tensão.

— Você está se sentindo tão alienígena quanto eu? — perguntou baixinho, encolhido, tentando aparentar despreocupação.

Não foi preciso esperar muito tempo para se livrarem daquele assédio silencioso. A vila de Ante Siliú era tão pequena que em vinte minutos os jovens tinham cruzado toda sua extensão e chegado ao seu limite, e agora se viam de frente para um prado não muito extenso, salpicado aqui e ali por arbustos floridos e pontuado por enormes pedras pontudas que pareciam ter brotado da terra no lugar das grandes árvores. Além e não muito longe, uma grande extensão vazia meio alaranjada, onde o vento ululante levantava mantos de areia até onde a vista alcançava, se estendia do norte ao sul.

— Oh! Vai ser “maravilhoso” cruzar aquele areal sem ter a satisfação de terminar numa praia... — Shenu resmungou.

— Sabem, o templo fica bem próximo à aldeia da tribo Sanai. Podemos ir até lá, e usá-la como ponto de apoio, conseguir suprimentos e materiais... Digam, vocês preferem ir para templo primeiro ou ir antes para a tribo? — perguntou Yoná, num tom casual que não enganou ninguém. Claramente ela ansiava por conduzir o grupo à aldeia onde vivia sua tribo.

— Você pergunta como se estivéssemos num parque, escolhendo o que ver primeiro: cuspidores de fogo ou espadachins equilibristas... — Jadhe comentou com sua voz de seda.

— Vamos direto para o templo, se não for muito longe daqui — sugeriu Pablo de modo corajoso, mas Márcio achou que ele só estava nervoso e querendo acabar logo de uma vez com aquilo.

— Não é longe. A viagem é pelo deserto, mas nem vamos precisar de condução.

— Não conseguiríamos arranjar camelos mesmo, só tem um *buffho* nessa vila — Diana disse. — E pelo o que eu percebi e pelo o que Verônica sempre me explicou, animais tão grandes e tão peludos não devem suportar bem o calor. Além disso, as patas deles são grandes demais, não sei se conseguiriam andar sobre a areia facilmente, talvez precisem de algum tipo de aparato para ajudá-los. E como poderíamos levar um só *buffho* para tantas pessoas de uma vez? O pobrezinho não aguentaria nem um minuto, ainda mais com aqueles chifres enormes... Devem ser pesadíssimos...

— Já entendemos, Di — disse Márcio, suspirando.

— Certo, indique o caminho então Yoná, vamos confiar e seguir você! — disse Shenu animado, ajeitando a mochila nas costas, mas Márcio o ouviu resmungar baixinho — *Por que você vai nos matar se não fizermos isso...*

Caminharam para o oeste seguindo a estrela *Bell'landd*, que brilhava com uma luz intensa. Naquelas horas a lua que os iluminava era a *Ramadissu*, a lua vermelha, mas logo a lua branca, hoje finíssima e em forma de foice, veio se juntar a ela. Chegaram depois de quatro horas de andança às margens do rio Siliú. “*Se não estivesse tão escuro, com certeza a visão seria bela*”, Márcio pensou, pois havia algumas árvores de copa gigantesca em volta, e muita grama e sons de diversos pássaros invisíveis por causa da escuridão. Era a primeira vez que ele via um rio que não o pequeno Riacho da Pedra de Agerta, e seu coração batia de uma forma que ele jamais havia sentido. Mesmo Pablo, sempre tão receoso, não resistiu a um rápido banho na água gelada durante a parada do grupo para descansar.

— Ólie Fauret sempre disse que era uma coisa perigosa seguir as estrelas de Bhardo — Pablo falou enquanto ajeitava a mochila nas costas, preparando-se para voltar à caminhada. — Ele dizia: “*as estrelas de Bhardo são traiçoeiras. Nunca as siga se estiver perdido, pois elas estão sempre mudando de lugar*”.

Márcio percebeu que a expressão mal-humorada de Yoná se transformara em desdém, mas Jadhe sorriu e explicou condescendente:

— Só uma estrela é assim, Pablo, a *Lincariell*, a Estrela de Ariell, também conhecida como *Estrela Andante* ou *I'Linc*. Seu general deve ter se perdido em alguma ocasião tentando seguir o rumo dela!

O pensamento fez Pablo rir.

Yoná os conduziu rio abaixo por mais vinte minutos até encontrarem uma ponte onde puderam atravessar. Era uma ponte velha, que poucos ainda usavam. A travessia foi tranquila, pois o vento estava fraco, ali o rio não era muito fundo e neste dia corria lento; as cascatas do Siliú só começavam a cair muitos quilômetros ao sul. Do outro lado, encheram seus cantis com água limpa e deixaram a vila para trás, assim como o Meio do Mundo. A partir dali estavam em Namor'n Chivin.

— Nossa caminhada nos leva para o oeste — Yoná informou, em tom formal. — Sempre para o oeste. Vamos entrar no deserto de Chivin, o maior deserto de areia do mundo, mas não se preocupem! — ela acrescentou, vendo olhares preocupados voltados para ela — Não vamos muito para o interior. Todos estão com os cantis cheios, mas não desperdicem água. O único rio por perto é o *Leito Seco*, que fica a um dia de caminhada ao sul, mas como diz o nome ele é seco a maior parte do ano, e só no início da primavera tem água para oferecer. Vamos depender só de nossos suprimentos de agora em diante.

Desejando ter comprado mais dois cantis em I'Jaboris, Márcio ajeitou a bagagem nas costas. Logo deixaram o rio Siliú para trás, a grama, as árvores, as pedras.

Depois de mais meio dia, andavam sobre areia grossa e quente. Ainda viam árvores negras recortadas pelas luas contra o céu ao longe, mas logo elas também desapareceram, pois Yoná desviou um pouco para sudoeste; pelo visto ela sabia bem aonde ia. Depois de horas caminhando, quando ninguém mais conseguia falar de tanto cansaço, finalmente pararam para dormir, sob um vento gelado e poeirento.

Dominique estalou os ossos do pescoço e olhou as horas em seu relógio de bolso, suspirando: Yoná os fizera andar até perto da meia noite. Curioso com o apetrecho, Márcio chegou mais perto do gênio. Além das dores de cabeça, que agora o infernizavam mais do que de costume, já que estava forçando as vistas muito além do que o normal, o rapaz se sentia perdido com aquela noite que não acabava nunca. Não que em Octoforte fosse muito diferente: lá a neblina que envolvia os portais transformava seu brilho constante em três bizarras luminárias que sempre estavam ligadas, então ele também não teria noção de passagem de

dias e noites se não fosse pelo sistema de relógios: um sincronizado com o local onde o portal para Agharta desembocava e outro sincronizado com a ilha Agerta, em Bhardo. O portal dos humanos era instável, por isso não adiantava sincronizar um relógio com o outro lado: tanto era possível para o viajante desavisado sair no meio do Oceano, numa área que os terráqueos chamavam de “Bermudas”, quanto num enorme deserto gelado no polo norte, ou no alto de uma montanha específica dentro da Serra do Roncador, entre outros lugares, cada um com um horário diferente.

Mesmo acostumado com um céu imutável, a falta de luz tornava as coisas não só mais difíceis como também mais sombrias, mais opressivas e mais confusas. Para Márcio era um mistério que o mundo conseguisse funcionar sem nada que guiasse a passagem de seus dias além de pequeninos relógios pessoais.

— Quando a luz do Sol se foi, se é que alguma vez houve uma — Dominique começou a explicar, estendendo seu relógio para que Márcio o analisasse — Bhardo perdeu o prumo. Por um bom tempo, todos ficaram desorientados. Mas, então, surgiram os Relojoeiros Clamberér e Martes, dois irmãos astrônomos e inventores dos relógios. Eles criaram os primeiros relógios mecânicos que só precisavam de um movimento de corda para funcionar eternamente, diferente das ampulhetas. Hoje todo mundo tem seu relógio, é a primeira coisa que as crianças ganham quando nascem, e tem os grandes relógios das prefeituras, que guiam as horas das cidades. Por isso a profissão de relojoeiro é tão valorizada em Bhardo, mesmo sem ter grandes emoções. E os relojoeiros magos têm ainda mais sorte: eles conseguem cargos muito bem pagos, e mantêm os relógios oficiais sempre sincronizados, cada um em seu fuso horário. Dizem que o relógio de Dagsháq tem dezoito relojoeiros-magos na sua manutenção.

— Então Bhardo depende totalmente de um sistema mecânico para contar o tempo?

— É, é isso aí! — o gênio sorriu, fazendo a cicatriz sobre seu olho se esticar. — Sabe, tem uma profecia do século passado que diz que, um dia, todos os relógios do mundo vão parar de uma vez, e que isso vai ser o fim dos nossos tempos! Rá, e tem gente que acredita...

— Hm... — Márcio suspirou sem deixar de pensar no quanto aquele sistema de medições era precário e propenso a confusões.

Quando acordou, Márcio pensou estar sonhando. Com certeza a areia no rosto, o calor insuportável, o cansaço pela caminhada, a conversa sobre relógios da noite passada, estavam afetando seu cérebro. Seus olhos enxergavam um céu azul muito claro e pálido, cuja cor lembrava a do final de uma tarde sem nuvens depois de um dia ensolarado. Piscou. Nada aconteceu. Piscou de novo. Um punhado de

estrelinhas começou a dançar em suas vistas. Sentou-se, espreguiçou-se. Jadhe, ao seu lado, se sentou também.

— Bela manhã, não? — disse ela, voltando os olhos para o céu. Um farfalhar veio de lá de cima e Márcio olhou também: recortado contra o azul voava Dominique, um pássaro estranho e gigante fazendo acrobacias e rindo feito bobo.

— Manhã? Pensei que não houvesse sol em Bhardo! — ele exclamou.

— E não há! Mas também, não é em toda parte que a noite é absoluta.

— Mas, como o céu fica claro sem sol?

Jadhe sorriu matreira, e apontou para o alto.

— Como vou saber? Nunca fui lá em cima para ver! Mas acho que nem Nique vai poder te dizer. Já perguntei isso pra ele, e ele sempre diz que não vê nada lá em cima que explique esse “fenômeno”.

Márcio esfregou os olhos; eles ardiam bastante. Sentiu um vazio doído no estômago e a lembrança de Nini veio de repente e dolorosa: por um instante, com aquela claridade, ele teve a impressão de estar de volta a Octoforte, esperando o salão de refeições abrir para poder buscar um café para ela... mas estava ali, dormindo num lugar estranho, ao lado de pessoas estranhas, numa viagem mais estranha ainda.

Aos poucos os outros se levantaram. Pablo e Diana demonstraram a mesma curiosidade a respeito do céu, mas ninguém mais se importava com isso. Shenu ficou apreensivo, segundo ele era mais arriscado viajar sob o céu claro, porém a luz melhorou muito o humor dos viajantes. E, embora em Bhardo não se falasse em dia ou noite, Márcio percebeu que aquela claridade tinha surgido exatamente quando o Sol teria se levantado, se houvesse um, e não teve dúvidas de que aquilo, de um modo suspeito, era luz do dia, ainda que sem sol aparente.

O calor escaldante do deserto levantava um mormaço modorrento. Naquele horário, as luas branca e vermelha tinham se escondido em algum lugar ao longe, e a *Ginhãissu* luzia num verde apagado perto do horizonte norte, tornando ainda mais monótono o levantar e recolocar de pés na areia grossa. Márcio tinha a impressão de que cada coxa sua tinha inchado até ficar com três vezes seu tamanho desde que tinham iniciado a caminhada. No segundo dia a luz já não era sinônimo de ânimo, mas de calor. Cada vez que o céu clareava, o tempo ficava invariavelmente mais quente, e a cada noite, mais e mais frio fazia. Os cantis já estavam quase vazios e, depois de tanto calor e sem um bom banho, tudo parecia cheirar a sal e suor. Uma ou duas nuvens cruzaram o caminho deles, mas eram tão pequenas que logo desapareceram e, no terceiro dia, Márcio teve a feliz visão de um lago enorme desabrochando ao longe como uma rosa: imaginou que fossem as águas do Leito Seco e logo pensou que Yoná não sabia realmente quando era a

cheia desse rio. Mas logo veio a decepção: a água ao longe não passava de miragem.

— Não corra feito bobo para chegar a lugar nenhum, Márcio — Yoná ralhou. — Assim só vai ficar mais cansado. E o Leito Seco, para sua informação, fica bem ao sul daqui. Vamos, fique de pé, estamos quase lá, não precisa se desesperar.

— Estamos quase lá? — indagou Dominique. Ele voara durante os dois primeiros dias, mas ficara exausto e agora caminhava com o resto do grupo, sobrevoando-o ocasionalmente. — Não vemos nada em lugar nenhum! E eu estava no céu agora a pouco, e não vi nada de lá de cima!

— Devemos chegar amanhã no início da noite. Quando estivermos lá perto, você vai enxergar... Mas não devemos nos arriscar a entrar no templo no escuro, esperaremos a luz retornar.

— Que bom — murmurou Diana — não vamos muito mais longe que isso sem água. Só temos algumas gotas.

— Vai ser mais que o suficiente — suspirou Yoná com firmeza.

A manhã chegou salpicada de nuvens brancas e espaçadas, mas não demorou para que todas desaparecessem. Sem palavras, as sentinelas se puseram a caminho na direção indicada por Yoná. Márcio caminhava ao lado dela, Pablo e Diana logo atrás, Shenu depois, Jadhe atrás dele e Dominique um pouco mais longe, com as asas abertas, abanando levemente o próprio corpo. Havia alguns dias Márcio queria fazer uma pergunta a Yoná, mas não encontrara um momento oportuno. Agora, porém, todos estavam um pouco afastados, o vento norte estava forte, seria difícil ser ouvido.

— Por que é que você me olhou daquele jeito quando conversamos com Astur? Pensei que Shenu ia contar o que estamos procurando para o irmão dele, e de repente você me olhou de um jeito estranho. Jadhe também, e ele acabou não falando nada.

A jovem olhou para trás, certificando-se de que estavam distantes do restante do grupo. Testou o vento, e constatou que ele estava soprando das costas deles para frente, nenhuma palavra seria levada aos ouvidos de seus colegas. Gritou um “*não demorem, ou vão ficar para trás!*” sabendo que não ouviriam quase nada e, em seguida, olhou para Márcio com uma expressão aborrecida. — Jadhe... ela é outra. Esquisita...

— Do que é que você está falando?

— Eu pensei exatamente isso, que Shenu ia dar com a língua nos dentes! Então ouvi a voz dele na minha cabeça! Ouvi ele dizer: “*Relaxa, eu não sou tão louco assim, não vou contar nada pra ele!*”, e depois Jadhe olhou para mim e

sorriu como se tivesse ouvido também. Mas Shenu nem olhou para mim! Não mexeu os lábios nem nada assim! Parece coisa de *telepata*!

— Bom, pode ser que seja, não? Um dom interessante...

— *Dom interessante...* Pois eu não gosto nada de saber que tem alguém conosco que pode ler a minha mente. Dois ainda! Sabia que eles não são muito populares, esses telepatas? Em alguns lugares é proibido entrar num jantar, ou a algum evento, pessoas que tenham esse “*dom*” — respondeu Yoná, frisando a última palavra.

— E se os telepatas não contarem pra ninguém o que são? Ninguém fica sabendo, fica?

— Eles geralmente não conseguem manter segredo, ficam invadindo a cabeça dos outros.

Um agitar de asas passou perto da cabeça de Márcio quando Dominique pousou ao seu lado.

— Yoná! O que é aquilo lá longe? Um animal gigante, cavaleiros levantando poeira, coisas estranhas do deserto, o que pode ser?

Entretida que estava na conversa, Yoná não percebeu a nuvem maciça e ocre que se avolumava à direita. Estava distante, mas ainda assim era inconfundível. Sua extensão, o modo como se movia, o som gutural que se elevava dela, como o roncar de mil trombetas distantes, se avolumando rapidamente. Os olhos arregalados, a índia só teve tempo de gritar:

— Protejam-se! Tempestade de areia!

Num instante, os sete jovens dispararam pelo deserto em busca de uma proteção inexistente; correram, correram o mais que as pernas puderam correr, seguindo sempre Yoná, mas a força primordial da tormenta os aprisionou num turbilhão de areia inescapável. “*Meu baralho!*”, Dominique gritou, e dezenas de cartas pintadas com símbolos dourados giraram pelos ares e espalharam-se por todo o deserto. O céu perdeu a cor, areia e pedras se chocaram contra os viajantes, que sentiram a Mão de Chivin os comprimir, rugindo como uma besta enlouquecida, açoitando-os com uma violência irracional. Tudo o que Márcio conseguiu fazer foi apanhar a colcha cinzenta que lhe servira de abrigo durante a noite e cobrir seu rosto com ela. Acabou ajudando Shenu que, sem querer, tropeçara nele e se enfiara debaixo da cobertura. Segurou fortemente as beiradas da colcha, Shenu ao seu lado segurando também. Um uivo terrível e agourento ecoou pelo deserto impiedoso por todo o tempo que a tempestade durou; a areia cobriu Márcio até a cintura, até que o mundo se tornou negro outra vez.

Cóf, cóf, cóf! Havia areia em sua boca, em seus olhos, em suas narinas. Puxou a colcha para o lado, fazendo cair mais areia em cima dele. Sacudiu os cabelos e o rosto e olhou para o próprio corpo, que da metade para baixo estava soterrado na duna. Então se lembrou de Shenu, procurou o companheiro e encontrou apenas a cabeça dele: do pescoço para baixo Shenu era só areia. Estava desmaiado, e Márcio teve dificuldades em acordá-lo. Quando o ex-andarilho finalmente recobrou os sentidos, Márcio conseguira se levantar e ajudou-o a se livrar da areia.

De pé, perceberam que estavam na base de uma enorme duna que tinha se formado após a tempestade. Os dois começaram a procurar o restante do grupo, chamando-os pelos nomes. Alguns minutos depois Márcio encontrou um pequeno montinho de penas no meio da areia; começou a cavar e descobriu um Dominique encolhido, que se protegera com as próprias asas. Jadhe estava junto a ele, e foi difícil desenterrá-la. Enquanto Shenu ajudava o gênio com essa tarefa, Márcio gritava o nome do irmão, enquanto tossia e esfregava os olhos. Logo Pablo apareceu, amparando Diana, ferida. Uma pedra afiada atingira seu rosto e o corte estava sangrando, mas pelo menos ela não tinha nada quebrado, como Dominique. As penas de sua asa esquerda estavam reviradas e tortas e o osso tinha se deslocado; ele dizia que não queria nenhum curativo agora, que procuraria um curandeiro, mas antes que percebesse Jadhe lhe deu um pedaço de pano para morder enquanto ela arrancava as penas mais comprometidas.

— Se eu não fizer isso elas vão inflamar e te provocar uma grande dor! Pode perder a asa! — Jadhe explicou-se, aflita, para que Nique conseguisse ouvi-la em meio aos próprios rugidos.

Como não queria presenciar a cena, Márcio continuou a procurar. Só faltava encontrar Yoná. Ele chamou, chamou, mas não houve resposta. Já estava começando a ficar preocupado, quando Pablo encontrou o colar de penas que ela usava. Ali começaram a cavar e a encontraram; pelo visto ela tinha recebido toda a força da tempestade sem encontrar nada com o que se proteger. Estava desacordada, e com muito esforço conseguiram reanimá-la batendo em suas costas para ajudar a tirar a areia de seus pulmões. Um grito abafado se ouviu ao longe. Márcio cerrou os dentes e prendeu a respiração, como se a dor de Dominique fosse dele também. Jadhe pôs a asa do rapaz no lugar e agora fazia um curativo improvisado para que ela não balançasse, usando a colcha de Márcio, pois tinha perdido a mochila com itens de socorro na tempestade. E, pelo jeito como Dominique gemia, o curativo parecia ter sido mais doloroso do que o próprio ferimento.

— Devemos estar perto — disse Yoná, a voz embargada por tanta areia, os olhos semicerrados, o corpo todo ferido por mil pedrinhas que foram atiradas

nela.

— Por quê?

— A tempestade. Não foi uma tempestade normal. Começou e terminou rápido demais.

— Como assim?! Essa areia toda era uma droga de proteção desse templo?! — Dominique explodiu, o rosto todo roxo.

— O *Flachim'ttoér* tem tantas defesas quantas se pode esperar... Eu não sei dizer exatamente, gênio, porque a última vez em que estive aqui foi há um bom tempo, quando o deixei para me preparar para os testes da minha formação no Educandário e depois para os testes para sentinela. Na verdade, não são os guardiões que protegem o templo, ele possui magia própria, é seu próprio guardião. Todas as defesas que ele tem, ele mesmo cria... Eu não sei o que ele fará para nos afastar, só sei que ele usará tudo o que puder do deserto.

— Que maravilha! — Pablo exclamou, com ar de revolta. — então temos um inimigo que pode jogar o deserto todo contra nós!

— Eu avisei que seria perigoso! Todos vocês aceitaram o risco!

— *Eu* não pensei que o risco fosse tão... — começou Shenu, mas Jadhe interveio.

— Todos nós concordamos, Yoná tem razão. O risco é grande, por isso é melhor ficarmos atentos e parar de conversar. Já estamos aqui. Vamos buscar a chave de casa.

— Eu estou em casa — Dominique resmungou. — Agora, a chave da casa *deles* (ele olhou para Pablo e Diana de soslaio) vai me sair muito cara...

Flachim'ttoér

Areia nos ouvidos, areia nas axilas, dentro da camisa e dentro das calças. Não poderia haver nada mais desconfortável a não ser estar no deserto com sede, com fome e com uma guia quase cega e provavelmente perdida. Yoná não estava bem, mas dizia que estavam próximos do templo, então continuou caminhando à frente dos outros.

A cada passo que dava, Márcio tinha a sensação de que deixava um pedaço do corpo para trás. Seus olhos estavam doloridos por causa da areia, e ele os mantinha comprimidos, tentando protegê-los com os cílios, enxergando Yoná apenas como um borrão, mesmo ela estando perto. Três vezes ele caiu na areia fofa, e três vezes se levantou. Cada vez que isso acontecia, Márcio tinha a sensação que mãos invisíveis o puxavam mais para baixo. Quando caiu pela quarta vez, Pablo o puxou pelo cotovelo e o fez beber o último gole do cantil dele. Uma lufada de vida desceu por sua garganta fazendo-a arder, o ar pareceu estar entrando por seus pulmões pela primeira vez e, por um instante, Márcio teve plena consciência de onde estava: a areia grossa por toda volta parecendo não ter fim; o céu claro e infindável estendendo-se imponentemente acima, sustentando a estranha lua verde parecendo um queijo partido; o calor escaldante que emanava de algum lugar acima de sua cabeça, as sombras de seus corpos projetadas pequenas, bem sob seus pés, como se uma fonte invisível de luz estivesse olhando para eles de cima. Ouviu o som ululante do vento arrastando as dunas pra lá e pra cá e o gemido lúgubre de Dominique misturado com ele; o gênio caminhava apoiado em Shenu. Então sua cabeça doeu, e uma vez mais todos os pensamentos foram varridos para dar lugar a um desejo desesperado por água.

Quando a luz do céu se fez mais forte e clara que em qualquer outro momento, chegaram à base da maior duna que já tinham visto. Se aquela fosse uma simples expedição para atravessar o deserto, certamente teriam desviado daquela montanha de areia, mas foi exatamente para ela que Yoná levou o grupo. Devagar eles subiram, por vezes com as mãos a ajudá-los, pois o grande muro de areia era íngreme. Pablo desequilibrou-se e caiu, rolou alguns metros abaixo, Márcio e Diana gritaram por ele, mas foi Jadhe quem conseguiu ajudá-lo a parar. “*Por Octoforte, de que tamanho é esse deserto?*”, ele murmurou, quase sem voz, quando voltou a subir. Enfim, quando todas as forças pareciam se esvair e Márcio ouviu Diana alucinar que toda a areia estava se transformando em água e que iriam se afogar, Yoná chegou ao topo da duna.

— O templo! — ela exclamou, mas sua voz quase não saiu.

Ali, do alto da mais alta duna, puderam ver o Templo de Poeira, construído numa espécie de planície de terra batida, onde nem um grão de areia tocava. Cintilante, com paredes de pedra branca, havia esculturas de ouro maciço brilhando em frente a ele. Compridas flâmulas vermelhas pendiam do teto, bordadas em ouro com textos da língua antiga que, de tão longe, era impossível decifrar. A visão era tão bela que parecia um devaneio, como se ofuscasse a vista dos viajantes.

— Miragem — falou Yoná, convicta.

— O quê? — Diana perguntou.

— É uma miragem. Aquele não é o templo real.

Olhando atentamente aquele lugar parecia realmente não existir, como se fosse uma pintura ou um sonho, mas tudo o mais no deserto parecia uma grande ilusão para os olhos. E era tão belo, tão imponente... Márcio daria tudo para chegar até ele, só para passar uma noite ali, conhecer o salão de jantar que ele provavelmente tinha, beber da água de sua fonte...

— Dominique! Márcio! Diana! — Yoná ralhou quando os três entraram em transe e começaram a caminhar em direção ao templo — Fiquem juntos. Não sabemos o que tem nesse templo fantasma, e eu não quero descobrir — ela avisou. — De certo é algum tipo de tortura cruel e dolorosa, portanto, não se afastem.

Yoná foi descendo a duna devagar até chegar à planície. Era maravilhoso pisar em terra firme depois de tantos dias na areia, mas não puderam apreciar muito. Quando chegaram à superfície rochosa outro templo surgiu materializado no ar, à esquerda deles. Este era muito mais imponente e assustador, tinha altura suficiente para que cem homens empilhados passassem por seu portal, e era escuro dentro dele, como eram escuras as pilastras que o sustentavam. Havia flâmulas azuis gigantes pendendo de hastes de prata fixadas no teto, e uma escadaria reta, onde cada degrau tinha a altura de um elefante.

— Também não é esse que procuramos.

— Como vamos saber qual é?

Mas antes que a resposta viesse, outros templos apareceram. À frente, pouco adiante do templo cintilante, surgiu uma casinha de aspecto miserável, cuja entrada permitia apenas uma pessoa passar. Uma pequena escada de três degraus conduzia à porta aberta, onde uma toalha rota estava pendurada com algo bordado nela, mas tão gasto que ficava difícil de ver o que era. O teto de palha estava arruinado, portanto era possível ver que era um casebre de um único cômodo, tão apertado que só caberia uma única pessoa. Não parecia haver nada dentro dele.

Então, à esquerda, ao lado do templo azul gigante, surgiu mais uma construção, uma toda feita de areia. Era pequeno, tinha o teto em formato triangular e duas flâmulas brancas hasteadas em sua frente, e nelas também havia

um texto bordado. Para confundir mais as sentinelas, no único espaço vazio, entre o casebre e o templo de areia, surgiu um majestoso castelo de rochas cinzentas, cujas bandeiras hasteadas nas torres eram de cor dourada, e o portão era avermelhado e lustroso, e as janelas estavam todas faiscando sob a luz de tochas que havia dentro dele.

Márcio sentiu a cabeça rodar, a visão embaçou. Ele não se importava em entrar no lugar errado, só queria encontrar água e dormir para fazer sua dor de cabeça passar. Mais um pouco e seu estômago provavelmente não aguentaria, a dor era tanta que já estava lhe causando náuseas.

— É esse. — e Yoná apontou para o pequeno templo feito todo de areia.

— E como sabe? — Diana perguntou, desconfiada.

— Os viajantes desavisados que passam por aqui não sabem o nome do templo e o chamam de *Attoér hi'caidal*, que quer dizer Templo de Ilusão. Mas o nome real dele é *Flachim'ttoér*, o Templo de Poeira. É isso que está bordado na flâmula que tremula na bandeira dele, com um alfabeto usado muitos séculos atrás. O Templo espera que não saibamos o verdadeiro nome dele, e que, portanto fiquemos confusos. Se eu não tivesse servido aqui, provavelmente estaríamos perdidos agora.

Como num sonho, as imagens dos outros quatro templos desapareceram na areia. Num instante, só havia os sete viajantes, o templo e a vastidão deserta de *Namor'n Chivin*. Quando Márcio olhou para baixo, seus pés estavam afundados em areia grossa, e não em terra firme.

— Bem... — falou Yoná, que parecia menos segura do que nunca — descobrimos o templo certo. Não vamos perder tempo aqui fora. Agora, antes de avançarmos, me escutem: até este momento não tivemos nenhum desafio que envolvesse o uso do *mac*... É provável que agora os desafios fiquem maiores... então, estejam atentos, não se distraiam!

E Yoná avançou em direção ao *Flachim'ttoér*. Dominique bateu a asa boa pra sacudir a poeira, mas deixou escapar um gemido de dor quando a asa ferida se mexeu. Shenu e Pablo olharam para os lados e para os colegas, ansiosos. Márcio percebeu que havia vários pequenos hematomas nas partes visíveis de pele de cada membro do grupo, e olhando para seu próprio corpo teve a impressão de que tinha levado uma surra. Os ferimentos que a tempestade lhe causara se juntaram aos que já trazia da luta contra Zebarân, e em vários pontos havia manchas coloridas em sua pele, como se tivesse usado maquiagem sem nenhum bom senso. O aspecto do seu rosto devia estar horrível! Suspirou, desejando que encontrassem logo a tal bússola, e torcendo para que Shenu estivesse certo e que os tesouros que fossem buscar estivessem mais acessíveis.

A pequena construção de areia não estava muito longe, porém eles estavam certos de que algo apareceria no caminho.

— Já ouvi falar que existem monstros vivendo nas areias... em túneis, sob o deserto. Insetos gigantes, monstros espinhosos. Será que o templo vai chamar uma criatura dessas para barrar a gente? — Shenu perguntou, os olhos arregalados, e Jadhe afagou os próprios braços, nervosa.

Ninguém respondeu. Continuaram caminhando devagar, Dominique na frente. Mancava, embora fosse sua asa, e não sua perna, que estava machucada. Então o vento que vinha do leste trouxe um grito, e o rapaz estacou. Era a voz de Diana.

— O que foi?

— Espere! Se avançar agora é provável que morra!

— Por que, não vejo nada em quilômetros! — ele protestou, mas Diana gritou impaciente:

— Se você não viu nada em quilômetros, é porque não tem *em quilômetros*! — esbravejou. — Tem algo aqui, em alguns metros. Tem alguma coisa... Na areia.

Márcio olhou alarmado para seus pés soterrados, esperando que os grãos virassem serpentes venenosas e o atacassem.

— Me deem um segundo — ela pediu. Sob silêncio ela começou a andar de um lado para o outro, até certo ponto da areia. Parou, agachou, tocou o solo, escutou. Shenu cruzou os braços, mas parecia preocupado. Márcio sabia que Diana era a sentinela cuja energia estava em sintonia com o elemento “terra”, mas na frente daqueles estranhos ela nunca demonstrara nenhum poder com o *mac*. Ele já tinha presenciado algumas demonstrações de sua força na Fortaleza, mas nunca passaram de coisas pequenas, como transformar um pedrisco em cristal, ou formar uma pedra com um punhado de areia. Se mesmo ela tinha conseguido sentir o encanto na areia daquele deserto, então esse encanto devia ser muito poderoso.

Ela ficou em pé e caminhou até o grupo. — Escutem, — disse — vocês vão ter que confiar em mim e fazer tudo, exatamente tudo, o que eu fizer. Eu vou à frente, preciso que vocês fiquem atrás, em fila, e me sigam, passando exatamente por onde eu passar. Se eu pular, vocês vão ter que pular e cair onde eu cair, entenderam?

— Por qu... — Shenu ia perguntar, mas Jadhe o interrompeu.

— Confie na sua colega de trabalho — ela disse. — E vamos logo, se ela percebeu o desafio vamos vencê-lo rápido, antes que o templo mude de ideia e queira lançar outro.

A loira sorriu grata pelo o apoio de Jadhe, aquela estranha garota com olhos lilases. Avançou na frente, com Pablo em seu encalço e Márcio atrás dele. Os

bhardanos seguiam atrás, Dominique por último. Diana fechou os olhos para caminhar, o que deixou Pablo nervoso. Como um gato, a moça caminhou numa trilha que fazia curvas e voltas intermináveis, e ninguém se atreveu a desviar das pegadas dela. Em seus olhos fechados a imagem da estrada aparecia nítida, e Diana podia ver quantas curvas sinuosas e desconexas existiam até chegar aos degraus de areia. Por muitos minutos ela sentiu o que nenhuma outra sentinela sentiu, a areia frágil e quebradiça por onde passavam, e ouviu os sussurros do deserto quando ninguém mais podia ouvir. Por fim parou, sentiu de novo o solo rígido, e abriu os olhos.

— Então — falou Shenu — é bom você ter uma boa razão para ter feito a gente caminhar por quarenta minutos o que poderia ter sido feito em cinco.

Diana estreitou os olhos, irritada. Puxou violentamente a bolsa do rapaz, tirou de dentro dela três pederneiras e atirou a primeira na areia. A pedra permaneceu imutável.

— *Isso* aconteceria com você no primeiro passo — ela falou ríspida, com o rosto contorcido e bravo. Atirou a segunda. — *Isso* aconteceria no segundo. E no terceiro...

Quando jogou a terceira pedrinha uma grande explosão de areia aconteceu e parecia que todo o deserto se levantava, como garras medonhas das entranhas de Bhardo. As sentinelas gritaram mas nenhum som se ouviu, porque o ronco de Chivin sufocou a todos. Apenas o espaço percorrido por eles — uma trilha sinuosa e complicada no meio de um grande abismo — mantinha-se intacto. E, de repente, tudo parou. A areia caiu pesada com um estrondo, fazendo tremer o chão, levantando uma nuvem de poeira que fez todos tossirem e espirrarem.

— No terceiro passo — disse Diana, a voz estridente — você morreria. Mesmo Dominique não conseguiria escapar voando se estivesse em condições para isso, não depois de entrar nesse espaço.

Tanto Shenu, como Yoná e Dominique engoliram em seco. Eles tinham duvidado da capacidade da moça em discernir perigo, e agora a encaravam, surpresos, com pedidos de desculpas resignados na expressão. Mas, antes que alguém falasse qualquer coisa, Diana desfaleceu na areia, caindo nos braços do gênio.

— Diana!

— Larga ela! — Pablo correu, bravo, afastou Dominique e segurou-a entre os braços.

— Estou bem... — respondeu ela, voltando a si e com a voz fraca.

— O que aconteceu? — perguntou Pablo. Yoná e Jadhe agacharam-se perto dela.

— Me lembro de quando isso aconteceu comigo pela primeira vez — falou Nique, com um suspiro. — Eu tinha dez anos e levei um dia para me recuperar. A mestra ficou furiosa...

— Mas o que aconteceu? — Pablo insistiu.

— Quem não sabe controlar a própria força se cansa muito fácil — Shenu explicou. Diana conseguiu *conversar* com a areia, porque o *mac* é o dom de conversar e controlar um elemento da natureza com o qual você tem afinidade... Mas é preciso que a pessoa use um pouco da sua própria força de vida, sua energia, para conseguir essa “conversa”. Diana usou muito dessa força.

Pablo não disse nada, mas empalideceu e ficou de olhos arregalados, apoiando a namorada enquanto ela tentava se colocar de pé. Márcio soube que seu irmão estava pensando o mesmo que ele: quantas vezes ainda eles teriam que se colocar tão perto da morte na tarefa de buscar a Cuzpola e as tais Joias Supremas?

Aos poucos a moça conseguiu se levantar e subiu os degraus de areia amparada por Pablo, atrás dos outros, que iam à frente. No final dos cinco degraus encontraram-se numa ampla varanda, sustentada por pilastras enormes, lisas e grossas de areia. O templo estava fechado, suas portas de madeira estavam lacradas com pesadas barras de ferro.

— Então, Yoná, tem algum segredo para abrir a porta? — Pablo perguntou ofegante.

— Não sei — ela respondeu. — Mas deve ter algum feitiço para desvendarmos...

— Como não sabe? — Dominique gritou, uma mão no joelho e a outra protegendo a asa ferida. Parecia à beira de um colapso. — Você não disse que foi a “sacerdotisa” do templo? Isso não deveria significar que você conhece todos os segredos desse lugar?

Yoná fitou Dominique com ar zangado. Olhou para os lados, apreensiva, e percebeu que todos a olhavam. Então respondeu baixinho:

— Os sacerdotes não têm acesso a nenhum segredo.

— Como assim!? — Diana exclamou.

— Os sacerdotes não sabem de nada, entenderam? Não sabíamos. *Eu* não sabia. Éramos mandados pra cá por uma passagem subterrânea, que levava direto aos nossos aposentos. A passagem desaparecia tão logo chegávamos aqui, e sua entrada sempre mudava de lugar. Eu nunca soube quem construía as passagens, ou como eram feitas... Provavelmente por magia. Não tínhamos acesso à bússola também, só sabíamos que estava aqui. Só em meu último dia é que descobri pra quê ela servia.

— Então, tecnicamente, além da localização e do nome do Templo, você não sabe *NADA* sobre esse lugar?! — Pablo perguntou irritado, e Yoná apenas manteve silêncio.

Márcio respirou fundo. Olhou para baixo, para a areia. Aquilo não fazia diferença agora, porque de um jeito ou de outro, precisavam encontrar água.

— Como faremos para entrar, então? — ele perguntou, fazendo um esforço tremendo para sua voz sair.

— Tentem tirar as travas da porta — Diana sugeriu. — Pode acontecer alguma coisa.

Os irmãos foram até a porta, contrariados e resmungando, e fizeram três tentativas.

— Não saem. De jeito nenhum, ou estão emperradas ou são mágicas! — bufou Pablo.

— É porque a chave para abri-las está aqui — disse Jadhe.

Os jovens se viraram e depararam com uma pequena fonte de pedra no meio do corredor, presa à parede, à altura de um metro do chão. A fonte tinha três tinas, uma no meio e duas abaixo desta. A água que jorrava do centro da primeira tina, a mais alta, aparentemente vinda de lugar nenhum, fluía para as duas tinas inferiores para depois cair numa bacia de prata, também presa à parede. Dali nenhuma gota escorria, embora não parasse de cair água na bacia e não houvesse lugar por onde escoá-la.

— Água! — Márcio exclamou, aproximando-se. Como não vimos isso aqui antes?

— Porque não estava aqui — Jadhe respondeu com simplicidade. — Apareceu quando olhamos para a porta.

Havia uma taça de prata no chão, ao pé da pilastra de areia. Pablo abaixou-se e o apanhou.

— Então, devemos beber para entrar? Ou será que tem algum segredo por trás disso?

— Ah, com certeza tem algum segredo nessa água — Jadhe disse, observando as tinas atentamente com uma expressão feliz.

— Tem cheiro e cor de água, mas pode ser veneno — disse Yoná.

— Vamos ter que beber e ver o que acontece? — Shenu perguntou.

— É o que pretende fazer, sabichão? — grunhiu Pablo, desdenhoso. — Mandar três de nós para provar qual das águas é a certa?

— Quem sabe? Você poderia experimentar, e seu irmãozinho e sua namoradinha... — Shenu provocou.

— Olha o respeito, garoto!

Pablo e Shenu se lançaram um contra o outro, mas Márcio entrou no meio e acabou levando um soco no lugar de Shenu. Pablo ficou paralisado, mas Márcio não brigou com ele, virou-se e ele mesmo bateu em Shenu com o punho fechado. Então Diana e Yoná puxaram cada irmão para um lado, enquanto Jadhe e Dominique seguraram o andarilho.

— Parecem crianças brigando! — esbravejou Diana. — Esqueceram que cresceram, foi?

— Então é assim, o deserto não conseguiu nos derrubar, então vamos derrubar uns aos outros? — Jadhe perguntou, indignada.

— Ele começou! — Márcio se defendeu.

Shenu se soltou do aperto de Dominique. — Desculpe — pediu a Pablo, sentindo a repreensão de Jadhe. — Ofendi você de graça e seu irmão te defendeu. É justo.

— E eu levei um soco de graça — ranhetou Márcio, afagando o braço machucado. Mais um hematoma para sua coleção.

— Estamos nervosos, mas brigar não vai resolver nada. Agora, vejam se se acalmam e vamos tentar entrar.

— E como acha que vamos passar, Jadhe? Não há outro jeito de descobrir sem experimentar a água.

— Mas é claro que há uma maneira — respondeu ela.

— Que maneira?

— Assim como a terra é o território de Diana, a água é o meu território, esqueceu Shenu? — então Jadhe avançou em direção às tinas, as vestes azuis soltas agitadas pela brisa. Tocou uma delas com a ponta dos dedos. — Confiem em mim.

E Jadhe fechou os olhos, e deixou seu espírito misturar-se à água. Então passou os dedos da primeira tina para a segunda e desta para a terceira. Ficou quieta por alguns instantes, suspirou, suspirou de novo. Depois de alguns segundos em profundo silêncio, a jovem voltou-se para os companheiros e respirou fundo. Encontrou seis pares de olhos ansiosos e sorriu para eles. Por fim disse:

— A tina da direita está cheia com *Caldo de Caudanho*, uma substância alucinógena, e que nessa concentração teria efeito permanente. Tem cor e cheiro de água, mas o gosto é terrível. Porém, antes que você conseguisse cuspir o líquido, ele já teria feito o primeiro efeito, que é o de causar uma sede mortal, que te força a engolir. Apenas dois dedos podem tornar louca uma pessoa sã.

“A segunda vasilha me espantou. É água sim, mas é água de uma *fonte gélida*. E está enfeitiçada para que só faça efeito dentro do corpo.”

— E o que é “*fonte gélida*?” — perguntou Diana.

— É uma fonte de água em estado líquido, porém sua temperatura é mais baixa que a temperatura das geleiras eternas de Blando. Tudo o que nela toca

congela instantaneamente e, se um ser humano bebe essa água, com certeza ele morre, vira uma estátua de gelo eterno. Ninguém nunca descobriu porque essas fontes não congelam.

— Já tinha ouvido falar disso — disse Dominique — mas foi numa história para crianças sobre bruxas e coisas mágicas.

— No Continente Maior é uma lenda, Nique. Mas essa substância existe de verdade nos países gelados, em Blando e nas ilhas do norte de Gehenmy.

— Se a primeira tina leva a loucura e a segunda à morte...

— A terceira é a passagem segura.

Mas Shenu ainda estava desconfiado. — De onde você tirou essa ideia? A água que vem da primeira é a mesma que cai na segunda e na terceira tina!

Jadhe apanhou a taça da mão de Pablo, mergulhou-o na tina e bebeu tudo num só gole. Instantaneamente a trava se esfacelou e desapareceu, deixando a porta livre para ser aberta.

— Vai ter que confiar em mim!

E deu as costas ao grupo e parou defronte à porta do templo. Ninguém se moveu, esperando alguma reação da água no corpo da garota, mas nada aconteceu. Então Jadhe atravessou a entrada e imediatamente a porta de folhas duplas bateu e trava se materializou novamente.

Shenu afastou-se um passo, observando de olhos arregalados a porta travar outra vez. — Eu não... — ele disse. — Não vou fazer isso não! Vocês estão loucos? Como vão confiar nessa insanidade? A água que tem nas três tinas é a mesma! Eu não vou beber isso não, não vou! A essa altura, Jadhe já está mortinha lá dentro!

— Com certeza confiar *nela* é algo que eu não faço de boa vontade — sussurrou Yoná, de modo que só Márcio, um tanto constrangido, pode ouvir.

Diana e Pablo ficaram inquietos, mas Dominique, que confiava plenamente em Jadhe, seguiu a amiga e tomou um bom gole da taça, conseguindo a passagem para dentro do templo também. Logo Yoná o seguiu, e Pablo e Diana e, ainda que fazendo caretas, Márcio foi logo atrás deles, deixando um recado para Shenu:

— É só você não beber, seu andarilho covarde. Mas não esqueça: se morrermos lá dentro envenenados, você morrerá aqui fora sozinho, com sede e calor, sem nenhuma gota de água por perto além das tinas aí na frente. Vai acabar bebendo de qualquer jeito!

Shenu não parava de dizer que iriam todos morrer mas, no fim, sozinho, bebeu da água também. E lá, embaraçado, encontrou os companheiros que o aguardavam.

“Lá” era um pequeno hall escuro, cujo teto alto e as paredes eram lisos e arenosos. Nada mais se via, a não ser um brilho vermelho à frente, dourando a parede do corredor que fazia uma curva, muitos metros à frente. Caminharam até lá. Era fogo, um incêndio de labaredas enormes que queimava até o teto. Seu brilho incandescente se abateu sobre a caravana cansada, transformando as sombras das sentinelas em espectros agourentos e quentes.

— Uma lareira — disse Shenu desanimado. — Ótima opção depois de um dia inteiro andando no deserto...

— Temos que jogar água... Mas onde encontrar? — indagou Yoná.

Iluminados pelo fogaréu, as sentinelas se entreolharam. Então a atenção de Yoná recaiu sobre Pablo.

— O quê? — ele perguntou, assustado.

— Você é sentinela, Pablo.

— Eu sei. E daí?

— É verdade — Shenu sorriu, com um quê de entendimento estampado na face.

Pablo se irritou. — Será que alguém pode me explicar o que é que tem comigo?

— Você é sentinela das chuvas. *Teoricamente* você tem o poder de criar chuvas e tempestades, esse é seu dom! — Dominique exclamou.

“*Ainda bem que a luz do fogo é vermelha*”, pensou Márcio condescendente, pois se fosse diferente os colegas poderiam ver o quanto Pablo ficara envergonhado.

— É que... eu...

— Que foi? — Yoná perguntou.

— Eu nunca tentei isso dentro de um ambiente fechado — ele justificou.

— Bom, então tenta agora! — Dominique exclamou nervoso, o rosto contorcido de dor.

Ainda envergonhado, Pablo abaixou a cabeça. Márcio e Diana, que sabiam que ele realmente não conseguiria, fizeram um silêncio respeitoso. Depois de tentar por alguns minutos sussurrando mantras incompreensíveis, os outros perceberam que era em vão.

— Mas você lançou um raio em Zebarân! Na ilha de Agerta, disseram que você lançou um raio nele! E passou nos testes pra sentinela, convocou um raio imenso, que fez a Fortaleza tremer, todos vimos! — Shenu exclamou, Dominique e Yoná com olhares indignados, Márcio e Diana tão encabulados quanto ele.

— E lançou mesmo! — Márcio resmungou.

— Certos poderes não podem ser usados de qualquer jeito — Jadhe falou, solidária. — Durante a prova na Fortaleza, não sei, talvez tenha sido um

golpe de sorte? E naquela ocasião em Agerta, o tempo estava chuvoso. Pablo só convocou o raio, não o criou. Se existisse alguma nuvem aqui perto talvez ele conseguisse uma garoa, mas é muito difícil simular uma chuva verdadeira num ambiente fechado, ainda mais se lá fora o céu continua limpo e seco.

— E em Octoforte Pablo já demonstrou o poder que tem — Diana defendeu, mas Jadhe disse:

— Tenho certeza que sim. Mas ainda falta dominá-lo melhor, para que possa usá-lo nessas situações... Estou certa?

Pablo acenou que “sim”, totalmente embaraçado. Dominique coçou a cabeça. Jadhe sempre o surpreendia com sua calma e indulgência nos momentos em que todos estavam irritados. Ele só conseguia admirá-la por isso, mas ajudar Pablo a se desculpar não os ajudava em nada a sair daquela situação, pois o fogo continuava alto e forte. *Como diabos Pablo passara no teste?*

— E agora? — indagou Shenu, os braços cruzados.

— Se não conseguimos água, talvez consigamos vento... — sugeriu Dominique, já se preparando para abanar a asa boa, quando Márcio o parou.

— Não vai adiantar — disse.

Dominique fitou-o com desânimo.

— Também acho que não.

— Mas, estamos sufocando aqui! — ralhou Yoná.

— É, e agitar a fumaça vai ajudar muito!

— Quem não ajuda não atrapalha! — Shenu brigou, mas Márcio retrucou:

— Deixa de ser burro, seu maltrapilho de araque! — gritou ele. — Não vai adiantar e ele já está com uma asa quebrada! Quer que ele fique sem a outra?

— Ah! Então, o que você...? — ia perguntar Yoná, quando Márcio a interrompeu:

— Então, *eu* vou ter que resolver o problema! — ele disse, sentindo um friozinho engraçado na barriga.

— Você?! — Shenu riu. — Você não vai conseguir fazer nada!

— Você por quê? — perguntou Yoná.

— Se um desafio da areia foi vencido por uma *macnae* da areia e o da água foi vencido por uma *macnae* da água, não soa coerente que o desafio do fogo deva ser vencido por um *macnór* de fogo?

— Faz sentido — suspirou Dominique, enquanto Shenu fazia caretas de desconfiança.

— Só não vou conseguir se eu não tentar! E se vocês ficarem me dizendo que não vai dar certo, aí é que não dá certo mesmo.

— E o que você vai fazer?

— Não sei, então não perguntem.

Márcio avançou para as chamas e parou diante delas. O desafio era grande, ele sabia que aquele fogo era encantado e que jamais tinha conseguido controlar chamas tão potentes. Suor escorreu pelo seu rosto, não só pelo calor intenso que fazia, mas pelo medo de falhar. Respirou fundo, mas só conseguiu fazer entrar enxofre nos pulmões. Sabia que Pablo o estava observando. O irmão sempre fora bom nas atividades físicas de tiro, espada e na luta corpo-a-corpo, mas Márcio era melhor em controlar o *mac*. Seu dom sempre tinha sido maior que o do irmão, mas isso só tornava as coisas mais difíceis. Agora que chegara a hora de testar seus poderes ele se perguntava até onde era melhor que Pablo.

O rapaz encarou as chamas, o brilho do fogo perfurando sua íris e fazendo a dor de cabeça se transformar em algo quase tangível, surreal de tão intensa. Parecia que as chamas o olhavam com escárnio, zombando do poder dele. Márcio podia ouvi-las sussurrando, dizendo que ele não passaria, que era fraco e imbecil. Deixou-se levar por esses murmúrios; o único jeito de conseguir alguma coisa era tentar misturar sua aura às chamas, ouvir o que elas diziam e combatê-las. Concentrou-se. Aos poucos o corredor foi sumindo de suas vistas, o som das vozes de seus amigos já não podia ser ouvido. Márcio não via nem ouvia mais nada, era apenas ele e a parede de fogo à sua frente. Ela murmurava... falava... gritava! As chamas diziam que iam matá-lo! Seus olhos não refletiam mais o fogo à sua frente, a luz que flamejava neles era a luz de sua própria alma.

Quem conseguiu encarar Márcio viu uma aura de fogo destacar-se de seu corpo e confundir-se com a parede luminosa. Mas era difícil olhar, porque as chamas ficaram tão brilhantes que feriam os olhos de quem as fitasse por tempo demais. Márcio sabia que teria que usar todo o seu poder e mais um pouco, quem sabe. Então as chamas tomaram forma, a forma de um homem, e seus olhos eram negros e vazios. E a criatura de fogo avançou na direção dele, queimando a areia em seu caminho. Ele não ia fugir, não podia fugir! Esticou os braços para apanhar o pescoço daquela criatura infernal e de repente sentiu as chamas queimarem sua pele. O homem de fogo segurou suas mãos e as apertou e Márcio não podia sair; ele tinha que aguentar, tinha que estraçalhar aquele demônio! E pôs tudo de si em destruir, em arrasar, e quando sua consciência ameaçava abandoná-lo, Márcio abriu as mãos e sentiu-se dentro do fogaréu.

As chamas envolveram-no por completo, como um imenso globo de luz prestes a devorá-lo. E Márcio sentiu a cabeça latejar, sua visão embaçou; as mãos empurraram o monstro de lava, seus pés foram arrastados violentamente para trás e ele os firmou no chão, fez força com os joelhos, seus braços tremeram, sentiu uma pontada de dor no seu peito. Tomou fôlego, respirando enxofre, gritou alto, já não

via mais nada, não sentia mais nada, só calor; empurrou com o último esforço que lhe restava...

E a criatura cedeu.

Soltou as mãos de Márcio, e desapareceu numa nuvem de fumaça. E, num segundo, não havia mais nada, nem fogo, nem luz, nem calor. Márcio piscou os olhos, lutando para manter-se acordado, mas os gritos dos seus amigos chegaram abafados aos seus ouvidos, e ele sentiu-se cair e bater os joelhos... E todos os sentidos abandonaram seu corpo.

Pablo correu a socorrê-lo temendo pelo pior, chamando-o e sacudindo-o. Ele já tinha visto o irmão fazer aquilo uma ou duas vezes antes, mas nunca com tanto poder nem com tanto fogo assim. Diana amparou a cabeça do garoto, mas Márcio estava vivo e bem. Havia feridas por todo corpo, queimaduras superficiais, mas nada muito grave. Fumaça saía de suas vestes, a calça ficara quase toda queimada. É certo que o rapaz ficaria com algumas cicatrizes para o resto da vida, especialmente nas mãos, onde a criatura de lava o tocou com mais força, porém naquele momento isso era o que menos importava: Márcio dormia e só acordaria dali muito tempo, quando o cansaço passasse e ele recuperasse as forças.

Os jovens olharam espantados para a parede de areia. Vidro tinha se formado ali. Eles tinham sentido o poder de Márcio, — aliás, o poder *imenso* de Márcio — algo que os *macnór'z* que viviam agora em Bhardo não conseguiam alcançar nos dias de hoje. Como era possível que aquele órfão, criado dentro dos portões de Octoforte, sem nenhum treino especial, conseguisse atingir esse nível de força sem ajuda?

Dominique olhou para Shenu com a sensação de que algo estava muito errado com aqueles garotos. Em pouco tempo Diana e Márcio já tinham demonstrado mais poder do que os bhardanos poderiam imaginar que tivessem. Isso não devia importar agora, a passagem estava aberta e o corredor escuro se estendia muitos metros ainda, sem nenhum sinal de luz visível. Contudo...

Márcio teve que ser carregado pelo irmão. Pablo insistiu em fazê-lo sozinho, ainda estava bravo com Shenu por causa da briga e com Dominique, por ter segurado Diana antes dele. Em silêncio, os sete seguiram. As paredes de areia pareciam nunca terminar, nenhuma luz havia que pudesse guiá-los. Os passos não faziam o menor ruído.

Depois de muito andar, o corredor acabou em um enorme abismo cinzento. Silencioso, o grupo parou. Archotes flamejantes iluminavam um teto de pedra fosca, mas a luz não era o suficiente para iluminar o chão lá embaixo. Havia uma estreita ponte de pedra polida ligando o salão de um lado a outro, onde havia outro corredor. Aparentemente a ponte não tinha sustentação e abaixo dela a

escuridão era quase total, pontilhada por pequenos focos de luz ao fundo, como estrelas rutilantes.

Talvez aquele abismo fosse uma passagem para as entranhas de Bhardo, talvez aquela ponte fosse ruir assim que alguém pisasse nela. Aquele salão cheirava traição. Um som longínquo de lufada de ar vinha lá do alto, onde o telhado estava rachado. Parecia uma respiração ruidosa e maléfica. Dominique avançou primeiro, olhando desconfiado para os lados, sabendo que de nada adiantava pensar em outras possibilidades. Atravessar pela ponte era o que o templo queria, portanto era a única maneira de descobrir qual era o desafio.

Equilibrando-se com a asa boa, caminhou devagar, procurando não colocar todo o peso do corpo nos pés. Se caísse, uma única asa não seria o bastante para mantê-lo no ar, mas talvez ele pudesse conseguir alguns segundos até chegar do outro lado. Cautelosamente ele passou, enquanto a dor aumentava em volta do ferimento, fazendo seus sentidos vacilarem. Quando pisou novamente no corredor de areia ele chamou os outros, pedindo para que tivessem cuidado porque a ponte era muito lisa, então caiu de joelhos, ofegante, enquanto assistia os outros atravessarem.

A passarela não devia ter mais que dez metros, mas o chão escorregadio pedia que se a cruzasse com calma. Apenas uma pessoa poderia passar de cada vez, tão estreita ela era. Yoná foi à frente, seguida por Diana, Pablo carregando Márcio nas costas como um saco de café, Shenu atrás deles e Jadhe por último. Então, quando todos já estavam na ponte e caminhavam silenciosamente para o outro lado, um súbito ronco nasceu do ventre daquele abismo, provocando calafrios até no mais corajoso dos viajantes. Então o salão começou a tremer e as pedras do teto desabaram uma atrás da outra, caindo com estrondo no meio da ponte.

Yoná correu e conseguiu chegar ao outro lado em segurança e começou a gritar: “*Corram! Corram!*”, mas o chão vacilava e sua voz era inócua. Dominique quis ajudar Pablo, que se equilibrava segurando Márcio, e quando Diana chegou ao outro lado, o gênio conseguiu atravessar os irmãos com segurança, a asa direita aberta para ajudar os amigos, e ele teria voltado para resgatar Shenu e Jadhe se uma enorme pedra não atingisse a asa que restara. Ele soltou um grito e caiu de volta aos pés de Pablo, ferido, mas do lado certo da ponte.

A passarela tremulava. As paredes se esfacelavam e Jadhe, tentando se esquivar de uma pedra que caía do teto, escorregou; uma parte do teto cedeu mostrando o céu lá fora escuro, e rochas bloquearam a ponte; um pedaço dela desabou, abrindo um rombo entre ela e Shenu. O andarilho saltou a fenda e voltou para ajudar a moça, mas ele mesmo não pôde se manter em pé, as pedras sumiram sob seus pés e tudo desmoronou.

— Segure em mim!— gritou Shenu, puxando a mão da moça no meio da queda.

— Não consigo!

— Segure!

A moça o agarrou pela roupa, apertando o tecido com toda força. Pedras e areia caíam lado a lado com eles numa nuvem de poeira, mas Shenu desembainhava sua espada sem dar atenção ao resto. Levantou-a acima da cabeça e a lâmina brilhou azul.

Então o fim do abismo, lá embaixo, apareceu, luzindo como a ponta de fumo. Havia centenas de lanças apontadas para eles, e na ponta de cada uma ardia uma pequena labareda. Mas Shenu não olhava para baixo, segurava o pulso de Jadhe em sua camisa com uma mão e concentrava-se na espada que segurava com a outra. E Jadhe ouviu as palavras que ele gritou:

— *Gouty et' flóhr onin adur a zizam 'z!*

E os dois pararam no ar, a poucos metros do fim, mas as pedras continuaram caindo e atingiam as lanças, reduzindo-se a pó. Se uma delas os atingisse, morreriam imediatamente.

Um grande fragmento de rocha vinha na direção dos dois. Num impulso desesperado, Shenu largou o braço da colega e ela segurou-se, rasgando o tecido da roupa dele, e o rapaz abriu a mão livre e gritou: "*Plactu!*". Os dois foram envolvidos por uma bolha luminosa, e quando a pedra atingiu a bolha, desviou. Shenu puxou Jadhe para junto dele, segurou-a pela cintura e ela agarrou-se em seu pescoço; lentamente, subiram flutuando o precipício, alvejados pelas rochas que batiam e se espatifavam no escudo de luz.

Do patamar as sentinelas observavam ansiosas a escuridão, chamando pelos companheiros. Já perdiam as esperanças quando divisaram, entre as sombras, algo brilhante se aproximando. Então Shenu apareceu, subindo lentamente como um fantasma dentro daquela bola luminosa, sustentando Jadhe no braço, desfalecida. Uma pedra rompera o escudo e a atingira na cabeça.

Mal ele chegou ao patamar, Pablo tirou a moça dos braços dele e Yoná ajudou o andarilho a pisar no chão. Jadhe não estava totalmente inconsciente, apenas machucada e um pouco tonta. Shenu, no entanto, ofegava ajoelhado com as mãos apoiadas no chão, incapaz de responder a perguntas. Precisou de cinco minutos para conseguir respirar direito, e só depois que tomou o último gole de água de seu cantil, tomou fôlego e contou aos companheiros sobre as lanças no fundo do precipício.

— Como conseguiram sair de lá? — indagaram Pablo e Diana em um grito uníssono.

— Com magia. Não poderia ter sido de outro jeito se não fosse com magia... mas a minha tem limite! O feitiço que sei para voar é muito forte para o nível em que eu estou. Além disso, tive que apelar para o “Plactu”, um feitiço-escudo que eu nunca tinha executado sem um objeto mágico forte para me dar apoio. E eu, que estava acumulando energia na minha espada há tanto tempo... Agora ela é inútil — ele derrubou a arma na areia do chão, e ela caiu com um baque surdo. — Só uma espada velha, sem nenhum poder... Nunca pensei que precisaria de uma coisa dessas...

— Eu nem sabia que você tinha uma espada! Por sorte vocês estão a salvo — disse Pablo. — Já Dominique, este vai ficar uns dois meses sem voar...

Nique, a um canto, gemia e tremia muito, a asa direita agora quebrada também, esfacelada, as penas brancas manchadas de sangue. Jadhe sentou-se ao lado dele, mas não podia fazer muita coisa, tudo o que tinha, além da pequena bolsa onde guardava ouro e ervas medicinais, tinha caído no poço. Mas aquelas ervas só faziam efeito se fossem preparadas e fervidas, e não havia água ali, nem fogo, nem panelas.

De repente, enquanto Jadhe respirava para se acalmar e tomar fôlego, Dominique berrou com ela:

— Nunca mais fique para trás, Jadhe, *nunca mais!* Você me entendeu!? — ele explodiu. Sabia que aquela reação era incoerente, mas estava simplesmente com raiva demais para raciocinar direito. — *NUNCA MAIS! O que a mestra diria se te acontecesse alguma coisa? Que eu te deixei na mão de um... de um...*

— Olha lá o que vai dizer... — Shenu falou, mas Dominique nem ouviu.

— *De um andarilho sem... Sem... NÃO PODE FAZER ISSO!*

— Você fala como se eu tivesse *desejado* correr perigo! — Jadhe reclamou, mas apesar de ter virado o rosto, Márcio viu um ligeiro sorriso no canto dos lábios dela. Depois, bufando, pediu ajuda para preparar uma bandagem para a asa do rapaz.

Com certa má vontade, Yoná rasgou uma tira de sua própria capa de viagem e entregou o tecido para Jadhe e ficou olhando enquanto ela, com a ajuda de Diana, fez mais um curativo improvisado no gênio dos ventos — Pablo amarrou a cara quando Diana teve que ficar muito próxima do garoto. Mas, apesar do curativo, o rapaz precisava de medicamentos e rápido. Estava começando a ficar febril, e agora seu estado só tendia a piorar. Com esforço, escorado em Diana e Jadhe, o rapaz se levantou; Pablo segurou Márcio e Shenu usou a espada como bengala para conseguir andar, e o grupo encarou o corredor à frente, tinham que prosseguir.

Mas Yoná estacou, olhando desconfiada para o andarilho. “*Vamos, o que foi?*”, perguntaram os outros, mas a moça não andava.

— Então, Shenu, mais uma coisa sobre você que não sabíamos? — ela disse, e os outros se voltaram para ela.

— Que coisa, Yoná? — perguntou Pablo, sem compreender.

— Então você é feiticeiro também?

Shenu nada disse, mas tinha um sorriso amarelo no canto do lábio.

— Sou, sou bruxo sim — respondeu Shenu, ainda ofegante — mas só sei feitiços básicos pra acender uma fogueira no escuro, ou esquentar água para tomar banho. Nunca tive muito conhecimento e não tenho nenhum poder agora, mas até que deu para o gasto hoje, não?

Diana estava intrigada. — Por que “*mais uma coisa que não sabíamos*”? Qual é a outra coisa? Porque eu não sei de mais nada sobre nosso colega.

Shenu fitou Yoná sem nenhuma expressão no rosto, e ela o encarou de volta. Dominique respirava com dificuldade e Pablo colocou Márcio de novo no chão, apoiado na parede de areia.

— Shenu é telepata, não é, Shenu?

A informação pareceu tirar Dominique um pouco do seu transe e ele arregalou os olhos. Jadhe levantou as sobrancelhas, mais curiosa que espantada. Pablo, que já tinha ouvido falar sobre os telepatas, franziu o cenho.

— É verdade, Shenu? — indagou Diana, que não entendia exatamente o que isso poderia significar, mas que percebeu que não era coisa boa.

— E Jadhe também — Yoná acusou.

Fez-se silêncio. Por fim Shenu falou, respondendo aos olhares julgadores dos colegas, como se esperassem a defesa do réu para proferirem a sentença:

— É, Yoná, sou telepata — ele bufou. — Mas não sou um *bom* telepata. Nunca tive qualquer controle sobre esse meu... *dom*. Não posso invadir a sua mente sem fazer você perceber que eu estou entrando, se é esse o seu medo.

— Como podemos ter certeza? — Diana perguntou, incisiva.

— Não posso fazer isso nem nunca fiz. Nunca tentei *aprimorar* esse talento, ainda mais nesse mundo amedrontado, onde qualquer poder é sinônimo de maldade. Eu não uso minha telepatia o tempo todo, só quando é muito necessário ou quando eu não consigo me controlar.

— Você falou na minha mente! — ela acusou cuspiendo as palavras.

— Falei, porque você tinha medo de que eu desse com a língua nos dentes para o meu irmão Astur. Você desconfiou de mim, a ponto de quase interromper minha conversa e nos entregar, eu apenas a avisei de que eu não ia nos entregar!

Dominique não aguentou ficar de pé, suas pernas enfraqueceram e ele se sentou, sem escorar na parede.

— Não é a melhor hora para discutirmos isso — Jadhe falou, aflita.

— E você? Você também é telepata! Não vai falar nada?

— Jadhe não é telepata, Yoná, você está imaginando coisas! — Dominique rangeu.

— Eu vi! Eu vi quando ela falou com Shenu através da mente, no mesmo momento que eu! Eu estava lá!

Diana e Pablo olharam de Shenu para Jadhe e de volta para Yoná. Márcio ainda não acordara e Dominique piorava a cada instante.

— Manifeste-se, Jadhe! Diga algo para que possamos ouvir!

Jadhe lançou um olhar cansado para Shenu, suspirou, então falou a Yoná:

— Está bem, Yoná, eu posso ouvir um pensamento tão alto que pede para ser ouvido. Não clame por atenção e atenção eu não darei. Agora, continuo dizendo, temos colegas que podem ficar muito mal se não andarmos rápido. Não é hora para discussões bobas. Temos que confiar uns nos outros, pois é tudo o que temos! Vamos seguir!

Emburrada, Yoná acabou concordando, mas de má vontade, e Dominique agradeceu a Dhonmen por isso. Embora intencionasse voltar no assunto num outro momento, se ficassem parados ali por mais tempo ele se tornaria outro peso morto a ser carregado pelo grupo, e a ideia de perder os sentidos numa situação como aquela estava associada demais com a ideia de jamais despertar entre os vivos.

Os jovens olharam para frente, para o novo corredor extenso e negro e, sem mais demora, o adentraram. Ninguém queria esperar o próximo obstáculo, porém todos ansiavam pelo que poderiam encontrar. Será que sobreviveriam ao templo? Caminharam devagar, sempre observando em todas as direções, mas o túnel escuro não parecia mudar, estreito e quieto, todo feito de areia. Nenhum som se ouvia, além dos passos abafados no chão fofo.

O corredor findou quando entraram num amplo salão redondo, cujo teto era oval e imensamente alto. Dominique, suando frio, encostou imediatamente na parede do salão mais próxima da entrada, onde Pablo deixou Márcio também. O chão era de pedra cinzenta e polida. Havia luz vinda de tochas fixadas na parede e, do outro lado do salão, um portal ovalado que levava a algum lugar muito escuro. As paredes visíveis eram decoradas com belos arabescos encenando folhas e aves. No centro estava uma pequena mesa branca e, em cima dela, havia um globo de vidro, que parecia conter alguma substância volátil e brilhante. Não havia mais nada.

— O salão principal... — Yoná murmurou. — Eu nunca estive aqui.

— Pensei que você tivesse *servido* aqui! — Shenu exclamou, de mau-humor.

Ríspida, Yoná rebateu:

— Infelizmente, como eu já falei, esse templo sempre foi um mistério pra mim. É como Octoforte: eu nunca entendi porque mantinham vigias aqui. Enquanto eu servi, ficava nos aposentos dos sacerdotes, junto com Yuke, o outro sacerdote, e não saíamos de lá. Tentamos encontrar esse salão algumas vezes, mas havia um labirinto de corredores escuros e estreitos de areia levando até a área social do templo, e da última vez que tentamos encontrar um caminho, Yuke quase morreu sufocado. Além do mais, as passagens sempre mudavam de posição, não tínhamos como nos lembrar do caminho certo ou errado. Não sei se vocês perceberam, mas esse templo é cheio de truques!

— Afinal de contas, havia alguma coisa pra se fazer como sacerdotisa nesse templo? — Shenu provocou.

— Aquela é a Cuzpola? — indagou Pablo, interrompendo a troca de faíscas entre os dois.

— Deve ser, mas com certeza deve haver algo para nos impedir de chegar nela.

— Não vamos saber o que é ficando aqui — respondeu Pablo.

Pablo caminhou decidido em direção à mesa. Olhava para os lados e para o alto, Diana prestava atenção ao chão, Yoná apurou os ouvidos, mas nada aconteceu. E ele chegou ao artefato.

Quando o jovem estendeu a mão, porém, algo muito estranho ocorreu. Antes que tocasse o objeto a mão dele começou a vibrar, e depois o braço, e logo o corpo inteiro de Pablo estava tremulando. Luziu um raio dourado, e o rapaz foi atirado para trás com um estrépito surdo, bateu na parede e caiu sentado.

— Pablo! — Diana gritou.

— O que aconteceu?

— Você está bem?

Ele balbuciou, sem conseguir fazer o queixo parar de vibrar: — E-e-e-es-es-t-to-tou, D-Di!

— Tem algum tipo de magia na...

Shenu se calou. Havia passos vindos do corredor do outro lado do salão.

Em silêncio ficaram os jovens enquanto os passos ecoavam pelo templo, dando a impressão de que um gigante se aproximava. Mas quando o estranho chegou à parte visível do tempo, as luzes descortinaram uma pequena figura de cabelos vermelhos e espetados. Seu rosto rosado e redondo e tinha o nariz arrebitado. Suas enormes orelhas eram pontudas e usava uma roupagem vermelha. Não era um homem comum, logo se via, mas, pelo menos, tinha apenas duas pernas e dois braços. Caminhou lentamente em direção ao grupo, até colocar-se na frente do patamar, entre a Cuzpola e as sentinelas. Trazia um sorriso curioso nos lábios.

— Boa noite senhoras e senhores, bem vindos à sala principal do Templo de Poeira.

— Boa noite — responderam hesitantes Yoná e Pablo.

Por alguns instantes, nada foi capaz de quebrar o silêncio que se seguiu. O estranho olhava de uma sentinela à outra como se os estudasse, uma estranha expressão de contentamento no rosto. Em alguns momentos ele sorria e acenava com a cabeça, em sinal afirmativo. Aparentava ser ao mesmo tempo muito jovem e muito velho, se é que isso era possível, pois tinha rugas no rosto, mas seu rosto era de criança.

Não aguentando a curiosidade, Diana quebrou o silêncio:

— Olá! Será que podemos saber... quem é o senhor?

— Quem sou eu? Oras, *eu* sou seu último desafio.

— Nosso último... quer dizer, então temos que lutar com você? — Pablo perguntou espantado, ainda tremendo. O estranho parecia ser tão frágil...

— Lutar comigo? Oh, não! Que coisa mais grosseira! Lutas são para bárbaros. Não, lutar não. Tudo o que vocês têm que fazer é me convencer de que merecem levar o artefato que vieram buscar.

Jadhe esfregou a cabeça dolorida. Escorado na parede, Dominique deitou-se no chão, o rosto torcido de dor, os braços afagando as penas de cada asa ferida. Márcio dormia um sono pesado ao lado dele.

— Convencer? Com palavras? — Shenu perguntou, e Diana notou que algum pensamento matreiro cruzava a mente dele, embora seus joelhos bambeassem.

— Sim, com palavras, com o que mais seria? Agora, vejam: não adianta tentarem me pressionar, torturar, matar, nem mesmo me subornar, como de certo você pensou rapaz. O encanto desse item só permite que ele seja levado se seu guardião, por livre vontade, decidir entregá-lo a alguém. Se me matarem, o encanto morre comigo, a Cuzpola perde seu poder, sua luz se apaga, e os Tesouros que ela indica estarão perdidos para sempre, ou até que alguém incrivelmente afortunado consiga, por acaso, encontrá-los. Mas não se preocupem, não vão conseguir me matar mesmo se tentarem.

— Então... não adianta te oferecer nenhuma coisa em troca?

— Shenu! — Diana e Jadhe exclamaram ao mesmo tempo, repreendendo-o.

— Como, é claro, eu imaginei que fosse seu pensamento. Não, rapaz, não adianta, pois não há nada nesse mundo que você possa me oferecer que eu já não tenha.

— Então você deve ser alguém incrivelmente afortunado — o andarilho comentou.

— Ou alguém irremediavelmente desinteressado. Não, subornar não. Vocês têm que me convencer.

— Senhor, eh... como podemos chamá-lo? — Pablo perguntou, tentando ser o mais polido possível, pois não queria estragar sua chance.

— Me chamar? Ora eu sou...

Mas sua voz morreu aí. O estranho fitou Pablo com uma expressão sonhadora, com certeza decidindo sobre como se apresentar, mas mais parecia o avô de alguém revivendo uma memória antiquíssima. Com um sorriso no canto do lábio, ele falou:

— Carvalho. Meu nome é Carvalho.

— Eh... Carvalho... senhor, nós viemos de tão longe, de outra dimensão... enfrentamos terríveis perigos, um deserto traiçoeiro, a fome e o frio, a sede e o calor. Estivemos iludidos por truques que poderiam ter nos levado à morte certa. Senhor Carvalho, se isso não nos torna dignos da conquista desse prêmio...

— Não sabe o que mais tornará? — Carvalho atalhou. — Ora, meu jovem, que falta de criatividade! Não acha que todos os que vêm aqui não falam sempre a mesma coisa?

Pablo não respondeu, mas não conseguiu imaginar que “*todos*” seriam esses.

— *Vejam só o que passei* — Carvalho continuou. — *Eu mereço porque me esforcei*, blá, blá, blá. Não, eu não tenho dó de ninguém. Se vocês enfrentaram esses desafios foi porque quiseram. Nada teria acontecido a vocês no deserto se não estivessem à procura do templo ou de um tesouro. Estão aqui somente porque querem.

“Agora, tentem me explicar o que eu quero realmente saber. Para que vocês querem a Cuzpola? O que pretendem fazer com ela? E animem-se: a maioria das pessoas que chega até aqui está sozinha, portanto só tem uma chance. Vocês estão em sete, têm sete chances de conseguir... Quatro, se excluirmos os adormecidos ali no canto e o rapaz que já gastou sua chance”.

Mais um momento de silêncio. Carvalho então acrescentou, incentivando as sentinelas a falar:

— Há um banquete especial preparado lá atrás para convidados especiais... Vocês, conseguindo ou não o prêmio, podem desfrutar da parte hospitaleira do Templo... Mas só depois de cada tentativa. Ora, vamos, pelo estado em que estão vocês nem têm tempo para pensar muito. Daqui a pouco vão cair aqui mesmo na minha frente, mortos de fome e de sede!

— Senhor, a Cuzpola é uma bússola mágica que só pode nos mostrar uma coisa, os Objetos Supremos — disse Shenu, parecendo indeciso sobre o que ia dizer, mas falando de forma elegante e pomposa. — A lenda sobre esses artefatos

mágicos correu o mundo tantas vezes, incríveis são as propriedades que a eles são conferidas! Os Objetos, nós os queremos para estudá-los e, quando for hora, usá-los para o bem do mundo, e das pessoas, e da natureza de Bhardo!

Nem os próprios companheiros do andarilho conseguiram ouvir aquilo e se manter impassíveis, e foi com muito custo que Pablo não soltou um palavrão. Shenu, o mestre dos mercenários, usar os Tesouros para o “*bem das pessoas e do mundo?*” E depois de contemplar o rapaz por um instante, Carvalho respondeu, um sorriso enviesado:

— Rapaz, eu nem devia te dar uma chance porque você queria me subornar. Mas, vá lá, então você vai usar os Tesouros pelo “*bem do mundo*”, sem nenhum interesse pessoal? Não é nem pra salvar sua mãe doente, ou para ganhar dinheiro para realizar o sonho de sua esposa de ter um colar de *sblinc ’z*, nada do tipo? Eu não ousaria sonhar que homem algum teria tanta bondade no coração!

Então Jadhe moveu os lábios para falar, mas antes que pudesse dizer palavra Yoná tomou seu lugar.

— Queremos os Objetos para enfrentar o rei do Nepcoutem — ela disse, e seu tom era frio e calculado. — Queremos reparar a magia que ele fez que nos impede de voltar para a Encruzilhada, de onde viemos. Não sabemos por que, mas o rei Zebarân trancou o portal que leva a *Cermalháct*, onde fica a Fortaleza dourada Octoforte. Somos sentinelas. Metade dos nossos soldados está trancada do outro lado e não sabemos qual é a condição deles, nem se estão vivos. A outra metade está na ilha Agerta, aguardando nosso retorno com a chave que prometemos.

— Interessante — Carvalho falou, encarando o olhar penetrante da jovem. — Mas por que, ao invés de tentarem voltar, vocês não tentam ficar? Seria muito mais fácil e menos perigoso construírem uma casa para vocês e deixarem seus soldados viverem por aqui mesmo. O mundo é grande...

— Sabemos. Mas outros estão presos e podem estar com provisões limitadas, soldados, crianças e mulheres. Além disso, não sabemos quais os planos de Zebarân, mas sejam lá quais forem, não pretendemos deixar que ele prossiga sem resistência, afinal, nada de bom pode vir dele.

— E vocês se importam?

— Ninguém mais no mundo se importa com aquele portal, somente nós. Portanto cabe a nós fazer alguma coisa, mesmo que seja perigoso, como sabemos que será. Fizemos um juramento.

Os olhos muito negros da garota não perderam uma faísca do brilho enquanto ela falava. Sua voz não falhou, seu corpo não vacilou. Carvalho sorriu.

— Pela primeira vez, alguém me convenceu! Você foi muito bem, minha jovem, muito bem. Mas quero acrescentar algumas palavras. Perguntaram quem eu

sou e eu respondo agora: sou aquele que está ciente de tudo, desde os motivos de sua missão, até os motivos pessoais de cada um dentro dessa missão. Acredito que todos chegarão ao final dela, pois muitas coisas estão em jogo além da chave de sua casa, coisas que estão além de sua compreensão, e das quais não falarei agora. Esses Tesouros que vocês buscam são muito temperamentais, mas acho que vão saber lidar com as joias, se conseguirem encontrá-las. Na verdade, espero que se saiam bem, pois aquilo que os aguarda é muito mais difícil do que imaginam agora. Parabéns! A Cuzpola é sua! Mas usem-na com cuidado, com muito cuidado, e com mais cuidado ainda usem os Tesouros que procuram. E devem me prometer ainda, como desafio final, que jamais vão desistir dessa procura. Prometem?

Aqueles que estavam despertos e de pé assentiram com a cabeça e murmuraram um “*sim*” assustado, mais por receio da estranha criatura que era Carvalho — cuja pele “endurecera” a olhos vistos e começara a rachar — do que por compromisso com a tal missão. Carvalho encarou com desconfiança o olhar de Shenu, mas logo sorriu.

— Muito bem — continuou, sua voz parecendo mais jovial do que estava antes. — Vocês me fizeram uma promessa, e como sabem, uma promessa não pode ser quebrada. Se quiserem manter sua honra intacta, devem cumpri-la até o fim. Eu lhes entrego agora o maior bem do Mundo de Bhardo, a Cuzpola, único instrumento capaz de localizar os Sete Objetos Supremos. É sua. Boa sorte!

SCRÁTCH!

As sentinelas cobriram os ouvidos e não puderam ver por uns instantes. Uma escuridão repentina tomou conta do salão no momento em que um estampido encheu o ar, que ficou impregnado com um cheiro de enxofre. Num instante Carvalho estava lá, no outro havia um carvalho no lugar dele, um carvalho de verdade, com o tronco grosso e a copa espessa, espremido dentro do salão. Seus galhos se erguiam até o teto e suas raízes rasgavam as pedras. E, aos pés da árvore, aquilo que cada um mais queria ver, mais ainda que a própria Cuzpola: um banquete servido numa grande toalha no chão.

A Cuzpola estava ali, bem diante deles. Juntos, Shenu, Yoná e Jadhe avançaram em direção ao objeto. Dominique já não podia caminhar, perdera os sentidos devido à dor e Diana e Pablo avançaram timidamente. Ninguém questionou que fosse Yoná a primeira a apanhar a bússola.

Era um globo de cristal, do tamanho de uma manga madura. Ao toque, Yoná sentiu as pontas dos dedos formigarem, como se parte da pele estivesse congelando enquanto outra parte ardia. Dentro dele alguma coisa se movia, como poeira brilhante e amarela, espiralando-se, contorcendo-se, transformando-se em nuvem e de novo em poeira, num eterno ciclo de brilho e magia. Era fascinante ficar olhando para ele.

— Se alguém conseguisse a Cuzpola e não soubesse para que ela serve se contentaria apenas em olhá-la para o resto de sua vida! — Jadhe comentou. E com razão, pois muitos minutos se passaram antes que Shenu despertasse a atenção de todos para o que *realmente* tinham na mão.

— Temos que descobrir como ativá-la, como fazê-la apontar para as joias. *Cuzpola, ordeno que me mostre os Objetos Supremos* — ele tentou, esticando os dedos em direção ao globo, mas nada aconteceu. Yoná sorriu.

— Talvez exista algum truque para fazer isso — Diana sugeriu. — Uma palavra mágica, ou algo assim.

— Existe um truque sim, Di, quer ver? — disse Yoná. — *Cuzpola, néfor*.

Então a luz ficou mais forte e todo o salão se iluminou. Só então puderam ver o lado oposto do salão, que até então estava escondido atrás do carvalho por sombras espessas. Como era diferente! A parede oposta do salão era ricamente trabalhada, com arabescos antigos gravados em pedra e vidro, e o corredor, por onde Carvalho viera levava a outra sala onde a luz iluminava apenas a beirada de uma cama acolchoada.

— Como fez isso? — Shenu perguntou, os olhos brilhando.

— Quem fez a Cuzpola foi Ariell Saramah, o grande herói do nosso mundo, e na época dele ainda se falava o *bhardanathé* antigo. Era uma das minhas matérias favoritas no Educandário, quando eu era menina.

— Ah! — Diana exclamou. — Nós até tivemos aula dessa língua no Forte. Um dos testes para sentinela foi o teste escrito de *bhardanathé*. Mas acho que nenhum de nós sabe *falar* essa língua, só aprendemos um pouquinho da escrita... Sabe que até que é bem útil ter você por perto, sabia?

— Tá certo, vamos ver o que nos espera — Yoná respondeu com um sorrisinho presunçoso, então se preparou como se estivesse prestes a fazer um discurso real, e disse: — *Morano dág'niz Crimedéct'z*. Isso quer dizer: mostre-nos os Objetos Supremos.

A Cuzpola mudou. Em seu interior as sentinelas viram aparecer o mapa de Bhardo feito de poeira amarela e reluzente, como se estivessem enxergando o mundo de cima. E não era pequeno; apesar do tamanho do globo, quanto mais se olhava através da Cuzpola, mais nítida e maior ficava aos olhos do observador a região que ele via, como se o mapa crescesse dentro da mente de cada um. E era de um tom envelhecido, como um antigo pergaminho, envolto em nuvens de luz amarela. Sobre ele surgiram os Objetos, sete pontinhos de luz dourada, cada um marcado em um lugar do mundo. Um oitavo ponto de luz branca pairava nos limites de Namor'n Chivin. Pablo chegou-se de mansinho e adivinhou o que era.

— Esse somos nós, ou melhor, a Cuzpola, certo?

— E os outros pontos são os Crimedéct'z...

Mas o sorriso de vitória de Yoná desvaneceu e deu lugar a uma expressão consternada. Shenu, se é que era possível, tinha no rosto um tom mais desbotado do que o habitual.

— Terem... Crimehuór... Blando... — Yoná murmurou, desalentada. — Não me admira que ninguém nunca os tenha reunido. Estão por toda parte! E tão longe uns dos outros! Quem teria escondido uma joia dessas em Blando?

— Hadara e Zefim... E um em Yatzarem! Vamos ter que entrar nos reinos bárbaros do oeste! — Shenu gemeu.

— Pelo menos sabemos desse aqui — Jadhe apontou para o pequeno sinal sobre o país de Algavar. — É o que está com a mestra Ártemis. Só temos seis para encontrar...

Mas, sobre o desânimo geral, Diana sorriu tímida e suspirou: — Bem, não podemos fazer nada quanto a isso agora. Estamos cansados, mas tem um banquete e camas macias à nossa espera! Vamos, gente, vamos descansar um pouco e cuidar dos meninos porque finalmente vencemos esse primeiro desafio, e estamos doídos e com fome, temos o direito de descansar um pouco antes de nos preocupar outra vez!

Apesar do cansaço não foi preciso chamar duas vezes. Pablo e Shenu estenderam os companheiros desfalecidos sobre camas confortáveis num quarto que ficava além do corredor do outro lado do salão. Ali, além da comida farta e aparentemente oriunda de várias partes do mundo — pães e bolos frescos, mel e frutas silvestres e secas, leite de cabra, água, sucos, chá quente e torradas, biscoitos de queijo, geleias de frutas azuis, carne seca e outras pequenezas — ainda havia ervas e remédios para tratar feridos e doentes. Com a ajuda de Diana, Jadhe tratou da asa de Dominique e Yoná limpou e enfaixou as queimaduras de Márcio, principalmente as das mãos. As moças usaram um bocado de medicamentos para fazer curativos nos pequenos ferimentos na cabeça de Jadhe, na testa de Diana e no braço esquerdo de Shenu, que tinha um hematoma da dimensão de um melão. Só então se sentaram para comer.

— Muito bom! — Diana exclamou, farelos de rosca doce nas bochechas. — Quase consigo esquecer minha dor de cabeça com toda essa fartura!

— Você também? Márcio reclamou o tempo todo que estamos aqui, e pelo mesmo motivo... Bem, está tudo muito bom — disse Pablo, tamborilando os dedos sobre uma cesta de pão — mas essa viagem não está. Não vai nos tomar só um mês essa procura insana, vai?

Yoná fixou um olhar duro em Pablo, que percebeu que Shenu e Jadhe se entreolharam. Diana insistiu, preocupada:

— O quê, vocês acham que um mês é pouco? Acham que vai levar o que, dois meses? Três?

— Quer a verdade? — Yoná rebateu, inflexível. — Não faço ideia! Essas coisas estão por todas as partes do mundo, eu nunca imaginei que estivessem tão espalhadas. Cheguei a pensar que pudessem estar num lugar só, num baú ou algo assim...

— Isso é absurdo! Co-como vamos sair daqui e nos embrenhar numa excursão que pode durar... meses! — Diana resmungou. — Como vamos nos virar? Faz uma semana que estamos em Bhardo e já estamos cheios de roxos pelo corpo, quebrados, cortados e famintos! Dominique precisa de um tempo pra recuperar as asas, Márcio está todo queimado e nós machucados! Sem contar a areia toda que deve estar dentro dos nossos pulmões, acho que até dentro do nosso sangue!

— E o que você sugere? — Yoná retrucou, cruzando os braços, fingindo não notar o olhar fuzilante que Pablo lhe enviava. — Será que se esqueceu de que fez uma promessa em Agerta e outra agora mesmo? Tenho certeza de que Carvalho não se esquecerá!

A voz de Jadhe, suave e conciliadora, soou no meio da tensão:

— Bom, não podemos voltar de mãos abanando e deixar tudo como está, não é mesmo?

— Por que não? — foi Shenu quem perguntou, arrebatado. — Essa é minha primeira opção!

Pablo mordeu o lábio inferior e olhou nervoso para Diana. Depois passou uma mão pelo pescoço dela e disse calmamente:

— Não se esqueça de que, dessa vez, você também deu sua palavra, Shenu, nós todos demos. Eu não tenho coragem de voltar para Agerta assim. Não tenho coragem de dizer a Dalartã que a tal “esperança” que fomos procurar estava muito distante, e por isso decidimos deixá-la de lado. O que você acha que ele faria? Que algum dos soldados faria? Eles nos matariam!

— Tentariam encontrar essas joias por conta própria, todos eles. E seria uma tremenda bagunça, quarenta pessoas não conseguiriam manter esse segredo durante toda a jornada... Mas dissemos que não demoraríamos tanto! O que acha que vão pensar quando os dois meses tiverem passado e não tivermos chegado lá? Que os abandonamos!

— Coisa que eu também poderia fazer... — Shenu murmurou em tom de brincadeira, mas que quase lhe custou um olho, pois Pablo ficou revoltado e Diana teve que segurá-lo antes que o golpe acertasse Shenu em cheio.

— Se quer ir embora, vá! Ninguém está te prendendo a esse grupo!

Assustado, Shenu deu um passo para trás.

— Ei, eu só estava brincando, cara! Se acalme!

— Mandaremos mensagens — disse Jadhe, tentando acalmar Pablo. — Cartas, arautos, sempre que tivermos chance — ela disse. — Não vamos abandonar ninguém, nem nos desesperar ou ficar apavorados!

— E tentaremos dar passos longos — Yoná completou, acudindo Pablo. Aparentemente, ela havia simpatizado com o senso de lealdade dele para com os colegas de Octoforte.

Pablo suspirou e Shenu também. Diana largou o namorado e ele se afastou, trêmulo. Se para Shenu aquela jornada traria incômodo, para Pablo não seria mais fácil. Ele sabia bem que tipos de perigos espreitavam por trás das belas paisagens de Bhardo, e se sentiria muito melhor na monotonia do Forte do que naquele mundo estranho. Mas o único modo de conseguir voltar a essa segurança era superando os perigos que ele passara a vida tentando evitar. Ele teria cuidado, por ele, por Márcio e por Diana, e voltariam rápido. “*Passos longos*”, Yoná dissera. Ele faria com que os passos fossem enormes.

Depois da ceia, Jadhe e Yoná encheram lenços de pano branco com ervas medicinais e os fecharam como sacolas, pois o deserto devorara quase todos os pertences que traziam, menos as sacolas com dinheiro que, por sorte, ficavam presas aos cintos. Shenu encontrou cantis de couro nos quartos, e neles colocou toda água que sobrara nas jarras. Diana e Pablo se encarregaram de separar mantimentos para a próxima parte da jornada, guardaram a carne seca que sobrara, os pães e muitas frutas secas nas quais nem haviam tocado. Embalaram tudo e depois envolveram os pacotes na grande toalha vermelha, tomando o cuidado de separar algum alimento para a manhã seguinte, antes de partirem. Então foram para o quarto além do corredor, onde já estavam Dominique e Márcio. O quarto tinha seis grandes janelas verticais e havia prateleiras nas paredes de pedra, onde estavam lençóis, toalhas e algumas velas. De cada lado do quarto havia um “quarto íntimo”: um espaço reservado para banhos, fechado por portas de madeira escura. Homens e mulheres se separaram e encontraram, em cada quarto íntimo, uma banheira com água morna e limpa. Depois de um relaxante momento, um a um os jovens voltaram para o quarto comunitário. Ali adormeceram em camas macias, cobertos por lençóis agradavelmente quentes em relação ao frio do deserto.

Nas Colinas Gritantes

O dia seguinte acordou-os com sua claridade monótona e estranha. A luz vinda do céu invadiu o quarto e encontrou sete camas ocupadas, de um total de oito. Márcio espreguiçou-se e sentiu uma dor forte nas mãos. A lembrança do dia anterior veio junto com a narração de Pablo sobre o resto do caminho, depois de ele ter desmaiado. Um turbilhão de imagens confusas passou pela cabeça do rapaz e ele sentiu falta de ar... lembranças misturadas com os pesadelos com uma criatura de fogo e sem olhos giraram rápido, provocando uma ligeira tontura. Ao menos se sentia grato pela dor de cabeça lacerante do dia anterior ter passado. Ele desejou estar em Octoforte naquele momento, em casa, onde sempre acordava sobre lençóis limpos e com uma jarra de água ao lado da cama.

— Engraçado, não é? — Diana comentou, observando a cama que sobrara vazia. — Oito camas... Até parece que esperavam por nós. Afinal, seríamos oito com Verônica, não é?

Márcio tinha a mesma sensação.

Logo o grupo percebeu que não estavam mais no mesmo templo em que tinham entrado. Saindo do quarto encontraram o mesmo salão, com o mesmo carvalho de folhas grandes — hoje amarelas e começando a cair — mas sem teto e, do outro lado, onde deveria estar o corredor, não havia mais paredes, só o deserto quente e claro.

— Parece que os desafios daqui acabaram. Então, como é que o grupinho animado quer fazer? Qual vai ser nosso próximo passo? — Shenu perguntou, enchendo a boca com uma fatia de torrada com mel. Os outros o acompanharam e começaram a comer.

— Vamos para a aldeia Sanai, não é mesmo? — Márcio perguntou, lembrando-se do que Yoná tinha proposto dias atrás, e que todos acabaram meio que concordando, mesmo que não estivesse claro qual seria a utilidade da viagem até lá.

Yoná respirou fundo, e seus olhos negros pareceram perder o brilho quando ela respondeu:

— Eu refleti bastante. Não acho que devemos ir até a tribo.

Dominique estreitou os olhos, balançou a cabeça e perguntou:

— E por que não? Até ontem era praticamente sua prioridade ir até a tribo, não era? O que aconteceu?

— Não acho correto de minha parte levar este perigo até lá.

Ao dizer isso, Yoná colocou a mão sobre a bolsinha de couro ocre onde estava guardada a Cuzpola, porém, quase imperceptivelmente, ela desviou os olhos

e os apontou, por um segundo, para um ponto ao lado dela. Dominique, no entanto, percebeu o gesto, e acompanhou a trajetória do olhar dela. Ali estavam sentados, próximos um do outro, Jadhe e Shenu.

O gênio olhou para os dois e depois tornou a olhar para Yoná. Márcio seguiu os olhos dele, e se alarmou quando o gênio começou a tamborilar os dedos na perna. Com a voz exaltada, Nique falou:

— Você está falando do que, do perigo de estar confrontando Zebarân ou de levar dois telepatas até sua preciosa aldeia?

Yoná não respondeu. Cerrou os dentes e fixou um olhar bravo em Dominique.

— E se for a segunda opção?

Dominique balbuciou algumas palavras gaguejando, totalmente desconcertado com todos olhando para ele, mas depois falou firme:

— Você... não pode julgar as pessoas assim! Você nos conhece há menos de um mês, estamos convivendo juntos há só uma semana, e você está julgando nosso caráter através de uma característica!

— Não estou julgando *você*, você não é telepata! Todos sabem que não se pode confiar num telepata.

— Eu não sei disso — Nique continuou. — Até ontem eu nem sabia que Jadhe era uma dessas... telepatas. Se ela sempre ouviu meus pensamentos, ela nunca traiu nenhum segredo meu.

— Também nunca te disse que estava ouvindo tudo o que você pensava.

— Isso porque não é assim que funciona — Jadhe se defendeu. — Eu já falei, não consigo “ouvir” tudo o que todo mundo pensa, acho que eu ficaria louca! Às vezes, em *raras* ocasiões, quando uma pessoa gostaria de poder falar alguma coisa mas não pode falar em voz alta, eu consigo “sentir” esse pensamento, mas é só isso. Como Shenu, eu nunca tentei aprimorar esse dom!

— Isso nunca saberemos, não é? — Yoná alfinetou, os olhos apertados. — Como poderemos confiar em vocês?

Súbito, Pablo, que estava quieto, assistindo à discussão com os dentes cerrados, explodiu:

— Sua... Sua... Imbecil! — ele berrou, ressaltando a todos com aquela exaltação inesperada. Seu rosto estava vermelho e suado, seus punhos estavam cerrados. — Sabe, ninguém está te obrigando a fazer parte desse grupo! Por que não vai embora? Volte pra sua tribo, onde tudo é perfeitamente seguro!

— Parece que eu ouvi mais ou menos a mesma frase ontem... — Shenu comentou.

— E eu falei sério! — Pablo esbravejou, levantando-se. — O que você esperava, Yoná? Quando se inscreveu para participar da seleção para o posto de

sentinela de uma Fortaleza decrépita, o que você esperava encontrar, se passasse? Um grupo de soldadinhos perfeitamente comportados, bem instruídos, como você? Todos iguaizinhos, sem nenhum defeito, funcionando como... Como maquininhas bem reguladas? Era isso o que você esperava encontrar? E você, Shenu? Esperava entrar e ter uma vida mansa, sem ter que se comprometer com as pessoas com quem você deve conviver pelo resto da vida? O que eu disse, eu repito: se alguém não está satisfeito, pode se mandar!

Márcio nunca vira o irmão tão nervoso, parecia um caldeirão borbulhante, prestes a derramar. Ao lado dele, porém, Diana tinha o queixo levantado e um brilho orgulhoso nos olhos. A explosão de Pablo causou um grande efeito, pois além de atrair os olhares de todos, Yoná, de olhos arregalados, descruzou os braços.

— Eu não disse que queria abandonar o grupo... — ela murmurou num tom de voz baixo e bem menos ríspido do que o de costume.

— Mas eu estou dizendo que se você quiser você pode! — Pablo continuou, arfando, a voz alterada. — As pessoas são diferentes, Yoná, quer você goste ou não. Essas pessoas aqui foram as selecionadas para o grupo de sentinelas, e você gostando ou não, quem quiser acompanhar essa empreita atrás dessas joias vai ficar, seja *telepata*, *telemétrico*, *teletransportador*, o que for! Então, se você não está satisfeita, e se não conseguir confiar nos outros membros do grupo, pode se retirar! Eu te digo uma coisa: se tem uma pessoa que não está nem um pouco contente com essa situação, essa pessoa sou eu. Bhardo é o último lugar por onde eu gostaria de perambular. Esse grupo não é exatamente o grupo de amigos do peito que eu escolheria para povoar uma ilha deserta. Mas há pessoas dependendo de nós! Não precisamos gostar um do outro, mal nos conhecemos, mas temos que confiar que os testes selecionaram os merecedores do posto, e se começarmos isso sem conseguir ao menos confiar na lealdade uns dos outros, em três dias estaremos nos matando! Por isso eu disse: se alguém quiser desistir dessa empreita, desista! Deixe que quem tiver disposição continue sem maiores problemas!

Quando Pablo parou de falar, a nuvem de tensão se manteve suspensa sobre o grupo. Yoná passou a mão pelos cabelos, os olhos desfocados, parecendo refletir. Olhou desamparada para Márcio, depois desviou os olhos e focalizou Jadhe e depois Shenu. A moça desviou o olhar, mas Shenu sorriu para Yoná de um jeito gaiato. Então, com as mãos dadas à frente do corpo, a índia olhou para o chão e, num tom de voz totalmente mudado — amistoso, delicado — ela disse:

— Acho que... Acho que conseguiremos asilo e alguma bagagem na tribo Sanai... Afinal, perdemos quase todos os nossos pertences, e vamos precisar de algumas armas para pescar e caçar... E depois temos que decidir o que fazer.

Temos sete objetos para encontrar, cada um num lugar diferente do mundo, e somos sete sentinelas. Devemos nos separar ou ficar juntos?

Diana respondeu imediatamente:

— É claro que temos que ficar juntos! Levará mais tempo, mas não teríamos a Cuzpola agora se só um de nós estivesse aqui — qualquer um de nós. Tivemos que contar com a ajuda de todos para conquistar a bússola, e com certeza não será diferente com esses Objetos Supremos.

Márcio concordou. — Ela está certa. Aliás, mesmo que marquemos os lugares onde cada Tesouro está em mapas individuais, nada pode garantir que eles estejam visíveis, ou imóveis. Podem mudar de lugar depois de um tempo, podem estar nas mãos de algum viajante, quem sabe?

Afinal, todos concordaram que ficariam juntos e, Márcio reparou, havia certo ar de altivez nos semblantes dos companheiros ao confirmar que permaneceriam unidos, mantendo a palavra dada a Carvalho e à Fortaleza — exceto, talvez, por Shenu, que mordiscava o canto da boca um tanto inquieto. Aparentemente a explosão e Pablo inflara um estranho senso de comprometimento nas sentinelas, e Márcio se sentiu orgulhoso.

Bagagem preparada, cabeças voltadas para o norte, as sentinelas rumaram para Crimehuór, para as Colinas Gritantes, onde Yoná secretamente tinha esperança de encontrar alguma luz para as perguntas que Carvalho deixou. Partiram sob o dia falso, levando um saco formado pela toalha vermelha e outros menores improvisados com lençóis, onde puseram ervas-de-cura e mantimentos. Pablo, que levava o saco maior, fez um comentário curioso em certo momento:

— Devo estar engraçado carregando esse pacote... Parecendo o “Velho Noel”.

— Que “Velho Noel?” — perguntou Jadhe. Ali perto, Shenu aguçou os ouvidos.

— Ah, é uma lenda do Mundo dos humanos... É sobre um velho que carrega um pacote vermelho em uma data especial para as crianças... Mas eu não sei o que eles acham que vem dentro. Vi esse conto de relance uma vez, na biblioteca do forte. Tem muita coisa do mundo dos terráqueos lá.

— Talvez seja uma lenda sobre um velho que rouba criancinhas! — Shenu sugeriu.

— Não, acho que não. A gravura daquele livro parecia tão bonachona...

— Devem dizer que ele traz bolachas no Dia das Luas — Dominique riu.

E assim seguiu-se a conversa por boa parte do caminho, até que todos ficassem com tamanha sede que concordaram em parar de falar.

Depois de quatro horas de caminhada o cansaço se abateu sobre eles. Pararam para comer, beberam a água e descansaram por uns momentos, para só então retomarem seu passo. Três horas depois pararam novamente, quando notaram que a água estava acabando. Mas Yoná insistiu para que não se preocupassem.

— Bebam o quanto quiserem, até seus cantis acabarem. Há um oásis a pouco tempo daqui. Devemos chegar lá antes do escurecer.

Nada mais havia à frente do que areia e vento. O que restara do templo provavelmente seria engolido pela areia tão rápido quanto o passar de um dia. O caminho lançava poças de água nos olhos dos jovens e depois as transformava em puro pó, miragens lançadas pelo sádico Chivin. O que os animava era a certeza de estarem perto de algum lugar menos quente e mais úmido. Se alguém se perdesse ali, Márcio tinha certeza, se não morresse de sede e fome, sairia louco.

De repente surgiu à frente uma imagem realmente tentadora. Havia grandes árvores magras de copa altiva, formadas por enormes folhas pinadas, negras sob o crepúsculo do céu; pequenos arbustos rastejavam pelo chão e, em meio à areia, um grande lago espelhado de água cristalina, refletindo a pequena lua branca lá em cima. Aquele era *Allém Onaakev*, o oásis abençoado de Chivin. Ali o grupo se refrescou e pôde conversar, algo que não faziam havia muito tempo, porque suas gargantas estavam secas.

Foi ali mesmo que os viajantes passaram a noite. Jadhe e Diana cuidaram das feridas de Dominique mais uma vez, e viram que a erva-de-cura do *Flachim'ttoér* era quase milagrosa: o rapaz já não sentia muita dor, e das queimaduras de Márcio só suas mãos ainda inspiravam cuidados. Nique descobriu que seu relógio de bolso tinha parado de funcionar, assim como o de Jadhe, e agora dependiam totalmente do relógio de Shenu, já que nem Pablo, nem Márcio nem Yoná tinham relógios e o de Diana era dividido em doze horas, enquanto os relógios bhardanos eram divididos em vinte e quatro, separadas entre horas do dia e da noite. O de Diana era útil para ver horário, mas totalmente ineficaz se a pessoa quisesse descobrir se eram horas do dia ou da noite em locais de noite eterna. E, apesar de ainda não simpatizar com o gênio, Pablo passara a aceitar melhor que Diana ajudasse Jadhe a trocar as bandagens improvisadas das asas do rapaz, e vendo o quanto ele sofria, ele mesmo puxou conversa diversas vezes com Dominique; seu modo de enxergá-lo tinha melhorado consideravelmente depois de o gênio ter voltado pela ponte para resgatá-lo e à Diana. Depois, Jadhe ficou um longo tempo ao lado de Nique apenas lhe fazendo companhia, enquanto Shenu se lavava na margem oposta do lago, escondido pelos ramos caídos das palmeiras, e os outros se ocuparam com o acampamento.

Fizeram uma fogueira com folhas secas e comeram os pães que tinham trazido. Quando todas as estrelas estavam no céu, Pablo e Diana se afastaram do grupo e estenderam as esteiras de dormir que o templo lhes oferecera, feitas de um estranho tecido brilhoso e grosso, lado a lado. Márcio se deitou para apreciar o céu, no que foi acompanhado pela jovem guia daquela jornada. A princípio Márcio achou estranho quando percebeu a ranzinza Yoná sentando-se ao lado dele, mas à medida que o tempo passava e ela não falava nada ele relaxou. Em silêncio os dois ficaram por um longo tempo, até que a garota iniciou a conversa.

— Diana é uma moça muito espirituosa.

— Espirituosa?

— Ela estava sorrindo sozinha agora a pouco. Quando perguntei por que, me contou que acha que Jadhe gosta de Dominique, e que Dominique também gosta dela, mas ainda não se deu conta disso.

— Se ela falou isso nesse mesmo tom monótono que você está usando, então ela não tem nada de espirituosa — Márcio se divertiu. Parecia que Yoná estava lendo um manual de instruções sem entender nada. Mas a garota virou-se para ele, os olhos negros brilhando, e falou num tom de voz melancólico:

— Eu escorracei Diana poucos minutos antes disso. Eu não acho que ela mereça o posto de sentinela. E eu pensava o mesmo de você e de Pablo antes de tudo o que aconteceu no templo, e falei isso pra ela. Eu sei o quanto posso ser direta quando quero. Ela não respondeu nada, só deu de ombros. Saiu, foi até Jadhe para ajudá-la... E voltou alguns minutos depois com essas... coisas...

Márcio levou um instante para perceber o que, exatamente, estava incomodando Yoná, mas então achou a coisa toda engraçada. Ele sabia como era Diana, e não que ela fosse uma pessoa altruísta que não guardava rancor, o fato é que a moça apenas não conseguia se lembrar de brigas pequenas, além de gostar demais de conversar para ficar emburrada com uma das duas únicas mulheres que estavam naquele grupo. Mas fora justamente essa falta de raiva que causara tanto constrangimento em Yoná, que esperava qualquer tipo de hostilidade de Diana, nunca uma aproximação.

— Você não precisa levar isso tão a sério — ele disse. — Sabe, essa *coisa* toda. Claro que *é sério* o que estamos fazendo, nossa jornada e nossa missão, mas podemos conciliar nosso dever com um pouco de bom humor.

A índia esfregou os olhos.

— Às vezes é bem difícil pensar de forma tão despreocupada.

— Então tente pensar de outra forma: precisamos de você conosco, mas se continuar destratando as pessoas e agindo como se o mundo estivesse todo só nas suas costas, vamos acabar nos separando, e isso não vai ser bom para ninguém. Foi isso o que Pablo quis dizer, entendeu?

Um longo suspiro saiu do peito de Yoná. Ela voltou os olhos para o acampamento, onde Dominique dormia de bruços com a cabeça apoiada no colo de Jadhe, que alisava seus cabelos, e Pablo e Shenu, deixando de lado a briga do dia anterior, desafiavam silenciosamente um ao outro numa partida de “jogo das marcas”, enquanto Diana assistia enrolada em sua coberta.

— Não consigo confiar neles. Em Shenu, andarilho, telepata, ou em Jadhe e Dominique. Os dois são discípulos de Ártemis Caçadora, e se você soubesse da metade das histórias que sei sobre ela, também não confiaria neles.

— Não me fizeram nada ainda. Não custa muito dar uma chance a eles — Márcio respondeu, conciliador. — Mas, enquanto você pensa nisso, não quer me falar um pouco sobre essas estrelas? Não há estrelas em Cermalháct...

Yoná suspirou mais uma vez, mas depois de bufar e ranhetar mais um pouco, se deu por vencida e começou a contar a Márcio algumas histórias sobre as estrelas que ela conhecia. O céu estava lindo, limpíssimo e sem a interferência de luzes das cidades, o que tornava possível enxergar até as mais ínfimas estrelas, as que brilhavam entre outras como poeira cósmica.

Enquanto os outros caíam, um a um, num sono exausto, Yoná e Márcio ficaram conversando sobre os astros e suas histórias. Foi uma surpresa agradável descobrir que Yoná podia ser simpática quando queria, e o assunto fluiu entre eles de forma natural. Márcio contou o que sabia sobre a Terra e seu único luar, de uma lua que se chamava “Lua”, maior que a *Larehssu*, a pequena lua branca de Bhardo, mas muito menor que a vermelha *Ramadissu*. Essas informações ele só conseguira através de livros, pois nunca tinha estado na Terra ou em Agharta. Yoná, por sua vez, falou das três luas de Bhardo, inclusive a *Ginhaissu*, a gigante e apagada lua verde, mas também contou sobre a mitológica *Nissulandd*, que ninguém vivo jamais tinha visto.

— Então, vocês têm uma lua secreta? Que estranho!

— *Nissulandd* é a “lua da luz brilhante”. Mas ela só aparece nas histórias mais antigas. Nenhum dos anciões vivos a viu... mas quem sabe? Talvez tenha mesmo existido.

Continuaram a conversa por muito tempo ainda. As histórias passaram pela estrela *Demírie* e depois pela constelação do *Arco da Garra*. Por fim, os olhos de Yoná pesaram e Márcio sugeriu que fossem descansar.

O solo de areia se tornava cada vez mais pedregoso, apesar da caravana não ter percebido isso imediatamente. Dominique, que não poderia voar por oitenta dias (asas são mais difíceis de curar do que pernas ou braços, e é melhor que estejam totalmente curadas antes de se arriscar a usá-las), andava com os amigos no chão, um pouco atrás do resto do grupo, ao lado de Jadhe, numa tristeza que o

deixava totalmente irreconhecível. Shenu tentou animá-lo, prometendo-lhe uma grande excursão pelas animadas casas de jogos de I'Jaboris da próxima vez em que passassem lá, mas isso o fez lembrar de que tinha perdido seu baralho e o deixou mais deprimido ainda.

Pararam à noite numa região de muito mais pedras do que areia, onde cactos com mais de três metros de altura e de formatos sinistros, como grandes humanoides distorcidos, cresciam perigosos com seus espinhos afiados. Ao longe se ouvia o pio de águias enormes, de asas negras e cabeças brancas, e à medida que os jovens avançavam linhas sinuosas divergiam deles, serpentes desconfiadas de criaturas tão maiores que elas. Grandes picos de pedra assomavam à esquerda, como pilares geométricos moldados pelos ventos, suas pedras precariamente empilhadas umas sobre as outras. À frente e ao norte, como previra Yoná, o estreito leito de um rio os aguardava, o *Ut'tamarei*, o antigo rio pardo. O leste parecia escuro e desolado.

Tiveram que se esconder do vento enrolados nos lençóis, mas a areia fustigou-os a noite toda. Durante o dia caminharam numa boa marcha, só parando para o almoço, mas como já haviam transpassado a fronteira Chivin/Crimehuór e o deserto ficara para trás, o céu já não estava tão claro como nos dias anteriores. A partir dali a escuridão fazia-se senhora. Aquela era a terra rochosa de *Masgaráft*, única terra sem vida dentro dos limites da Grande Floresta. O solo era acidentado, mas no geral o relevo não era de grande altitude, e Yoná os conduziu pelos caminhos que contornavam todas as colinas e rochas mais altas que teriam lhes tirado o fôlego.

Cada novo passo era mais exaustivo que o anterior. Quanto mais avançavam para o norte, mais rápido a temperatura caía e mais verdes ficavam as planícies. Pararam várias vezes para descansar, mas Yoná dizia que deviam se apressar, pois assim que as primeiras árvores comesçassem a surgir pelo caminho eles veriam as Colinas Gritantes. Assim, perto das duas horas da tarde, segundo o relógio de Shenu, entraram numa região arborizada onde, ao longe, uma serra escura assomava imponente. Finalmente estavam olhando para *Arnishér et' lenna bell*, as Colinas Gritantes, lar da tribo Sanai.

Descansaram durante uma hora e esvaziaram os cantis. Tanto pelo frescor daquelas árvores como pela promessa de um lugar confortável para dormir, o grupo prosseguiu, ainda que as pernas pesassem mais que as próprias bagagens e os pés estivessem tão doloridos que ficava difícil tirá-los do chão. Mas durante a noite não se atreveram a continuar, e acamparam ao redor de uma bela fogueira providenciada por Márcio.

— Nós todos sabemos que vocês três — Shenu se referia a Dominique, Jadhe e Yoná — já viveram entre essas árvores... Mas eu não tenho confiança de

que todas as onças vão se lembrar disso. Vamos ter cautela. Não estamos com pressa, e amanhã continuamos o caminho bem cedo!

Já não havia manhã luminosa que os despertasse, portanto, quando acordaram, a única mudança no céu era na posição das estrelas e das luas. Os viajantes conversaram muito, principalmente no intuito de se distraírem das dores. Márcio e Yoná iam na frente, falando sobre os astros. Pablo e Diana, de mãos dadas, cochichavam sobre a beleza exótica das flores que podiam ver sob a luz da única lamparina que trouxeram do templo, mas uma ou outra vez suas vozes ficavam mais baixas e sussurradas, e quando Márcio olhava para trás ele via o casal se entreolhar, depois olhar para ele e então para Yoná e dar risadinhas, e não entendia nada.

Dominique caminhava pesaroso, com Jadhe fielmente a seu lado. Desde que ferira a asa a amiga estava sempre junto a ele, ainda que não conversassem muito. Ela podia entender que tirar as asas do rapaz era como arrancar as pernas de alguém, e isso não poderia causar frustração maior, mesmo que ele pudesse recuperar a habilidade de voar em pouco tempo. Mas, apesar de ser de grande valia o apoio dela, o gênio se sentia desconfortável por não retribuir a atenção da mesma forma. Seria mais fácil se Jadhe o deixasse para trás e acompanhasse o resto do grupo, ao menos ele se sentiria menos culpado.

Shenu vinha por último e o andarilho, sempre de bom humor, se mostrava interessado em agradar as moças. Vez por outra ele se atrasava ou se adiantava para colher uma flor para oferecer a uma delas, e primeiro ofereceu uma a Yoná. A índia ficou tão enraivecida por Shenu dizer que a flor serviria para acalmar o hipopótamo que vivia dentro dela que a atirou ao longe e só não o acertou com um galho seco porque o rapaz correu. Depois ele ofereceu uma flor a Diana, e num tom de deboche disse a Pablo que ela era como irmã para ele, apesar de ser linda como um lírio selvagem. Pablo arrancou a flor da mão de Shenu, rosnando para que ele ficasse longe, e Shenu ainda ouviu um xingamento de Diana, que perdera toda a simpatia pelo rapaz depois das farpadas que ele tinha trocado com ela mesma e com Pablo. Mas quando foi a vez de dar uma flor a Jadhe sua atitude ficou mais contida, o que deixou Dominique constrangido e ainda mais tristonho, tanto que ele deu uma desculpa qualquer e se juntou a Márcio e Yoná, mas logo a garota apareceu ao lado deles, com a flor azul-turquesa nas mãos.

Quando o primeiro pé tocou a base da primeira Colina Gritante, um som terrível e estridente inflamou os ares numa mistura de tambores, vozes, e gritos

ameaçadores. Labaredas cresceram nos flancos da colina, banhando de vermelho e dourado aqueles que ali pisavam, como se a própria mata estivesse em chamas. E lanças refletiram o fogo, e pés bateram no chão, e a fumaça transformou os selvagens em demônios da noite. Assustado, Márcio recuou alguns passos, Yoná não tivera tempo de alertar os Sanai sobre a chegada de seis estrangeiros; o rapaz estava esperando encontrar casas de pedra e postes de luz como em Dagsháq ou I’Jaboris, mas em lugar disso havia uma centena de lanças e arcos com flechas de pontas afiadas apontadas para ele. Pablo passou ligeiramente o ombro para frente colocando-se adiante do irmão, como para protegê-lo, mas os estranhos eram muitos e estavam por todos os lados. Então Yoná gritou alto, sobrepujando o som da multidão:

— Ahhhlálálálálá...ê...ô!

A tribo Sanai silenciou. Um homem, e apenas um, adiantou-se. Parou à frente de Yoná, analisando-a. Era baixo e velho, tinha as costas encurvadas e cabelos esbranquiçados, “*ou seria a tinta branca que usavam?*” Usava uma tanga feita de pele e muitos apetrechos no corpo, feitos de madeira. Penas pendiam de suas orelhas e de seu colar.

— *Yoná, tanurarê!* — ele disse, numa voz gutural, e depois repetiu mais alto: — *Yoná tanurarê!*

— Yoná! Yoná! Yoná! — bradaram os selvagens, dando vivas e batendo os pés.

— Estão dando vivas porque eu voltei! — ela gritou radiante, e correu para se juntar aos indígenas.

Arnishér Et’Lenna Bell era formada por seis colinas amontoadas e, no meio delas, ficava um pequeno vale, o *Irnésh Lemnentês*, o Vale da Nascente, pois ali nascia o maior e mais caudaloso rio do Mundo, *Uter*, o Grande Rio. A caravana subiu a Primeira Colina e desceu-a pelo flanco interno do vale. Lá dezenas de casinhas de palha se aglomeravam em torno de um centro mais ou menos circular onde, no centro, um agrupamento de pedras esbranquiçadas abraçava o menino Uter, que fugia de suas pedras protetoras e corria dali para o sul. Havia fogo em tochas, e fogueiras estavam espalhadas pela relva baixa das colinas, uma clareira no meio da floresta densa.

Os visitantes foram instalados nas cabanas para jovens, moças em uma, rapazes em outra. Um dos Sanai, um jovem tão negro que se confundia com a noite, mas de dentes tão brancos que ofuscavam as próprias estrelas, pediu para que todos se instalassem e que não saíssem enquanto alguém não viesse chamá-los. Márcio não estranhou — aparentemente aquela era uma comunidade muito

fechada, que não estava acostumada a ter visitantes. Mas depois de alguns minutos ele e Pablo espiaram pelas frestas que a palha deixava e viram uma movimentação incomum entre o povo. Um dos homens mais velhos convocara Yoná e os cidadãos mais antigos e conversava com eles em sua língua num tom baixo; aparentemente tinha ordenado que os mais jovens não acompanhassem a discussão, mas também que não se afastassem muito, pois estes estavam sentados ao redor de uma grande fogueira.

Percebendo que aquilo poderia demorar, os rapazes se voltaram para o interior da cabana onde Dominique e Shenu já estavam se instalando. Havia várias redes feitas com liana e cipó amarradas com nós difíceis às toras que sustentavam as taquaras e o teto de palha, uma moringa de barro com água fresca e cuias feitas de casca de coco sobre uma mesinha de bambu entrelaçado; além de tapetes de cipó com tramas intrincadas e uma única tocha baixa no chão de terra batida.

Ao beber um gole de água, Márcio sentiu todo seu corpo revigorar. Sentou-se numa rede copiando Dominique, e sentiu-se totalmente desamparado com os pés fora do chão, mas também extremamente relaxado. Gemeu quanto tirou as botas de viagem, libertando os pés feridos e cheios de bolhas; jogou no chão o casaco pesado que carregava há dias e que, se pudesse, atiraria longe para nunca mais ter que usá-lo, e afrouxou o cinto, percebendo com isso que estava faminto, e que não tinha se dado conta disso antes. Seus companheiros estavam tão indispostos quanto ele; Pablo, inclusive, já tinha adormecido sobre uma rede, e Dominique tinha se enroscado num canto do chão como um animal acuado, desprezando as redes. Shenu, suspirando, massageava um ponto no pescoço e bocejava.

Depois que já estavam instalados havia uma hora e os olhos de Márcio já tinham se fechado também, os Sanai trouxeram mantimentos e mochilas de couro de presente, para serem usadas na viagem que eles teriam pela frente. Algumas capas feitas de um tecido fino e levemente brilhoso foram deixadas sobre o banquinho de palha, junto da moringa. Logo em seguida, um mensageiro foi enviado para convidá-los para a refeição.

Havia água, aguardente de marula e de milho, além de vários pratos diferentes, entre eles alguns nada convidativos: em meio a grãos de milho cozido, arroz, frutas como guabiroba, uvaia, pequi, goiaba, refresco de açaí e mandioca cozida, havia uma tina cheia de formigas fritas e outra com aranhas enormes assadas em espetos, outra cheia de larvas viscosas enormes e vivas e outra ainda contendo uma sopa preta espessa que, pelo aroma e pelo aspecto dos itens que flutuavam dentro dela, Márcio achava que pudesse ser feita de vísceras ou cérebros. Mas também havia muito, muito peixe assado e farofa, e a ceia foi servida ao ar livre, em pratos de casca de coco e barro, ao redor da maior fogueira

de todas, mais ou menos no centro da aldeia. Os Sanai mais jovens, de pele tão negra como a noite, riam e falavam com as sentinelas, embora a maioria não entendesse a língua comum e os viajantes não entendessem a língua deles. Assim como os outros, Márcio foi pintado e decorado com colares e penas tão logo os índios iniciaram uma cantoria acompanhada com tambores e chocalhos. Eles dançaram numa alegria eufórica em volta do fogo, antes do jantar acabar. A maior parte daquela gente não conhecia ninguém do Meio do Mundo, e não entenderiam se Márcio, Pablo e Diana explicassem que tinham vindo de Cermalháct, por isso eles nem tentaram. Algumas crianças ficaram curiosas com as asas de Dominique, o que o deixou emburrado, pois elas ainda estavam sensíveis. Rapazes fortes, os soldados da tribo, se interessaram pela espada velha de Shenu, e Márcio pediu para que ele a desse como presente, mas Shenu se recusou, alegando que os rapazes se cortariam na lâmina afiada. Então, depois de horas de música, comida e dança, algumas crianças conduziram os convidados de volta a suas cabanas. E, quando tudo silenciou, apenas Márcio e Yoná ainda ficaram acordados do lado de fora, conversando, ela aplicando um unguento mal cheiroso nas mãos de Márcio.

A aldeia estava quieta. Alguns índios mais jovens ainda andavam de um lado para o outro, recolhendo cuias e tambores esquecidos pelos mais velhos e apagando fogueiras. Márcio sentara-se para apreciar a noite, que estava muito escura apenas com o luar de *Ginhãissu* gigante e cheia que, apesar de ser a maior lua, era também a que menos iluminava.

— Como sua tribo se tornou protetora do templo da Cuzpola?

— Nos tempos de Ariell minha tribo vivia bem isolada de tudo. Ainda vive, como você viu. Nenhum estranho podia entrar aqui, nenhum, sem exceção, nem mesmo um bebê estrangeiro. Mas naquela época, nem se tomava conhecimento das coisas do mundo. Ariell estava resgatando objetos poderosos e mágicos para usá-los para desafiar o Imperador. Ele já tinha os sete, mas precisava criar um encanto que unisse a magia deles numa só. Não sei se a história que nos é passada é verdadeira, mas o que contam é o seguinte: ele criou a Cuzpola que é uma bússola, mas também é o segredo dos Objetos Supremos. É por meio dela que, quando eles estão unidos, funcionam em sintonia.

— Então temos que ter cuidado redobrado com isso aí!

— Com certeza! Mas, continuando, quando Ariell tinha acabado de preparar a Cuzpola, ele precisava de um lugar seguro para guardá-la. Ele tinha os Tesouros e, enquanto a Cuzpola existisse, a magia que ele criou funcionaria. Ele decidiu criar seu templo no deserto de Chivin, mas perto da floresta, aonde ninguém vinha, porque o meio do deserto era perigoso, havia histórias sobre monstros aliados do Imperador que viviam lá.

“Depois de construir o Templo de Poeira, Ariell se dirigiu para o norte, para Crimehuór, para onde ele sabia que o inimigo se dirigia. Sua intenção era espiar o que o Imperador pretendia ali, mas no meio do caminho ele encontrou a tribo Sanai. Foi graças ao aviso dele que os Sanai se esconderam e sobreviveram. O Imperador passou por aqui, queimou e destruiu todas as casas e matou muitas pessoas, as que se recusaram a fugir. Mas o Cacique da época e outros Sanai se salvaram e ficaram eternamente gratos, então a tribo se comprometeu a cuidar do templo de Ariell. Não sei exatamente como tudo ocorreu, mas foi assim que nos tornamos guardiões desse objeto.”

“Só que outra história fala que Ariell encontrou nosso povo *antes* de criar a Cuzpola, que nosso povo o salvou de um ataque e que foi com ajuda dos Sanai que ele desenvolveu a bússola mágica. E que, depois, quando aconteceu o fim das coisas, a derrota do Imperador e a morte de Ariell, a Cuzpola veio para nossas mãos porque era nosso direito, e que só então o Templo de Poeira foi criado. Mas como foi isso, exatamente, a história não explica. Hoje, nossa gente não é muito afeita à magia...”

Uma moça se aproximou dos dois. Suas vestes eram feitas de algodão, e Márcio reparou em como era bonita. Os Sanai eram um povo muito belo, de feições altivas e sorriso nos rostos. Eram baixos e magros, e as mulheres tinham uma graça e uma leveza sobrenatural. Márcio admirava cada vez mais aquela gente misteriosa, embora sua cabeça latejasse com tantas informações novas.

— Meu pai quer me ver... O pajé, o pajé quer me ver. — Yoná exclamou, saltando depressa e se colocando de pé. — Achei que ele não fosse falar comigo, o Cacique já tinha nos dado permissão para ficar um tempo, não achei... Ah! Vou ver meu pai!

Márcio sorriu, percebendo toda a face de Yoná se iluminar. Então, aí estava a moça que, poucos dias antes, dissera que as sentinelas não podiam ter família nem vínculos, pois isso os tornava menos eficientes. Naquela ocasião, Márcio chegou a se perguntar se Yoná era mesmo uma pessoa normal, mas vendo-a tão feliz por estar em casa outra vez, ele percebeu que, seja lá o tipo de condicionamento a que Yoná tinha sido submetida, ainda existia uma pessoa dentro dela.

— Então é melhor não deixá-lo esperando! Vá, vá logo, que eu preciso de uma boa noite de sono!

Feliz, Yoná correu para a cabana do pajé, acompanhada pela jovem índia, que se manteve alguns passos distante da sentinela. Márcio foi para a cabana e adormeceu logo.

Quando entrou na oca do pajé, Yoná encontrou uma chama acesa e uma variedade de madeiras perfumadas queimando juntas, que deixavam quem entrava um pouco embriagado. A fumaça embaçava a visão, de forma que, quando Yoná avistou seu pai, teve a impressão de que ele poderia se passar por um boneco de madeira. Ele estava sentado com as pernas cruzadas, tinha na cabeça o cocar usado para cerimônias de alto grau de importância, e não se movia. A jovem ficou um pouco nervosa: seu pai nunca fora um pai comum, pois o pajé tinha a tarefa de zelar pela saúde de toda a tribo e ainda de mediar as conversas entre a tribo e os espíritos. Yoná, que sempre tivera fascinação por ele, ficou nervosa ao encontrá-lo de novo.

— Senta, Yoná Sanai — disse ele, sem abrir os olhos.

Ela se sentou num tapete de palha, cruzando as pernas. Encarou o velho por trás da cortina de fumaça.

— Yoná, quer saber por que você foi pro forte?

O coração da jovem deu uma pontada.

— Se me for permitido, meu pai — respondeu, embora a curiosidade já lhe tomasse o fôlego.

— O pajé recebeu pedido do espírito — disse o homem, sua voz envelhecida e dura, como uma velha árvore que adquiriu a capacidade de falar. — O espírito da Floresta pediu pro pajé mandar alguém que o pajé confiava. O pajé escolheu Yoná, porque Yoná é esperta e Yoná conhece as coisas.

A moça soltou um suspiro.

— Sim, porque Yoná é esperta — ela murmurou com um muxoxo. Depois complementou: — Como se eu não soubesse o verdadeiro motivo...

— O pajé não podia mandar pessoa de dentro da tribo. Yoná já é de fora, já sabe do mundo. Yoná tinha que ir, só tinha ela.

— Claro... Yoná tem um estigma, não é? É melhor pra tribo Yoná ficar de longe — a garota retrucou, num sarcasmo misturado com uma nota de mágoa.

— Yoná sabe por que foi pra longe — o pajé continuou, impassível, aparentemente imune a qualquer demonstração sentimental da jovem. — Mas espírito pediu alguém, e pajé tinha que mandar Yoná. Ninguém se importa. Ninguém se importa com o que acontece lá — ele continuou.

— Claro, o que eu podia esperar, uma grande revelação? — ela resmungou, mas depois voltou sua atenção para a última frase do pai: — O que acontece lá... O senhor fala do que aconteceu com o portal? Do lacre de *Cermalháct*?

— Falo. Só o Forte se importa com a *porta*. Mas as pessoas do Forte eram fracas. Espírito pediu pra ajudar, pra mandar pessoa forte e esperta, então pajé mandou Yoná. Mas não foi só pajé que mandou gente não.

— Não foi só o senhor? Então, os outros... Mas não é possível... Dominique e Jadhe... Pediram pra *Ártemis* enviar os discípulos dela? Os discípulos da *Caçadora*?!

O homem confirmou com a cabeça. — E o *andador* também.

— O *andarilho* — Yoná corrigiu. — Shenu. Esse espírito é o mesmo que falou conosco no Templo de Poeira? Não parecia muito com um espírito. Apresentou-se como Carvalho.

— Espírito da floresta tem muito nome. Escolhe o nome que quer usar. Andador decidiu sozinho, mas não ia sem mapa, sem tesouro. Pajé ajudou. Pajé pegou irmão dele, irmão dele ajudou pajé e falou pra ele que tinha ouro e mapa pra ouro no forte.

— O irmão dele... Astur?

— Não sei nome de irmão dele.

— Então, fomos mandados pra engrossar a frente de sentinelas, para ajudar o grupo, porque ele estava muito fraco... mas, para quê? Para impedir Zebarân de trancar o portal? Se for, porque não nos mandou impedi-lo antes, ao invés de termos que desfazer o que ele fez?

— Impedir? Por que não impede? Porque vocês tudo fraquinho, se tenta impedir, morre tudo! Impedir não. Mas pajé tinha que achar gente que se preocupava, e o Forte se preocupava.

— Então nos trouxe aqui. Mandaram uma mensagem para Ólie Fauret, para que ele trouxesse todos nós para o lado de cá, e quando Zebarân viesse, nós tentaríamos voltar. Por quê?

— Porque porta tem que ficar aberta. Porta não pode ficar fechada. Porque ele é ruim e só coisa ruim sai da boca dele.

— Mas meu pai, por quê? Pra que ele fez esse feitiço? Trancar um portal que é inútil pra todo mundo? Se esperasse mais alguns anos, a própria Aliança Maior mandaria fechar Octoforte.

— Pajé não sabe. Nem pajé sabe o que vai acontecê. Pajé só sabe que tem que falar pra Yoná que a tarefa dela é terminar a missão dela, é pegar *Tatuatã*.

— Tatuatã... os Objetos Supremos.

— Yoná não pode deixá companheiros desisti. Não pode Yoná!

A jovem mordeu o lábio. — Não vou deixar — disse. — Vamos até o final, já prometemos.

— Bom. Agora vai dormir. Amanhã tem que ir embora.

— Amanhã? — a jovem se alarmou. — Não! Pajé... *pai*... Estamos muito cansados, eu estava contando com alguns dias para conseguirmos repor as forças...

— Espírito da Floresta diz que vocês têm que ter pressa. Amanhã vão embora. Já tem tudo pronto.

— Mas...

— Vai dormir, Yoná. Amanhã vai embora. Vai dormir.

Yoná abriu a boca, mas não conseguiu chegar a um consenso sobre o que poderia dizer. Viu seu pai fechar os olhos e atizar a fumaça, um sinal de que a conversa havia terminado. Levantou-se, então, obedientemente, e aninhou-se em sua rede, minutos depois. Mas o sono não veio naquela noite.

A queda das Linhas de Sustentação

A floresta estava quieta. Alguns pássaros piavam ao longe, suas cores enegrecidas pelo escuro da noite eterna. A fumaça do cachimbo formava espirais e se dissipava em direção ao céu. O rapaz olhava para o rosto do velho, cujas rugas lembravam a casca de uma árvore nodosa. — Agradeço o que fez, Ipaçu. Alguns pais não teriam coragem... — disse.

O velho índio pitou o cachimbo. Tinha os olhos tão estreitos que pareciam sempre fechados.

— Ipaçu não gosta! Mulher Caçadora está no meio disso! Yoná não sabe e não pode fazer nada! Ela não pode para o que vem aí.

— Não pode sozinha, ninguém pode, claro que não. Mas ela está com amigos poderosos, embora eles ainda não saibam disso. Poderes que o inimigo não desconfia, e esse é nosso trunfo. Por isso não podemos falar qual é o perigo, porque se souberem, não vão ter tempo de despertar esses poderes, nem vão acreditar que os têm. E sobre a Caçadora, você tem que confiar em mim, e acreditar que ela é exatamente uma das amizades poderosas que eles têm.

— Ipaçu quer ajudar filha dele.

— Mas Ipaçu não pode — sentenciou o jovem — porque está idoso e cansado.

— Então espírito da floresta tem que ajudá! Tem que fazer o que Ipaçu não pode!

— Espírito da floresta não pode se comprometer... não posso meu velho, sabe disso! Já estou me intrometendo muito mais do que deveria...

— Filha de Ipaçu vai morrê!!!

O rapaz tinha um cansaço no rosto, um cansaço maior que o de qualquer ancião.

— Escute homem, farei o que estiver ao meu alcance. Ajudarei onde puder, onde o acaso se fizer necessário... Alimentos... Transporte... Segurança nas florestas... Mas essa batalha é mais antiga do que Ipaçu pode entender...

— Ajuda Yoná. Ajuda filha de pajé!

O velho implorava por sua filha e, por saber o quanto o poder dele era limitado, o Espírito da Floresta respondeu:

— Já disse que farei o possível. No entanto, não está em minhas mãos decidir o final disso tudo. Talvez não esteja nas mãos de ninguém.

O dia seguinte chegou escuro como sempre, e Márcio percebeu que Yoná estava novamente ranzinza. Ela quase caiu da rede quando Diana a despertou com

um sussurro, e soltou um ressonante palavrão. Quando ela explicou que o grupo teria que ir embora ainda pela manhã, Dominique ficou aborrecido. Márcio sabia que ele estava contando com um ou dois dias bem tranquilos para deixar as asas descansarem, mas Pablo comemorou: quanto antes partissem, mais cedo voltariam para casa, ele disse, apesar de Shenu, muito sabidamente, dizer que Pablo só não queria mais ter que comer formigas com sopa de tripas e passar a noite com reações estranhas no corpo. Mas Márcio entendia Pablo: fazia poucos dias que tinham saído de Agerta, mas parecia que cada dia que passava os deixava meses afastados de Octoforte. Porém os sete estavam apenas começando a se recuperar, e o relato superficial da conversa de Yoná com o pajé não ajudou em nada a elevar os ânimos.

Num clima preocupado, o grupo apressou a arrumação de sua bagagem, já que os indígenas, que durante a noite tinham sido tão amistosos, agora não paravam de cruzar a frente das ocas onde os estrangeiros estavam instalados, lançando olhares ameaçadores e exibindo lanças compridas que seguravam com firmeza. Depois que os rapazes e as moças se uniram num grupo só, agradeceram a estadia brevemente ao cacique com Yoná intermediando a conversa, mas não estenderam muito seu agradecimento. Assim como os outros, Márcio ficou encabulado com a mudança repentina de tratamento dos Sanai com eles, especialmente com Yoná: aparentemente a tribo tinha se esquecido de que ela também fazia parte daquele lugar.

— Vão com cuidado. Espírito da Floresta está com vocês — o cacique se despediu, entregando uma bolsa de peles para cada um, onde havia suprimentos e itens para a viagem. Além das bolsas, cada um recebeu um par de botas de couro e uma arma típica da tribo.

Sem mais demora, partiram, sentindo os olhos incisivos dos Sanai em suas nucas. Yoná e as sentinelas desceram o flanco leste da Quinta Colina pela única estrada que os Sanai construíram, íngreme e poeirenta, ladeada por uma cerca baixa de bambu. Quando Márcio se virou viu, lá no alto, toda a tribo reunida, e ao lado do cacique Ynorari, o pajé Ipaçu, uma figura velhíssima, encurvada pelo tempo, apoiada em um cajado curvo cheio de pingentes curiosos, como dentes e caveiras. Havia um cocar de plumas brancas e pretas no alto de sua cabeça e, como seus compatriotas, tinha a pele tingida com uma tinta branca que formava padrões curvilíneos em seu rosto e listras animais no resto do corpo. Seus olhos tinham perdido a luz e agora se mantinham fechados. Ele nada falou, não se moveu nem acenou, e manteve a cabeça baixa. Foi uma visão tenebrosa, e Márcio teve a nítida impressão de que os Sanai não esperavam ver Yoná outra vez.

Quando os sete pisaram fora da colina, subitamente irrompeu uma enorme gritaria do topo dela e toda a aldeia bradou em sinal de boa-sorte. Mas os

gritos eram tão altos que obrigaram os viajantes a cobrirem os ouvidos com as mãos, então descobriram porque aquelas eram chamadas de Colinas Gritantes. Todos, exceto Yoná, ficaram atordoados, e mal perceberam quando tudo acabou.

— O que foi isso? — indagou Shenu, gritando porque não conseguia ouvir a própria voz.

— O adeus deles a mim. Pensam que não vou voltar mais — respondeu ela.

— Pensam que vai abandonar a tribo? — perguntou Diana e ela também gritava.

— Pensam que eu vou morrer.

Um silêncio pesado tomou conta dos jovens.

As mochilas estavam carregadas com roupas de algodão, provisões, pederneiras, cuias e cantis com água, uma capa grossa para cada um e alguns apetrechos indígenas, como colares e brincos. Havia também pequenas facas, caixinhas com sal e um feixe de lenha. A viagem foi bem menos cansativa do que fora a ida ao Flachim'ttoér, porque caminhavam sob as sombras frescas da Floresta com água e comida nas sacolas, mas vez por outra alguém reclamava de dor nas bolhas que tinham adquirido nos pés: fora dolorido recolocar as botas em pés cheios de curativos depois de passar uma noite toda livre delas, mas não podiam se dar ao luxo de viajar de sandálias, pois havia insetos e aracnídeos perigosos por todo o caminho, além de outros perigos pouco visíveis. O tempo estava quente mas não demais, e a escuridão era absoluta. Uma ou duas vezes ouviram um uivo distante, um rugido solitário, um farfalhar nas árvores próximas, um sibilo arrepiante, mas não avistaram nenhum animal perigoso por todo o caminho. Jadhe conseguiu encontrar certa erva que afastava mosquitos e esfregou nas capas dos colegas, pelo que Márcio agradeceu a Dhonmen, pela primeira vez na sua vida. Ele não era exatamente um homem de fé; na verdade, em Octoforte, poucas pessoas tinham alguma crença. Mas naquele momento, depois de ser assaltado por um bando louco de mosquitos borrachudos que deixaram um de seus braços com duas vezes o tamanho normal, sentiu que, se tinham encontrado algo que afastasse aquelas criaturinhas minúsculas e sádicas, devia ser um presente de Dhonmen.

Seguiram para o leste por algum tempo, por uma trilha usada pelos índios para caçar, e um dia depois encontraram o rio Siliú, o solitário; depois disso seguiram a margem do rio para o sul, pois no ponto em que estavam ele era caudaloso e difícil de atravessar. Após uma breve discussão, tinham decidido buscar o Tesouro que estava em Hadara primeiro já que, embora aquele de Crimehuór estivesse mais próximo, no meio da própria floresta onde estavam, a Grande Floresta era um lugar extenso, e suas profundezas, praticamente

inacessíveis. Seria muito mais complicado ir até o coração da mata do que entrar em um bonde e chegar bem próximos à outra joia, e preferiram começar a buscar por um lugar que parecia ser mais fácil para ter ideia do que os aguardava. Tinham pressa, pois queriam chegar à plataforma de *Ante Siliú* antes do final da semana ou teriam que esperar dois dias naquele vilarejo esquecido até que o bonde passasse outra vez. Lá pegariam o vagão para Galiula, a plataforma de bondes que ficava no topo de Jandêim, a última montanha da Cordilheira Ullinolvar. Dali partiam bondes para vários lugares do mundo, inclusive o único que atravessava o deserto e ia para o oeste, para Hadara.

Apenas um dia e meio mais tarde encontraram a mesma vila empobrecida perto da plataforma de bondes, o último vestígio humano antes do deserto de areia. Não havia guardas vigiando as fronteiras, era tão raro ter visitantes em Ante Siliú que ficassem por mais de uma noite que Ylhuah parecia ter se esquecido do vilarejo. Os moradores da cidade não contavam com ajuda do seu rei para nada. A verdade é que, de fato, a gente naquele pedaço de chão entre o deserto e a floresta não se considerava parte de lugar nenhum.

Ali as sentinelas passaram as horas de sono e, ao acordar, tiveram trabalho em organizar tudo para sair o mais rápido possível. Os moradores os olhavam com olhos ainda mais oblíquos e maldosos, como se aqueles intrusos vindos da floresta fossem algum tipo estranho de demônio. Mesmo a dona da pensão em que ficaram, uma mulher idosa de bochechas enormes, como que arrependida por tê-los hospedado, não quis aceitar o pagamento no dia seguinte, pedindo para que saíssem o mais depressa possível da casa dela, o que fizeram sem tomar café.

— Quanta grosseria! Parece que não somos bem vindos — Diana comentou, já na plataforma.

— É porque viemos da floresta, de onde ninguém costuma vir, e estamos vestidos como índios. Somos atrações aqui — respondeu Shenu. — Devem pensar que somos espíritos do mal, ou qualquer coisa do tipo.

— *Nós* estamos vestidos como índios — disse Diana, brava — porque você, meu caro amigo, não fez a cortesia de se banhar e trocar suas roupas pretas e velhas por outras menos rotas!

— Eu não me importaria de ter todos os olhos em cima de mim — Nique falou, cabisbaixo. — Se ainda tivesse minhas asas inteiras...

— Isso é porque você gosta de ter gente te olhando como se fosse um artista ou coisa assim — Shenu respondeu, azedo. — De minha parte tenho a sensação de que me penduraram numa árvore vestido como um bobo.

O bonde vindo direto de Ylhuah chegou com apenas duas pessoas, que desceram e tomaram a estrada para o norte, para uma cidadezinha bem mais

movimentada e uma das poucas existentes em Crimehuór, entrando em uma carroça que já estava esperando por eles. Mesmo ficando um pouco distante do centro do vilarejo, o aparelho era barulhento e fazia a terra vibrar e os pássaros escaparem crocitando. Logo em seguida o bonde que vinha de Galiula chegou, e pelo modo como alguns moradores locais próximos dali olharam para o veículo, estava claro que os nativos, se pudessem, derrubariam sozinhos suas linhas de sustentação, para que ninguém viesse incomodá-los nunca mais. As sentinelas embarcaram felizes para a surpresa do guia, que não estava acostumado a buscar passageiros ali, e se acomodaram nas cadeiras amarelas.

A viagem para a próxima parada foi agradável e bonita. As luas verde e vermelha estavam ambas cheias e próximas no céu, e embora as duas juntas não proporcionassem a mesma iluminação que a da pequenina Larehssu, que hoje estava escondida, ainda tornavam possível enxergar as areias lá embaixo se transformando rapidamente em pedras altas, depois em vales e cânions profundos onde, vez por outra, um reflexo ao fundo indicava haver alguma nascente.

Menos de meia hora mais tarde os sete estavam desembarcando em Galiula, uma enorme plataforma circular apinhada de gente de vários locais. Despediram-se do garoto Brêndero, o cobrador, com quem tinham conversado durante o caminho, e que tinha lhes contado que os sete tinham sorte por haver um sistema de comunicação entre Galiula e Ante Siliú, pois como quase nunca havia passageiros naquela vila, o bonde só ia até lá quando chamado, o que, pelo que as sentinelas entenderam, tinha sido feito naquela manhã pela dona da pensão em que dormiram.

— Não pedimos isso a ninguém — Jadhe estranhou, ao que o garoto respondeu:

— Não precisa ficar matutando, mocinha! Aquela gente de lá não gosta de outras gentes não. É só chegar um estranho e eles chamam o bonde. Já fizeram isso um punhado de vezes, pra ver se os de fora vão embora mais rápido!

“Igual ao pessoal da tribo Sanai”, pensou Márcio.

Galiula era mais que uma plataforma, era um centro de compras. O círculo de pedras se estendia muito além de onde os bondes paravam, e havia quatro linhas diferentes deles, que levavam a oito locais, quatro próximos, quatro mais distantes, pois os vagões podiam ser reajustados nas linhas de sustentação, o que estava sendo feito neste momento com o vagão que os tinham buscado em Ante Siliú, para que retornasse à linha que levava à paradisíaca Farbula, em Gehenmy. Havia dúzias de lojas que vendiam de comida a roupas e peças de decoração, itens domésticos e para caça, aparelhos para navegação e livros de capas misteriosas. Tudo sob um teto abobadado elevadíssimo incrustado de cristais

pequeninhas e azuis, que davam a impressão de que o céu estava cintilando. As paredes eram de um tom claro de magenta e havia muita iluminação em todos os cantos em que olhavam, especialmente nas vitrines das lojas.

O grupo não teve tempo de apreciar tudo aquilo. Compraram alguma comida e, longe dos olhos de Yoná, se livraram do fardo em que carregavam uma provisão da sopa preta que não tinham descoberto do que era feita. Enquanto passeavam um pouco pelas vitrines, Diana fascinada com uma loja de joias confeccionadas com pedras e ouro, o bonde de Hadara chegou. Cogitaram a possibilidade de passar um dia inteiro ali e dormir as horas da noite num dos albergues anexos à plataforma, mas a pensão não era barata e, provavelmente, arranjariam um jeito de gastar muito mais do que o necessário com tantas lojas de bugigangas caras ao redor. Embarcaram, então, rumo à Hadara.

Aquele veículo era novo, fora instalado havia menos de um ano, e ligava o país de Hadara ao Meio do Mundo, onde as coisas aconteciam. Só tinha sido implantado porque mais de vinte anos já tinham se passado desde a última guerra que envolveu Hadara, e os bondes eram fabricados em Ylhuah, que tinha uma política muito rigorosa para o uso de suas máquinas. Nenhum país em guerra tinha permissão para comprar um bonde e, se quisesse fabricá-lo por conta própria, não poderia montar uma linha que atravessasse Ylhuah, o país que mais interessava ao comércio e ao turismo urbano em todo o leste do Continente Maior.

Havia poucos passageiros para Hadara além das sentinelas, a maioria dos turistas perambulando por Galiula estava à espera do vagão para Ylhuah. Apenas um pequeno grupo embarcou junto com os sete, e sentou-se num banco ao fundo, mas sua conversa febril atraiu a atenção dos jovens, a ponto de Dominique, com as asas enfaixadas, se intrometer para evitar uma briga dentro do aparelho.

Um rapaz e duas mocinhas falavam alto na língua hadarana, desconhecida para os jovens. Shenu não gostou nem um pouco deles, sempre ouvira dizer que os habitantes do oeste eram bárbaros, o que parecia ser verdade.

Antes que o condutor entrasse na cabine, Dominique segurou o braço do rapaz, que ameaçava atacar as duas moças bem mais jovens que ele.

— Mas o que é que está acontecendo aqui? Com é que você tem coragem de ameaçar duas meninas dessa maneira, seu covarde? — questionou Nique, vendo o rosto vermelho do rapaz, que aparentava ter menos que vinte anos.

Ele ofegou, acenando com uma carta que trazia na mão na direção das moças, sem olhar para Dominique. Pablo e Márcio se colocaram ao lado do colega, temendo que uma briga pudesse ferir novamente as asas do gênio. O jovem hadarano passou os olhos pelas asas enfaixadas do rapaz e então falou na língua comum, com um sotaque arrastado:

— Son minias irmãs! Uma carrta de minia mãe! Recebemos antes de parrtir e lemos no bonnnnde! Querr que voltemos, mas elas não querrim me obidecerr. Son mais novas, devim me obidecerr!

— Viajamis doze horras só prra chegarr qui e voltar? Mais doze horras dentri dessi aparrelho? — respondeu a mais velha das moças, que devia ter dezesseis anos.

— É perrigoso qui! *Ramaddron*’z! O exérccito vermmilho!

Atordado, Dominique olhou do rapaz para as moças e se acomodou numa poltrona. As outras sentinelas se aproximaram e se acoraram juntas ao redor de um mesmo banco para ouvir a conversa. “*O que disse?*”, perguntou o gênio, e o rapaz respondeu:

— O Exérccito Verrmilho. Vejam, non é invençon! — ele estendeu uma carta amassada, escrita nitidamente às pressas, mas na língua de Hadara, então ninguém conseguiu entender. — Minia mãe fez forrça prra virmos verr mis tios, ela non nos mandarri voltarr à toa. As notícias que chegarram a ela son de amiaça e destrruicon. “*Na última semana dragons vermmilhos forram vistis por toda parrrte no reino de Gehenmy, e incendiarram a vila de Nagamaráq, vizinia da capital Le Niq*”.

— Só ouvi falar de ataques de ramaddron’z nos tempos antigos, nas histórias para dormir... — comentou Jadhe.

— Sim, mas eles voltarram a aparricer, e eston amiaçando! Non há mais segurança no leste!

— Sempre ouvi dizer que não havia segurança no oeste... — Shenu murmurou e o hadarano se ofendeu, mas nesse momento, quando Dominique repreendia o colega e Márcio e Pablo tentavam acalmar o hadarano, enquanto a Diana, Yoná e Jadhe conversavam com as meninas, o condutor entrou na cabine e pediu a todos que se sentassem, pois estava na hora de elevar o bonde.

A viagem prosseguiu tranquila depois disso, apesar das caras emburradas dos três hadaranos. A maioria das sentinelas estava animada, mas Shenu, que crescera ouvindo a palavra “guerra” sempre associada à Hadara, não gostava da ideia de estar indo para lá.

Sentar-se na poltrona e dar um dia inteiro de descanso aos pés foi extraordinariamente reconfortante. Márcio esticou-se e sentiu as solas dos pés latejarem dentro das botas; descalçou-as discretamente, e olhando debaixo dos bancos percebeu que Pablo, Diana e até Jadhe tinham feito o mesmo. Pablo espreguiçou-se e sorriu para Márcio:

— Nem acredito que não precisamos andar hoje!

Como o tempo para descanso era longo, Márcio tentou e conseguiu fazer o jovem hadarano falar. Ele tinha cabelos cinzentos, se chamava Dório e vivia em

Hanaulg Dilwéh, a capital Hadarana. Estava muito preocupado, especialmente porque a incumbência de trazer as irmãs sãs e salvas para casa era dele, e as notícias que vinham de Gehenmy, país natal dos dragões vermelhos, eram cada vez piores. Márcio o fez contar quais eram essas notícias.

— Desdi qui o Imperrador Azir adoiceu as coisas porr lá non eston indo bem. Dizem que ele tem um mal incurrávi e, se ele morrer, quem devi sucedê-lo é Zorraia, sua única filhi. Mas isso vai trazerr muitis prroblemis...

— Por quê?

— Porque Zorraia ainda é uma crriança, ou pelo menis é o que dizem os opositorres dela. Na verdade, ela tem quinze anis, o que já é considerrado idade de adulto parra a mulher de Gehenmy, mas o povo duvida da capacidade dela. Eston falando até em guerra civil. Porr issi minia mãe queria que visitássimus nosso tio, prra trrazê-lo de volta prra nossa casa, em Hadara, onde é seguro, e non tem essas guerras istúpidas e essis dragons volitandi porr lá e porr cá.

— Essa é nova pra mim — murmurou Shenu. — Um hadarano falando sobre guerras estúpidas e falta de segurança no leste...

— Non há nenhuma guerra in Hadara, homem ignorrante — o garoto respondeu.

— Mas por que você acha que pode haver uma guerra? Se não for Zoraia não há sucessor, não é? Então por que lutar se não há outra opção para o Império?

— Acontece que há uma escolha.

— E qual é? — indagou Diana, que se interessara pela conversa.

— Chama-se Agamenon. Ele é irrmon mais novi do Imperrador Azirr e, porrtanto, tio de Zorraia, e tem poderrr pra reclamar o trono. O prroblema é que ele foi preso uns anos atrás, encarcerrado no Paláci de Luma e nunca mais foi visti. E, se não se confii na capacidade de Zorraia, Agamenon é mais suspeito ainda.

— Por quê? E por que ele foi preso?

O jovem olhou Diana, analisando a beleza da moça. Depois desviou o olhar porque Pablo o encarava com os braços enormes cruzados sobre o peito estufado. Se Márcio não conhecesse o irmão muito bem, pensaria que era realmente uma ameaça com aquela pose.

— Enton você non conheci a histórrria de Agamenon? Todo o Mundo de Bharrdo sabe o que ele fez!

— Minha amiga nunca teve paciência para ler o Semanário — disse Shenu, se intrometendo na conversa, referindo-se a uma espécie de jornal que muitas cidades publicavam semanalmente. Também havia o Mensário, que trazia um resumo das notícias do mês, de forma mais completa.

— Ah, certi... Vocês do lesti... Bem, Agamenon erra pai de uma menina chamada Luma, para quem ele construiu o Palácio de Luma. Então...

— Ele ficou louco — disse Shenu casualmente.

— Ele não ficou louco! — contestou o rapaz, indignado com Shenu. — Ou melhor, ficou, mas ele teve motivos. A filha dele morreu num tornado que destruiu parte da vila onde eles passavam um verão. Algum tempo depois ele foi acusado de associar-se aos navios mercenários do Nepeoutem, facilitando a entrada deles em Gehenmy. Sete *Sambuk's* invadiram a vila de Miwa e levaram três centenas de pessoas cativas. Dizem que era o último clã remanescente da antiga raça de gênios dos ventos, e que Agamenon fez isso pra se vingar do Senhor dos Ventos, Zizarrân. Deviam ser parentes do seu amigo aí — e ele apontou com a cabeça para Dominique, que estava curvado diante da janela com um olhar distante para o lado de fora, mas, Márcio percebeu, com a atenção toda na conversa. — Foi horrível, muitos morreram, inclusive mulheres e crianças. Os que ficaram órfãos vagaram ou morreram nas florestas ou foram perseguidos pelos cães do rei. Outros se salvaram, fugindo para longe, voando, mas o ataque foi violento e veio de cima e pelos lados, de modo que os gênios não conseguiram voar.

— E agora querem colocar esse maníaco no poder... — a menina mais velha comentou, cruzando os braços.

— E estou dizendo que os dragões vermelhos voltaram a aparecer. Que têm sido vistos sobrevoando as cidades grandes de Gehenmy. Corre um boato de que atearam fogo em uma cidadela de Zebelim perto da praia, e que muitas pessoas se feriram.

— Então deve ser por isso que as pessoas de Ante Siliú nos lançavam olhares tão feios — Diana comentou. — Estão com medo por causa disso tudo, pensam que podem ser atacados também.

Fazia sentido, Márcio pensou, mas nesse momento ele não tinha intenção de pensar em mais nada. Estavam cruzando o deserto em horas de iluminação, e a claridade maçante e quente que emanava do céu e refletida na areia, lá embaixo, invadia as janelas fazendo seus olhos pesarem. Recostou a cabeça preguiçosamente no ombro da poltrona e, sem se dar conta, adormeceu.

Levou alguns minutos para os olhos de Dominique focalizarem as imagens do ambiente, e logo percebeu que sua cabeça girava dolorida. Depois de mais de dez horas dormindo, ele acordava com a sensação de estar mais cansado do que antes, os olhos latejando, o corpo dolorido, as asas imobilizadas pesando sobre as costas, o estômago vazio e flashes embaralhados na cabeça, como se tivesse recebido informação demais em um período muito curto de tempo.

O bonde deslizava ligeiro pelos cabos de sustentação. As horas dentro do aparelho se arrastaram devagar à medida que as cadeiras ficavam menos confortáveis e o movimento da cabine, mais enjoativo. Foram doze no total, até

que a plataforma de Hadara finalmente foi avistada: ao longe, pequenas luzinhas brilhavam, sinais da cidade que se aproximava. Ansiosos, os passageiros amarraram os cintos ao redor da cintura, enquanto o guia, com jeito de cansaço, conferia se todas as bandejas estavam bem presas.

O gênio, que se sentara numa das cadeiras viradas para o fundo do vagão, com as pálpebras semicerradas, olhava sonolento pela grande janela de vidro, onde nuvens, morros e fragmentos do céu passavam velozes, e os gigantes cabos de metal ficavam intactos no lugar balançando ligeiramente, quando percebeu uma coisa diferente no escuro, lá fora. No mesmo instante ele desamarrou o cinto e andou até a janela, colando a mão no vidro.

— Senhor, por favor, mantenha-se sentado, estamos quase descendo...

— Tem alguma coisa lá fora, alguma coisa no céu — perguntou.

O homem baixinho e gordo desviou o olhar e encarou a escuridão da noite atrás deles, porém a noite não estava tão escura assim. Havia um pontinho de luz no céu, uma estrela vermelha, móvel, grande demais e muito perto do chão. Os outros passageiros se levantaram curiosos e vieram ver, deixando o homem alarmado: se todos estivessem de pé poderiam se machucar muito na descida.

— Por favor, senhores, não sei do que se trata, mas preciso que todos se sentem...

— Non, non é possívil! — gritou esganiçada uma das irmãs de Dório. — *Maman estava cerrta! É um dragon!*

— *QUÊ????!!!*

No escuro da noite o ponto vermelho ziguezagueou, deixando um rastro sinuoso no espaço, como o de uma serpente. Era mesmo um dragão, um *ramaddron*, um dragão vermelho do leste, e estava vindo na exata direção do bonde. O fogo em sua cauda brilhava a léguas de distância, apavorando os passageiros hadaranos, que começaram a gritar.

— Acalmem-se! Acalmem-se! Nada de pânico, isso não vai ajudar! — Pablo gritou, enquanto as sentinelas tentavam recuperar a calma das meninas. Conseguiram que se sentassem novamente, mas era só isso que podiam fazer, pois ainda faltava cinco minutos para chegarem à plataforma.

— Ele está nos perseguindo? — perguntou o guia.

— Um dragon voa ton rápidi quanto um bondi? — a menina mais nova indagou.

— Nique, ele está fazendo o que eu acho que está fazendo? — Jadhe perguntou bem baixinho, perto do ouvido dele.

Mas ela não precisou de resposta: um segundo depois uma rajada de fogo cortou o céu com um barulho ensurdecador, e só não acertou o veículo por milímetros. O bonde estremeceu.

— Não vamos conseguir chegar! Vamos cair! — exclamou o guia, correndo de um lado para o outro, até que Márcio conseguiu prendê-lo com um cinto no local reservado para bandejas.

— Está atacando o bonde! Está atacando o bonde! — Diana gritou.

— O que podemos fazer? — Yoná perguntou com urgência.

— Não sei, não posso usar minhas asas, mas mesmo que pudesse não sei como poderia tirar todo mundo daqui a tempo! — Dominique respondeu.

A plataforma estava chegando.

— Ele vai nos acertar! — Pablo exclamou.

— Não, não vai! — disse Márcio, horrorizado. Seus olhos enxergavam um ponto brilhante entre eles e o monstro, um ponto vermelho e fluorescente.

Dominique seguiu os olhos de Márcio e, horrorizado, entendeu o que ele queria fazer.

— Ele vai destruir o cabo! Quer derrubar a linha!

A plataforma estava perto. O dragão chegara ao ponto onde o cabo estava quente e ali se deteve, permitindo que o bonde se distanciasse, e iniciou um ataque contínuo de labaredas contra aquele único ponto no cabo, enfraquecendo-o.

— A linha não vai aguentar! Vai se soltar!

— Para frente!

Dominique e Pablo correram para a frente do bonde, arrebentaram a porta da cabine do condutor e explicaram, em dois segundos, a situação para o velho atônito.

— O bonde funciona com imantação, não dá para acelerar muito, podemos descarrilar e cair!

— Não importa! É a única chance que temos! Vamos cair de qualquer jeito!

— Você *tem* que soltar os limitadores e colocar o bonde em velocidade máxima! Se não acelerar mais vamos despencar antes da plataforma!

O bonde deu um solavanco ameaçador.

— Tudo bem, mas todo mundo para trás!

Os rapazes correram, sentaram-se nas cadeiras, cintos apertados, corações disparados; fogo corria no céu, do lado de fora da janela, um urro se ouviu e um barulho metálico também, junto com um ranger cavernoso. O condutor soltou os freios, o bonde ia rápido demais, agora não só Jadhe, mas todos comprimiam os ouvidos sentindo o efeito da pressão. Mas os cabos já tinham se rompido, o dragão estrondeou de contentamento, todos gritaram, o vagão acelerado estava a meio minuto da plataforma...

Com um clangor o bonde parou, balançando-se perigosamente para frente até ficar quase que perpendicular às colunas de elevação, e depois para trás,

como um grande navio chacoalhado por uma tempestade no mar, até conseguir se encaixar nas hastes de condução para terra, e então desceu ligeiro pelas pilastras, fagulhas de fogo saltando das laterais e, sem freio, bateu com força com o fundo no chão. O condutor abriu a porta amassada com um chute e correu para fora do vagão, seguido pelos passageiros e pelo guia. Dório passou por Shenu como um raio, atrás de suas irmãs que tinham saído desesperadas do vagão em chamas; a traseira do bonde cintilava derretida. Do lado de fora, nativos hadaranos alarmados olhavam para o alto enquanto dois pesados cabos com trinta centímetros de diâmetro de espessura cada um, tombavam sobre casas e destruíam telhados e paredes.

Lá longe o dragão se contorcia no céu escuro, chamas de satisfação irrompendo de sua garganta.

Lherád

As sentinelas passaram um dia de pânico em Hadara. Os moradores da cidade, solidários como Shenu não esperava que fossem, ofereceram abrigo e cuidados para os jovens, que estavam mais abalados que feridos. O dragão voou satisfeito de volta para o leste depois que os cabos caíram e o bonde se estraçalhou, e a fera não ofereceu mais perigo aos habitantes locais, mas muitas crianças e alguns adultos gritavam pelas ruas, correndo desamparados, mesmo horas depois que tudo passou.

Os jovens dormiram num abrigo improvisado, juntamente com mais oitenta pessoas que perderam suas casas, atingidas pelos cabos de metal do aparelho. Chá de *líp*as com maracujá foi trazido para acalmar as pessoas e ajudá-las a dormir, famílias inteiras tinham perdido seus lares. O líder da cidade conversou longamente com as sentinelas sobre o que havia realmente enfurecido o dragão e, com toda sinceridade, os passageiros responderam que não sabiam.

Aquela era *Haulg Jeserv*, a bela cidade de mármore branco de que falavam as histórias antigas e os bons arquitetos de Bhardo. Tudo era feito com pedra branca e tudo era limpo e belo. As casas não tinham cantos, eram construídas com formas arredondadas: cilindros, ovais e círculos, e tinham telhados ovalados feitos de vidro. Era uma pena que não houvesse um só raiozinho de luz para dar mais graça àquela cidade, Márcio pensou, pois ficaria linda e imponente sob a claridade.

O dia escuro estava frio e o vento vindo do norte trazia um cheiro estranho. Nuvens pesadas encobriram as estrelas e logo começou a chover. Os sete gastaram mais um par de horas em novas explicações sob um caramanchão coberto com uma planta trepadeira de flores azuis no meio de uma praça pública, o que fez Márcio se lembrar de Agerta, e de como tivera que se recusar a dar as respostas que os soldados pediam. Só então as sentinelas trataram de se preocupar com sua jornada.

Depois de um café da manhã reforçado junto aos desabrigados, servido por três voluntárias sérias e magras de rostos claros, a caravana abasteceu as mochilas com uma boa quantidade de suprimentos de primeira necessidade comprados na cidade — carne seca, pães, água, um mapa do mundo, cordas, mais alguns cobertores, enrolaram as capas que tinham ganhado dos Sanai, e compraram outros suprimentos não tão necessários assim: Dominique fez questão de repor seu baralho perdido na areia por outro duas vezes mais caro do que o anterior, e Shenu comprou chocolates, bolachas doces e três garrafas de *Licor-do-Oeste*, um dos poucos itens do oeste apreciado no Meio do Mundo, feito com chocolate e

morango. Pablo achou que não deviam gastar seu ouro com coisas como aquelas, mas Shenu insistiu que, depois do que tinham vivenciado, o melhor modo de superar o pânico era com açúcar e um pouquinho de álcool.

— Não é para ficarmos bêbados, mas uma vez ou outra uma bebida é até saudável!

Atravessaram, então, as ruas de cascalho da cidade, discutindo o melhor caminho.

— Vamos para o sul, atravessamos o vale entre as montanhas da *Naiad Damma*, e depois viramos a sudoeste e rumamos para a floresta — sugeriu Shenu.

— Nossa, que caminho comprido! — Jadhe comentou, espiando, por cima do ombro do andarilho, o mapa recém-comprado. Então traçou uma linha diferente no mapa com a ponta do indicador: — Se descermos o Rio Velho de barco, e depois tomarmos o caminho em que seu nome muda para Rio Branco, iremos muito mais rápido! Seria uma caminhada de menos de meio dia até o Objeto! — argumentou.

— Não acho uma boa ideia entrar na floresta assim. Essa floresta é velha e ninguém mora nela, correm boatos por toda parte do mundo sobre ela!

— É verdade, boatos de que quem entra nela não sai jamais — Jadhe completou. — E de que só o *Leite* é imune aos seus encantos.

Yoná riu e perguntou, incrédula, onde eles tinham ouvido aquela história.

— Essa é a floresta onde Felko se criou. Mas isso foi no distante tempo de Ainda Luz. Um mistério maligno fez moradia em Lherád depois disso e ali se escondeu por muitos anos e permanece ainda hoje. Foi isso que nos ensinou nossa mestra Ártemis. — Jadhe respondeu e o gênio assentiu com a cabeça.

— Ah, Ártemis Caçadora falou isso para vocês, é? — Yoná contestou com desdém, e Dominique fechou a cara.

— É melhor você dobrar a língua pra falar da minha mestra!

Mas antes que o gênio começasse a gritar, Diana falou:

— Você vive num mundo infestado de magia, não pode duvidar do que te falam assim!

— Você viu no mapa o tamanho dessa floresta? Que mistério maligno poderia tomar a floresta *toda*? E se ninguém mora nela, quem inventou os boatos?

— Os sete Objetos Supremos, também são lenda! — falou Pablo, sensatamente. — Eu voto no caminho de Shenu, o melhor é não arriscar.

Shenu olhou de Diana para Pablo, que parecia encabulado. Pablo pouco falava com o andarilho, e geralmente, quando isso acontecia, era para brigar, mas pelo visto a antipatia por Yoná havia superado qualquer desavença entre eles, e o andarilho estava feliz por isso: era extremamente cansativo permanecer ao lado de alguém que não gosta de você de jeito nenhum.

— Muito bem — concordou Dominique — mas mesmo assim o caminho é longo demais. Por que não vamos por aqui?

O rapaz apontou uma estrada reta que chegava até *Herg Aservan* a sudoeste e depois seguia por uma série de vilarejos pequenos às bordas da floresta.

— Sabem de uma coisa — Diana exclamou de repente, sorrindo, fazendo os rapazes perderem a concentração — sempre achei que nós, de Octoforte, não soubéssemos de nada sobre o mundo, mas... Parece que vocês, que sempre viveram aqui, também não sabem muita coisa mais que nós! Certo?

Dominique riu gostoso. Com certeza aqueles garotos do forte achavam que os bhardanos eram muito mais vividos e experientes, mas o fato de terem crescido em um pedacinho daquele mundo não significava, absolutamente, que eles conhecessem patavinas do mundo inteiro.

— O que, vocês acham que nascemos aqui e que por isso conhecemos o mundo *todo*? É claro que não! O fato de já termos estudado geografia e história no Educandário não nos faz especialistas nessas coisas! Eu posso mostrar a vocês uma paisagem deslumbrante, com flores e montanhas coloridas, no meio de Crimahuór, onde cresci, e também posso guiá-los pelas ruas de Cérula, onde ficava meu Educandário, o Cerúleo, ou por Carjei, onde eu costumava vaguear à procura de tavernas e circos. Mas, de resto, não conheço nada!

— E quanto a você, Shenu? — Márcio passou a pergunta adiante, percebendo que Jadhealaria algo parecido com o que Dominique tinha falado.

— Eu... Conheço as cidades grandes, um pouco daqui, um pouco de lá... Quase tudo em Ylhuah — ele respondeu, dando de ombros, e voltou a olhar para o mapa. — De qualquer jeito, também não acho uma boa ideia passar por esse caminho que Nique sugeriu — Shenu respondeu, uma expressão enjoada.

— Por que não?

— Porque são cidades hadaranas, cidades de cortadores-de-cabeças! — ele exclamou com voz fininha, levando os outros às risadas.

— Muito bem, andarilho! — Márcio exclamou — Então essa cidade em que estamos agora também não é uma “cidade de cortadores-de-cabeças”?

— Não, pois fica do lado certo das montanhas, e além delas ninguém do leste jamais esteve!

— “Ninguém do leste jamais esteve” — Pablo remedou, fazendo graça com a voz.

— Ninguém, meu covarde colega, que *você* conheça! — disse Yoná. — Mas não adianta, enquanto discutimos estamos perdendo tempo, e de repente pode acontecer algum perigo real para nos atrasar, pois os caminhos de Hadara nós não conhecemos. Então Shenu vai se gabar desse pessimismo e nos perguntar: “*eu não disse?*”. Vamos fazer um trato: se todos concordarem, vamos pelo seu caminho

desde que encontremos cavalos para a viagem, baratos e sadios. Porque uma viagem dessas a pé vai nos tomar quase uma vida!

Houve quem discordasse, mas no final ficou decidido que iriam por onde Shenu queria se encontrassem cavalos até o meio dia, desde que estivessem sendo vendidos por um preço baixo, porque, embora ainda guardassem uma quantidade considerável de ouro, ele estava minguando. As sentinelas começaram uma peregrinação pela cidade em busca de sete animais que pudessem comprar por um preço baixo, mas em todos os lugares os preços estavam nas alturas, sem contar que estalagens que alugavam cavalos eram raras, porque os hadaranos gostavam muito de seus equinos e desconfiam de que outras pessoas, especialmente estrangeiros, pudessem maltratá-los. As poucas que alugavam só permitiam uma viagem curta, dois dias no máximo, e quem alugasse teria que aceitar a companhia de algum nativo.

Por fim, na saída da cidade, quando já pensavam que teriam que ir a pé, Shenu, que não ousou bater nas casas hadaranas (por medo, talvez), trouxe a notícia de que encontrara uma estalagem antiga abandonada, com sete cavalos presos.

— Sete cavalos presos? Quem deixaria tantos cavalos presos e iria embora assim?

— Não sei, mas não duvide da sorte! — ele exclamou, excitado, respondendo à pergunta desconfiada de Yoná. — Não vamos questionar, só nos apressar para chegar lá antes que alguém mais chegue!

— E torcer para que os animais estejam bem — falou Diana.

— Foi isso o que mais me chamou atenção neles — Shenu falou, quase explodindo de contentamento. — Parecem cavalos reais, de tão bem cuidados!

Shenu olhou para Jadhe, que não disse nada. Ela observava o campo escurecido pela noite eterna na saída da cidade. O céu estava negro, como negras são as sombras que se fazem sob as montanhas. Nuvens passavam pelo manto aveludado da noite e se tingiam com a pouca cor que a minguante *Ginhãissu* emprestava, aparecendo atrás das árvores ao longe, no horizonte. Algo na paisagem lhe chamara a atenção.

— Tenho a impressão de que há mais forças agindo nessa nossa jornada do que imaginamos — disse ela, depois de alguns minutos. — Não vamos nos preocupar. Cavalos são animais incríveis e inteligentes, e não ficariam presos à toa. Não se lembram da história do Magnífico Tenko?

Ninguém, além de Dominique, conhecia a história de Tenko, então Jadhe teve muito do que falar por vinte minutos, até chegarem à estrebaria.

Depois de um tempo caminhando pela estrada vazia que saía da cidade, os sete encontraram uma estrada secundária que levava a uma clareira, onde havia

uma cabana que parecia ter sido queimada e doze cocheiras, mas só sete delas estavam ocupadas. Os cavalos eram animais impressionantes — mansos, mas imponentes, de pelos lustrosos e porte grande, bem tratados e selados, como se estivessem prontos para partir. Tochas queimavam a entrada de cada cocheira, mas não viram viva alma por perto. Nenhuma porta estava fechada, de modo que nenhum animal estava trancado.

— Sete cavalos para sete cavaleiros... — Diana murmurou. — Sou só eu ou mais alguém tem essa mesma sensação? De que estão aqui *por nós*?

— Sete cavalos, oito camas no Templo de Poeira... A única sensação que eu tenho é a de que essa viagem está ficando cada vez mais estranha — Márcio comentou.

Shenu tomou a frente e escolheu o cavalo preto. Montado nele confundiu-se com a noite, pois ele também se vestia de escuro. Chamou-o *Zaun*, o negro. Márcio e Pablo escolheram cavalos castanhos, aos quais deram os nomes de *Pôlo e Felko*, como na lenda das estrelas gêmeas. Diana escolheu um cavalo malhado, ao qual batizou de *Tenko*, conforme a história que Jadhe lhe contara e da qual gostara muito, e Yoná montou outro animal, a fêmea *Parthu*. Dominique e Jadhe escolheram os cavalos brancos: *Caldeus* e *Linarfh*, mas, quando os dois montaram, ninguém duvidou quem era melhor na montaria. Ali, naquele cavalo branco, vestida com as roupas que os Sanai lhe presentearam, delicadamente segurando os arreios, Jadhe lembrava os encantadores *indarae* da Grande Floresta. Dominique, no entanto, desengonçado, com suas asas quebradas e enroladas em ataduras, quase tombou antes de parar sobre o animal.

Sob a luz das estrelas, da Ginhaissu e da lua Vermelha que nascia ao longe, em quarto crescente, a caravana deu início a sua empreitada. Passada sobre passada, os animais levaram os jovens pelos caminhos de terra batida que conduziam ao interior do país, numa marcha lenta e cautelosa. Hadara era o único país com governantes eleitos no oeste, e cada governante ficava no poder por dez anos. Sua história era repleta de guerras, a maioria com o vizinho Zefim, por causa de terras ou fontes naturais. Depois de tantos séculos de rivalidade e batalhas, depois da *Peste da Misericórdia*, que dizimou milhares de pessoas em todo o mundo, principalmente no oeste, Hadara era agora um país de poucos habitantes. Havia apenas quatro grandes cidades, Haulg Jeserv, a cidade do bonde, única cidade que tinha ligação com os países do Meio do Mundo; *Hanaulg Dilweh*, a capital do norte do país e centro de compras de Hadara; *Haulg Debbir*, conhecida como “cidade dos soldados”, por ser sede da escola militar, no planalto das armas, e *Haulg Dibbamor*, próxima ao rio *Arlagh*, antigamente uma cidade bélica, que hoje tinha, como principal atividade, a pesca e a arte de trabalhar o vidro em formas e cores curiosas. No caminho que fariam, as sentinelas não iriam passar por

nenhuma dessas cidades, pois atravessariam a fronteira para Zefim que, nesses tempos de paz, não contava com muitos guardas patrulhando-a.

Dias tranquilos seguiram os viajantes, que horas e horas passavam nos lombos dos cavalos, e outras tantas caminhando ao lado deles. O caminho de Shenu, afinal, não foi seguido à risca, pois o rapaz queria atravessar as montanhas e depois entrar numa região quase desabitada, mas o restante do grupo o convenceu a seguir próximo à estrada original, por uma antiga trilha paralela a esta onde não haveria problemas com altitude nem com terrenos acidentados, protegida das vistas de curiosos por arbustos e árvores baixas, de copas largas e troncos tortos. As mochilas estavam leves e nenhum perigo havia à vista; portanto, sem contratempos, chegaram ao fim de doze dias, ao lugar onde atravessariam a estrada para oeste e entrariam em Lherád.

Decidiram descansar e dormir bastante naquele momento, pois se as lendas sobre o lugar fossem verdadeiras, era melhor que estivessem bem despertos. Pela manhã eles repararam, com alegria, que aquela era uma daquelas regiões de Bhardo que não era “totalmente escura”, pois à medida que as “horas do dia” se aproximavam a noite se atenuava, mesmo que Hadara e Zefim fossem conhecidos como alguns dos lugares mais escuros do mundo. Nesse ponto rumaram para o oeste, voltando ao território hadarano, atravessando uma colina repleta de ervas rasteiras e arbustos espinhosos.

Há muito sabiam que a floresta estava ali, bem próxima, mas escondida das vistas dos viajantes pelas colinas baixas que ficavam entre a estrada em que estavam e a principal, esta sim, ao lado de Lherád. Passaram com dificuldades pelas roseiras e pelos *aléctos* e *cordofeus* (arbustos de espinhos longos e duros), e chegaram à estrada principal que, naquela parte, parecia maltratada e em desuso. Logo chegaram ao outro lado, onde um matagal crescia livre, e puxaram os cavalos para que os acompanhassem, pois parecia que os animais relutavam em entrar na antiga floresta.

O céu já havia clareado bastante quando o matagal foi finalmente vencido e o grupo conseguiu penetrar os limites de Lherád, a floresta adormecida. À medida que o tempo passava e o cansaço ficava maior, Márcio percebeu uma mudança sutil no comportamento dos colegas: ao invés de ficarem mais irritados, como seria de se esperar, a exaustão estava deixando os jovens mais solidários e menos falantes, o que diminuía as chances de atritos.

Então, à luz daquele “dia”, todas as cores puderam ser vistas e todo o bosque pôde ser admirado. As árvores eram finas e de tronco liso e cinzento, e suas folhas lanceoladas de um verde apagado, cresciam voltadas para baixo e pendiam

em cachos difusos. As copas estavam salpicadas de pequenas flores amarelas que brotavam nos galhos; o chão estava coberto por elas. Uma brisa suave vinda do norte agitava os galhos grossos e os troncos das árvores, espalhando o aroma doce das flores por cada canto do bosque. Era um ambiente mágico, quase sobrenatural, separado do resto do mundo por uma cortina de suave perfume.

— Lindo! — Diana sussurrou.

— São *líp*as — informou Dominique, estendendo a mão para apanhar algumas pétalas que bailavam preguiçosas no ar.

— *Líp*as?

— Sim. Como as que existem em Crimehuór, na região em que crescemos, bem ao norte. São usadas para fazer um chá calmante, como o de camomila — disse Jadhe.

— É, é um ótimo sonífero, em grandes quantidades! — Shenu falou, irritado. — Certa vez puseram uma dose cavalgar de essência de *líp*as no meu café, acabei ficando sem nenhuma das cinco *sblinc*'z que eu tinha levado mais de um ano para encontrar!

— *Sblinc*'z?

— Pedras-estrela, mais raras e caras que diamantes.

— Então você acha que corremos o risco de dormir aqui? — Márcio perguntou, acompanhando a queda de uma pequena pétala. — Lembro que o caldo que tomei em Dagsháq continha essência de maracujá e *líp*a, e fiquei com sono o dia todo!

— Não, só funciona em pó e em grandes doses, você pode ter ficado com sono por causa do maracujá, ou porque já estava com sono mesmo. Puseram no meu copo a essência de umas cinco mil pétalas e só conseguiram me fazer cochilar por cinco minutos. O calmante é muito fraco, só para bebês e crianças pequenas.

— Ainda bem que dormimos bastante — disse Pablo. — Não vamos ter sono tão cedo.

O solo da floresta era plano e firme, diferente do solo esburacado pelo qual tinham vindo. Não havia estrada visível, nem um caminho ou trilha, mas as árvores eram espaçadas, de modo que podiam avançar em boa marcha, mesmo a pé. Os cavalos caminhavam calmamente ao lado dos jovens. Aqui e ali, grandes rochas brancas e redondas convidavam para um delicioso descanso à sombra.

— Entendi porque chamam esse lugar de Floresta Adormecida. As próprias árvores parecem estar dormindo... — comentou Márcio, entre um bocejo e outro.

— Mas eu não entendi porque dizem coisas tão monstruosas a respeito dela — Pablo falou, os olhos nas copas mais altas e caídas. — Essa floresta é linda!

Uma hora... Duas horas... Três horas... Estava quente, estava claro... O perfume das flores era viciante. Não havia água, não havia barulho, nem havia conversa...

Quatro horas... Cinco horas...

Não havia mais sobre o que falar, além de um comentário e outro sobre beleza e flores amarelas.

Seis horas...

Os olhos dos cavalos estavam miúdos... *ou seriam os deles mesmos?*

Sete horas... ou minutos, quem poderia dizer? O céu ainda estava claro... O calor e a fragrância daquelas flores invadiam os pulmões com sua essência inebriante que, pouco a pouco, tomava conta dos corpos dos viajantes silenciosos. Os cachos de flores balançavam de um lado para o outro, calma e lentamente, movidos por uma brisa quase imperceptível vinda do norte, como uma mãe que nina seu filho com carinho. Não viram nem ouviram sinal de animal algum, nem mesmo um piar de pássaro. Atravessaram um pequeno riacho e mesmo a água descia sonolenta pelas pedras do seu leito, sem fazer ruído.

Oito horas... Será? No relógio só tinham se passado duas. Pablo e Márcio penderam dos seus joelhos ao mesmo tempo, e se apoiaram numa daquelas pedras brancas, como cabeceiras de uma cama extremamente macia. Pôlo e Felko fecharam os olhos e deles um ruído abafado saiu: um ronco de cavalo.

Diana puxou os arreios de Felko e conduziu-o de volta à presença dos irmãos, chamou-os com gritos, mas nada pôde fazer para acordá-los. Então, quando ela se virou para pedir ajuda aos companheiros, encontrou-os sonolentos, recostados às pedras da mata. Seu cavalo adormecera e não se moveu quando ela o puxou.

— Yoná! Yoná, acorde!

— Só... Só me dê um minutinho...

Mas a índia se aconchegou nas folhas do chão.

— Dominique! Shenu! — Diana estava ficando nervosa. — Jadhe! Jadhe, por favor! Jadhe, acorde, não me deixe aqui sozinha! Acordem! Que sono é esse?

Jadhe ainda resistia, mas se recostara a uma pedra e já tinha os olhos pesados e fechados. Mas conseguiu forças para responder à Diana.

— Jadhe, o que está acontecendo? O que eu faço? Por que estão todos dormindo? Por que *você* está dormindo? Fala comigo! Não faz nem duas horas que estamos caminhando!

— Lípas... — disse ela vagamente, com um ar feliz. — Fazem dormir... — e sua cabeça pendeu.

— Não, Jadhe! — gritou Diana, acordando a moça com uma sacudida.
— O que eu faço?!

Mas Jadhe não falou mais. Seu corpo caiu inerte para o lado, e ela só mudou de lugar para encontrar uma posição mais confortável para o sono. Diana começou a sacudir um por um os colegas de viagem, mas eles continuaram quietos. A moça ficou desesperada, gritou por socorro, mas ninguém atendeu. Sua voz foi abafada pelas árvores. Lágrimas escorriam por sua face quando ela percebeu um movimento atrás dela. Virou-se e encontrou Linarfh, o cavalo que Jadhe tomara como seu, ainda acordado, embora muitas lípas caíssem em seu dorso.

A sentinela se surpreendeu ao encontrar o animal desperto como ela. Deu um sorriso confuso, olhou para todos os lados e, mesmo sabendo que o animal não entenderia nenhuma palavra, começou a conversar com ele.

— Então, Linarfh, você também é insone, como eu? Ainda bem, não é? Dois é melhor do que um, não é?

Enxugando os olhos, ela tentou afugentar o sono e criar coragem. Precisava resistir, ou o que aconteceria? Aquele bosque, que antes lhe parecera tão agradável, agora assomava tenebroso e astuto ao seu redor: uma armadilha terrível e bela para consumir suas vítimas lentamente. Levantou-se decidida, tinha que fazer alguma coisa, e estava fora de questão buscar ajuda: ninguém viria porque tinham medo, e ela não saberia voltar àquele exato lugar; tudo parecia tão igual!

— Jadhe, vou tomar seu cavalo emprestado — disse, tentando controlar as próprias emoções. — E Yoná — ela apanhou a Cuzpola de dentro da bolsinha na qual Yoná carregava o artefato — posso precisar disso. Vamos, Linarfh! Não vamos dormir, vamos?

Como em resposta, Linarfh ergueu-se nas patas traseiras e relinchou, Diana o montou e saíram disparados entre as árvores. Então a brisa se tornou mais forte, como um rugido de resposta à impetuosa Diana, que desafiava a floresta, e o vento afastou as folhas dos pés das raízes e ela gritou quando viu, com horror, o que havia sob elas: eram ossos e mais ossos, de homens e animais, de criaturas pequenas e grandes: infelizes que, com certeza, não resistiram à tentação do sono e estavam dormindo para sempre.

Mas os olhos de Diana, tão concentrados em seu caminho, não podiam se distrair com os perigos. Seguiu por entre folhas e flores o mais rápido que Linarfh conseguiu, num desespero desabalado para encontrar alguma ajuda. Certamente devia haver algo ali que não estava dormindo! Procurou manter a mesma direção para onde rumava com seus companheiros, sem saber nem pelo que procurar, mas procurando mesmo assim. Qualquer coisa serviria como esperança: uma clareira, árvores diferentes, uma alteração no relevo, mas ela não conseguia enxergar nenhuma mudança no cenário, como se estivesse presa numa casa de espelhos.

Tentou manter-se alerta, incentivando com gritos bravamente seu cavalo; todavia, aos poucos, a memória dos amigos e do Objeto Supremo foi desvanecendo e suas pálpebras começaram a pesar, e ela percebeu que estava completamente perdida. Mesmo o animal, com suas passadas largas, começou a ficar mais lento. Diana o instigava a continuar, mas ela mesma tinha a voz embargada e pastosa, sua visão embaçou. Quando ambos, cavalo e amazona, finalmente cederam, Diana caiu do lombo do animal...

Nas águas do Rio de Leite.

Foi como se um peso tivesse sido tirado de suas costas, pois imediatamente Diana se sentiu forte e viva. Suas mãos estavam afundadas nas águas rasas e brancas do rio pedregoso, onde cascalhos pontiagudos e transparentes ralaram sua pele. Com dificuldade conseguiu acordar o cavalo, depois que, cansada de tentar puxá-lo da mata para o rio, atirou-lhe a água branca na cara.

Uma lembrança ecoou em sua mente: “*só o Leite é imune aos seus encantos*”...

“*O Rio de Leite!*”

— Conseguimos amigo! Encontramos uma coisa nessa floresta maluca que não está encantada! — disse, acariciando lhe por trás das orelhas. O Rio de Leite borbulhava com águas turvas e descia ligeiro por pedras e cascalhos. Havia peixes dentro dele, peixes acordados. — Conseguimos! A água do rio! Deve ser encantada também... ou desencantada... Sei lá! Acho que podemos... bom...

Diana tirou o cantil da mochila que ainda usava. Jogou a água fora e o encheu com água do Leite, então pediu ao cavalo que esperasse por ela ali. Então se recostou numa árvore e não demorou muito para que o sono voltasse. Quando seus olhos pesaram demais, ela bebeu da água do cantil e no mesmo momento recuperou as forças.

— Bem, é sinal de que a água funciona, mesmo fora do rio, num cantil. E eu bebi pouquinho, então um cantil deve bastar pra todo mundo acordar — falou animada. Linarfh fitou os olhos da moça, um brilho contente na carona de cavalo, e Diana achou que ele pudesse estar entendendo tudo o que se passava. — Puxa vida, preciso acordar os outros... Pablo vive me dizendo pra parar de falar sozinha, ou com as plantas, ou com os bichos. Mas realmente parece que você me entende! Será que está encantado também, Linarfh? Ah, nossa, estou fazendo de novo, conversando com o cavalo... Muito bem, Linarfh, pra onde agora?

O animal pateou o chão, a sentinela tinha perdido completamente o senso de direção tentando afugentar o sono. Seguiria em frente, disso ela sabia, mas em frente para onde? Sem demora apanhou a bússola, pois se soubesse onde estava talvez pudesse encontrar o caminho de volta.

— As palavras... Quais são as palavras... Como é que Yoná fala? Moronor... tlu... tlué, moronor tluíé — nada aconteceu. — Hm, que ótimo, eu não me lembro das palavras! Eu não sei falar essa droga de língua antiga, Linarfh, nem minha própria língua eu falo direito! Por que é que eu não estudei direito essa matéria...

Ela tentou de novo e ainda uma terceira vez, mas não houve resultado nenhum. O globo continuava imutável e cristalino. Então as lágrimas a tomaram outra vez.

— Ai, Pablo, por que é que você tinha que dormir? — ela gritou, depois começou a murmurar palavras sem sentido para a bússola, tentando de qualquer jeito fazê-la funcionar. — Pablo, que raiva, é você que sempre resolve as coisas pra mim! Que coisa! — ela gritou, atirando longe a Cuzpola. — Eu não consigo, não consigo...

A sentinela se largou no chão, chorando profusamente, tentando imaginar o que Pablo faria no lugar dela. Ele sempre tinha um jeitinho simples de resolver as coisas com calma, apesar de ela não se lembrar de nenhuma situação como aquela.

Mas, com determinação, Diana prendeu a respiração até começar a sentir os efeitos da falta de oxigênio e suas lágrimas secarem. Havia seis pessoas e seis cavalos dependendo dela e, se tinha que se espelhar em Pablo, sabia que ele faria de tudo para evitar uma situação daquelas, mas que, sendo inevitável, ele encararia e tentaria proteger todos os outros. Deixou o desespero no fundo do seu coração, prometendo a si mesma que só voltaria a despertá-lo quando estivesse em segurança, e encontrou no fiel Linarfh um incentivo para voltar à realidade. O cavalo a chamava do seu jeito animal, lambendo a ponta da orelha da jovem e empurrando suas bochechas com o focinho. A moça respirou fundo, soltou um grito bem alto para extravasar, e levantou-se.

— Muito bem, muito bem, Diana, você é ou não é sentinela? Muito bem... — Linarfh olhava-a como se a encorajasse. Ela apanhou a Cuzpola e olhou fixamente para ela. — Dane-se a língua antiga! Cuzpola, eu sou Diana, sentinela de Octoforte, representante da Torre da Terra, sucessora do seu criador Ariell. Mostre o caminho que devo seguir! — e, num murmúrio suplicante, acrescentou: *Por favor!*

Dessa vez algo aconteceu. O interior da bússola ficou leitoso e pardacento e o mapa surgiu bem grande. Mostrava apenas o Rio de Leite, parte da floresta Lherád, os Campos Alagados ao sul e uma parte do litoral. A própria Cuzpola estava representada por um ponto dourado e brilhante. Mas não havia sinal dos viajantes adormecidos.

— De que me adianta? Se eu não sei onde eles estão, como posso voltar? Cuzpola, eu imploro — suas mãos estavam geladas — eu preciso saber onde estão os outros! Por favor, me ajude!

Então a magia do objeto fez com que seis novos pontos marrons surgissem, e Diana deu pulos de alegria. O sono causado pelas flores a havia conduzido e ao cavalo um pouco a noroeste do caminho em que estavam, mas a viagem de volta não levaria mais que uma hora, se pudesse manter seu cavalo acordado. Ela então encheu o cantil com aquela água encantada do Rio, bebeu um bocado também, obrigou Linarfh a beber um pouco empurrando a cabeça dele até a água, e riu alto. Já estava pronta para retornar quando percebeu que o Objeto Supremo que ela e os companheiros tinham vindo procurar estava muito perto, há menos de meia hora dali.

Tão perto...

— Vamos Linarfh — disse, mas o cavalo recuou. — Ora, vamos! Pense na surpresa que faremos! Eu e você, os salvadores do dia, e ainda vamos chegar com um Tesouro nas mãos! O que é que tem demais? Eles só vão ficar dormindo um pouquinho mais!

Havia seis cavalos em Octoforte, e Diana aprendera desde jovem como montá-los e conduzi-los, porém Linarfh era um animal muito especial — temperamental, talvez, seria a palavra correta. Diana tinha certeza de que ele a entendia, pois não parecia disposto a deixá-la montá-lo outra vez.

— Linarfh, não seja teimoso! — disse ela, tentando se aproximar e jogando gotinhas de água no dorso do animal. — Não – vai – ter – problema! Linarfh!

O cavalo ficou nas patas traseiras e relinchou, mas Diana não saiu do lugar.

— Tudo bem, você é teimoso... Então, acho que vou ter que ir sozinha... — ela disse, com as mãos nas costas, balançando o corpo de um lado para o outro. Linarfh bufou outra vez, mas chegou-se mais perto de Diana, com a cara voltada para trás.

— Vamos... Seja bonzinho... Vamos economizar tempo! Depois não precisaremos voltar aqui de novo... — ela alisou o pelo branco e brilhante do cavalo. Ele sacudiu a cabeça para trás, mas não saiu do lugar. Deixou Diana montá-lo, afinal, o que ela fez sorrindo. E partiram a galope rio acima, atravessando uma ponte antiquíssima de pedras limosas e ripas de madeira apodrecidas, enquanto a escuridão se fechava a sua esquerda em cores que fizeram Diana se lembrar de uma ilustração que vira certa vez num livro do mundo Terra.

Estavam de volta à floresta enfeitiçada. A cavalgada durou pouco mais de quarenta minutos, pois o terreno naquela parte da floresta era acidentado, as

árvores eram muito fechadas e a noite crescente tornava a jornada mais difícil. Diana molhava os olhos de Linarfh o tempo todo, mas ela mesma, ainda ensopada por causa do tombo no rio, estava bem acordada.

Finalmente chegaram ao local indicado pela Cuzpola, uma grande clareira coberta de uma turfa macia e escura. Mas seus olhos, desacostumados que estavam do breu total que a noite trouxera, não conseguiram ver o que havia ali. Ela desmontou, apanhou uns gravetos no chão e os atou com uns trapos de dentro de sua mochila. Sem muita destreza, conseguiu acender a tocha usando duas pequenas pederneiras, reclamando, impaciente, do barulho irritante do vento, até que o fogo clareou sua visão. Havia uma construção de pedras no meio da clareira circular, talvez a ruína de algum velho templo ou de uma casa antiga, apenas paredes de um único cômodo amplo e alto, feito de pedras enormes cobertas de urtigas. Um arco em pedaços no lado onde ela estava exibia resquícios de símbolos antigos, agora irreconhecíveis. E, dentro da ruína, algo reluzia dourado. Ela aproximou-se mais.

Então ela o viu, e ele era enorme. Debruçado sobre o teto arruinado, trinta metros de um animal avantajado. As patas arqueadas como as de um crocodilo, escamas refulgentes como rubis, a cabeça achatada como a das serpentes, a cauda terminando numa chama branda, oculta por uma parte de parede da ruína. Era um dragão, um enorme ramaddron, e estava adormecido.

— Um dragão vermelho, como o que atacou o bonde! — ela murmurou praticamente sem fôlego, percebendo que o barulho que a incomodava não era vento algum, mas o ronronar grotesco do gigante. — Que porcaria esse bicho está fazendo aqui, eles não são de Gehenmy? — ela sussurrou perto da orelha esquerda do cavalo, os olhos arregalados, a face desbotada de susto. Mais uma vez consultou a bússola mágica, e ela acusava o objeto logo ali. — Eu não acredito! Não acredito, não acredito, não acredito! Mas, de qualquer jeito, teremos que entrar... Eu volto ou eu não volto? O... O dragão está dormindo... Como ele é bonito! Podemos ter cuidado, é só não acordá-lo, não é? Você vem comigo? — perguntou ela ao cavalo, mais implorando que questionando.

Como se entendesse as palavras, Linarfh deu um passo à frente e ambos avançaram sem fazer um ruído. A respiração do dragão, ao contrário, era um ronco cavernoso e grave. O coração de Diana bateu descompassado quando ela cruzou o arco das ruínas, passando bem debaixo do corpo serpentino de escamas vermelhas. O teto estava fragmentado e ameaçava desabar por completo a qualquer minuto, tamanho era o peso da fera que dormia sobre ele. Se isso acontecesse, talvez o objeto se perdesse para sempre, pois o ramaddron cairia nele e dormiria eternamente sobre o efeito das flores, e ninguém se arriscaria a acordá-lo para apanhar o Tesouro. Na verdade, poucos se arriscariam a apanhá-lo mesmo com o

teto inteiro, mas Diana não se deu ao trabalho de medir consequências, só queria sair dali rápido e tirar seus companheiros de Lherád.

Lá estava ele, pendurado numa pedra alta e pontiaguda exatamente no meio de onde, antigamente, devia ter sido um salão de reuniões — preso por um cordão de ouro, o Medalhão dos Elementos, ou Medalhão de Ariell, o mais misterioso dos Objetos Supremos. Nele estavam representados os símbolos das dez constelações do Cinturão de Prata, os oito elementos de Ariell e, no centro, uma grande estrela de oito pontas, a *Octestrel*, ou Lincariell. O dragão se mexeu. Sem demora, Diana tocou o Tesouro e nesse momento uma estranha energia percorreu-lhe o corpo, uma espécie de calafrio forte e prazeroso, que deixou seus dedos gelados e eletrizados e fez cada célula do seu corpo vibrar numa nota única. De repente, um incrível conhecimento nasceu dentro dela e ela entrou numa maravilhosa viagem pelo cosmos, e as estrelas curvavam-se à sua passagem. Ela as viu enquanto via Linarfh e o dragão, e as ruínas. Era como se tivesse saído do mundo, sem ter deixado de percebê-lo ao redor. Como, ela não saberia explicar, mas sentiu, quando voltou a si e se viu ao lado do cavalo de Jadhe, em meio àquelas ruínas perdidas numa floresta amaldiçoada, que tinha nas mãos um poder que mortal nenhum jamais sonhara em ter. Mas também sentiu, com pesar, que jamais poderia controlar aquele poder. Era grande, era demais! Era cósmico! Aquele objeto continha o poder das estrelas, o poder único do universo!

O dragão ressonou alto, mas Diana não queria desistir de descobrir como usar o artefato. Fitou-o atenta e exaustivamente, até que um súbito rangido a fez despertar. Logo depois, um barulho forte de alguma coisa cortando o ar e, em seguida, uma pancada. O dragão mudara de posição e, olhando para cima, Diana viu sua face, com as barbas e os chifres, brilhando à luz da tocha que ela ainda segurava.

— Venha, Linarfh, vamos sair daqui — murmurou, voltando-se para o cavalo e molhando seus olhos e os do animal com a água do cantil. Começara a ficar sonolenta. Colocou o medalhão no pescoço, sentindo-se estranha. Tudo à sua volta parecia diferente, mas a sensação de poder desapareceu. Ela não sabia, mas o colar que sustentava o Medalhão continha a contra-magia do Objeto, para que o artefato não prejudicasse o portador; a única coisa que impediria que o artefato se apossasse das mentes pela sedução era um feitiço-reverso tão poderoso como o próprio Tesouro, algo que foi inventado pelo próprio Ariell, tantos anos antes. Naquele momento, o Medalhão não poderia dominar a mente de Diana, embora seu coração desejasse ardentemente mergulhar em seu poder.

Com o coração aos saltos, a moça segurou firme as rédeas do cavalo e guiou-o para fora. O teto estava ruído, as paredes desmoronadas, mas só havia uma passagem para fora — aquela pela qual tinham entrado. Mas agora, surgira um

novo problema: a “coisa” cortando o ar e o baque da queda era a cauda do dragão, que escorregara das pedras do antigo muro onde estivera apoiada, caíra bem no meio do caminho.

Linarfh carregando Diana saltou a cauda sem problemas, mas no momento em que fez isso uma gota da água do cantil da sentinela respingou no fogo da cauda da criatura: Diana deixara a tampa aberta sem querer. Rapidamente a fechou enquanto se virava e olhava para trás, esperançosa de que nada tivesse acontecido, mas um urro ecoou pela mata silenciosa: o dragão despertou agitando todo o seu corpo, e pateou, cravando suas enormes garras nas pedras e nas antigas paredes das ruínas, e saltou e abriu suas enormes asas pretas, cuspidando uma rajada de fogo pelos ares. Linarfh se apavorou, empinou-se sobre as patas traseiras e bateu no chão com fúria, e Diana se agarrou a ele para não cair, gritando de medo. Então ela ouviu a voz cavernosa da fera, que trovejou:

— Quem ousa atentar contra a vida de Obirtó *ramaddron*? — disse o dragão, que abriu os olhos azuis e viu que o Medalhão de ouro que deveria proteger tinha sumido. Então olhou para frente e enxergou a amazona e seu cavalo branco. — Devolva-me o que me pertence! — bradou.

Assustada com a própria coragem, Diana respondeu: — O Tesouro não é seu! É de Ariell! E eu tenho direito a ele!

E deu um tapinha no lombo do cavalo e ele entendeu o pedido, disparou floresta adentro num galope furioso. Obirtó grunhiu e cuspiu chamas nas árvores próximas, mas a amazona se livrou do fogo e distanciou-se do dragão. Então ele abriu as asas gigantes e alçou voo e os viu, alguns metros abaixo.

A sentinela lançou-se entre as árvores, lutando para manter-se em cima do cavalo e para guiá-lo para o rumo certo. O animal estava descontrolado, e ela não sabia onde poderiam parar. As árvores ao seu lado ardiam em fogo. Uma, de repente, caiu bem em frente dos fugitivos, mas quando o dragão acreditava ter bloqueado completamente o caminho deles, Linarfh saltou majestoso sobre as chamas, e correu o mais que pôde. O galope do cavalo branco era potente, e em quinze minutos atingiram a ponte do Leite.

De repente os gritos cessaram, o dragão parecia ter sumido. Relutante e extremamente apavorada, a moça olhou para todos os lados em busca do gigante, mas não encontrou nada. Olhou para cima, e era uma noite escura e fechada. Linarfh arranhava o chão com a pata, nervoso. Os corações disparados, ela e o cavalo começaram a atravessar a ponte do Rio de Leite, que deveria ter uns quarenta metros. Mas, súbito, um zunido rasgou a noite e o *ramaddron* caiu na outra margem do rio com um estrondo, cuspidando fogo na direção da sentinela. Linarfh se inclinou relinchando e derrubou Diana, que caiu na parte rasa do rio e bateu as costas. Ela não poderia fazer nada, morreria sem se defender, e perderia

para sempre o medalhão, a Cuzpola e seus amigos... Obirtó parou, cruzando as patas superiores, rindo com sua risada animalesca da pequena mulher a sua frente.

Então, vendo o medalhão refulgindo, e tomado duma fúria repentina, o monstro lançou uma bola de fogo na direção de Diana. Linarfh grunhiu enlouquecido, a garota não sabia o que fazer, então fez uma coisa desesperada: agarrou-se ao Objeto Supremo e gritou o que lhe veio à mente: “*Plactu!*”. Fechou os olhos, desviou o rosto, e não viu quando uma barreira brilhante rebateu a bola de fogo, mas viu Obirtó sendo atingido por seu próprio golpe. O imenso animal caiu desfalecido, uma coluna de fumaça saindo de sua barriga extensa. Linarfh se acalmou.

Rápida como o vento, a sentinela encheu o cantil outra vez, montou o cavalo e atravessou a ponte em disparada, pois o ramaddron estava vivo, e o poder das lípas não agiria sobre ele, pois caíra com as patas dentro do Rio de Leite. Ainda se lembrava da direção para a qual a Cuzpola apontara e, correndo como estava, conseguiria chegar aos amigos em menos de uma hora.

Trinta minutos tinham se passaram quando Diana ouviu um rugido ao longe. “*Mas ele não sabe pra onde viemos*”, ela pensou, e consultou mais uma vez a bússola mágica para se certificar de que estavam indo para o rumo certo. “*Não vai conseguir nos achar*”!

O ramaddron voava e o som de suas seis asas batendo ecoava pela floresta de forma horripilante. Diana rezou, mas dez minutos depois os olhos agudos da fera a avistaram quando ela foi obrigada a passar por um descampado. A amazona estava distante, porém Obirtó era veloz e a enxergava do alto; lançou fogo da garganta e atingiu árvores com violência para que caíssem sobre ela. Mas Linarfh conseguiu entrar na mata densa e o dragão os perdeu de novo.

A cabeça confusa e dolorida, as pálpebras pesando, Diana galopava espiando por trás do ombro na direção do ramaddron. Começava a chover, uma chuva fina e consoladora e o vento do oeste soprava com fúria, trazendo mais altos os berros da fera. Asas batiam sobre a cabeça dela e, de repente, o som sumia, e retornava com rugidos. Obirtó estava colérico, recebera ordens claras e seria duramente punido se deixasse a sentinela escapar com a joia.

Diana nunca poderia calcular quanto tempo de pavor se passou entre o momento em que saiu em disparada fugindo de Obirtó até o momento em que os avistou, seis cavalos e seis pessoas adormecidas no meio das árvores. Temia não enxergá-los, pois a noite estava escura e sua tocha ficara na ruína. Sem demora, saltou do lombo de Linarfh, abriu o cantil e pôs-se a respingar água por cima deles, rodeando-os, enquanto gritava: “*Acordem! Acordem! Dragão!*”.

Entorpecidas pelas flores, as sentinelas acordaram abruptamente, como uma pessoa que é despertada com um grito estando no meio de um sonho

prazeroso, e a voz de Diana e os relinchos de Linarfh não chegaram aos seus ouvidos com a velocidade que deveriam. A chuva aumentou, o que só fez seus corações baterem mais rápido e sem compasso. Quando finalmente conseguiram assimilar o que Diana alardeava, o *ramaddron* já os tinha encontrado e o vento da chuva se transformou num furacão sob as asas do dragão.

Os cavaleiros saltaram assustados sobre as celas de seus animais, e começaram a correr seguindo Diana, tentando uma fuga para o sul, mas Obirtó os seguiu por vários quilômetros, atirando bolas de fogo nas árvores, sobrevoando e rugindo; por fim, circundou-os com uma barreira de fogo até encurralá-los onde queria — em *Pirráftér Acchernol*, as Muralhas Gigantes do Fim da Mata. Atirou fogo até cercá-los entre uma barreira de chamas que queimavas as árvores das bordas da floresta, e o paredão liso e íngreme do rochedo que era o pé da muralha de rocha, no limite de Lherád, onde nenhuma lípa crescia. Estavam entre o fogo e a parede.

Com um baque alto e um tremor na terra, o dragão caiu no chão na frente deles. Cauteloso, decidiu lançar seus ataques a certa distância, com receio de que todos aqueles minúsculos homens pudessem ser bruxos, como a moça, que tinha revidado seu golpe. Obirtó lançou um ataque aterrador, procurava acertar a todos, mas tinha atenção especial em Diana, com a joia que ele queria pendurada no pescoço. Shenu e Pablo tiveram que saltar o rabo da fera para não serem derrubados por ele. O grupo se dispersou numa corrida frenética e enjaulada, fugindo do monstro de um lado para cair num beco sem saída do outro, pois o fogo ficou alto demais para os cavalos saltarem. As labaredas estenderam-se pela folhagem seca e chegaram às árvores mais altas e velhas, e um lamento agourento veio delas, como juras de morte se espalhando pelo ar. E uma rajada de vento poderosa trouxe uma nuvem de flores para a clareira em chamas, e, como uma chuva, todas as flores caíram no incêndio e o fogo abrandou, como se a magia das lípas estivesse fazendo o próprio fogo adormecer.

Mas o dragão não parava de disparar novas rajadas sobre os jovens, e uma garra acertou o braço de Jadhe, e sua cauda lacerou o flanco de Yoná, e suas labaredas queimaram a perna de Pablo, e tudo parecia perdido. Mas então Dominique viu uma rachadura na muralha, grande o suficiente para um cavalo e um cavaleiro passarem, mas pequena para um dragão. Saltou sobre um punhado de galhos caídos e mandou que Jadhe fosse para lá. Depois Shenu a seguiu, sem o dragão perceber. Num gesto de puro reflexo, Márcio saltou entre as patas da criatura quando Obirtó tentava agarrá-lo, mas deparou-se com o rabo flamejante do monstro. E foi Pôlo que salvou a vida do rapaz, pois o cavalo saltou o fogo e Márcio se agarrou a ele para se desvencilhar do dragão. Dominique apontou a caverna, e Márcio correu para lá. E no momento em que Pablo corria para chegar a

Diana, a grande garra da criatura o atingiu no braço, e Yoná, que estava ao seu lado, gritou; gritou como só os guerreiros da tribo Sanai podem gritar, e o dragão parou, o som desapareceu, e todos ficaram surdos. E a índia chamou-os e apontou-lhes o caminho, e os aventureiros galoparam para a fenda na montanha.

Diana estava por último. Linarfh correu para a fenda, mas a pata do dragão penetrou a passagem e as pedras se desprenderam dela, antes que eles pudessem entrar. Mas a sentinela agarrou-se ao Medalhão e invocou o feitiço “*Plactu*” mais uma vez e a imensa pata vermelha que tentou acertá-la explodiu numa barreira de manchas brilhantes, que apareceu do nada para protegê-la. Obirtó tombou de lado, desacordado, enquanto Shenu e Pablo liberavam a passagem e a chamavam para dentro, e ela se perdeu na escuridão no momento exato que o olho do ramaddron se abriu e olhou para ela.

Sob Pirraftér Acchernol

Um estrondo estremeceu a pedra, e logo em seguida uma língua de fogo lambeu a parede oposta. Obirtó, enfurecido, arranhou a entrada na rocha tentando alargar a passagem, mas as pedras não se moveram como ele queria: algumas se afastaram, enquanto outras caíram, deixando o vão ainda mais estreito. As sentinelas viram seu olho enraivecido perscrutando o interior da rocha e o som de sua respiração revoltada. Ele chicoteou com sua cauda flamejante a pedra da montanha, mas ela continuou inabalável. Mas, então, uma nova uma ventania varreu a clareira aos pés da montanha, e as árvores de Lherád, lamuriosas, derramaram todas as suas flores, e elas foram jogadas no corpo do dragão, que se debateu como se estivesse sendo atacado por lâminas cortantes. Obirtó caiu, derrotado, um profundo gemido saindo de sua garganta enquanto seus olhos pesados já não conseguiam mais se manter abertos.

— Uau! — Márcio exclamou extasiado, espiando a fera através da fenda, e Shenu se aproximou para olhar também. Seu lábio tremia e havia vários cortes em seu rosto e nos braços. — Um dragão vermelho, de pertinho! Que criatura mais... fabulosa! Fantástica!

— Já podemos respirar? — suspirou Diana, descendo do lombo de Linarfh e entregando apressada suas rédeas nas mãos de Jadhe. Os grandes olhos azuis da menina esquadrinharam a clareira em chamas lá fora onde Obirtó jazia com seu imenso corpanzil, adormecido. Pablo desmontou e a abraçou, e Diana pulou de susto quando ele fez isso.

— Di, você não vê? Acabamos de fazer contato com um dragão! Tudo bem que ele quase nos matou, mas continua sendo tão emocionante!

— Márcio, um dragão não é um alienígena! — Shenu retrucou.

— Mesmo assim, é uma bela criatura... — Jadhe comentou, esticando o pescoço sob o braço de Dominique, que também se espremia na fenda para admirar o animal.

— Primeiro, um destrói a linha do nosso bonde, agora, outro tenta nos comer! Eu dispenso outro contato como esse... — Yoná comentou, esfregando o flanco direito, dolorido.

— Calma, meu bem, o perigo já passou — disse Pablo, afagando as costas de Diana.

— Como passou? Você não viu como essa coisa é rápida! Ele pode lançar bolas de fogo pela garganta! E ele... é enorme! Seguiu-nos... Linarfh é um grande cavalo, Jadhe, super inteligente... Cruzamos o Leite — ela disse muito

rápido, andando de um lado para o outro e olhando pela fenda a todo instante. — Tivemos que fugir... Correr! O Leite... O rio de Leite é encantado... Quero dizer, desencantado!

— Respira, Di, respire! — Pablo disse, segurando-a pelos ombros e fazendo ela olhar para ele. Os olhos dela estavam arregalados e suas vestes molhadas.

— O que é isso na sua mão? — Jadhe perguntou, e Dominique arregalou os olhos quando percebeu um objeto dourado preso na mão de Diana, esbranquiçada pela força de mantê-la apertada.

— Isso? — Ela olhou a joia e espantou-se por estar com ela por um instante. — Estava perto... eu consegui pegá-lo.

— É o Objeto que estávamos procurando?

— É, é o Medalhão de Ouro de Ariell. Por causa dele e da minha distração o dragão veio me seguindo, e ele não estava com fome, Yoná! Ele me perseguiu porque queria a joia. É um bicho hiper astuto! Ele estava nas ruínas quando eu...

Seis pares de olhos se voltaram para as mãos de Diana e ela parou de falar. Havia algo diferente nos olhos dela, como se os colegas fossem ameaças. Deu um passo atrás, apertando o Tesouro contra o peito, e depois o colocou por dentro da capa que usava.

— O que está fazendo? — Shenu exclamou. — Dê esse medalhão!

— Não! — definitivamente havia pânico nos olhos dela.

— Me dê o Medalhão! — Shenu gritou, seus olhos negros fulgurando como lâminas diante do inimigo.

— Ela não vai dar nada a você! — Pablo gritou, colocando-se entre Shenu e Diana, mas com a aproximação dele a moça deu um passo atrás. Dominique não se lembrou de jamais ter visto olhar tão desolado em outra pessoa quanto o de Pablo ao ver a namorada se afastar.

— Ora, parem os dois, que criancice! Parecem dois moleques disputando uma moeda perdida! — o gênio interveio, dramaticamente.

Diana estava trêmula, mas encarava firmemente os olhos de Shenu. O rapaz abaixou a mão, respirou fundo e olhou para baixo. A moça olhou para todos os companheiros, um a um, e embora ninguém parecesse prestes a atacá-la, continuou numa postura de defesa. Ela lembrava um conto popular que falava de um rato que entrou, por engano, no covil das cobras. Mas então seus olhos se encheram de lágrimas e ela se voltou para o namorado, perdendo-se nos braços dele.

— Vocês se lembram? Ártemis nos falou do poder de sedução dos Tesouros. — Jadhe falou com grande preocupação. — São perigosos. E disse que

haveria montes de obstáculos entre eles e nós.

— Foi muita sorte escaparmos ilesos — Dominique falou.

— Não totalmente ilesos — Yoná retrucou, transtornada, procurando algo para enfaixar o pulso queimado e olhando em volta. Os sete pareciam ter saído de uma guerra, mas felizmente todos os ferimentos deles foram superficiais.

— Sorte ou não, precisamos discutir agora o que fazer, e quem ficará responsável pela guarda do Tesouro — Shenu disse, ficando de frente para o grupo.

— Diana apanhou sozinha o Objeto, ela tem o direito de ficar com ele! E temos que sair daqui, e não é boa ideia voltarmos para a floresta — Pablo falou, exasperado.

— Apanhar essas joias não era tarefa *nossa*? Do “grupinho das sentinelas boazinhas”? Não deveríamos decidir *em grupo* com quem esse Tesouro vai ficar? — Shenu provocou.

— Não temos que decidir nada, ela apanhou, ela fica com ele — Pablo o encarou e Márcio se intrometeu entre eles, que estavam com os peitos inflados e bem próximos um do outro. Dominique o ajudou, dizendo:

— Caras, controlem-se! Shenu, Pablo, podemos resolver isso depois! Temos que decidir o que fazer agora! Por favor!

Ele empurrou levemente os dois rapazes em direções opostas, e Pablo se afastou. Shenu continuou com a testa franzida por alguns segundos, mas depois passou a mão pelos cabelos, olhou para Diana de relance, que encolheu ao lado de Pablo, e depois se afastou.

— Muito bem, muito bem — Márcio falou, suspirando. Cruzou o olhar com o de Yoná, que também parecia aliviada, a última coisa de que precisavam agora era de mais brigas. — Vamos voltar ao nosso problema mais iminente? Não é uma boa ideia voltar à floresta.

— Além do ramaddron, tem as flores e o fogo... — Jadhe completou.

— Não tem mais fogo — disse Diana, cujos olhos estavam muito maiores do que o normal. — As *líp*as apagaram. Não são árvores comuns, são inteligentes, espertas e más... Elas comem os nossos ossos e os ossos dos animais que adormecem lá. E não deixam ninguém as machucar sem pagar um alto preço. Fizeram o fogo apagar também, não perceberam?

Ninguém disse palavra, mas Yoná ergueu uma sobrancelha.

— O que, acham que eu pirei? — a garota disse rispidamente, com uma raiva direcionada especialmente a Yoná. — Ninguém ficou acordado além de mim, ninguém viu os ossos que a floresta esconde debaixo de suas folhas, não acham que eu mereço um pouquinho de crédito? Não, o dragão — a propósito, o nome dele é Obirtó, ele mesmo me disse — talvez ele nunca mais acorde, ele também estava dormindo quando eu o encontrei; eu que o acordei sem querer, quando

derrubei na cauda dele a água do Rio de Leite, a mesma que me manteve de olhos abertos e a Linarfh! Mas, se entrarmos na mata de novo, eu não acho que sairemos vivos, porque a mata come todos os que entram e dormem seu sono encantado, e eu não tenho mais água do Leite no cantil!

— Di, se acalme. Ninguém está duvidando de você — Márcio disse, apaziguador.

— Mais tarde, quando você se acalmar, pode contar tudo o que te aconteceu pra nós. Mas agora, o que você sugere? — Nique perguntou.

— Vamos continuar aqui! Ou ninguém reparou que estamos num túnel?

Márcio nunca tinha visto Diana tão nervosa e sentiu um calafrio percorrer-lhe o corpo. *“Aquilo ou era efeito do Tesouro que ela carregava, ou vinha do estresse que tinha passado na tentativa de apanhá-lo? A tensão entre Pablo e Shenu era só mais uma briga entre as várias que já tinham acontecido, ou tinha alguma influência do poder dos Tesouros? Será que todos eles ficariam assim?”*

Os jovens olharam ao redor. Aparentemente, estavam mesmo num túnel. A pequena fenda se estendia à frente, escura e sombria, mas havia uma brisa leve e úmida soprando, vinda, talvez, das entranhas da terra. Certamente haveria uma passagem mais à frente pela qual poderiam sair, ou, pelo menos, alguma passagem de ar.

— Vamos consultar a Cuzpola. Onde está...?

— Comigo Yoná, tive que pegar emprestada para poder voltar... — disse Diana, entregando o globo para a companheira, que o tomou depressa. Márcio franziu a testa, percebendo que Yoná tinha o mesmo brilho de faca nos olhos que Diana.

— *Cuzpola, néfor. Moranor elweh* — murmurou Yoná, e a Cuzpola se fez brilhante.

— Que lugar é esse? — perguntou Dominique.

— *Pirraftér Acchernol* — Shenu respondeu, os olhos iluminados pela luz mágica da Cuzpola — as Muralhas Intransponíveis nos limites de Hadara.

— A mim não parecem tão intransponíveis — Pablo falou, enquanto fazia uma pequena tocha com farrapos que tinha na mochila.

— É um caminho... Uma espécie de passagem dentro das montanhas — Yoná informou, vendo a fina linha traçada sobre as montanhas, que se ramificava em várias direções.

A luz fraca iluminou as paredes de pedra negra. Eram úmidas e, em alguns pontos, filetes de água corriam por ela e formavam poças junto à parede. Havia musgo nas rochas e pequenos insetos no chão. Caminhando um pouco mais

a caverna se ampliava, ficando larga o suficiente para dar passagem a três cavalos com seus cavaleiros desmontados lado a lado.

— É uma estrada — disse Pablo, mostrando uma espécie de pavimento de cascalho brilhante por todo chão. E, de cada lado, havia pedras redondas, mais ou menos do mesmo tamanho, demarcando os limites do pavimento entre o cascalho e a parede. Estavam cobertas de limo, mas era possível ver, sob elas, rastros de inscrições esculpidas na pedra, e eram como desenhos, de um tipo que nenhum dos sete se lembrava de jamais ter visto, nem mesmo nos cursos regulares do Educandário.

— Quem fez isso? — Dominique indagou.

— Duvido que tenha sido alguém da floresta, porque mesmo nos tempos antigos, nos tempos em que Felko viveu aqui, ela era inabitada, nenhum homem vivia nela, a não ser alguns errantes — Jadhe falou, examinando a fenda por onde tinham entrado. — Esse caminho é muito amplo e muito extenso para ter sido feito por poucas pessoas.

Márcio concluiu: — Então deve haver uma saída, ou outra entrada... O outro lado, por onde quem o fez começou ou terminou.

— Não imagino que o reino de Zefim do passado tenha tido condições de construir algo assim. Pelo que a Cuzpola mostra vamos sair lá, e uma construção desse porte teria tomado homens e suprimentos incalculáveis! Mas quem mais poderia ter feito isso?

Depois de um instante mais de silêncio, Pablo concluiu, nervoso:

— Acho que isso não vamos descobrir. Mas podemos seguir por ele. — Quem sabe podemos chegar às lendárias cidades no centro do Mundo!

— Está louco? Estão loucos todos vocês? — Shenu gritou, e seu grito ecoou por todo o lugar. — Esta estrada pode ter sido feita há milênios, quem faria uma trilha dessas para chegar a Lherád hoje? E se é tão velha assim, como saber se ainda tem saída? Se algum dia teve uma saída? Pode ser só uma mina velha!

— Você quer voltar para lá? — Pablo perguntou, irritado.

Shenu e Pablo se encararam por um tempo, até que o andarilho desviou os olhos e os voltou para a fenda na rocha. A cauda imensa de Obirtó ainda podia aquecer os viajantes, brilhando com o fogo que saía de sua ponta. Uma cortina de flores entrava lentamente pela abertura, e seu perfume chagava aos poucos até o grupo, como uma agradável chuva de verão.

— Não — respondeu Shenu, bufando.

— Então...

Pablo estendeu um braço à frente, convidando Shenu a avançar.

— E o que faremos com os cavalos? — Márcio indagou, e prontamente Diana deu um passo para trás.

— Que têm eles? — ela perguntou.

— Diana, — Dominique falou num tom cuidadoso — túneis não são lugares para cavalos. Não podemos levá-los para o fundo disso aqui!

— Qual é sua alternativa, lascar um tapa no lombo deles e lançá-los floresta adentro?

Como se entendessem toda a conversa, de uma vez só os sete equinos se empinaram nas patas traseiras e, com Linarfh à frente, dispararam corredor adentro, parando alguns metros distantes.

— Mas o que foi isso?! — Márcio exclamou.

Jadhe apanhou a tocha feita por Pablo e avançou até os cavalos. A passagem parecia ser larga até onde a vista alcançava, o que não era muito. A pequena moça olhou nos olhos de Linarfh e tocou em sua testa. Os animais se aproximaram dela e ficaram dóceis. Ela afagou o pescoço do grande branco, e voltou-se para seus companheiros.

— Não está em nossas mãos decidir se eles vão ou não conosco.

— Mas, Jadhe...

— Eles não sobreviverão um dia nesse escuro sem comida ou água para eles! — Dominique argumentou.

— Não são animais comuns, não perceberam? Não estão sob nosso comando, não vamos conseguir controlá-los — Jadhe explicou.

— E o que faremos se eles se desesperarem? Se ficarem paralisados, se ficarem famintos, se precisarem de água?

A misteriosa sentinela da água sorriu. Deu um tapinha no pescoço de Zaun e voltou para perto dos companheiros. Apanhou seus pertences e respondeu à Yoná com segurança:

— Tenho certeza de que, se quiserem ir embora, encontrarão seu caminho. Mas nós não temos tempo a perder, não é mesmo? Nós vamos precisar de água e comida num momento ou em outro. Então, vamos andando!

E, dizendo isso, montou em Linarfh, acariciou seu pescoço branco, e seguiu pelo caminho, levando a tocha de Pablo à frente.

A jornada prosseguiu mais tensa e nebulosa. Mesmo para os padrões bhardanos estava escuro demais, pois uma tocha não iluminava muito, e preferiram guardar o material para outra para quando aquela primeira desse sinais de se apagar. Shenu ia à frente, pois podia conversar com as sombras e para ele não era tão difícil perceber o caminho. Vez por outra ele passava coordenadas como: “abaixem-se” ou “cuidado com a pedra”. Yoná consultava a Cuzpola regularmente, ajudando a iluminar o espaço com a luz mágica da bússola. À medida que avançavam a caverna se alargava cada vez mais, de modo que, se as asas de

Dominique estivessem curadas, ele poderia voar em seu interior. Também as paredes ficavam a cada momento mais úmidas e brilhantes, e o caminho parecia estar descendo. Sons desconfortáveis vinham das paredes, como se pequenas criaturas caminhassem pelos cantos, observando-os, sempre que eles não estavam olhando. O frio crescia.

De repente, Márcio ouviu um gemido baixo.

— Yoná? O que foi?

— Nada.

— Você está ofegante. O que foi?

— Não foi... É que aqui tem...

— O que? — Pablo indagou, alarmado.

— Só... Bichos.

— Bichos?

— É, tem bichos aqui, no escuro, rastejando nas paredes... Cheios de pernas, de pinças, de antenas...

— Você está falando de *insetos*? — Pablo perguntou, sorrindo.

— Yoná, como é possível que você tenha medo de insetos? Tudo bem que você viveu muito tempo no Educandário, mas deve ter vivido um bom tempo na tribo, não? No meio da floresta, entre plantas, animais e insetos?

Ela mordeu o lábio, e quando respondeu foi olhando fixamente em frente.

— Meu pai me enviou para a cidade quando eu ainda era muito menina, depois que fui... picada por uma aranha venenosa e de passar vários dias convalescente. Quase não me lembro de nada da tribo. Quando voltava para a aldeia era para ficar pouco tempo. Depois que terminei o curso eu voltei para os Sanai, mas não fiquei na tribo nem por dois dias — fui enviada para o templo quase que imediatamente. Servi lá por um ano, e só voltei para a aldeia três vezes, para passar dois ou três dias em casa. Da última vez que voltei, os Sanai me enviaram para o teste em Octoforte.

— Então, basicamente, você não é uma índia de verdade... Mal viveu no meio do seu povo!

A garota manteve o olhar fixo em frente e avançou alguns passos, distanciando-se dos irmãos. Márcio e Pablo se entreolharam, mas não trocaram palavra, mas Márcio ficou um longo tempo refletindo sobre o modo como Yoná tinha sido criada, como se a tribo tivesse feito o máximo para mantê-la afastada.

— Engraçado... Dois dragões vermelhos em tão pouco tempo... É estranho, coincidência demais...

— No que está pensando, Jadhe?

— Não sei Yoná, mas não é no mínimo... singular? Havia anos que ninguém avistava nenhum, reclusos em suas montanhas em Gehenmy, e exatamente agora, pouco tempo depois que Zebarân saiu de seu reino de fogo depois de quase um milênio sem ser visto, ressurge o Exército Vermelho e ataca de graça...

— Exército é exagero, soubemos de ataques isolados...

— O Exército dos Ramaddron'z nunca foi tão grande, apenas muito destrutivo, Yoná. Existem poucos dragões vermelhos e vivem apenas em Gehenmy, e em nenhuma outra parte do mundo.

— Achei que existissem dragões por todo mundo! — ecoou a voz de Diana.

— E há, mas existem tantas raças de dragões como de homens. Não há homens negros no centro-sul do Continente Maior? Não se encontra um negro natural de Hadara ou em Algavar. E Gehenmy, por exemplo, é a terra dos vermelhos, e Zebelim, que nasceu da miscigenação de negros de Yatzarem e brancos de Algavar e tem um punhado de pessoas de pele vermelha também.

— Então os rivais são parentes, afinal?

— Hadara e Zefim? Sim, Diana, os zéfios são descendentes de Yatzarems e das mesmas tribos das montanhas que deram origem aos hadaranos. Mas nunca admitirão isso, pois a rivalidade entre estes dois vizinhos é tamanha que atravessa séculos... Os países do oeste nem devem saber por que se odeiam tanto. Uma lástima em nosso mundo...

— E quanto aos dragões, Jadhe? Parece que você é fã de história!

— Só sei o que aprendi no Educandário e com a mestra, e não precisa franzir a cara, Yoná! Se você a conhecesse como eu conheço, saberia o quanto ela é sábia, você poderia aprender um bocado com ela.

— Claro, ela deve ter uns quinhentos anos...

— Ah, eu não acredito! — Dominique exclamou. — Então é isso? Essa sua aversão pela mestra é porque você é uma dessas que acha que ela é *essa* Caçadora? A da lenda? De verdade?

— Eu não acho, Dominique, eu *sei*.

— E que lenda é essa? — Diana perguntou, entrando na conversa.

— Ora, são histórias de terror, sabe? Histórias antiquíssimas!

— E reais, Shenu.

— São *lendas* sobre uma criatura das sombras, com forma de mulher e feroz como um animal, que mordida os homens, bebia o sangue deles e os transformava em demônios, como ela. Chamaram essa mulher de Caçadora, uma criatura sobre humana e amaldiçoada.

— E você acredita mesmo que *Ártemis* seja essa Caçadora? Essa mesma, da lenda?

— Eu sei quem ela é, e a Caçadora é imortal.

— Yoná, Ártemis adotou esse nome para a profissão dela, para intimidar os bandidos, você não pode acreditar que essa história seja real! — Jadhe protestou.

— Ou, pelo menos, não pode acreditar que *ainda* seja real — Shenu ponderou. Pablo olhou para ele inquiridor, ao que ele completou: — Eu acredito que as lendas tenham um fundo de verdade, qual é o problema?

— Não vamos chegar a lugar nenhum falando de Ártemis... Não podemos voltar a conversar sobre dragões? Nós, do Forte, sempre tivemos tanta curiosidade sobre esses animais!

— Pra quem acabou de passar por um grande trauma com um deles, você está bem curiosa, não Diana?

— Eu fiquei apavorada! Mas os dragões são... São lindos! Fabulosos! Não pode nos falar mais deles, Jadhe?

Com Diana, Pablo e Márcio fitando-a com expectativa, e com os outros também prestando atenção nela, Jadhe começou a falar:

— Bom Diana... Os *dron'z*... Há dragões azuis em Darfindor e Hadara, bem ao norte; os dragões verdes, porém, só são avistados em território zebelino e os amarelos e rosados se encontram por toda parte, menos no norte. Dizem que ainda existem dragões dourados vivendo em alguma parte perdida do mundo, e os brancos e os negros são tão raros que você provavelmente nunca ouvirá falar deles...

— Mas os vermelhos de vez em quando dão as caras. Aparecem, sobrevoando suas montanhas em Gehenmy, bem perto do Oceano dos Dragões, no extremo norte-leste do mundo. Mas nunca atacaram antes...

— Não até agora, Shenu, nunca em nossa era. Mas nos tempos antigos foram grandes aliados do Imperador e tiveram muitas baixas durante a Grande Guerra, ao menos é o que contam as histórias. Como eles demoram muito para se reproduzir, é provável que estivessem se escondendo e recuperando seu exército para atacar. O que será que despertou tanta fúria neles dessa vez? Justo depois que Zebarân rompeu seu exílio...

— Você é iniciada em magia, Diana?

— Não.

— Então por que gritou "*Plactu*" com o Medalhão na mão?

— Porque eu tinha visto você fazer isso no templo, não lembra? Foi a única coisa que ouvimos quando você e Jadhe caíram no buraco. Foi a primeira

palavra que me veio à cabeça.

— Mas só fez efeito porque você estava desesperada. Foi seu sentimento que invocou o feitiço, e não sabedoria. Se você quiser, eu posso te ensinar magia...

— Não, ela não quer.

— Ora, Pablo, não seja criança! Posso ensinar *você* também, se quiser! Eu não quero nada com a *sua* namorada!

— Então fique afastado.

— Será que você é tão tapado assim? Estou tentando me desculpar!

Silêncio constrangido. Respiração ofegante. Unhas na barba.

— Eu... Tudo bem.

— Tudo bem?

— É, tudo bem. Se puder dar umas dicas de magia pra nós seria bem útil, tivemos umas aulas teóricas no Forte, mas na prática mesmo só fizemos um ou dois feitiços muito básicos.

— Criar um ponto de luz e aquecer um copo d'água, imagino.

— Esses mesmo!

— São os mais básicos. Posso ensinar mais alguma coisa pra vocês. Mas só quando sairmos daqui e tivermos um pouco de luz pra treinar.

— Enquanto isso... E o dragão? Você acha que ele estava lá há muito tempo, Di? Quero dizer, ele poderia ser guardião do Medalhão...

— Quer guardiã melhor do que uma floresta maldita que faz todos dormirem? Não Márcio, acho que não.

— Será que Zebarân descobriu o que estamos fazendo? Quer dizer, ele pode ter imaginado que alguém que quisesse detê-lo procuraria os Objetos Supremos, então mandou o dragão...

— Nem brinque com isso, mal começamos nossa viagem! Se for assim, temos que encarar o fato de que Zebarân também sabe da existência dos Tesouros e mais ainda: que sabia exatamente onde estava o Medalhão.

— É verdade, mas é muito estranho! Se ele soubesse que a lenda é real, e também onde a joia estava, o que o impediria de tomá-la para si? Não, esse dragão estar lá foi só uma coincidência. Talvez uma fera que passou pela floresta, se encantou com o brilho do ouro e debruçou-se sobre ele. Alguns dron'z ficam vidrados com o brilho do ouro. Então as lípas foram mais fortes e fizeram o bichinho dormir.

— Tomara, Shenu. Tomara...

Viajaram o primeiro dia num passo vagaroso, mas no segundo dia se apressaram com os cavalos, pois, fora as garrafas intactas de Licor-do-Oeste, o restante dos mantimentos estavam escassos e um pavor inexplicável tomou conta

do grupo. Por onde passavam, os arredores se distanciavam como um borrão negro, mas Márcio podia jurar que via brilhos estranhos nas paredes, como olhos a observá-los, e túneis misteriosos de entradas perfeitas e arredondadas surgiram. As sentinelas pararam na frente do primeiro deles para admirar, espantados, as misteriosas pinturas rústicas, adornadas com molduras de símbolos cheios de retas e pontos, que pareciam ter sido pintadas há séculos, mas depois não se demoraram em frente a nenhum outro, pois algumas vezes, no fundo de algumas passagens, estranhos clarões fugidios luziam não tão distantes, acompanhados de silhuetas misteriosas projetadas nas paredes. Sons estranhos ecoavam pelas paredes molhadas, vultos indistintos cruzavam a luz das tochas, deixando um rastro de calafrios e medo. Vez por outra um ronco gutural irrompia de fendas profundas, fazendo os corações dos garotos estremecerem. Pablo comentou, assustadoramente, como aqueles sons pareciam os roncoss de um enorme estômago, para onde eles passivamente caminhavam, rumo às entranhas daquele organismo tenebroso.

O terceiro dia passou silencioso e, ao fim da quarta marcha, Márcio notou um cheiro estranho nas pedras, algo que não conseguia identificar, embora lhe parecesse familiar. A sorte deles é que havia filetes de água doce correndo pelas paredes em vários pontos, embora, em algumas dessas fontes, ela apresentasse um gosto estranho e salino. Os cavalos não demonstraram cansaço ou fome em nenhum momento, o que fez Dominique comentar que, fossem o que fossem, não eram mesmo animais normais. Estavam sempre por perto e nenhum se distanciava do grupo, mesmo quando a escuridão era tal que fechar os olhos ou abri-los era totalmente indiferente. Várias vezes Yoná consultou a Cuzpola, tanto para escolher um dentre vários caminhos possíveis, quanto para usar a magia para iluminar o lugar e preparar uma nova tocha, ou apenas para ajudar a clarear o ambiente. Porém, por todo o trajeto que decidiram seguir, e que parecia ser o mais largo e retilíneo apontado pela Cuzpola, não foram molestados por animal, ser humano, nem por nenhuma criatura.

As horas de sono eram escuras e difíceis. Com muita luz era difícil adormecer, mas quando não havia luz nenhuma era ainda pior, mais ainda porque Shenu e Diana descobriram, com profunda tristeza, que os relógios que ainda funcionavam tinham estacionado no tempo exatamente no momento em que os tinham olhado pela última vez, antes de adormecerem em Lherád. O gênio tinha a sensação de que a floresta os levara para algum lugar além do mundo, como se ela inteira fosse um portal para outra dimensão, e o isolamento dos últimos dias, o escuro, a fome e a sede, se transformaram numa poderosa força sombria a envolvê-los, só esperando que estivessem bem fracos para dar o bote. Mesmo Shenu, sentinela das sombras, sentia aquele peso. Havia tempo que não conseguia dormir,

e passava as noites acordado de um lado para o outro, espiando o caminho à frente sem realmente enxergar nada, observando os colegas enquanto dormiam. E quando ele conseguia adormecer era Jadhe quem se levantava e vagava pelas pedras, acordada. Aquele aroma tão triste e familiar lhe trazia lembranças antigas, ou pelo menos foi isso que ela disse ao gênio, quando ele perguntou se os problemas para dormir também eram provocados pela sensação incômoda de estarem sendo vigiados.

Foi num desses momentos, quando todos dormiam, menos Jadhe, que a moça decidiu caminhar um pouco até o sono chegar. Vagou pelas pedras mais próximas até chegar a uma curva da estrada, tateando pelas paredes, pois não podia enxergar mesmo nada. Mas ali ela ouviu um sussurro e se assustou. Então seguiu silenciosa a direção das vozes e percebeu Dominique e Yoná, insones, conversando.

O gênio percebeu que Jadhe estava por perto, mas continuou fingindo que não sabia que ela estava ali. A escuridão não lhe permitia ver muito, e ele estava curioso para saber por que ela não se aproximara mais, mas então percebeu que a solidão dele e de Yoná devia estar passando uma impressão errada: Dominique e Yoná, sozinhos, enquanto todos dormiam... Mesmo assim ele se manteve impassível, e continuou a conversa para descobrir o que Jadhe ia fazer em seguida, sorrateira como estava.

— Mas você deve guardar algum rancor, quero dizer, você é sentinela por causa dela! — dizia Yoná baixinho.

— Ah, não, não... A quantidade de castigos que Jadhe já pagou por minha causa não se conta! E essa foi a primeira vez que ela desafiou uma ordem da mestra, e não me pediu para segui-la. Eu fui porque quis, porque sou um curioso.

— E qual foi o desacato?

— Sair dos limites de Crimehuór. Jadhe ouviu falar de algo que lhe interessou e que estaria em Darfindor. Ártemis tinha nos proibido de sair da floresta por um tempo... Mas, na verdade, eu não sei, parece que a mestra já sabia que estávamos planejando sair. Acho que os motivos dela para nos mandar para Octoforte são outros além de um castigo.

— É bem possível — respondeu Yoná, misteriosa. — Mas o que foi que Jadhe queria em Darfindor?

— Pelo que entendi era algo sobre uma pedra, qualquer coisa assim, mas nunca cheguei a descobrir, porque não fomos muito longe. Ártemis nos apanhou em flagrante! — ele riu.

Ali perto os passinhos cautelosos de Jadhe se afastaram, de volta ao local onde os outros dormiam. Dominique sorriu, sem saber por quê.

Cego pela escuridão, pois a fogueira tinha se consumido e apenas alguns resquícios de brasa estavam acesos, Dominique não viu, mas percebeu que algo estava acontecendo. Era Márcio. Estava tremendo, embora estivesse coberto. Sua mão segurava uma pedra e ele batia com ela no chão. Havia um estranho peso no ar, o rapaz usava o *mac*. Começou a ficar quente e a gemer, tanto que o resto do grupo acordou. Aquela energia não era comum, era grande demais para um jovem. Então algo começou a brilhar no escuro, e olhando atentamente Pablo falou, sem surpresa, que eram os olhos de Márcio. Todo o corpo do rapaz foi se iluminando, como se houvesse uma luz vermelha *dentro* dele.

— Não! — disse Pablo, segurando a mão de Yoná quando ela ameaçou acordar Márcio. — Se você o tocar agora pode até se queimar.

— Ah!!! — Márcio acordou, sentando-se rapidamente. O brilho de fogo se foi, e só ficou um estranho cheiro de enxofre, mas a fogueira ardeu de repente como uma grande labareda de dragão, que apagou-se tão rápido quanto surgiu.

Aquele sonho de Márcio interrompeu o sono dos jovens não por uma noite, mas por várias. Foi difícil contar o tempo depois daquilo, pois um receio estranho dominou a todos. O rapaz contou sobre o demônio sem olhos com o qual sonhara, mas o que os companheiros temiam era o poder avassalador que viram emanar do rapaz. Aquilo não era natural! Bruxos poderosos podiam controlar várias formas de magia, *macnór*'z podiam controlar seu elemento da natureza, mas apenas para produzir efeitos pequenos como atear fogo numa vela, nunca aquecer seu próprio corpo daquele jeito. As sentinelas, claro, recebiam treinamento especial para aprender a produzir muitos efeitos com aquela energia misteriosa e mística, mas, aparentemente, o treino de Octoforte decaíra tanto desde os tempos antigos que se tornara ineficaz. Como Márcio conseguia produzir tanto poder era um mistério insolúvel e ameaçador, pois o rapaz poderia machucar alguém sem querer numa noite agitada de sono. Pablo não se importava, conhecia as manifestações estranhas de força de seu irmão há muito tempo, mas Dominique, Yoná e, principalmente, Shenu, começaram a temer a desconhecida fonte de energia daquele estranho. Afinal, os bhardanos estavam em contato com os três veteranos da Fortaleza havia pouco tempo. Diana, Pablo e Márcio pareciam inofensivos, mas já haviam demonstrado mais capacidade do que aparentavam ter para controlar as forças misteriosas que moviam as almas e o mundo.

— Não deveríamos ter trazido os cavalos.

— Se não os tivéssemos trazido, eles estariam mortos agora. Não resistiriam à Lherád.

— Pode ser Diana, mas não é justo com eles. Não comem nada, não podem estar bem de saúde, não é *natural*.

— São cavalos muito... peculiares, com certeza. Não acha, Márcio?

— Peculiares... Com certeza, muito especiais...

— Há quanto tempo estamos aqui?

— Seis dias, Jadhe.

— Faz mais que isso.

— Não faz não, Márcio. Paramos pra dormir seis vezes.

— Mas acho que passamos mais que um dia sem dormir, estou tão cansado!

— É esse frio, esse cheiro...

— Isso é cheiro de quê?

— Parece maresia...

— Maresia debaixo da terra, Jadhe?

— Só estou dizendo o que parece.

— Tem um brilho... lá na frente!

— Pode ser uma saída!

— Shenu, não corra...

— Olhem, não é a saída, mas é uma coisa muito boa!

Um pequeno pontinho de luz, afinal, brilhou nas mãos de Shenu. Era tão pequeno que mal conseguia iluminar o pulso do rapaz, mas era uma luz branca e agradável, que encheu os corações dos viajantes de esperança. Márcio sentiu como se estivesse olhando para uma estrela pela primeira vez, depois de muitos anos trancado numa cela.

— *Sblinc'z!* — disse Shenu. — Ou melhor, *uma sblinc*.

— *Isso é uma sblinc?*

— É! Essa pedrinha é chamada de *ilsbols 'n linc*, abreviando, *sblinc*. Quer dizer pedra-estrela, e é a pedra mais rara, cara e preciosa de todo o mundo! Estou rico!

— Rico! — Yoná falou, com um tom desdenhoso que Shenu não gostou. — Pode até ser! Mas sem sinal de uma saída! A Cuzpola só mostra a estrada, mas não mostra *se* e *onde* o caminho volta para a superfície... Vamos, vamos continuar! Daqui a pouco vamos começar a comer o musgo das pedras de tanta fome!

Era verdade, as provisões estavam perto do fim, e se não encontrassem uma saída logo, a situação ficaria crítica.

Muito tempo depois, tanto que ninguém sabia ao certo quanto, a estrada, que sempre parecia descer tornou-se uma subida íngreme e bem ventilada, e os pés de Márcio tocaram um solo mais firme que o barro que se acostumara a pisar.

Quase não foi possível perceber quando o grupo saiu da caverna, pois a noite estava mais escura que nunca, com suas nuvens pesadas encobrindo as luas. Apenas num ponto do céu um clarão esverdeado indicava o lugar em que *Ginhãissu* crescente se escondia.

— Saímos! Saímos! Estamos livres! — exclamaram Pablo e Diana juntos, comemorando alegremente com um misto de saltos, abraços e beijos.

Os cavalos saíram e, contentes, correram por um gramado baixo que ondulava ao sabor de uma brisa fresca e quente, e começaram a comer da grama que se estendia até onde a vista podia alcançar, vista esta que estava limitada pelo escuro e por uma alta colina, uns cem metros à frente. Olhando por sob a entrada do túnel as sentinelas puderam ver os contornos de árvores altas, de tronco liso e folhas preguiçosas, assomando ao longe, negras contra o negrume do céu: árvores de Lherád, lipásias, demarcando o final de seu território, e o vento que vinha de lá trazia seu aroma doce. E quando Shenu olhou para o norte descobriu uma grande praia de água mansa, bem perto. Caminhando até lá, verificou que a água era salgada.

Yoná tirou a Cuzpola da mochila e murmurou as palavras chave para fazê-la funcionar. Quase instantaneamente o artefato mostrou o mapa do Mundo de Bhardo, onde sete pontos brilhavam, acusando os Objetos Supremos. Diana esticou o pescoço para ver, mas percebeu que não havia aqueles pontos marrons que ela vira marcando o lugar onde seus companheiros estavam. “*Talvez ela só mostre o que queremos quando pedimos com jeitinho*”, pensou ela. “*Ou talvez Yoná não saiba que a bússola pode mostrar outras coisas.*”

— Estamos em Zefim! — Yoná exclamou, excitada. — Saímos dos limites da floresta e de Hadara! Esse túnel nos levou para a praia de *Gengolshéct*! Aquele caminho atravessa o canal *Górledholn* por baixo dele desde as montanhas de Lherád até aqui, em Zefim!

— Por Dhonmen! — falou Dominique. — Será que os zéfiros sabem dessa passagem? Seria extremamente útil para qualquer dos lados chegarem de surpresa por aqui...

— Bom, — Jadhe respondeu. — Será que essa passagem não foi criada pelos zéfiros? Porque sabemos que existiu um ataque surpresa durante a primeira guerra, e foi esse ataque que garantiu a vitória zéfira na Batalha da Planície...

— Eu não acho que eles tenham construído isso aqui, estaria nos livros de história. Mas podem ter descoberto o túnel e usado para a guerra. Só que, se isso aconteceu, por que então eles deixaram de usar a passagem? — Pablo indagou. — Estava tudo abandonado...

— Olha colega, — Shenu suspirou, num esgar debochado. — Seria realmente útil para qualquer lado ou entrar por Lherád, ou sair lá! Realmente, para

quê alguém ia querer soldados acordados?

Pablo nada respondeu, mas ficou emburrado enquanto todos riam.

Naquela noite os viajantes dormiram ao relento, despreocupados de qualquer perigo. Yoná, que tinha horror à areia e sal, teve dificuldades em adormecer, mas os outros passaram uma noite tranquila. E Jadhe livrou-se dos sapatos e da capa e foi se deitar na areia, bem próxima ao mar. Dormiu embalada pelas ondas do oceano que o grande Caularom mandava para ninar seus filhos em terra, sem perceber os olhos do gênio dos ventos sobre ela.

O Hiperbólico

— DECAIKO!!! — trovejou uma voz grossa e cruel. Um homem de capa negra cruzou os pilares do salão e parou em frente à estrela incrustada no chão. Então, das chamas que ardiam nela, o grande dragão vermelho surgiu, com suas escamas cintilantes e suas garras perigosas, mas sem emitir um só som, sem uma única palavra.

— Eu exijo explicações! — bradou o homem e sua fala era ríspida e nervosa. — Pedi que você cuidasse de algo para mim, só um ínfimo pedido, e você enviou um dos seus para vigiá-lo. No entanto... no entanto uma menina, uma *me-ni-na*, conseguiu passar pelo seu guardião e chegar até a joia. O que aconteceu?

— Peço que me perdoe mestre, a culpa foi minha. Enviei Obirtó acreditando que seria forte, mas ele foi seduzido pelo efeito das flores. A mágica delas é muito forte... Não acontecerá de novo, porque o dragão já foi punido.

— De que maneira?

— Obirtó foi para Bruzombo...

— Bruzombo, cemitério marinho... Espero que tenha ido como hóspede e não como guardião.

— Ele não causará mais problemas, senhor. *Dron'z* podem viver um longo tempo, desde que não sejam feridos no coração ou em seu ponto fraco. Eu verifiquei pessoalmente, senhor, não havia luz nos olhos dele, sua cauda estava apagada.

— Ótimo — disse o homem, encenando um breve sorriso. — Eu o deixarei agora, você sabe o que fazer.

— Sim mestre.

A manhã não chegou mais clara que a noite, mas havia muitas estrelas pontilhando o céu. Uma delas, grande e branca, chamou a atenção de Márcio, e Yoná lhe disse que aquela era a *Lincariell*, a estrela de Ariell, a mesma que confundira Ólie Fauret e o fizera dizer que todas as estrelas de Bhardo mudavam de posição, a estrela que caminhava pelos céus bhardanos. O tempo estava quente, terrivelmente quente, mas só havia água salgada por perto, então as moças preferiram esperar para chegar ao rio próximo para se banharem no final da tarde, a passar o dia com coceiras e sal no corpo, como Márcio e Pablo ficaram.

Havia um Objeto em Zefim, quase na cabeceira do Rio da Noite, o *Uttrux*. Ali, Shenu sabia, ficava a cidade de *Hanaulg Erezem*, capital de Zefim. Era uma cidade grande, a única em Zefim a possuir mais de oitenta mil habitantes, pois a maior parte do reino vivia em pequenas fazendas no campo ou em vilas com

menos de mil pessoas. Da cidade saía uma estrada que passava por vários pequenos vilarejos, pela encruzilhada que levava à portuária *Herg Aremem*, a segunda maior cidade de Zefim, e por três outras cidadelas, antes de chegar ao seu destino final, um vilarejo no litoral, um pouco ao sul de onde as sentinelas estavam. Bem próximo do local onde ficava a caverna havia um braço dessa estrada, que levava até o porto militar. Em poucas horas o grupo seria capaz de alcançar esse caminho e depois só o que teriam que fazer era seguir por ele até chegarem à cidade grande.

Como era de se esperar, Shenu se opôs a ir pela estrada principal, mas dessa vez não conseguiu convencer seus companheiros de viagem. Afinal, o caminho de Shenu tomaria mais dois dias inteiros de viagem, e as provisões estavam reduzidas a zero. Ora, eles só tinham água salobra e não comiam capim, e o melhor lugar para conseguir mantimentos era a cidade.

Assim os jovens iniciaram a viagem por Zefim seguindo para o sul até encontrar a estrada, um caminho largo e bem cuidado de terra batida, ladeado, em alguns pontos, por árvores finas de folhas grandes e escuras e arbustos floridos. Aproveitaram a luz que Ginhaissu lançou a terra quando saiu detrás de sua nuvem para trocar os curativos e verificar as condições gerais de cada um: o corte que Obirtó tinha causado no braço de Jadhe já não inspirava maiores cuidados, mas a queimadura na perna de Pablo sim, bem como a pancada que Yoná tinha levado da cauda espinhosa do gigante. O problema era que os espinhos tinham um veneno incômodo que provocava coceira e as queimaduras, apesar de não apresentarem piora, demorariam a cicatrizar.

— Os espinhos não vão fazer mais que deixar algumas marcas em você, Yoná, mas o veneno vai provocar muita coceira. Pablo vai precisar passar o unguento quatro vezes por dia. Vou preparar bastante, e Diana te ajudará a aplicá-lo. Provavelmente, vocês estarão recuperados quando chegarmos ao final dessa estrada — animou-os Jadhe.

Para o leste e em direção a Hanaulg Erezem o céu clareou um pouco, mas não chegou a ficar tão claro quanto um dia, e Márcio discutiu o tempo todo com Yoná sobre aquelas estranhas e irregulares mudanças na tonalidade da abóbada celeste. No final do dia o grupo ainda não tinha chegado à ponte do Rio de Leite, que por ali passava até chegar ao mar. Na verdade, apenas três dias depois, passando pelo contorno que a estrada delineava em torno da fronteira de Lherád, quando as três luas de Bhardo, todas crescentes, subiram ao céu, foi que cruzaram o rio e as moças finalmente puderam ter um pouco de privacidade e se banhar. Márcio e Pablo, empipocados por alergia do sal da praia, não esperaram encontrar um lugar isolado, caíram com roupas e botas dentro da água e nadaram à vontade.

Os cavalos se fartaram com água e passaram o dia pastando. De todos eram os que estavam mais bem servidos, pois para eles o almoço era sempre

abundante. O último almoço das sentinelas, cenouras e rúcula silvestres cozidas, fora tão escasso que ninguém conseguiu matar a fome. Depois do banho, Pablo e Márcio se sentaram para pescar à beira do rio, enquanto Shenu e Dominique saíram para caçar na mata que crescia ao longo das margens, e as meninas assistiram sorrindo as tentativas frustradas dos rapazes. No final Dominique trouxe uma lebre e Shenu conseguiu uma ave grande para o jantar, mas os irmãos só fizeram tropeçar e cair na água e nas pedras escorregadias.

Depois de um descanso preguiçoso após o almoço, Jadhe passou o resto da tarde ensinando Pablo, Márcio e Diana a nadar, alegando, com razão, que poderiam precisar se virar na água qualquer dia desses. No final, o fôlego de Márcio não estava tão ruim, Diana dava braçadas atrapalhadas, mas eficazes, e Pablo estava quase lá: ao menos já tinha aprendido a boiar. Shenu perguntou, mais uma vez, como eles não tinham aprendido a nadar em Octoforte, e Diana explicou que a única fonte de água de Cermalháct era o Lago Borbulhante que, estranhamente, não permitia que ninguém afundasse nunca.

Enquanto aquela pausa passava agradável, Márcio aproveitou para aproximar-se de Yoná e perguntar-lhe o porquê da garota estar tão estranha com ele. Depois que tinham saído do túnel sob *Pirräftér Acchernol* parecia que tanto Yoná quanto Shenu e Dominique tinham se tornado misteriosamente mais amigáveis, como se Márcio tivesse se tornado um louco perigoso que não podia ser contrariado. No início Márcio pensou estar imaginando coisas, mas depois de surpreender a índia olhando de maneira curiosa para ele várias vezes durante aquele dia foi conversar com Pablo, que disse que já tinha notado a atitude esquisita dos colegas desde o dia que Márcio ardera numa febre luminosa durante um pesadelo.

— Não percebe? Ninguém mais, nos dias de hoje, tem tanto poder de *mac* como o que você demonstrou ter, mesmo dormindo. Shenu e Nique estão assustados, meio sem saber o que esperar. Primeiro, Diana consegue descobrir aquele abismo na frente do Templo de Poeira, depois você pega fogo daquele jeito... — Yoná tentou justificar-se quando Márcio perguntou qual era o problema.

— Eu não “peguei” fogo! Mas, em todo caso... você também está assustada? — Márcio indagou, querendo parecer despreocupado.

Yoná abaixou a voz e olhou para os lados. Depois se sentou num canto fofo de grama, mais ou menos afastado do grupo.

— Não. Não estou assustada, só um pouco curiosa.

— Curiosa sobre mim? Porque, sinceramente, se estão pensando que estou escondendo alguma coisa no passado, é pura besteira! Eu sempre tive essas “crises” de terror noturno, já aconteceu até de tocar fogo num cobertor durante a noite, não é algo que eu consiga controlar, nem nada que eu tenha aprendido...

— Não é exatamente por isso que estou curiosa, apesar desse episódio ter sido bem... inusitado. Tem outro motivo pra eu estar pensativa...

— E vai me dizer qual é?

A índia juntou as mãos na frente do rosto. Esfregou os olhos e desviou o olhar para seus companheiros, distraídos com as lições de magia que Shenu tentava dar. Ela soltou um suspiro, então disse em voz mais baixa ainda:

— Estou curiosa com você, mas é por causa de uma coisa que meu pai disse antes de partirmos...

Yoná relatou a conversa que o pajé tivera com ela na tribo Sanai. Contou que, segundo ele, o *Espírito da Floresta* tinha pedido auxílio a algumas pessoas, para que alguns escolhidos fossem enviados para Octoforte, para fortalecer o grupo de sentinelas. Se era assim então essa pessoa, esse “Espírito”, tinha percebido que algo estava errado em Bhardo, e que as sentinelas teriam problemas, isso ela tinha concluído. Mas, depois da misteriosa demonstração de *mac* de Márcio durante o pesadelo, e da mostra semelhante de Diana, ela tinha percebido que os jovens sem grande instrução que eram Diana e Márcio não eram assim, tão indefesos. Pablo ainda não tinha demonstrado nenhum grande poder, mas era corajoso e estava sempre à frente, quando era necessário. Então, possivelmente, o “Espírito” poderia já saber que os garotos tinham certo talento para dominar o *mac*, e mesmo assim quis que pessoas de Bhardo fortalecessem ainda mais aquele grupo, que poderia nunca ter saído de Octoforte.

— Se estou entendendo seu raciocínio, você quer dizer que já tínhamos um grupo mais ou menos forte, e que alguém que tem influência sobre Octoforte quis se assegurar de que todo o grupo fosse forte, como se estivesse preparando...

— Preparando as sentinelas para algum acontecimento especial. É o que parece.

— E esse acontecimento poderia ser confrontar o feitiço de Zebarã? Nesse caso, o *Espírito da Floresta* deveria ser alguém ligado ao próprio Zebarã, não acredito que outra pessoa pudesse prever que, depois de quinhentos anos, o rei sairia das terras dele pra fazer um feitiço tão estranho.

— Isso eu já não sei. Pode ser que, simplesmente, seja alguém com interesses em manter Octoforte aberta... Preparada para desafios inesperados...

— Já contou sobre essa conversa para os outros?

Yoná mordeu o lábio inferior.

— Não, mas também não sei se é uma boa ideia contar. Afinal, essa história toda leva a suposições nem sei bem sobre o quê.

— É, é verdade. Mas se os outros estão desconfiados de mim, não seria melhor que soubessem dessa história? Pode ser que estejam pensando que sou

algun tipo de farsante, fingindo conhecer menos de *mac* do que demonstrei até agora.

Márcio fitou Yoná nos olhos e incomodou-se quando, inesperadamente, aquele brilho ácido voltou a emanar deles.

— Se está pensando que só eles estão desconfiados de vocês, está muito enganado! Eu também não sei quem vocês são, não sei quem é você. Quem me garante que não é um espião de Zebarã infiltrado nesse grupo?

Márcio se ofendeu.

— Ei! Se é assim, eu posso perguntar o mesmo de você!

Mas, ao invés de retrucar, como Márcio esperava, Yoná deu um sorriso tímido e meio sem graça.

— Não estou falando sério. No início até fiquei desconfiada de Jadhe e Shenu, com essa história de telepatia e magia...

— No início? Você mal fala com Shenu!

— Não vou fingir que gosto de saber que ele pode ler meus pensamentos! Mas agora fico me perguntando se não será exatamente por isso que cada um de nós foi selecionado... Sabe, pelas diferenças em cada um.

— Bobagem! — Márcio respondeu. — Passamos por uma mesma prova! Não tinha muita gente, mas havia uns cinquenta candidatos pelo menos. Todos passamos nos testes.

— É mesmo, Márcio? E você realmente acha que todos nós tivemos as melhores pontuações em todos os testes? Você mesmo já admitiu que inventou boa parte das respostas de algumas provas! E, convenhamos, Pablo não foi nem de longe quem fez a melhor demonstração de *mac* do grupo do trovão.

— Então, segundo você, nós todos, nós oito, com Verônica, já tínhamos sido selecionados antes dos testes começarem?

— Eu não sei, Márcio, mas não é estranho que, apesar de ter poucas pessoas concorrendo, e de os postos da Fortaleza, de água, de ar, de sombras, etc., serem só simbólicos, não é estranho que tenham conseguido escolher justamente pessoas com esses *mac*'z específicos para representar cada posto? Pouquíssimas pessoas praticam o controle do *mac* hoje em dia, cada pessoa com uma habilidade diferente... Havia candidatos com *mac* para controlar a imantação e outros com *mac* da luz, mas nós oito, dos oito elementos certos, conseguimos o posto.

O rapaz ficou alguns instantes calado, sem saber bem o que dizer.

— Eu nunca tinha pensado nisso.

— É, mas eu já... — Yoná disse, abraçando as pernas e voltando os olhos para os companheiros.

A Lincariell brilhava no alto, suas oito pontas refletidas na superfície da água morna, tão escura naquele momento. Dominique chamou por eles, acenando,

ao longe, enquanto deixava a brisa passar por seus braços, imitando a sensação que tinha quando as asas estavam abertas. Jadhe chamou-os também, aparentemente o cozido que Diana decidira preparar tinha ficado pronto; o cheiro dele era delicioso. Márcio levantou-se, estendeu a mão para Yoná e ajudou-a a ficar em pé.

— Márcio, sei que sou um pouco... meio que... obtusa... sobre os... dons... qualidades diferentes... das pessoas... — Yoná foi dizendo, sem olhar para o rapaz, e parecia que as palavras eram bolas de pelo na garganta de um gato, que não conseguia cuspi-las para fora.

— Preconceituosa, você quer dizer — o rapaz sorriu.

— Eu diria *cautelosa*... Mas... Bem, sou um pouco cautelosa *demais* quando se trata de telepatas, magos, macnór'z muito poderosos...

— E...

— E quero dizer para você não se preocupar. Se nosso grupo, de gente tão diferente, está junto, deve haver uma boa razão.

Márcio sorriu.

— Tudo bem. Só espero que Shenu, Nique e Jadhe não fiquem pensando que sou um perigo ou um espião...

— Não, eles não acham isso não. Só estão assustados com o poder que você não sabe controlar, o que é normal: você pode queimar alguém enquanto está dormindo. Eles estão meio que... intimidados.

— Intimidados?

A garota empinou o nariz e respondeu com ar aborrecido:

— Aparentemente os rapazes pensam que se você, que eles acreditavam não ter poder nenhum, na verdade é mais forte do que parece, então eles têm que se mostrar ainda mais fortes, por serem bhardanos e terem treinamento. É uma coisa desse tipo.

— Que bobagem! — Márcio riu, mas sabia exatamente do que Yoná estava falando.

— E Jadhe... Bom, ela não acha nada estranho. Tudo pra ela é perfeitamente normal.

— Melhor assim.

Os dois ainda ficaram um tempo paralisados, observando, de longe, os companheiros de viagem. Pablo os chamou também, despertando Márcio de seus pensamentos, e ele disse que seria melhor irem logo se não quisessem causar uma má impressão demorando tanto.

— Sente fome? — ela perguntou, enquanto caminhavam ao encontro dos amigos.

— Um bocado... — o rapaz respondeu, coçando a barba no queixo. — Mas, de repente, me sinto muito estranho. Como se estivesse...

- Sendo vigiado?
- Como se estivesse sendo conduzido... Como um boneco de cordas...
- Uma marionete.
- Não gosto dessa sensação.
- Nem eu — Yoná concordou.

Uma noite quente se arrastou às margens do rio de Leite e um novo dia chegou, revigorando as forças e os ânimos, ainda que Márcio não tivesse certeza de que aquilo realmente fosse um dia. Sem os relógios e sem a claridade do céu, era impossível ter certeza de que o dia anterior havia acabado sem um conhecimento aprimorado em astronomia, e isso nenhum dos sete tinha. Uma vez alimentados e montados nos cavalos, as sentinelas voltaram para a estrada e partiram para o leste, carregando as sobras de carne e cenouras, e as mochilas e as armas dos Sanai, que tinham usado bastante para caçar até aquele momento.

Até então não tinham cruzado com nenhum zéfiro, mas isso não era estranho, já que o porto militar não era usado há mais de vinte anos e as fazendas ficavam no sudeste. Mas agora que estavam se aproximando de *Herg Erazil*, a primeira vila da estrada, o movimento começava a aparecer. Havia camponeses: moradores de fazendas em casinhas pequenas e distantes da estrada, colhendo abóboras e batatas de plantações pequenas, e cães passavam latindo, seguindo crianças com cestas nas mãos, e homens puxavam grandes carroças com utensílios para fazenda. Todos se mostravam curiosos quando os viajantes passavam, Zefim não costumava receber muitos estrangeiros mesmo em tempos de paz, principalmente por causa da má fama de reino de “*cortadores-de-cabeças*”. E não era difícil distinguir um zéfiro de um estrangeiro, pois os primeiros eram baixos e robustos. Suas peles eram negras, quase azuladas, seus rostos tinham traços marcantes e suas sobrancelhas eram grossas e escuras. Não fossem os traços mais largos que os dos Sanai, Márcio diria que poderiam ser parentes. Encaravam os viajantes por longos minutos e com interesse, não com o ar emburrado da vila de Ante Siliú.

Herg Erazil não era mais que uma vila pequena, com duzentos e trinta e três habitantes bem contados, cujo número estava anotado numa placa colorida na entrada do município. Não havia cavalos na cidade, o único estábulo só tinha cinco lugares, um deles ocupado pelo jumento que pertencia ao dono, e o homem teve certo trabalho para arranjar acomodações para os sete animais das sentinelas.

— Mas eu já devia ter previsto isso — disse o senhor barbudo com estrume de cavalo na roupa. — Devem vir muitos forasteiros como vocês, não é mesmo? Muitos outros vão chegar.

Por que muitos outros iam chegar as sentinelas não souberam, pois naquele momento o filho do homem, um menino de pouca idade, entrou desesperado na estalagem fugindo da irmã, que queria obrigá-lo a banhar-se, já que era costume local que se tomasse vários banhos por dia. Então pagaram o que deviam e foram depressa procurar uma pensão.

Compraram algumas provisões e encontraram abrigo numa pequena casa com quartos apertados, que pertencia a uma senhora gorda e surda, que usava os cabelos presos num coque estranho. As moças ficaram num quarto só para elas, Márcio e Pablo dividiram outro, e Shenu e Dominique ficaram num terceiro. As janelas estavam emperradas no quarto de Pablo e ele espirrou várias vezes antes de dormir finalmente, depois de se livrar de um lençol empoeirado. Não houve café da manhã para eles, porque a senhora tinha saído para colher verduras em sua horta e, aparentemente, se esquecera de que tinha hóspedes. Então deixaram o pagamento na escrivaninha, junto com o cartão de agradecimento que Diana insistiu em fazer, e saíram. Dominique tentou encontrar alguém que vendesse relógios, mas as pessoas dali aparentemente não precisavam desse tipo de controle do tempo, e ninguém tinha um à venda. Buscaram os cavalos na estalagem e os encontraram bem alimentados e, antes que as horas de sono tivessem terminado totalmente, estavam de novo na estrada.

Mais seis dias se passaram antes que Hanaulg Erezem aparecesse, com suas casas escuras e suas lamparinas a óleo iluminando as ruas estreitas pavimentadas com pedrinhas brilhantes. Tão diferente da Herg Erazil, cujas casas eram pequenas e com tetos de palha, a capital de Zefim esbanjava alegria e modernidade. Havia pessoas nas ruas, muitas, centenas, milhares. Homens e mulheres, jovens e idosos, falantes e risonhos, lembrando a cidade do movimento constante, I'Jaboris de Ylhuah. Erezem era uma cidade bela; sem muita iluminação, deve-se notar, mas bonita e acolhedora. As casas eram angulosas, a maioria tinha forma de chalé, com telhados triangulares, e essa arquitetura era intencional para rivalizar com as formas ovais de Hadara. O clima era muito quente, então as pessoas se vestiam com roupas leves e enfunadas, muitos homens andavam descamisados, com bermudas ou calças largas e sandálias nos pés. As mulheres usavam saias de todos os comprimentos, de todas as cores e de todo tipo de tecido, e tinham tiras de pano cobrindo os seios e trançadas nas costas em vários formatos, fazendo às vezes de blusas. As pessoas, crianças ou adultos, tinham o hábito de prender os cabelos em coques ou tranças misturadas a tecidos coloridos, ou cortá-los bem curtos, rente às orelhas.

— Já fez suas preces hoje? — perguntou uma mocinha de uns treze anos para Márcio, acercando-se dele com uma série de panfletos escritos à mão presos no braço desnudo. Ela vestia uma túnica amarela e tinha uma faixa entrelaçada de

tecido verde e vermelho na cabeça, prendendo o cabelo inteiramente trabalhado com trancinhas miúdas e compridas.

— O... o quê? Minhas preces?

— O Templo da Senhora Inish fica na direção da Naiad Damma, seguindo pela Rua Amarela logo depois da praça, depois virando à direita na Calçada das Margaridas. É um prédio grande de fachada cor de laranja, a cor do cobre, a favorita da Senhora Inish. Leve um panfleto — ela entregou uma folha para o garoto. — Às três da tarde haverá uma prece coletiva. Os devotos costumam levar uma flor como oferenda, ou uma pedra, algo assim. Leve seus amigos!

E saiu, deixando Márcio atordado, com o panfleto onde havia uma oração à Inish nas mãos do rapaz.

— O povo daqui deve ser devoto de Inish, Senhora da Terra e das Rochas. — Jadhe comentou, puxando o panfleto com a prece e passando os olhos por ele. — Se tivermos tempo, gostaria de dar uma olhada no Templo. Eu prefiro fazer minhas orações sossegada, na companhia dos meus próprios pensamentos, mas os Templos aos Senhores de Dhonmen costumam ser magníficos.

Márcio não disse nada, mas ficou pensando se não deveria se sentir um pouquinho culpado por não ter hábito de fazer orações a nenhum Senhor.

Como era de se esperar, as sentinelas atraíram atenção quando chegaram, com suas vestes monocromáticas, suas grandes mochilas, e a diferença de raças de seu grupo, mas os olhares foram muito menos incisivos do que Dominique esperava que fossem. Yoná sugeriu que encontrassem uma pousada para, só depois, consultarem a Cuzpola, ao que todos aceitaram sem demora. Porém, antes que pudessem procurar um lugar para dormir ou para guardar os cavalos, antes mesmo que pudessem atravessar a praça, um homem alegre e baixo até para os padrões zéfiros, caminhou até eles de braços abertos e pôs-se a falar alegremente:

— Bem-vindos sejam, bem-vindos sejam, estrangeiros em nossas terras! Senhores, de onde vêm? Ora, ora, haverá muito tempo para conversa depois, não é mesmo? Por que não vêm comigo? Tenho exatamente o que vocês precisam: quartos frescos nesse calor zéfiro, camas macias e limpas, e grandes banheiras com água cristalina preparadas para o banho de qualquer viajante!

E foi dizendo isso enquanto apanhava mochilas e sacolas e os colocava numa carriola de mão. Depois convidou as moças a descerem dos cavalos, dizendo que tinha um estábulo preparado para vários animais.

— Quem é o senhor?

— Quem sou eu? Sou o Zadoro, senhor da pensão do outro lado da rua, a mais nova e luxuosa de toda cidade! Entrem, entrem, venham conhecer!

Do outro lado da rua ficava um casarão enorme feito de tijolos de barro, de três andares, cujas portas eram de madeira escura. Havia janelas enormes

fechadas com vidro trabalhado, uma novidade cara em termos de janelas, e cortinas de tecido grosso amarelo de estampa vermelha agitavam-se com a brisa que passava. Sacadas debaixo das janelas estavam decoradas com plantas de folhas pequenas e flores de cores berrantes. A aparência era rústica, mas muito bela, com lamparinas iluminando a escada da frente.

— Senhor — foi dizendo Pablo, meio sem jeito, enquanto corria para acompanhar o homem que segurava sua mochila — é muito bonito seu hotel, mas acho que não é bem o que procuramos...

— Tenho certeza de que é, meu rapaz! Não se preocupe, temos todas as novidades em feitiços para o conforto dos clientes!

— Ei homem! — foi Shenu quem falou dessa vez. — Você não vai querer clientes que não possam pagar!

O homem estacou. Virou-se de repente, o rosto sério, e encarou Shenu. Então se abriu num sorriso e disse:

— Minha pensão é também a mais barata da região. Acabamos de abrir! A estadia por quarto por uma noite fica em dois *dilahzem'z* por pessoa, mas vocês, com certeza, ficarão sete dias, e temos um pacote promocional, sete dias por onze *dilahzem'z*!

Dominique estava achando aquilo tudo muito estranho: pacotes promocionais, pessoas esperando forasteiros e, principalmente, ninguém olhando para suas asas, e tudo isso num país conhecido por ter *cortadores-de-cabeças*?

Por um instante os jovens ponderaram, e chegaram à conclusão de que onze *dilahzem'z* por quarto era realmente um preço razoável, até barato. De qualquer forma, eles teriam que encontrar um modo de conseguir ouro logo, pois quando pagassem aquela estadia, ficariam com muito pouco para continuarem a viagem, que prometia ainda ser longa e dispendiosa. Afinal, Márcio comentou com o gênio, juntar aquele ouro todo tinha levado uma vida, mas gastá-lo estava sendo mais fácil do que ele poderia sonhar. Então, sem que percebessem, os jovens já estavam dentro da pensão. Imediatamente quando entrou, Zadoro passou a carriola com os pertences dos viajantes para um garoto de olhos grandes e pediu para que ele preparasse os quartos. O garoto prometeu levar as mochilas das meninas para um quarto e a dos rapazes para outro.

Zadoro era um homem hospitaleiro. Durante os sete dias de hospedagem as sentinelas receberam todo tipo de mimo: toalhas macias combinando com os lençóis de cada cama, mel no chá e frutas no café da manhã, açúcar (uma iguaria difícil de ser produzida e cara nas mesas do oeste) para o café e leite com manteiga. Ali mesmo, todos (inclusive Shenu) compraram novas roupas, vendidas por alfaiates ambulantes que passavam de pensão em pensão oferecendo seus

serviços, com os braços carregados de tecidos. Márcio achou bonita a camiseta escolhida por Pablo e ouviu Dominique elogiar Jadhe em suas novas vestes verde-forte, mas Shenu ficou muito estranho trocando a velha capa surrada e preta por roupas leves cor-de-laranja. Guardaram as vestes antigas, pois ali fazia calor, mas era provável que ainda encontrassem lugares gelados por onde passariam. Todos, sem exceção, também compraram relógios de pulso ou de bolso, pois nenhum deles queria ficar novamente no escuro, sem saber se era dia ou noite.

Durante aquele primeiro passeio pela cidade, Jadhe lembrou que deveriam escrever uma carta para Verônica, explicando a situação, e contando que ainda deveriam demorar a retornar. Márcio se sentiu culpado por ter sido a bhardana Jadhe, que não tinha a menor intimidade com os soldados do Forte, a primeira a se lembrar deles. Ficou com um nó de culpa no alto do estômago: fazia muito tempo que nem ele nem Diana ou Pablo mencionavam os amigos que tinham ficado. Imaginou se seria possível que os companheiros que tinham ficado tivessem conseguido encontrar outra maneira de desfazer aquela magia, e se poderiam descobrir, no fim, que a jornada deles não tinha nenhum sentido. Então escreveu três cartas: uma para Estetil, seu substituto escolhido, incentivando-o a instigar esperança nos soldados e dizendo que a jornada corria às mil maravilhas, apesar de mais longa do que esperavam; outra endereçou à Nini, para o caso de os soldados terem conseguido algum modo de voltar para Cermalháct, tranquilizando-a sobre a viagem que estavam fazendo e mentindo sobre a periculosidade dos caminhos; e a terceira endereçou à Samantha, aquela por quem Márcio suspirava pelos cantos durante as aulas no Educandário Octoforte. Na carta ele contava sobre seus sentimentos, sobre a vontade que tinha de ser mais que um amigo. Esta última ele leu três vezes antes de jogá-la fora, pois percebeu que, por mais que aquelas palavras tivessem sido verdadeiras um tempo atrás, hoje já não faziam sentido: era como ler a carta de um estranho para uma desconhecida, e a escrita era totalmente impessoal. Ele pensou um momento sobre como se sentia sobre isso, e percebeu que o sentimento que um dia teve por aquela menina, algo que nunca se concretizara e que ela parecia desprezar, não lhe fazia falta. Não foi uma constatação que o deixou alegre, mas, de uma forma curiosa, o fez sentir-se livre.

Os outros também escreveram cartas para seus soldados escolhidos e Diana escreveu uma para Verônica, mas em nenhuma delas as sentinelas mencionaram a natureza de sua aventura. Só disseram que tudo corria bem, e que estariam de volta mais tarde do que gostariam, mas que em breve dariam notícias. Diana também escreveu uma cartinha terna para Ondily, seguindo o mesmo raciocínio de Márcio, de que o Portal poderia já ter sido destrancado. Despacharam as cartas pelo *Centro de Partilha de Mensagens*, onde arautos cobraram caro pela entrega, já que não havia mais nenhuma carta postada para Agerta naquele mês.

Também ficaram a par, por intermédio de Zadoro e de outros hóspedes, das notícias locais, como, por exemplo, o motivo da cidade estar esperando muitos visitantes estrangeiros. No final daquela semana Zefim iria realizar o Terceiro Festival do Hiperbólide, a maior e mais difícil corrida de aventura do oeste. Qualquer pessoa poderia participar e o primeiro prêmio, que estava guardado no palácio real, estava sendo alardeado como o maior tesouro já doado numa competição. Zefim, nos últimos anos, lutava para se livrar do apelido milenar de “reino bárbaro de cortadores-de-cabeças” e, para isso, investia nos esportes e competições para integrar os estrangeiros com o povo zéfiro. As pensões estavam preparadas para receber os turistas, restaurantes exibiam seus melhores pratos, parques estreavam brinquedos novos para as crianças, que usavam borracha, cordas e madeira, e havia até um passeio de canoa no lago no seio da cidade. Muitos *Yatzarem’z* e mesmo alguns hadaranos circulavam pelas ruas, mas a maior parte dos turistas era, definitivamente, *libertos de Ylhuah*, pessoas de diversas etnias, diversas estaturas, de olhares curiosos, falantes, que podiam ser facilmente identificadas pelos cabelos coloridos, pelas peles de diferentes tons, pelos muitos brincos nas orelhas (moda em Ylhuah, um país cheio de costumes estranhos) e acessórios presos nas roupas. Eles contrastavam de forma tão gritante com os zéfiros baixos e escuros que eram quase uma atração à parte, o tempo todo à procura de alguma lembrança para levar para sua terra. A maioria estava só passeando e não ia concorrer ao prêmio, ou vinha acompanhar algum parente ou amigo, pois os *libertos de Ylhuah* não costumam viajar sozinhos. E entre tantos turistas, aqui e ali era possível reconhecer também um algavardo ou um gehenmo.

No dia seguinte à hospedagem, depois de uma noite bem dormida e um café da manhã farto e fresco, Yoná consultou a Cuzpola e descobriu, sem muita surpresa, que o Tesouro que procurava estava guardado no palácio real. Pablo levantou a ideia de que o *crimedéct* (objeto supremo, na língua antiga) poderia ser o prêmio para o Hiperbólide, “o maior tesouro já doado numa competição”. Sem muita convicção, o grupo aceitou a ideia como possível, e decidiram inscrever alguém na corrida. De qualquer modo, o ouro que carregavam era pouco e diminuía a cada dia e, com Shenu vibrando a cada vez que a palavra “prêmio” era mencionada, seria difícil não competirem de um jeito ou de outro. Shenu foi a primeira indicação já que, como andarilho, teoricamente ele tinha mais experiência em competições que os outros. Porém, no último minuto, Shenu sumiu, e reapareceu alegando uma forte indisposição estomacal, mas só depois que Pablo, que ainda nem tinha se recuperado totalmente da queimadura na perna, tinha se inscrito no jogo. Então, no último dia no hotel, estavam todos reunidos rumando para o palácio, pois o rei abriria oficialmente a corrida em frente ao seu imponente castelo.

O palácio real era uma construção estranha, que tinha a forma de uma grande pirâmide, mas várias pontas ameaçadoras se projetavam de cada face dela, lanças imperiais apontando para os lados, defendendo e provocando ao mesmo tempo. Era dourado, feito com a mesma pedra que revestia Octoforte, porém seu brilho era esplendoroso e vivo sob o fogo dos archotes e fogueiras aos seus pés. As janelas não passavam de fendas na construção, lugares onde não colocaram tijolos, mas sim grades escuras e pesadas, e a grande porta de entrada ficava no alto de uma escada de muitos degraus. O prédio ficava às bordas da cidade, no alto de uma colina, e quando chegou perto Pablo não entendeu como não puderam vê-lo assim que chegaram à Erezem, pois suas torres perigosas assomavam imponentes observando a cidade, protegendo e vigiando cada movimento dela. Possivelmente, na época em que foi construído, nos longínquos tempos de *Ainda Luz*, a intenção era ameaçar tanto os inimigos do norte quanto os moradores que, porventura, pensassem em trair o rei.

Atrás do palácio não havia casas, apenas um campo de relva baixa e dura, que se estendia noite adentro. Então, no vigésimo dia do oitavo mês daquele ano, centenas de pessoas lotavam as arquibancadas de madeira e pedra, montadas especialmente para a ocasião, enquanto os competidores seguiam para uma tenda vermelha e dourada armada para eles.

O campo estava marcado com tochas flamejantes, presas em varas finas fincadas no chão, formando um caminho luminoso e dourado. Pablo podia ver as cabecinhas de muitas pessoas sentadas nos bancos escalonados pela fresta na tenda, e embora não pudesse reconhecer nenhum dos seus companheiros entre eles, encontrou Zadoro, com um turbante roxo enrolado cuidadosamente na cabeça, acenando freneticamente com uma lanterna mágica comprada na praça da cidade. Como na maioria das cidades grandes do mundo, em Hanaulg Erezem a magia era usada para criar luzes e coisas inúteis, mas altamente comercializáveis.

O coração de Pablo estava batendo forte. Havia mais trinta e sete pessoas na sala, além dele mesmo e do instrutor, que fazia a contagem dos candidatos. O rapaz à frente dele era alto e negro, forte, com uma grande careca na cabeça maior ainda. Shenu o tinha cumprimentado quando o viu na entrada do gramado, chamando-o de “Dartão”. Pelo visto ele era o grande Dartã, o qual Shenu conhecera na velha época de andarilho. Mas Pablo sabia que, numa competição de corrida, Dartã não era problema, mas sim o pequeno Ruth ao lado dele, um garoto de uns dezesseis anos, de pele alva e cabelos loiros, magro e de pernas fortes, que prometiam correr bastante.

O instrutor acabara de fazer a chamada e agora convocava todos a prestarem atenção.

— Para os homens e mulheres aqui presentes, minhas boas vindas e minhas instruções — ele começou. — Todo o campo iluminado a sua frente será seu campo de corrida.

Dartã mudou o apoio da perna de lado. As três mocinhas ali perto cochicharam inquietas e outras pessoas olharam ansiosas para os lados.

“*Grande!*”, pensou Pablo. As tochas se estendiam por muitos quilômetros, cruzavam o campo gramado e, mesmo de longe, Pablo podia ver que até a base do monte Berum, último pico da Cordilheira Damma, muitos quilômetros adiante, estava iluminada. Provavelmente um espaço muito amplo deveria estar iluminado, mas Pablo não podia ver tudo. “*Pelo menos não sou o único nervoso*”, pensou, vendo a inquietação estampada em algumas faces suadas.

— Um bólido, vocês devem saber, é qualquer objeto veloz em movimento. Nessa corrida *vocês* serão os bólidos, e devem saber que, ao aceitarem o desafio, estão sujeitos a todos os riscos que isso possa acarretar.

“Como toda corrida, o objetivo é chegar ao final antes de todos os outros competidores. Lá estará o prêmio, aguardando pelo vencedor, atrás da linha de chegada. Essa linha fica no final do caminho iluminado, aos pés da montanha Berum.”

“Para ajudá-los nessa corrida, cada um de vocês será... bem, *acompanhado*, por um ajudante... um *issodim*. Eles foram instruídos para incentivá-los a chegarem ao final, e existe um para cada competidor.”

“Além desse ‘auxiliar’ vocês serão seguidos por um mangava, mas podem ficar despreocupados porque eles são inofensivos. Nós poderemos ver o que acontece na corrida através dos olhos do inseto” — o homem abriu uma caixa vermelha, liberando os grandes insetos pretos, um tipo de abelha grande e peluda, estas totalmente negras e com um ferrão enorme.

“Agora, prestem bem atenção: há uma árvore vinte metros após a linha de largada. Os *issodim*’z estarão esperando por vocês atrás dela. Então, se alguém quiser desistir da prova, que o faça antes de chegar à árvore, porque se passarem dela, não poderão voltar atrás, não até que a linha de chegada seja cruzada, pois seus ‘*companheiros*’ estarão incentivando vocês até o final. Agora, por favor, dirijam-se à linha de largada aqueles que querem mesmo competir.”

“*Issodim*’z”. Pablo não gostou nada do som da palavra. Também não gostou da relutância com que o instrutor disse que eles iriam “*acompanhar*” os corredores. Ao lado dele, outros competidores pareciam apreensivos. Se pudesse desistir o teria feito naquele momento, mas como Yoná consultara a Bússola e parecia que o Tesouro estava em algum lugar próximo à linha de chegada, ele precisava ir em frente. Na sua mente uma pergunta martelava: teria Shenu desistido de participar da competição porque sabia o quão perigosa essa prova poderia ser?

Pablo não tinha dúvidas de que Shenu era muito astuto. Um covarde, mas um covarde inteligente. Mas Pablo precisava também provar seu próprio valor. Até agora sua namorada e seu irmão tinham se saído muito melhor do que ele em todos os sentidos, e provar que ele também era capaz de ajudar naquela empreitada era uma questão de honra. “*Diana...*” Ele pensava nos olhos dela enquanto falava sobre magia com aquele salafrário do Shenu. Agora era a vez de Pablo Adenetti mostrar como podia ser herói. Se conseguisse o *crimedéct* vencendo justamente seria muito mais fácil sair do país depois; do contrário, se tivessem que persuadir alguém a dá-lo, ou se tivessem que roubá-lo, seria difícil escapar de Zefim.

A árvore era larga. Havia muita luz atrás dela, como se ali tivessem colocado mais tochas do que no resto do caminho, mas seu tronco era tão espesso que não deixava ver nada escondido atrás dele, nem mesmo uma sombra no chão.

— Competidores, preparados? — soou uma voz. Pablo gelou. Outros competidores se mexeram inquietos. As três mocinhas impacientes e mais quatro rapazes bem jovens desistiram antes da largada e correram rapidamente para a arquibancada. — Três, dois..., um... largar!

E um apito estridente ecoou pelos ares, e antes que Pablo percebesse, antes que conseguisse localizar os companheiros no meio da multidão, suas pernas começaram a correr desesperadas, acompanhando as dezenas de concorrentes desabaladas na carreira furiosa. E Pablo não pensou em mais nada, a não ser no que estava atrás da árvore que se aproximava. À frente dele só Dartã, o garoto loiro e outro jovem zéfiro.

E Dartã cruzou a árvore, olhou desconfiado para os lados, parou por um momento, uma expressão de horror em seu rosto; o garoto loiro o alcançou e também o zéfiro, e todos se puseram a correr mais rápido ainda, e antes que Pablo tivesse tempo de pensar em voltar, seus pés tocaram a luz atrás da velha mangueira, e a sentinela só teve tempo de ver que não era de tochas que ela vinha. De repente sua vontade de correr deu lugar à vontade de viver, e ele correu mais rápido do que nunca em toda sua vida, enquanto espinhos dolorosamente finos laceravam suas costas.

Os *issodim’z*, “*issi’z*”, como os nativos os conhecem, são criaturas perigosas. Seu nome quer dizer “afiados”, e não são nada menos que isso. Criaturas pequenas, de corpos cobertos por espinhos longos e curvados, são carnívoros que vivem em cavernas nas rochas e rolam montanha abaixo atrás de sua presa, protegidos pelos espinhos das costas e pelo couro duro. Dizem que ninguém nunca conseguiu ferir um *issodim* porque nada atravessa sua casca, e ninguém nunca conseguiu confeccionar uma roupa protetora com seu couro porque, depois que eles morrem, seu corpo inteiro se decompõe em minutos, deixando somente os espinhos para trás. São oriundos de Yatzarem e só atacam quando têm fome, mas

quando o fazem são mortais, porque perseguem sua presa por muito tempo sem precisarem parar para matar a sede ou para dormir por vários dias. Mesmo na noite terrível de Bhardo, são capazes de enxergar perfeitamente, porque sua pele emite uma misteriosa luz dourada que ilumina o caminho.

Claro que Pablo não tinha essas informações, assim como a maior parte dos competidores, que teriam desistido antes de começar. Mas, para ele, voltar atrás nunca fora uma opção, e o *issi* só pararia de persegui-lo quando o prêmio fosse alcançado.

Então Pablo correu, correu e atravessou o campo, e entrou no grande descampado, onde não havia onde se esconder, o *issi* em seu encalço. De relance olhou para trás, viu o terrível diabrete, um sorriso malicioso dançando no rosto afilado, um rosto que lembrava um homem, mas de traços muito menores e finos. Tinha uma barbicha loira pendendo do queixo e um focinho alongado com pelos finos, mas não houve tempo para ver mais nada, porque a coisa se enrolou e começou a rolar na grama, e assim ele era mais rápido. De repente ele saltava e acertava as costas de Pablo, e aqueles espinhos furiosos cravavam na pele do rapaz, fazendo-o gritar e correr mais.

Um riacho surgiu à frente, e Pablo desejou poder entrar nele e matar a sede que sentia, suas pernas já estavam pesadas, a queimadura, que estava quase cicatrizada, voltara a arder dolorosamente, havia tempo que não ouvia mais gritos da multidão, nem via os competidores mais atrasados. Sabia que não estava tão atrás assim: afinal, todos tinham que passar pelo caminho iluminado que formava uma verdadeira trilha pelo campo e pela mata; com certeza, se alguém o tivesse ultrapassado, ele saberia. E Dartã desaparecera, correndo como Pablo nunca vira ninguém correr, e o menino loiro caíra muito atrás; seu *issi* o atacara furioso, mas Pablo não pôde ajudá-lo ou seria atacado também.

O riacho era mais profundo do que ele imaginara, o rapaz se desequilibrou e caiu no meio dele, e quando o fez, abriu a boca e engoliu muita água. Levantou-se assustado e viu o *issi* parado na margem, rindo com uma gargalhada fininha, os dentes pequenos e pontudos salientes. Correu do demônio, mas assim que se pôs de pé na margem oposta, a criaturinha rolou pela água e, quase sem tocá-la, chegou ao outro lado. Pablo se assustou, o diabrete parou e encarou-o com olhos maliciosos, então se jogou ao chão e voltou a rolar, fazendo a sentinela fugir.

Pablo correu, “*pelo menos tinha matado a sede*”, pensou, mas não pensou em muita coisa mais. Havia muitas árvores à frente, a fuga desesperada o fizera perder a trilha de tochas, e ele não via nenhuma luz em parte alguma do caminho, a não ser da criatura atrás dele. Precisava continuar correndo, mas não sabia para onde. O céu escurecia mais, nuvens escuras encobriam as estrelas e

nenhuma das três luas aparecia na abóbada hoje. Então Pablo estacou; o *issi* parara à sua frente, uma expressão irritada no rosto. Provavelmente aquela era a primeira vez que alguém encarava um *issodin* daquele jeito, parado, sem atacar. Assustado, Pablo olhou na direção em que o braço do diabrete apontava, e viu uma pequena luz vermelha entre a folhagem. Quando olhou novamente para ele o *issi* enrolou-se e voltou a persegui-lo, e Pablo correu para a luz: uma tocha demarcadora do caminho. E voltou à trilha e continuou a correr, mesmo sem fôlego, mesmo sem forças, mesmo com sangue escorrendo de sua roupa.

Chegou à base da montanha. Relâmpagos cortaram o céu. Havia rochas, pedras grandes, e árvores tortas e grossas atrapalhando o caminho. Pablo não aguentava mais. O *issi* não dava sinais de cansaço, mas Pablo estava exausto, e a casca da ferida de sua perna repuxava quando ele tentava correr mais rápido. Por duas vezes pisou em falso, quase escorregou, e levou fortes espetadas na perna por causa disso, mas afora isso não sentia dor. Ele sabia que, se estivesse vivo no dia seguinte, então sentiria como se uma carroça com doze cavalos tivesse passado sobre ele.

Então ouviu um barulho e se abaixou: a montanha lançava pedras nele! Olhou para cima e viu, à luz de uma tocha, uma cabeça negra saindo de uma pequena fenda na montanha: Dartã jogava pedras grandes na direção dele, não para acertá-lo, mas para atacar o *issi* que perseguiu Pablo.

Com toda fé que tinha, a sentinela olhou para o céu e rogou a Dhonmem que lhe concedesse um milagre. Esticou o braço e fez o *mac* fluir como nunca tinha conseguido antes, e das nuvens caiu um raio que acertou a criatura feroz e a fez estatelar no chão. Trêmulo, Pablo escalou a pedra até Dartã num segundo. O homem estava apoiado na pedra, confundindo-se com ela com sua grande capa cinzenta. Espremido entre as paredes geladas da pequena fenda, Dartã ofegava. A luz de fora refletia em sua testa e iluminava o sangue que corria por ela.

— Trouxeram *issi* 'z! Toda minha vida temi encontrar um desses no meu caminho! Sempre evitei Yatzarem, nunca passei pelas montanhas, porque é de lá que vêm esses monstros! Enviados de Zey, é isso que são!

— Está muito ferido? — Pablo perguntou, tomando fôlego.

— Não consigo andar. O zéfiro, estava atrás de nós, se lembra? Sumiu no meio das árvores. Acho que se perdeu, não o vi voltar. E não tem mais ninguém atrás de nós, sei por que estava na frente, ninguém me passou, e quando parei aqui só vi você.

— Onde está o *issi* que te seguia?

— Eu o acertei com uma bela pedrada. Grande truque aquele seu raio, nunca conheci ninguém que pudesse usar o *mac* assim, fiquei impressionado!

Enfim, fugi para cá, mas logo ele deve me encontrar. Você ainda está de pé. Acho que foi o único que se salvou!

— É, mas isso não adianta nada! Se sair daqui o diabrete vai me pegar também. Vai me matar!

— Eles não vão matar ninguém! Estão aqui para não deixar ninguém pra trás. Quando alguém cai, a função deles é assustar a pessoa e feri-la até que ela se levante e continue correndo! Mas ninguém entendeu isso, ficaram muito apavorados, e não há mais ninguém no caminho. No ano passado eram cães selvagens, mas pra mim esses bichos pontudos são piores!

— Se chegarmos ao prêmio, essas coisas vão parar de nos perseguir? — Pablo perguntou, desesperado.

— É esse o objetivo, não é? Mas eu não consigo correr mais! Olhe, seu *issi* está acordando!

Dormindo assim, o bichinho parecia uma pequena estrela de um conto infantil, com mais pontas do que o normal. O pensamento de Pablo tornou a rondar Shenu, aquele mesquinho covarde... Pequenos movimentos mostravam que o diabinho estava acordando, a luz de sua pele ficava mais intensa. Pablo arregalou os olhos.

— Vá!

— Não sei se chego lá!

— Se você não chegar, eu é que não vou! — Dartã berrou, segurando Pablo pelo colarinho da camisa, fazendo-o estremecer. — E se você pegar o prêmio eu posso sair daqui despreocupado. Os *issodim*'z não querem nos matar, mas são carnívoros; os zéfiros confiaram demais nessas criaturas, mas eles podem mudar de ideia e nos atacar pra comer! E, de um jeito ou de outro, machucam bastante!

Pablo hesitou por um breve momento, mas o *issodim* começou a levantar, a mãozinha na testa. Com certeza estava bravo.

O rapaz saiu da fenda e correu por um caminho atrás de uma grande pedra, contornou-a para depois sair na trilha iluminada, desviando o rosto para não acertar o grande inseto barrigudo, que o continuava perseguindo, mas não antes que o *issi* o visse e se pusesse atrás dele. Perguntou-se, mentalmente, se os organizadores estariam vendo todos os acidentes que os “acompanhantes” dos competidores estavam provocando e, se sim, porque não estavam fazendo nada. O som de espinhos raspando as pedras no chão zuniu pelo ar, a noite estava parada. Agora, quase se arrependia de ter parado na gruta, deveria ter continuado correndo, assim teria ganhado mais vantagem, mas não adiantava pensar nisso. Ali na frente, depois de contornar uma trilha na parte baixa da montanha, o caminho de luz acabava num círculo, onde, provavelmente, estava o Tesouro e a linha de chegada.

Sons de vozes cortaram o ar, vivas e palmas para Pablo. Então o *issi* surgiu na visão dele, e mulheres e crianças gritaram, e houve alvoroço entre os espectadores, mas Pablo não parou de correr. Faltavam só alguns metros, a reta final, e só então Pablo pôde entender como os espectadores estavam acompanhando aquela estranha competição: projetadas magicamente em névoas espessas acima dos espectadores estavam ampliadas as imagens de cada competidor, vistas pelos olhos dos insetos designados para acompanhá-los. Pelo pouco que Pablo pode vislumbrar, a maioria não teve muita sorte com seu *issi*. Faltavam dez metros; o *issi* quase o alcançava, tentou se jogar contra o rapaz, mas ainda estava longe. Cinco metros, o perseguidor atirou espinhos, não o atingiram. Quatro metros. Pablo viu a arca. Viu as pessoas. Estava muito próximo. Três metros. Uma batida forte no coração. A garganta ardeu. Saltou. Ouviu os últimos espinhos se desprendendo da criatura em seu encalço. Prendeu a respiração. Estendeu a mão. Uma farpa passou raspando pela pele de seus dedos. Tocou a arca. Saltou atrás dela e puxou a tampa para se proteger atrás dela. Os espinhos cravaram na madeira.

Então um apito soou e anunciou o fim da corrida. Um zunido estranho cortou os ares, e em poucos minutos havia dezenas de *issi'z* luzindo em frente a Pablo, que ainda não se levantara. O *issodim* que o perseguira agora o atacava com os punhos, e os organizadores tentaram segurá-lo, já que a criatura não tinha mais espinhos para jogar sobre ninguém. Mas quando o chefe do grupo dos *issi'z* descobriu o que estava acontecendo, deu um safanão no diabrete, ralhando com ele alguma coisa na própria língua deles.

Pablo só pôde ouvir a palavra “acidentes”, quando o narrador anunciou a vitória de Pablo e disse que, infelizmente, acidentes acontecem até onde há muita organização.

“*Acidentes*”, Pablo pensou. “*Minhas costas dilaceradas são acidentes?*”.

Ele se levantou e o juiz ergueu seu braço no ar, vitorioso. As pessoas gritaram vivas para Pablo e mesmo os *issodim'z* aplaudiam de seu jeito, chacoalhando os espinhos, suas carinhas delicadas emburradas. Diana veio correndo da plateia abraçá-lo, enquanto os organizadores convocavam a equipe de resgate para recuperar os feridos. Ela o abraçou com carinho, uma expressão de pavor em seus olhos, que olhavam da plateia para os estranhos *issi'z* e daí para o sangue na roupa do namorado.

Triunfante, Pablo olhou dentro do baú de madeira. Havia outra caixa, também de madeira, pequena, bem menor do que a primeira. O próprio juiz parecia curioso para saber o que havia nela, e esticou o pescoço. Pablo a segurou e puxou o

trinco que, com um estalido, deixou ver o maior prêmio jamais doado numa competição.

O caminho para Terem

Os sons das pessoas aplaudindo ainda ecoavam na mente de Pablo enquanto ele permanecia ali, sem entender bem o que acontecera, deitado de bruços numa esteira gelada, com um vento frio e úmido entrando pela boca da caverna, acalmando a ardência nas feridas nas costas. Apesar de sangrarem, os machucados não passavam de arranhões superficiais, bem menos profundos do que um *issi* costumava fazer de verdade com suas presas, e bem menos doloridos do que a queimadura na perna, que voltara a doer.

— Um lindo colar de *sblinc*’z — ele suspirou, enquanto revirava a bela joia nas mãos, cujas pedras emitiam uma luminosidade frágil e azulada, como se tivessem caído do céu. — Um colar, o mais caro que ninguém jamais sonhou em ter, com brincos de cinco pedras combinando. E mais ainda: vem dentro de uma caixa forrada de moedas de ouro!

— Um prêmio perfeito para uma prova como aquela! Ora, admita Pablo, não foi tão terrível assim!

— Da próxima vez vá você, Shenu!

— Mas conseguimos “O” Tesouro — disse Yoná, um brilho feliz nos olhos.

— E vocês vão me contar agora como foi que fizeram isso? E porque que tivemos que fugir desabalados da cidade, meia hora depois de ter começado a festa de comemoração? Ora, a festa era minha! E eu nem tinha provado as delicadezas geladas, nem os brigadeiros amorangados, e pareciam tão saborosos... — Pablo se lamentou aborrecido, já sentindo os efeitos da fome, e Diana passou seu braço pelo dele e respondeu com jeitinho:

— É que só descobrimos onde *exatamente* a joia estava enquanto você estava correndo...

— E estava no pescoço da rainha! — Yoná completou. — Na linha de chegada, não no baú do prêmio, mas no pescoço da rainha de Zefim.

— Então, enquanto você se divertia na sua festa, nós tivemos que fazer o serviço sujo — disse Shenu, balançando a cabeça negativamente, mas com um ar irritante de felicidade.

— Que serviço sujo?

— Tivemos que abordar os reis e roubar o Objeto! — disse Márcio, sentando-se numa pedra.

— Vocês *o quê?*!

— Roubamos, Pablo, o que queria que fizéssemos? Que pedíssemos gentilmente que a rainha nos emprestasse a pedra, a relíquia de sua casa, e que

estava em seu pescoço há mais tempo do que ela podia se lembrar? — Shenu perguntou, emburrado.

— Como sabem disso? — Pablo estava indignado.

— Porque Shenu se fez passar por um ricaço Yatzarem e tentou comprar a joia da rainha... Mas ela contou essa história — respondeu Dominique.

— Pablo, estamos tão incomodados com essa história quanto você. Mas precisávamos muito desse artefato... E deixamos algo no lugar dele... não com o mesmo valor, claro, mas é algo de importância... a única coisa mágica que tínhamos... — disse Jadhe, com um ar de remorso.

— O que vocês deixaram? — indagou Pablo, confuso. Ele não podia se lembrar de nada que estivesse com eles que fosse caro ou de alguma importância, a não ser o próprio Medalhão de Ariell.

— Deixamos a *sblinc* que Shenu achou na caverna... e a espada mágica dele.

— Percebeu quanto egoísmo, Pablo? Tiraram tudo de mim! Ideia de Diana, claro... Mas agora temos esse enorme tesouro, e não precisamos nos preocupar... mas a espada era o único item mágico que tínhamos... fora os Objetos Supremos, que não sabemos controlar.

— Item mágico... Você já tinha gasto toda a magia que havia nela! — Dominique resmungou.

— Mas então foi por isso que vocês fugiram antes que eu curasse minhas costas, me fizeram montar meu pobre Felko e lascar um tapa no coitado pra ele correr desesperado, sem pegar água nem comida. Achei que tinha *issi'z* atrás de nós! — Pablo suspirou incrédulo, mas depois perguntou desconfiado — como, afinal, você conseguiu se passar por um ricaço? Porque, tudo bem que compramos roupas novas, mas não tem nada a ver com roupas de nobres!

Pablo olhou para Shenu, mas este deu um sorriso amarelo e virou um olhar enviesado para Yoná. Pablo seguiu o olhar dele, e percebeu que todos na gruta tinham os olhos voltados para ela também.

— O caso é que, alguns dias atrás, eu tive uma conversa muito particular com Márcio, seu irmão. Mas, como parece que ele tem a língua inchada e não cabe dentro da própria boca, contou a conversa para você.

— Hm... — fez Pablo, lembrando-se da conversa que Márcio tinha relatado a ele, muito secretamente, que o pajé tinha tido com Yoná e que a índia tinha contado ao rapaz. — E o que isso tem a ver com o que?

— É que parece que essa doença da língua inchada é de família. Soube que você contou essa conversa pra Diana.

— Ei! Eu não tenho segredos pra Di! Mas o que isso tem a ver? — ele indagou, olhando para a namorada, que estava com uma cara de “só ela sabe”.

— Somos sete viajantes. E já que quatro já sabiam, achei justo contar a conversa toda para os outros três — Yoná explicou, como se isso bastasse para elucidar a questão.

— E...

— E ela aproveitou para dizer — Jadhe, muito sabiamente, completou — que, como aquela conversa explicava, por algum motivo maior nós fomos selecionados para participar deste grupo, talvez exatamente por nossas habilidades incomuns, como a telepatia minha e de Shenu, ou a magia de Shenu. E que, se alguém possuísse algum outro talento incomum que estivesse escondendo por medo de ser tomado como bizarro ou merecedor de desconfiança, que se sentisse seguro para mostrar esse talento, porque seria, na realidade, um talento bem-vindo.

Pablo entendeu, mas ficou olhando Yoná um minutinho a mais. Parecia estar custando cada fibra de seu autocontrole dar boas-vindas a um novo “talento” de um colega. Os maxilares trincados e os olhos vidrados indicavam que ela desejava muito mais moer os ossinhos dos dedos dos pés da tal pessoa com um ralador de sabão.

— Então, qual foi esse novo talento, Shenu?

— Na verdade, Shenu só participou da encenação. O talento em questão não era dele. — Dominique, a um canto agitou demoradamente as penas externas. Sem que ninguém percebesse (exceto Pablo, que estava de frente a ela), Jadhe corou enquanto olhava para o rapaz alado. — Acontece que minha mestra nos ensinou muitas artes, e uma delas é o ilusionismo. Um pouco de camuflagem, um pouco de charme, um pouco de magia. Nunca entendi porque Yoná era tão avessa à magia, nós tivemos prova de magia para conseguir o posto, é um dos requisitos do cargo, pombas! Magia é um saber obrigatório às sentinelas. Eu não sei muitas coisas, mas sei disfarçar uma pessoa pra se parecer com outra.

— Mestra Ártemis fez questão que Dominique soubesse esse encanto para disfarçar as asas quando saía do Educandário para ir à cidade — Jadhe explicou.

— Também nunca entendi o por quê — Dominique disse, dando de ombros — eu gostava de mostrar minhas asas! Mas, se ela fazia questão que eu fingisse que não as tinha fora da escola, eu disfarçava...

— Então você encantou Shenu?

— E eu fui a cobaia. A vítima! — Shenu se lamentou com uma risadinha.

— Cala a boca, você só fez o seu papel! Vai dizer que nunca fez isso na vida? — Yoná rebateu.

— Ah, Yoná — Márcio disse, passando as mãos nos ombros da jovem e os apertando, fazendo-a relaxar — você só está nervosa porque todos sabem um

pouquinho de magia. Mas estamos cercados de magia e nem temos como escapar, estamos procurando objetos mágicos que você mesma sugeriu que procurássemos! Agora, seja boazinha, estamos cansados, não vamos brigar.

A garota passou as mãos pelo rosto e decidiu largar-se numa pedra enquanto os outros suspiravam aliviados. Então Pablo cedeu à curiosidade e perguntou:

— Posso ver o Objeto Supremo?

— Na verdade — Yoná falou, um ligeiro rubor corando sua face escura — você passou por uns bons bocados, não é? Decidimos que a guarda desse Tesouro deve ser sua.

— Eles decidiram — Shenu cruzou os braços. — Porque você estava correndo, mas *eu* é que entreguei meus pertences pra trocar pela *coisa*...

Ela lhe estendeu a mão e lhe entregou um pacote. Pablo desembulhou o tecido de cor vinho com cuidado, deixando à mostra uma belíssima e curiosa pedra. Era grande e brilhante, seis centímetros, e estava engastada numa corrente de prata; quando a luz da fogueira incidiu sobre ela iluminou seu lado translúcido, pois uma de suas faces era cristalina como água, enquanto a outra era negra como a noite eterna.

Pablo ergueu a pedra nos dedos para admirar seu encanto. Quando seus olhos encontraram a face transparente, sua mente pareceu desligar-se do corpo, seus sonhos vieram à tona, pensamentos vagos tomaram conta dele. Mas quando ele encarou o lado negro sentiu sua mente mais pesada, preocupações reais e densas vieram-lhe, duras e frias como os dedos da morte, numa confusão estranha de ideias. E ele ficou girando a pedra de um lado para o outro, sentindo cada vez mais sensações opostas lhe cortarem a espinha, como calor e frio, medo e conforto e amor e ódio, até que alguém cobriu a pedra e tirou-a de sua vista. Era Jadhe, com seu costumeiro e misterioso sorriso.

— Diana já conhece os efeitos que podem ter os Grandes Objetos. A mente despreparada sucumbe a eles, e não é difícil se perder. Por sorte nossa amiga conseguiu tirar os olhos do Medalhão de Ariell sozinha, antes que ele a dominasse por completo. Mas não vamos arriscar esperar a mesma reação de cada um de nós. Todos aqui ajudaram a conseguir essa pedra, que é chamada “*Pedra de Mavhtus*”, a joia dos opostos. Todos sentimos seu poder por um instante. Não vamos nos permitir nos perder dentro da magia desse Tesouro.

Pablo ouviu só vagamente o que Jadhe disse. Viu-a enrolar a pedra de volta no tecido e devolvê-la a suas mãos; sentiu-se tentado a abrir o embrulho outra vez, mas acabou guardando-o no bolso, percebendo nas mãos algo muito maior que ele mesmo.

— Quem, bela senhora, furtou sua linda joia?

O rosto negro manchado de lágrimas fitou o estranho soldado. General Ólie Fauret, era como disse que se chamava.

— Diga minha rainha, como era o ladrão?

— Creio que era um yatzarem. Era um homem baixo de pele negra, com feições dos yatzarem'z. Tenho quase certeza de que era alguém de lá.

— Mas o gatuno deixou-lhe um presente, seu marido disse.

— Sim senhor, deixou-me uma *sblinc*. E uma espada que parece ter propriedades mágicas.

— Eu poderia ver essa espada?

— Infelizmente foi confiscada pelos magos reais, para verificar se não está amaldiçoada. Mas parece uma reles espada.

O homem agradeceu à rainha. Beijou sua mão cordialmente e deu-lhe as costas.

— Podem ser fatos isolados, mas dois dos Tesouros mais preciosos deste mundo foram roubados de seus lugares no último mês. Aparentemente por pessoas diferentes, porque Obirtó descreveu uma jovem loira num cavalo branco, enquanto a rainha diz que foi roubada por um Yatzarem. De qualquer forma, hoje não sei onde estão as joias. Quero que as recupere para mim, maldito. Encontre quem as roubou, pois ainda deve estar nesse país, já que não existe mais nenhum bonde de pé.

A criatura olhou nos olhos do mestre e nada disse. Ele a encarou de volta sem esboçar nenhuma reação, nem medo, nem repugnância, mesmo de frente para a pele putrefata e azulada, os buracos onde a carne faltava deixando à mostra ossos do crânio e do corpo. Não havia brilho nos olhos do maldito, e as roupas que usava estavam rotas e desgastadas. Com resignação, a criatura baixou a cabeça e girou o corpo para encarar as dezenas de outros iguais a ele, que aguardavam as instruções.

— Quero que circulem pelo sul — falou o mestre. — Não haverá mais descanso para vocês, criaturas da morte e do desespero! Agora é tempo de despertarem do sono que lhes concedi e cumprirem minhas ordens, como eu as ditar. E vocês hão de me ajudar a conseguir o que quero!

Ainda de costas, o líder dos malditos abaixou ainda mais o crânio, num consentimento resignado.

— Enquanto isso, preciso de dois de vocês, dois que foram zéfiros, para me acompanhar.

Nenhum dos semimortos se moveu então o homem tirou o capuz e deixou cair em seus ombros os cabelos encaracolados e vermelhos. O rosto pálido girou de um lado ao outro, encarando cada maldito com frieza, olhando-os com

aqueles olhos sem luz. Estendeu a mão na direção de um deles e depois de outro, e enquanto a abaixava, os escolhidos se sentiram impelidos para frente. Então o homem acenou novamente e um suspiro de cor tomou as faces das duas criaturas. Rostos apareceram, tais como eram tantos anos atrás, antes da morte, ilusoriamente vestidos com as roupas do moderno exército de Zefim. Mas nem sombra de alegria passou por seus semblantes, pois sabiam que o feitiço acabaria logo, e que a incumbência que ele trazia seria terrível.

— Vocês não têm vozes, mas não precisam usá-las. Por intermédio de vocês, Zefim voltará a ser um país de guerra, pois por suas mãos o príncipe yatzim morrerá. Devem ficar bem visíveis, para que quem os descubra vá contar ao rei que foi o Zefir ordenou o ataque. Se não cumprirem minhas ordens, sabem qual será seu destino, então se apressem!

O vento soprou forte naquele momento e com ele carregou os malditos transformados em pó.

Naquele mesmo dia, uma camponesa adentrou o castelo do querido rei de Yatzarem aos prantos, dizendo que seu filho único havia sido ferido mortalmente.

Os cavalos o viram quando ele chegou, vindo das cinzas da terra. Ele se levantou do chão, como uma sombra tomando forma. O poder das joias secretas o seduzia, o chamava. Não demorou a localizá-las, as duas tão próximas uma da outra, tão perto das mãos dele. Mesmo que não quisesse realmente pegá-las, o poder que tinham o atraía.

Aproximou-se devagar, cuidando para que os cavalos permanecessem quietos. Os animais sempre se assustavam com a presença dele. Levantou o punhal sem fazer ruído, a lâmina gasta, mas ainda afiada, tinha sinais de ferrugem. Ajoelhou-se sobre a guardiã do Tesouro mais próximo, levantou a lâmina acima da cabeça, mas o movimento atraiu a atenção de Linarfh, que relinchou.

Assustada, Diana abriu os olhos e deparou com a criatura sobre ela, o punhal do assassino apontando em sua direção, os olhos arregalados dançando em órbitas enormes, e ela gritou. O monstro tentou golpeá-la, mas Pablo acordou de repente e segurou sua mão, e Márcio, apanhando a lança às pressas, veio em seu auxílio, e golpeou o braço da coisa, e o braço caiu.

Todas as sentinelas despertaram e viram a luta do estranho com Pablo e Márcio. A criatura estava morta, seus ossos aparentes e sua carne podre denunciavam isso, mas estava andando e atacando! E Márcio a acertou várias vezes em pontos vitais, e levou um golpe no braço por causa disso; e Pablo segurou-a pelo pescoço, tentando sufocá-la, mas ela não precisava respirar, e chutou Pablo de costas contra a parede. Ele bateu e caiu desmaiado de lado. O maldito avançou sobre ele, procurando o artefato que ele tinha no bolso, mas

Shenu e Dominique seguraram o monstro pelos braços e caíram logo depois, quando a criatura usou sua força descomunal para jogá-los para trás. E, antes que chegasse perto de Pablo, Yoná pegou a lança de Márcio e com a lâmina golpeou o pescoço do ser abissal, e sua cabeça saltou e caiu longe.

O braço restante começou a se mexer frenético, os olhos na cabeça giravam alucinados, mas o maldito parou de andar; sua mão tateou à frente, procurando a cabeça perdida. Então, diante dos olhares estupefatos, um vento forte soprou e dissolveu o corpo e a cabeça da coisa em pó, e esse pó voou para longe, para fora da gruta, para o meio da chuva lá fora.

Diana tremia. Bambeando, os olhos saltados e as mãos suadas, ela se levantou e viu os companheiros, tão assustados quanto ela. Correu para Pablo, e o ajudou a despertar. Ele gemia com a dor da pancada nas feridas recém-tratadas.

— O que foi aquilo?

— Aquilo? — Shenu perguntou, recuperando o fôlego, e com uma expressão de espanto tão forte que só se comparava com a de Yoná. — Aquilo foi o que eu penso que foi?

— O que foi? — Márcio perguntou.

— Um *maldito* — disse Jadhe, preocupada.

— Um maldito? Realmente, um maldito filho da... — foi dizendo Pablo, mas Dominique o interrompeu.

— O *maldito* é um amaldiçoado, alguém que foi enfeitiçado para não deixar o corpo depois da morte, e por isso caminha mesmo com o corpo decomposto.

— Um zumbi! — Diana falou. — Eu não sabia que existiam zumbis!

— Não existiam! — Shenu exclamou, ainda muito assustado.

— Os zumbis — falou Yoná — fazem parte da lenda do Grande Imperador do Mundo. Dizem que quando esse tirano conquistou o mundo, ele teve o auxílio de um exército de malditos, além de outras criaturas.

— Mas ninguém, *ninguém mesmo*, conseguiu recriar essa maldição, se é que a da lenda foi real algum dia. Ninguém conseguiu amaldiçoar um morto, isso são apenas histórias! Lendas! — Shenu lembrou.

— Dizem que Zebarân é um mago muito poderoso. Ele pode ter conseguido isso — Jadhe falou.

— Então você acredita que Zebarân seja uma pessoa e não um título, como Ártemis disse, um imortal?

— É claro que acredito, Shenu! — Jadhe rebateu.

— Se ele for uma pessoa mesmo, um imortal, que se dedica à magia dessa forma, então ele deve ter um poder descomunal! — Pablo scandalizou-se.

— Então tem um morto-vivo atrás de nós? Um zumbi de verdade?

— Se for assim, Márcio, então Zebarân já descobriu o que estamos procurando e para quê. De alguma forma ele soube que temos Objetos Supremos conosco e que os queremos para desfazer um feitiço dele — Jadhe respondeu, sombria.

— E pode ter muitos outros zumbis andando por aí, afinal muita gente já morreu nesse mundo, né não? — Dominique completou nervoso.

— Por que, por que, eu queria saber, é tão importante pra ele manter esse portal trancado? — Pablo perguntou, e sentiu que todos pareciam ter a mesma dúvida. — Ele bem que podia ter esperado mais dois dias, só dois diasinhos, e teríamos voltado para o lado de lá antes de fazer o feitiço dele!

— Legal, e teríamos ficado presos na Fortaleza esse tempo todo sem poder sair de jeito nenhum, tendo que racionar comida, esgotando nossos recursos dia após dia, como se fossem uma ampulheta gigante, diminuindo os dias que restavam de vida, e ficaríamos forçando o Portal cada vez mais, até nossas unhas sangrarem, sem conseguir sair... Acho que eu ficaria louco antes de morrer — Shenu comentou mal humorado. Márcio sentiu um nó se formando em sua garganta e, pelos olhares, percebeu que Diana e Pablo tiveram o mesmo pensamento que ele: seus amigos e irmãos de criação e Nini estavam presos do lado de lá exatamente naquela situação.

— Já pensou em ser educador, Shenu? — sugeriu Dominique sarcasticamente. — Você leva jeito.

— Talvez manter o portal fechado seja mais importante do que imaginamos — Yoná disse, uma ruga cortando sua testa, deixando claro que não havia prestado atenção em uma palavra da conversa. — Importante demais...

— É, mas não vamos descobrir nada nessa noite — Márcio disse irritado, e sentando-se no chão. — Precisamos *mesmo* descansar, mas é melhor fazermos isso em turnos, não? Eu e Jadhe faremos a primeira vigília, depois acordaremos Shenu e Dominique e por último eles acordam Diana e Yoná. Acho que todos concordam que meu irmão merece um pouco mais de descanso.

— Não, Márcio, sério... Estou bem — disse Pablo, sem jeito.

— Não, não está — insistiu Diana.

— Verdade — Jadhe falou. — E temos que estar todos bem dispostos, caso tenhamos que lutar ou correr amanhã novamente.

— Se acontecer algo estranho, acordem todos nós — disse Dominique, extremamente pálido.

Os companheiros concordaram e se deitaram para dormir outra vez, enquanto Jadhe e Márcio reacendiam a fogueira para vigiar. Jadhe suspirou qualquer coisa e começou a revisar seus pertences na mochila. Márcio olhou para

fora, para a tempestade que caía. *“Nini, Ondily, Samantha, Traylór, e tantos outros, presos em Octoforte... Mas seria melhor se estivessem com ele em Bhardo, fugindo de mortos vivos? Zumbis... Afinal, que diabos estava acontecendo com aquele mundo?”*

Quando a tempestade cessou e os ventos abrandaram, os viajantes se puseram a caminho. Jadhe tinha feito um rápido curativo num corte superficial onde Márcio levava a facada durante a noite, e antes de partirem Diana aplicou uma pasta de ervas medicinais nas feridas nas costas e na perna de Pablo, e nenhum instante a mais foi gasto com descanso. Quando tiveram tanta fome que se tornou impossível seguir adiante pararam para uma breve caçada, onde Yoná capturou um único coelho que serviu como um parco almoço e jantar. Os cavalos puderam se alimentar enquanto as sentinelas preparavam a carne, mas logo o grupo partiu, seguindo o curso do *Uttrux*, o Rio da Noite. Correram, fugindo das cidades e vilas que apareciam pelo caminho, pois sabiam que também estavam sendo procurados pelo roubo da joia da rainha. Agora, com um maldito em seu encalço, a viagem tornara-se muito mais rápida e silenciosa.

Por dez dias seguiram rumo ao sul, afastando-se das vilas que apareciam, desviando para um caminho em linha reta quando o rio fazia curvas para dentro do país. O maior desvio permitiu que encurtassem um caminho de cinco dias para um de três, mas depois gastaram mais que isso procurando um veio de água para encher os cantis vazios. Quando o rio reapareceu e retomaram a jornada, gastaram mais vinte dias numa cavalgada cinzenta, por campos de relva alta e fauna exuberante, onde os animais mais fantásticos viviam. Passaram por leões solitários e por manadas de elefantes, cruzaram um bando de girafas e assustaram um enorme grupo de flamingos que se amontoava num lago pequenino, tomaram chuva, passaram fome, frio, depois calor, e mais chuva, até chegarem ao litoral, também conhecido como “as bordas do Continente Maior”.

Um vilarejo havia naquela região, tão pequeno que a única fonte de água durante a seca ficava a uma hora de caminhada, e as mulheres faziam várias jornadas por dia carregando baldes sobre a cabeça para manter seu estoque cheio. Ali, depois de tanto tempo sem contato com nem uma alma viva (ou morta), as notícias da capital ainda não haviam chegado, e os jovens puderam procurar repouso. Não encontraram nenhuma hospedagem, mas havia um homem com um celeiro sem uso, que o ofereceu como estadia por um preço baixo.

Logo perceberam que mesmo o preço baixo fora alto, se levadas em conta tão precárias instalações. A chuva, que caíra pesada nas últimas semanas, não molhava os cavalos, mas molhava a parte de cima do estábulo, a qual as sentinelas usaram como quarto. E toda aquela palha fez Pablo e Shenu espirrarem a

noite toda, acordando a todos. De manhã, quando se levantaram, não havia parte do corpo de Shenu que não doesse, Diana tinha as pernas dormentes e Dominique reclamava que as asas estavam tortas e doloridas e que, se em trinta dias conseguisse retirar os curativos como o previsto, não conseguiria voar mais.

Ali, as sentinelas tiveram que tomar uma dura decisão e deixaram seus sete companheiros fiéis, pois os cavalos sofreriam para cruzar o mar e depois um rio todo num barco, e a viagem seria muito mais curta se fosse feita dessa maneira. Deram uma *sblinc* para o dono da casa em que estavam, em troca ele cuidaria dos animais por um mês e, se ninguém retornasse para buscá-los até lá, então o homem poderia ficar com eles ou soltá-los, conforme sua vontade.

Dominique sentiu um vazio estranho se apoderar dele quando olhou nos olhos de Caldeus. Lembrava-se de, três meses atrás, ter se recusado veementemente a montar num dos cavalos de Octoforte, em sua primeira semana como sentinela. Ele não gostava de cavalos, as pessoas montavam neles para se sentirem mais livres, mas continuavam presas ao chão e, ainda mais, à liberdade que outra criatura tinha. No entanto, os dias passados com aquele equino fizeram com que ele entendesse, finalmente, que não era bem a questão da velocidade que fascinava os homens, mas a amizade que se formava entre cavalo e cavaleiro, algo que não podia ser expresso por palavras, por que não caberia dentro da linguagem de uma só espécie.

“*Vou sentir sua falta, amigo*”, Dominique sussurrou, e Caldeus abaixou a cabeça, recostando-a no peito do gênio. Com um tapinha amistoso, Nique se afastou, jurando por todos os Senhores que, na primeira chance que tivesse, voltaria para buscar aquele companheiro.

A pé, os jovens se dirigiram para a orla de Zefim, rezando para que nenhum soldado real estivesse montando guarda no porto, agradecendo a sorte de terem encontrado cavalos tão maravilhosos, e lamentando ter que deixá-los.

O que as sentinelas não sabiam era que não havia guardas reais procurando por eles no sul. Todos os olhares de Zefim se voltavam para o leste, para Yatzarem, onde acreditavam que seu inimigo estava.

Márcio estava aborrecido. Fora triste despedir-se de Felko: numa jornada tão extensa, a companhia tão tranquila do animal, que por vezes o salvou da fadiga absoluta, e que só o havia derrubado em quatro ocasiões durante todo o percurso deixando apenas duas cicatrizes mais interessantes, deixaria uma saudade extrema. Acordar sem o bufar fedorento do focinho do bicho procurando maçãs ou cenouras ou qualquer outra guloseima cavalesca na mochila do garoto era desolador.

Mas mais do que isso, aquela jornada estava sendo, no geral, aborrecida. Márcio deveria estar se sentindo assustado, com medo ou alerta; afinal, uma de

suas amigas de mais longa data havia sido gravemente ferida em Agerta e ele não tinha certeza de que ela estava bem. A estadia em Erezem lhe dera tempo o suficiente para mandar uma mensagem para os soldados na ilha Agerta que certamente Verônica entenderia, mas a correspondência via arautos demoraria quinze dias para chegar à ilha, tempo demais para esperar uma resposta. Desde que haviam deixado Agerta, nenhuma sentinela tinha ideia de como os soldados estavam se virando, se Ólie Fauret tinha sido encontrado, nem nada mais. Tinham passado por muitas situações perigosas, um Templo de Areia no deserto que desafiou suas vidas, um dragão que derrubou seu bonde, uma floresta que quase os fez dormir para sempre, outro dron que os perseguiu até uma caverna subterrânea que não acabava nunca sob o mar e, por último, a adrenalina de dar cobertura a Shenu, totalmente transmutado do pálido andarilho de cabelos lisos, em um perfeito nobre Yatzarem, de corpo atlético e negro, cabelos curtos e crespos e roupas magníficas, impecáveis. A única coisa que Dominique não precisou mudar foi a cor dos olhos de Shenu, negros. E então, o ataque da criatura mais sombria de todas, aquela da qual todas as crianças bhardanas tinham ouvido falar — ao menos era isso o que dizia Dominique — o maldito.

Sim, por dias Márcio esteve contaminado pela adrenalina da fuga disparada das criaturas vis dos contos mais horripilantes dos bhardanos, mas então...

Claro, Márcio também poderia estar se sentindo deslumbrado, sua vida dentro dos muros do Forte fora um grande palco para devaneios sobre como seria se pudesse cruzar os mundos além dos portais que divisavam as brumas de Cermalháct. Ah! Cermalháct! A legendária Encruzilhada, encrustada entre três dimensões, dando acesso a todas as três, um portal para qualquer aventureiro se embrenhar pelos os mundos afora e descobrir seus mistérios...

Mas, então, lá estava ele, Márcio Adenetti, se esquivando dos caminhos que levavam às grandes cidades e escolhendo as trilhas escondidas, os serpenteios entre o mato alto, esquecidos por pés de gerações passadas para dar lugar a estradas mais bem localizadas. Lá estava ele, cruzando os passos com o de outros grupos suspeitos que, como o dele, queriam se esconder de áreas movimentadas para não chamar muita atenção, tendo que, a todo instante, estapear a própria pele para expulsar algum inseto supercrescido chupador de sangue, ou erguer o corpo para lembrar-se de continuar caminhando e não tropeçar de sono nos próprios pés.

Dominique não parecia muito mais feliz, tampouco. Ele bufava enquanto caminhava, e conversava pouco. Vez por outra os jovens o viam passando as cartas do baralho nas mãos, só para depois guardá-las de volta no mesmo bolso. De vez em quando convidava Jadhe para um jogo de palavras, e ela nunca recusava. Várias vezes abordou Pablo para conversar sobre os tempos do Educandário,

forçando-o a falar sobre quando ele iniciou os estudos em Octoforte, e sobre os colegas de lá. Aparentemente, depois que Pablo demonstrou interesse em cessar hostilidades entre eles, Dominique quis agarrar-se a essa chance para conseguir mais alguém com quem conversar. Como Márcio, Dominique também apreciava lugares mais movimentados do que aquelas estradinhas e cidadezinhas escondidas que andavam escolhendo, mesmo sabendo que era necessário fazer isso, tanto para despistar soldados zéfiros quanto para tentar desviar do olhar do seu velho amigo, o rei Zebarân. Então, quando finalmente avistaram um mísero sinal de civilização, os olhos de Márcio e de Dominique se cruzaram e uma fagulha de alegria os uniu, como se nunca, em toda a vida deles, tivessem vivenciado um momento de maior felicidade.

Can Anazar ou Porto Velho era uma velha ruína do que um dia fora um grande ancoradouro repleto de pessoas indo e vindo. Antigamente, nos seus tempos dourados, a cidade fora usada como porto militar, e soldados se revezavam para vigiar a passagem do Golfo Belo para o mar aberto, *Mazurae*. Tempo passou em que Yatzarem se tornou importante aliado de Zefim e o porto foi desativado, perdeu a importância e caiu no esquecimento dos anos. Os zéfiros migraram para o norte do reino, e o porto, que antes se chamava *Diláh Anazar*, Porto Dourado, se tornou o Porto Velho, um vilarejo de pessoas pobres, pescadores isolados dos avanços da cidade grande, de poucas crianças ou jovens, sem graça, condenada a desaparecer dentro de mais alguns anos.

A pé as sentinelas levaram menos de dois dias para ir da vila em que deixaram os cavalos, que curiosamente se chamava *Can Geveril*, ou Velho Estábulo, até Can Anazar, usando uma trilha que passava pela mata de litoral e ligava as duas aldeias. Geveril e Anazar eram as principais fontes de subsistência uma da outra, daí a importância da conservação da estrada que, além de bem cuidada, tinha árvores frutíferas pelo caminho, para que quem passasse por ela pudesse matar a fome.

À medida que se aproximavam do fim da estrada, o velho e conhecido aroma de água salgada preenchia o ar. Jadhe dizia sentir uma energia das profundezas do mar a invadindo, mas Pablo sentia cada vez mais desconforto e, quando Márcio perguntou o motivo, o rapaz respondeu que o que ele receava era encontrar um daqueles zumbis dentro de um barco, onde não haveria escapatória. Mas Márcio sabia que era só medo de enjoar quando tivessem que subir num barco.

Quando chegaram a Porto Velho o céu estava mais claro que o normal; o mesmo fenômeno que clareava o dia no deserto de Chivin e em Lherád agia ali também, lançando um pouco de luz tênue e frágil sobre a praça circular,

pavimentada com pedrinhas pequenas e redondas. Havia apenas duas dúzias de casas, todas feitas de palha e pedra. Um senhor sentava-se numa cadeira à frente de uma delas, um velho cão de guarda grande e cinzento ao seu lado. Era a única pessoa visível, por isso o grupo foi abordá-lo para perguntar sobre algum navio que poderia levá-los para Terem.

O homem era muito idoso. Cabelos ralos e barba branca cobriam parte de seu rosto adormecido, e ele não poderia estar acordado, tão mínimos eram os ruídos de pássaros por ali e tão alto era o seu ronco, em contrapartida. O cão levantou as orelhas, mas não demonstrou maior interesse nos estranhos, e quando abriu os olhos Diana notou que ele era cego. *“Uma pena”,* ela pensou. *“Se Verônica estivesse aqui ela poderia curá-lo. Ela pode tratar qualquer ferida de animal...”* Em seguida se surpreendeu: não fazia tanto tempo que deixara a ilha Agerta, porém, de repente, esse tempo parecia uma eternidade...

— Senhor — chamou Pablo. — Senhor, por favor, precisamos de uma informação.

— Meu senhor, por favor, acorde — chamou Jadhe, tocando levemente o ombro do homem.

Lentamente o velho abriu os olhos castanhos.

— Estrangeiros? Estão perdidos? — perguntou com desconfiança.

— Não senhor...

— Estão sim — atalhou o homem, impedindo Shenu de falar. — Ninguém vem aqui por vontade própria. Têm que estar perdidos.

— Mas não estamos — falou Dominique.

O velho levou as mãos ao queixo e coçou a barba devagar, olhando com cuidado para o rapaz que acabara de lhe dirigir a palavra. — Hm — disse ele. — Um menininho de asas... Fazendo o que aqui, tão longe do ninho, rapaz?

— Menininho de asas? Bem, eu não sou... — Dominique protestou, mas perdeu a voz em meio às risadinhas dos colegas.

— Pra onde vocês vão?

— Para o porto — Shenu respondeu.

— Só tem um barco no porto e é particular. Não sei se a dona vai querer vocês nele, é muito frágil...

— Apenas nos indique o caminho, meu bom homem. Talvez, se o preço não for muito alto, possamos comprá-lo.

— Talvez, mas a dona tem muito afeto pelo barco... e eu não acho que ele esteja bom para colocar no mar...

— Velho — Shenu falou — *nós* cuidamos da negociação, só diga onde podemos encontrar a dona do barco e o barco!

Yoná, Jadhe e Diana olharam para Shenu scandalizadas, mas os rapazes já estavam cansados da conversa lenta do velhinho.

— Ora, mas que falta de educação! Desrespeitando um idoso, o que vai fazer com uma moça? Não vou dizer onde ela está!

— Meu senhor, meu senhor — disse Yoná, suspirando para não perder a paciência também — meus amigos às vezes passam dos limites, mas nós, as moças, não vamos permitir que eles tratem qualquer garota que encontrem com desrespeito.

— Permitiram que ele tratasse um pobre velho assim!

— Não, não, não... Shenu, peça desculpas!

— Eu?! Mas...

— Shenu...

Com os olhos negros de Yoná comprimidos daquela maneira, Shenu não pensou duas vezes. Pediu desculpas ao velhote, mesmo achando que não falara nada demais, e prometeu que, da próxima vez, teria mais cuidado ao tratar uma pessoa.

— Da próxima vez, deixe as moças falarem por você! E o barco da Maiga fica no fim da estradinha, no porto. Só leva uns dez minutos.

— Tudo bem, obrigado! — foi dizendo Márcio de má vontade, enquanto puxava Pablo e Dominique dali, os dois com expressões emburradas.

— Ele estava com as bochechas vermelhas, aquele velho tarado! Só implicou com Shenu pra receber atenção de Yoná — reclamou Pablo, assim que deram as costas ao velhote.

— De Yoná só não, Pablo, “*das moças*”, não viu? “*Deixe as moças falarem por você*”, foi o que ele disse! — Dominique ranhetou entre dentes, mas depois deu uma risadinha e falou baixinho, de modo que só os irmãos conseguissem ouvir: — Mas, se ele quisesse ficar com Yoná, eu poderia colocar um laço vermelho e embrulhá-la para presente!

Márcio respondeu prontamente.

— Você só implica com ela porque não a conhece. Ela não é uma pessoa má, só foi criada de forma muito rígida e quer fazer as coisas direito. E só implica com você porque ouviu histórias de sua mestra e desconfia dela.

— Eu também desconfio de vocês — Nique retrucou. Márcio e Pablo, um de cada lado do rapaz, o olharam inquisidores, mas ele continuou. — É sério! Tem alguma coisa em vocês que ainda não consegui entender, principalmente em você, Márcio, uma força estranha. Mas eu não fico te olhando torto por causa disso.

— Hã-hã — Pablo limpou a garganta — o caso, Dominique, é que você não entendeu muito bem os motivos do meu irmão defender a mulher-carranca...

— Do que é que você está falando?

— Ora, noites em claro, conversas extensas, trocas de segredos... — disse Pablo.

— Ou, ou, ou, será que estou entendendo bem? — o gênio riu, parando.

Dominique e Pablo encararam Márcio, e o rapaz, mais para desconversar do que para saber qualquer coisa, avistou Shenu, bem atrás deles, olhando para o chão e caminhando num passo lento. “*O que foi, Shenu?*”, ele perguntou, enquanto os outros dois continuavam fazendo graça dizendo que ele não poderia fugir do assunto, e Márcio sentia as orelhas arderem.

Quando o andarilho correu para acompanhá-los, Márcio teve a impressão de que havia feito alguma coisa errada, pois os olhos de Shenu estavam brilhantes, cheios de lágrimas. “*Será que ele gostava de Yoná, e estava ressentido pela brincadeira dos colegas?*”

Mas Shenu sorria quando se juntou ao grupo, e durante a meia hora seguinte esteve terrivelmente feliz, e ajudou Dominique e Pablo a fazerem todo o tipo de gozação com Márcio e suas conversas noturnas com Yoná, o que fez Márcio perceber que, naquela primeira vez em que Pablo, Shenu e Dominique concordavam em alguma coisa, era justamente para implicar com ele.

Quando a estrada na colina fez uma curva para baixo e para a direita as sentinelas viram a praia. O mar debruçava-se sobre a areia ao som de sua própria canção singela, o perfume das ondas indo e vindo de encontro às ondulações verdejantes da terra. Ancorado na pequena praia encontrava-se um velho barco branco, de velas rotas e carcaça encardida. No convés estava uma moça, uma jovem, olhando com curiosidade os estranhos que acabavam de chegar.

— Shenu? — ela perguntou. Os jovens olharam para o andarilho e viram que ele tinha os olhos marejados.

— Maiga! Pensei que eu nunca mais fosse te ver!

Maiga desceu do navio aos saltos. Usava um vestido comprido e azul, com uma faixa grossa na cintura, que não a impediu de correr e abraçar o rapaz ternamente e beijá-lo no rosto várias vezes, deixando as sentinelas encabuladas. Era uma moça realmente bonita, de feições delicadas e corpo magro e alto, cabelos longos e negros como a noite, como os de Shenu.

— Eu não sabia que ele tinha uma namorada... — disse Márcio.

— Muito menos uma tão bonita — Pablo comentou, e levou um cutucão de Diana.

— Se eu tivesse uma namorada bonita assim eu não seria andarilho, nem teria me alistado, como Shenu fez. Ele a abandonou — Dominique falou, e logo sentiu o olhar de Jadhe em sua nuca. Mas quando olhou para ela, Jadhe estava olhando na direção da desconhecida.

— Vocês são muito apressados, não sabem se ela é namorada do Shenu — protestou Yoná.

— Claro que é, você não viu os dois se abraç...

— Rapazes! — Shenu chamou. — Venham conhecer minha irmã predileta!

— Ah, Shenu, se as meninas ouvissem isso... — falou Maiga, um sorriso estampado nas bochechas.

— As outras nunca gostaram muito de mim. Eu não me importo, não sou fã delas também!

— Sua...

— Irmã? — engasgaram os três rapazes. E Dominique e Márcio se apressaram para cumprimentar a moça, mas Diana segurou Pablo ao lado dela.

— Pra quê essa pressa toda? — ela sussurrou.

— Ora, meu amor, só vou cumprimentar uma nova amiga...

Maiga aparentava ter uns dezoito, dezenove anos, e tratou a todos com enorme simpatia. Ela conduziu os viajantes a bordo do pequeno navio, onde improvisou lugares para se sentarem sobre meia dúzia de tapetes de barbante. O barco era tão pequeno que mal comportava a todos. Havia ainda um pequeno compartimento onde, pelo que Márcio pôde perceber, só cabiam quatro pessoas para dormir. Algumas horas depois, os jovens estavam sentados no cais de madeira, saboreando um delicioso jantar com purê de batata, arroz, creme de feijão e carne de aves, preparado por Maiga. Shenu e a irmã mais nova conversaram muito, enquanto os outros passaram mais tempo os observando e ouvindo o que diziam. Pelo que falavam, os irmãos tinham se separado quando Shenu decidiu sair mundo afora e tornar-se andarilho, decisão de que nem ele nem Maiga quiseram revelar o motivo. Pelo visto fora alguma discussão entre Shenu e seus pais. Desde então ele não vira mais os irmãos, que eram muitos: além de Astur e Maiga, Shenu tinha mais oito.

— Somos onze — Maiga esclareceu. — Astur é o mais velho, tem quarenta e dois anos e já tem dois filhos, Dinaíça e Elarméct. Depois dele nasceu Túvilo, que tem quarenta anos hoje; logo após vem Nanea, de trinta e seis anos, casada, e com três filhos de nomes estranhos. Shenu, que tem vinte e nove (não precisava dizer minha idade, Shenu protestou num canto), nasceu depois dos gêmeos Shavo e Savir, de trinta e um anos cada. Os dois têm filhos, Shavo tem trigêmeos e Savir tem gêmeos. Enfim, os irmãos mais novos do seu amigo aqui são Oushu, de vinte e seis, Zoneo e Zinazi, gêmeas também, de dezoito anos, e embora Zinazi seja muito mais ardilosa do que Zoneo, ela já tem um filho, Dáico, e nossa irmã caçula é Sai Shizi, que tem treze anos.

— E minha irmãzinha aqui, que fez questão de pular a própria idade, tem vinte aninhos, não é isso? Quando eu saí de casa ela tinha doze. Nem acreditei em como foi bom estar sozinho depois de tanto tempo vivendo com tanta gente, mas senti uma falta tremenda de Maiga, de Astur e de Oushu... bom, *destes* principalmente.

A conversa levou-os para os campos onde Shenu passou boa parte da juventude, na ilha de Tera, onde ele nasceu. Pelo visto a vida não era fácil por lá, num país onde quase todos têm muitos filhos e a terra não é fértil, nem há grandes rios ou florestas de onde tirar o alimento.

— Mas agora tudo passou. Soube, uns dois anos atrás, que você tinha saído de casa, o que você faz agora?

— Estou aqui há três meses, mas vou embora logo. Vou para o norte, procurar os caminhos dos tesouros, como você. Estou esperando uma amiga chegar, ela vem de longe e está dois dias atrasada por causa da queda dos bondes, mas já me mandou uma mensagem, dizendo que deve chegar amanhã. Então vamos partir.

— A queda *dos bondes*? — Yoná perguntou, intrometendo-se na conversa entre irmão e irmã.

— Sim, vocês não souberam? Houve ataques de dragões a todas as linhas de sustentação! O bonde Galiula-Jeserev foi o primeiro; depois os dragões vermelhos destruíram as linhas de Ylhuah, e parece que agora só tem uns dez ou doze de pé, mas as pessoas estão com medo de viajar neles. O ataque ao bonde de Jeserev quase matou os passageiros, ele estava no meio da linha!

— Puxa! Coitados dos passageiros! — Diana comentou, fingindo surpresa.

Maiga deve ter percebido os olhares suspeitos dos viajantes, que ficaram em silêncio sem nada comentar, porque encarou o irmão nos olhos, mordiscou o lábio, e disse lentamente:

— Sei que você não está me contando tudo, Shenu. Sei que tem alguma coisa mais nessa sua ida para Terem. Não sei o que vocês vão fazer lá, mas não vou perguntar também; vou viajar a pé, então você pode levar o barco. Só tome cuidado, você não é bom em velejar, e o *Larócora* é um barco velho. Remendei-o todinho quando o encontrei. Mas sei que suas companhias são melhores no mar que você, então fico tranquila.

— Como sabe que somos melhores no mar que ele? — Yoná indagou, desconfiada. Até aquele momento ninguém tinha conversado mais nada com a moça. Mas Maiga sorriu.

— Porque, se ele continuar com as mesmas habilidades que tinha quando deixou nossa casa, ninguém no mundo pode ser pior!

Quando as horas de sono acabaram e os jovens acordaram, Maiga já não estava no barco. Tinha ido embora, despedindo-se somente de Shenu. O rapaz entregara a ela uma boa quantia em moedas de ouro, um pouco mais do que o Larócora valia, mas nenhum dos jovens questionou: se não fosse pela boa sorte de terem encontrado Maiga ali, justamente com um barco do qual queria se desfazer, teriam que viajar mais três dias até o porto mais próximo, pagar uma viagem num barco de passeio e arriscarem-se a se expor aos soldados de Zefim, que poderiam estar procurando por eles pelo roubo da joia da rainha.

Sem mais demora, Dominique ajudou Jadhe a hastear as três velas do navio, enquanto Shenu e Pablo traziam provisões para a viagem e Márcio enchia barris com água. Depois disso, Márcio e Yoná foram para o vilarejo Can Geveril para comprar provisões e amolar as armas, inclusive o machado que Maiga tinha deixado no navio, e que poderia ser muito útil para se defenderem contra ataques de animais na floresta e para caçar. O rapaz aproveitou para dar uma espiada nos cavalos, e constatou que estavam sendo muito bem alimentados, o dono do estábulo os tratava até com excesso de zelo. Jadhe e Diana andaram pelo lado de fora e depois pelo interior da embarcação, procurando furos e partes que precisassem de reforço na carcaça. No final do dia estava tudo pronto para a viagem. Às horas da noite, Márcio e Yoná retornaram trazendo uma saca de pão, pederneiras, uma panela, algumas flechas, uma espada velha e três faquinhas pequenas, as quais Dominique ficou afiando nas rochas até *Ginhaissu* surgir no céu. Das lanças que os Sanai tinham oferecido aos viajantes, apenas uma estava intacta, aquela com a qual Yoná acertara o maldito — as outras tinham se partido junto com as flechas quando o bonde caiu em Hadara, atacado pelo dragão. Então descansaram mais uma noite e, na manhã seguinte, acordados por aquela tênue luz do céu, o pequeno e frágil barco de madeira velha, cheio de remendos, deixou o reino de Zefim.

A Pedra das Vaidades

O tempo estava estranho na manhã da partida. O céu estava claro, mas logo nuvens cinzentas encobriram a lua vermelha e a lua verde (uma linha fina e sem brilho). A chuva, porém, não veio, e o tempo ficou abafado, mas o céu ficou completamente limpo na terceira manhã de viagem. Shenu, no entanto, nem notou a diferença, ele e Pablo passaram quase todo o tempo na beirada do barquinho, os rostos verdes apesar do mar ser calmo, quase como uma lagoa.

— Ué, você não passou mal quando andamos na Nalvim! Não sabia que você também enjoava, Shenu! — Diana comentou, na manhã do quarto dia, ao encontrar o andarilho novamente debruçado sobre as águas enquanto, incrivelmente, Pablo dormia um sono gostoso na cabine interna.

— Experimente tomar meia garrafa de licor-do-oeste, e depois almoçar camarões... Aí você vai me compreender...

Era o começo do sexto dia aquele em que as sentinelas finalmente avistaram a praia de Terem. Seguindo as minuciosas coordenadas que Jadhe indicara, logo eles entrariam no país e subiriam de barco o *Utthienx*, o Rio do Dia. Daria um pouco de trabalho colocar o barco no rio porque onde a praia o encontrava a profundidade era pequena, e os jovens teriam que usar toras de madeira para manobrar a embarcação. Claro que tal trabalho coube aos rapazes, assim como procurar as tais toras, o que não foi fácil, já que Shenu e Pablo demoraram muito tempo para se recompor depois de passar quase o dia todo se revezando com o machado. No fim de dois dias cansativos de trabalho, quando as toras já estavam no chão e os rapazes faziam força para erguer o barco, as moças resolveram ajudar e Jadhe usou seu *mac* para acalmar as ondas e ajudar o Larócora a vencer a correnteza. As águas a obedeceram, e foi como se uma grande inundação arrastasse a embarcação vários metros rio acima de uma só vez, depois o rio se acalmou e voltou ao normal. Durante as horas da noite, enquanto os rapazes, exaustos, dormiam, foram as moças que guiaram o barco, com Diana no leme, Yoná coordenando as velas e Jadhe usando seu poder para fazer as águas impulsionarem o casco, pois a correnteza era forte e, se não conseguissem passar por ela ali, certamente estariam de volta ao mar no dia seguinte e o trabalho seria dobrado.

Embora uma pequena faixa de terra ainda ligasse Terem ao Continente Maior, muitas vezes o país era chamado de “Continente Terem”. Na grande maioria de seu território, Terem era constituído por uma densa floresta, semelhante à de Crimehuór, porém de árvores de folhas mais finas e mais claras. As estações eram bem divididas, e aquele era o início da estação da queda das folhas, com resquícios

de um abafado verão. O céu clareava e escurecia em períodos regulares, como no deserto, sem que ninguém pudesse explicar o porquê. O sul do país era dominado por montanhas geladas onde ninguém vivia, e havia rumores nas cidades de que seres encantados viviam nas árvores do bosque de Terem. Quase não havia cidades, e as poucas vilas habitadas por homens ficavam na parte leste do país, perto do litoral. Havia ainda alguns portos no extremo oeste, no Pontal das Luas, onde piratas aportavam para conseguir mantimentos. As vilas onde esses portos ficavam eram o lar de algumas das mulheres dos piratas, que não viajavam com seus maridos caso estivessem grávidas ou tivessem filhos pequenos para cuidar.

Subindo o *Utthienx* e na velocidade em que estavam, seriam dez dias de jornada até o barco chegar à nascente do rio, onde a Cuzpola acusava o terceiro Objeto Supremo. Se conseguissem chegar lá sem maiores contratempos, poderiam voltar sem problemas, pois a correnteza estaria a seu favor. Então retornariam em tempo de recuperar os cavalos, algo que estava nas mentes de todos.

Embora ninguém fosse instruído para guiar um barco como aquele, Jadhe coordenou muito bem o trabalho. Só dois de cada vez tinham permissão para um descanso de uma hora longe dos remos, tempo geralmente usado para preparar alimentos e apanhar água. Apertado e picado pelos vários insetos o grupo continuava, embora os galhos das árvores espessas tornasse a visibilidade quase nula.

Felicíssimo, Dominique mal conteve o entusiasmo quando Jadhe, Yoná e Diana se divertiram tirando lentamente as bandagens que prendiam as asas do rapaz no lugar e, embora ele tivesse planejado aquele dia várias vezes, imaginando as voltas que daria pelo céu, o gênio mal conseguiu esticar toda a envergadura, pois depois daquele tempo todo enfaixado, mover os músculos das asas foi um exercício extremamente doloroso. Só no quarto dia sem as faixas Dominique conseguiu voar, e viu pássaros fugindo, lá embaixo, quando o barco surgia cortando o leito do rio, e peixes na água, cujas cores se tornavam mais vibrantes à medida que se aproximavam mais do centro da floresta, pois o céu ficava cada vez mais claro.

Era dia, um belo dia por sinal, um dia morno e claro que nunca acabava. Foram mais horas claras do que seria normal aquelas passadas no barco, ao menos assim sentiu Márcio, mas não havia sinal do céu escurecer. A luminosidade atrapalhava o sono, Shenu já começava a sentir o peso do cansaço nos braços quando precisava remar, e deixava isso bem claro reclamando como um velho macaco. Muitos animais espiavam a margem, observando enquanto os estranhos se embrenhavam em suas terras, e Pablo se assustava a todo o momento com olhos por entre os galhos, imaginando que poderia ser um maldito ao invés de um bicho

qualquer. No final do terceiro dia havia coiotes e cachorros selvagens, esquilos e raposas, coelhos, gatos-do-mato, e até um puma, além dos pássaros e peixes, acompanhando o curso do navio. Preocupadas, as sentinelas se revezaram nos remos sem descanso para não perder tempo de viagem.

Naquela madrugada, seis das sete sentinelas dormiam deitadas no convés, porque o calor era grande. Dominique, que tinha a incumbência de guiar o navio enquanto os outros descansavam, apesar do silêncio, não sentia nenhum pouco de sono ou cansaço. Yoná deveria ter ficado acordada com ele, mas ela caiu no sono e o gênio achou melhor não perturbá-la. A floresta escura ao redor não o amedrontava de verdade, mesmo com os uivos e grunhidos que vinham dali, vez por outra, aqueles sons eram muito similares aos que ele ouvia antes de dormir quando vivia na cabana de Ártemis, dentro de uma floresta parecida. Uma coruja piou ali perto, sobrepondo-se à balbúrdia das aves da mata que, durante as horas da noite, eram mais ativas, e faziam os pelos da nuca do gênio se arrepiarem. “*Dragões e malditos! Como eu poderia esperar por isso?*”, ele pensava, mas não preocupado. Depois de tantos anos sob a sombra ultraprotetora da mestra, sonhando com as viagens que ela própria havia registrado em seus diários, Dominique já tinha perdido as esperanças de que pudesse um dia viver uma aventura como as dela, cheias de piratas e monstros marinhos, e a cada novo dia, em cada cenário diferente, ele sentia seu coração bater mais forte. Naquele momento, depois de tanto tempo se esgueirando como um fugitivo, ele se sentia orgulhoso por estar num barco, exatamente como sua mestra. “*Quando ela souber disso vai enlouquecer!*”, ele pensou feliz, imaginando a cara assustada da Caçadora.

Ártemis era relativamente conhecida no Meio do Mundo. Sua profissão era naturalmente polêmica: ela pertencia à Ordem dos Caçadores do Meio do Mundo, que existia para oferecer os serviços de seus caçadores para os países e reinos aliados do leste, como recurso quando os oficiais da polícia local não conseguiam resolver sozinhos os crimes mais aterrorizantes. Quando Ártemis ingressou na Ordem havia quarenta pessoas, mas com ela dentro do grupo o contingente havia sido reduzido para apenas dezoito.

A mulher já tinha visto muita violência na vida, disso Dominique sabia, mas nunca tinha deixado que isso interferisse na vida dele ou de Jadhe. Os três moraram numa cabana afastada da cidade, dentro da Grande Floresta, e os conhecidos dela jamais tiveram acesso a sua localização. Para proteger seus pupilos, pouquíssimas pessoas tinham conhecimento da existência dos jovens, e Ártemis só permitiu que saíssem sozinhos depois que teve certeza de que poderiam se defender bem em qualquer situação.

Apesar de saber que seus colegas a consideravam uma mulher fria e estranha, Nique sabia que não era bem assim. Ele se lembrava de ter visto Ártemis sorrir algumas vezes e esses eram os maiores tesouros de sua memória, sempre associados com ele e com Jadhe. Para ele, Ártemis era praticamente sua mãe, mesmo que ele nunca a tivesse chamado assim, nem ela o tivesse chamado de filho. A imagem que Jadhe fazia de Ártemis era diferente, ele sabia. Jadhe chegara mais tarde, já tinha dez anos, tinha as lembranças dela, mas ele não. Ele só se lembrava de Ártemis, sua mestra, sua mentora. Os outros não entendiam que aquela mulher tinha passado por coisas demais na vida. A única coisa que o deixava curioso era saber por que ela não envelhecia...

“Jovem ou velha, ela vai ficar danada quando souber das coisas que estamos fazendo!”

Olhou para Jadhe, seu rosto delicado adormecido tão perto dele. Os dois foram criados juntos, mas Jadhe sempre esteve tão distante, sempre tão misteriosa... Por muito tempo ele pensara que ela era só retraída, coisa que piorou na adolescência, quando passou meses sem trocar mais que algumas palavras com ele na época em que o rapaz começou a namorar. Ele sabia que, naquela ocasião, dedicara pouquíssima atenção à amiga, mas nenhum dos namoros dele durou muito tempo, e mesmo depois, quando estava completamente sozinho, Jadhe continuava reservada. Com Ártemis ela não era assim: Jadhe conversava muito com a mestra, mas mesmo com ela Jadhe demonstrava uma grande barreira. A Caçadora não se importava. *“Cada um tem seu jeito, passarinho. Cada um tem seu passado. Se Jadhe não quer compartilhar mais do que podemos descobrir, podemos nos morder de curiosidade, e mesmo assim ela não vai falar nada. O que você pode fazer é aceitá-la como é, e continuar sendo o mesmo com ela”*, Ártemis havia dito.

Nique nunca havia tentado “arrancar” confissões de Jadhe, até porque não tinha certeza se queria tanto assim saber o que tinha acontecido no passado dela. Ele não conseguia se lembrar do próprio passado, e por vezes se perguntara se, talvez, não era melhor não se lembrar de nada do que ter lembranças capazes de fazê-lo emudecer, como acontecera com Jadhe, que só tinha começado a falar depois de um ano sob a tutela de Ártemis. Enquanto pensava no assunto o céu tornou-se menos escuro, a ponto de apagar parte das estrelas, pois a manhã sem sol surgia, úmida e nublada.

Os que dormiam acordaram e arrumaram o pouco que tinham trazido de Zefim. Diana e Yoná se aproximaram da borda do barco, pois queriam verificar mais de perto as folhas das árvores. Em pouco tempo a luminosidade do céu clareou o ambiente e as sentinelas enxergaram um emaranhado de galhos cobertos com folhas pequenas, ora azuis, ora verdes, debruçadas sobre a água, como se quisessem proteger com sua opulência pedaços daquele santuário inabitado.

Poucos animais foram vistos naquele dia, mas em compensação os peixes quase saltavam a bordo, acompanhando o curso do Larócora ao lado de botos verdes e cor-de-rosa.

Quatro dias se passaram nesse mesmo ritmo, e o tempo ficou mais frio, obrigando os garotos a desembalarem suas capas de viagem. O barco nunca parava e o vento parecia sempre estar a favor deles. Ainda que estivessem subindo o rio, a correnteza não parecia assim, tão intransponível. Na verdade, era como se tudo os estivesse ajudando a chegar a seu destino. E, se no início a ajuda era bem-vinda, depois do sexto dia a quietude e a facilidade começaram a ficar intoleravelmente estranhas e suspeitas.

— Essa floresta é muito sinistra, se querem saber. A claridade dura demais... Já estamos o quê, dois dias adiantados? Não tem correnteza em nenhum lugar desse rio! — reparou Márcio, enquanto descia do barco. Como estavam tão à frente no caminho e os animais grandes tinham desaparecido das margens, decidiram dormir em terra firme naquela noite.

— Deveríamos ter acampado antes, quando a floresta ainda parecia uma floresta normal — Diana reclamou. Ela estava realmente nervosa, e Shenu concordou com ela.

— Entendo como se sente — disse Yoná, alisando o tronco retorcido de uma árvore próxima. — É como se estivessemos sendo observados. Eu me sentiria mais segura se fizéssemos vigília, o que acham?

Mais do que depressa Shenu pôs-se de pé: — Eu começo! Não estou com sono!

Márcio estreitou os olhos. Não, Shenu não estava com sono: estava apavorado demais para ter vontade de dormir. Desde que tinham entrado na floresta, Márcio testemunhara os relatos apavorados das coisas que Shenu sabia de Terem. O andarilho ouvira coisas estranhas sobre aquela floresta quando caminhava pelo mundo; aliás, ao que parecia, Shenu sempre caminhara na rota dos andarilhos, a segura rota por onde centenas já haviam passado e retirado os perigos mais difíceis. Antes de embarcar naquela aventura, o rapaz nunca antes tinha desviado desse caminho, mesmo que fosse em busca de um tesouro muito grande. Márcio supunha que, embora a cobiça do colega fosse muito grande, sua covardia era maior ainda. Mas era curioso que, para cada lugar onde havia um Tesouro, houvesse um misterioso folclore mundialmente famoso sobre desaparecimentos inexplicáveis.

“Igualzinho a Lherád”, pensou. “Quem sabe não temos um monte de lípas por aqui também. Pode ser esse o truque para esconder os Crimedéct’z”.

Márcio e Pablo conversaram muito, aos sussurros, sobre essa possibilidade na meia hora que se seguiu. Pablo concluiu que, se Terem fosse como

Lherád, então era uma pena terem gasto toda a água no cantil de Diana, aquela do Rio de Leite, que poderia ser útil, embora Pablo acreditasse que qualquer que fosse o feitiço das águas do Rio de Leite só deveria surtir efeito dentro da própria floresta Lherád.

Os irmãos se deitaram e Pablo pegou no sono rápido. Márcio, no entanto, não conseguiu manter as pálpebras fechadas. Qualquer movimento do vento nas folhas interrompia seus sonhos dramáticos e ele acordava, com medo de que Shenu pudesse ter cedido ao sono, mas o andarilho estava bem acordado, cantarolando músicas esquisitas baixinho.

Algun tempo depois, Shenu chamou Márcio e os dois trocaram de lugar. Foi a vez de o garoto vigiar, contando as estrelas e jogando pedrinhas na água, enquanto Shenu se revirava de um lado para o outro, sem conseguir dormir. Duas horas mais tarde, Yoná acordou para valer o rapaz, mas Márcio não foi dormir. Os dois ficaram conversando por mais tempo, falando sobre estrelas, sobre a tribo Sanai, sobre Octoforte e juramentos, lendas e tudo mais. Yoná lhe contou que, assim como toda moça Sanai, ela também estava prometida em casamento a um rapaz chamado Taruê, de mesma idade que ela, mas quando mandaram que ela tentasse conseguir o posto de sentinela o rapaz se apaixonara por sua prima Inaki e com ela se casou. E, apesar de Márcio manifestar seu consolo, Yoná disse que ficou felicíssima com a notícia, pois não queria se casar com Taruê, que também não queria se casar com ela.

O tempo passou rápido e agradável enquanto conversavam, e Márcio percebeu que toda a ansiedade que sentia antes havia se dissipado, como por mágica. Dominique veio valer Yoná e se surpreendeu ao encontrá-la tão bem acordada e ainda acompanhada de Márcio. Os dois estavam alegres e calmos, o que seria normal se não fosse a inquietação que atrapalhava o sono dos outros.

— Não esperava te encontrar acordado, Márcio! Vocês dois podem dormir até o amanhecer, então partiremos. Daqui a pouco eu acordo todos — disse Dominique.

— Não estamos com sono, pelo menos eu não — Yoná respondeu. — Posso vigiar sozinha se Márcio quiser dormir.

— Estou dizendo que é meu turno. Eu quero vigiar — falou o gênio dos ventos com aspereza. Depois dos sonhos estranhos que tivera, a última coisa que ele queria é que o mandassem dormir. — Se querem ficar acordados, tudo bem por mim, desde que não esqueçam que não terão descanso extra por isso amanhã.

— Tudo bem, senhor ranzinza — Márcio reclamou, levantando-se da pedra em que estava sentado. — Yoná, quer dar uma volta?

Dominique franziu o cenho.

— Claro, por que não?

Vendo-os desaparecerem entre os galhos retorcidos da floresta, Dominique orientou:

— Não se distanciem muito! Posso não conseguir encontrar vocês se precisarem de ajuda!

Mas Márcio, com uma confiança desajuizada, retrucou: — Estamos longe demais do Continente Maior, nenhum dragão ou maldito vai nos encontrar aqui, senhor preocupação. Mas vamos ficar por perto! E não falaremos com estranhos! — E sumiu entre a folhagem, Yoná atrás dele. Dominique, de mau humor, cruzou as pernas e se sentou na pedra em que Márcio estivera.

O vento sul começou a soprar novamente. Havia algo estranho e doce nele, algo inebriante. Dominique sentia aquele vento cálido acariciando suavemente seu rosto, seus cabelos, suas asas... Era um vento que lembrava sua infância, a época em que ele começava a aprender a voar. Teve um enorme desejo de abrir asas e alçar voo ali mesmo, de contornar o rio no meio da noite e se perder entre as árvores astutas que pareciam vigiar. Fechou os olhos, sentindo um perfume delirante de flores, totalmente contagiado pela liberdade envolvente. Eram rosas... brútuas... leonas... Uma doce melodia soava em seus ouvidos, como sinos celestiais tocados somente para ele. Abriu os olhos para descobrir a dona daquela voz silenciosa, e então não houve tempo de fugir. Uma sombra negra o envolveu e também aos seus companheiros com uma mão poderosa. Um grito ficou preso em sua garganta, porque a voz lhe faltou. Uma dor lancinante dominou seu corpo e seus músculos, fazendo-o sentir que ele estava sendo sugado por dentro. Impotente, viu seus amigos ali, deitados perto dele, agonizando sem ação. A carne em seus corpos definhava e a pele perdia a cor. Os braços e as pernas, todo o corpo murchava, e em segundos as penas do gênio caíram até que ele, sem forças, caiu de joelhos por terra e depois de bruços, como um fruto amarrotado do qual só restara o bagaço. Não havia mais cor nos olhos, na pele, nos cabelos dele, não havia mais forças para gritar, nem para respirar. Jaziam ali quatro abomináveis carcaças de ossos e pele retorcida.

O grito de pavor ecoou pela floresta e Márcio e Yoná correram de volta para o acampamento. Tinham passado o tempo olhando as três luas, a vermelha minguate e a branca e a verde crescentes, as três muito próximas umas às outras naquela noite bela. Correram, Yoná na frente, ultrapassando folhas e galhos com a agilidade aprendida nos tempos de sacerdot... *BAM!* Uma pancada surda no nariz, e três corpos foram ao chão. Um era o de Márcio, o outro era o de Yoná e o terceiro era...

Olhos esbugalhados, o rosto branco, Shenu levantou-se apavorado.

— Vim procurar... Os outros! *As peles...* A sombra! Eu não sei, eu não sei! Precisamos de ajuda!!!

Com dificuldade, Yoná conseguiu acalmar o colega o suficiente para que ele contasse o que tinha acontecido.

— Uma sombra perfumada... — ele arfou. — E ti-ti-tinha uma voz dentro dela, um canto de mulher... *Murchou-os!* Sugou a vida deles, os corpos deles, eu não sei! Eu ouvi o canto e não... Tive medo... Fugi da sombra e vi quando ela os pegou! *A todos!*

Yoná fez menção de ir até lá, mas Shenu a segurou pelo pulso: — Não — ele disse. — É perigoso! A sombra ainda estava lá quando eu saí!

O sangue de Márcio ferveu.

— A sombra estava lá e você não fez nada? Você não a enfrentou, não usou seu *mac*, não usou magia? Por *Dhonmen*, você é sentinela das sombras, deveria saber como lidar com isso! Ou... quem sabe... você não quisesse, não é? Quem sabe se o que você queria não era só ter os Objetos Supremos... Onde estão? Você os pegou?!

Márcio avançou, mas Yoná o segurou. De olhos arregalados, Shenu não moveu nem um músculo.

— Seja racional! Se acalme e não faça acusações desse tipo! — ela brigou. — Shenu não fez nada além de nos avisar!

Assustado, Shenu acenava que sim com a cabeça.

— Ele estava fugindo!

— Porque eu não podia fazer nada! A sombra veio da cabeceira do rio e cresceu, o que eu poderia ter feito? Eu nem sei se eles estão vivos... Eu poderia não estar aqui pra contar pra vocês o que aconteceu! — ele falou rápido, com uma vozinha aguda.

Márcio não retrucou. Nunca tinha ficado tão claro o tamanho da covardia de Shenu; ele sentiu pena, mas logo a pena passou: afinal, covarde que se preza foge de postos de batalha e, se Shenu procurou um lugar em Octoforte, a culpa de seus medos era só dele.

— Você disse que a sombra veio da cabeceira do rio? — Yoná perguntou.

— Veio! — Shenu balbuciou.

— É onde está o Objeto Supremo.

— Acha que o Objeto pode ser o responsável? — Márcio perguntou, os lábios e punhos ainda crispados.

— Todos os Tesouros Supremos são dotados de um poder incrível. Geralmente precisam que alguém os controle mas, se ele ficou aqui nessa mata, isolado por tantos anos, quem sabe o que a magia dele pode ter se tornado. Só o

encontrando vamos ter certeza de com o que estamos lidando e de como reverter esse sortilégio!

Márcio não quis esperar mais conversa. Voltou pela margem até onde o barco estava ancorado, um pouco acima da clareira onde os amigos estavam. A luz das luas iluminou uma mancha escura debruçada sobre quatro corpos desfigurados e frágeis. Pensou ter visto um deles se mexer, mas a sombra mudou de rumo e começou a crescer lentamente na direção do Larócora. Yoná e Shenu entraram correndo no barco e Márcio soltou as amarras. Tremendo, Shenu correu para segurar o leme (segurar-se em algo fixo era bom quando se estava com medo) e começou a murmurar um feitiço de proteção para cobrir a embarcação. Márcio e Yoná remaram com uma força descomunal, cientes de que as sombras se projetavam das duas margens do rio; atrás e à frente os peixes incomodavam, batendo no barco com fúria, como se quisessem quebrar o casco de madeira. A grande nuvem negra que os perseguia se manteve à distância — milagrosamente a magia de proteção que Shenu sussurrava estava dando certo, mas o andarilho já suave e ofegava, não ia conseguir segurar muito tempo mais. Os minutos se arrastaram lentamente, encharcando os rostos dos jovens de um suor nervoso, e a cada vez que Márcio respirava sentia que seu coração poderia se partir dentro do peito, tão forte batia. Finalmente, quando a primeira claridade do céu iluminou as copas das árvores, as trevas se dissiparam e Shenu pôde respirar aliviado. Os três saíram da água, deixando o Larócora amarrado a uma árvore de tronco curvado, pois uma cascata de três metros bloqueava o caminho. Continuaram a pé, mas estavam bem perto de chegar.

As sombras espreitavam do abrigo das árvores, impedidas de sair por causa da claridade que tomava os céus. Mais alerta do que nunca as sentinelas observavam, enquanto o rio se tornava cada vez mais calmo e os peixes cada vez mais bravos. Nenhum outro animal se ouvia, nenhum pássaro batia asas, nenhum som saía das matas, a não ser um farfalhar irrequieto de folhas agitadas.

Por longos minutos, depois de subirem a cascata pelo flanco esquerdo, onde as rochas formavam uma escada natural e escorregadia, as sentinelas correram, espadas em punho. Era preciso chegar rápido ao Objeto Supremo, pois o céu estava instável e à medida que os jovens avançaram, voltou a escurecer sem nenhuma lógica. O rio cinzento fazia curvas e ficava sempre mais estreito. As árvores tinham troncos claros e folhas pequeninas, verdes e azuis, que abraçavam o leito silencioso. As águas eram puras e cristalinas e havia pedras cintilantes no fundo delas. De uma forma mágica e misteriosa as plantas pareciam iluminadas, de modo que cada galho, cada peixe, poderia ser visto e admirado em suas cores, se o grupo pudesse parar para apreciá-los.

Então, depois de uma curva acentuada, os três chegaram numa região onde uma neblina fria subia da água e cobria o solo, e borboletas douradas e coloridas bailavam felizes pelo ar, e flores prateadas cresciam nas margens do rio entre o cascalho brilhante. E parada, dentro do leito, uma linda gôndola branca jazia, onde uma comprida vara para impulsioná-la estava apoiada. Depois de breve troca de olhares, Márcio e Shenu entraram nela, mesmo percebendo que a armadilha era certa. Com o coração acelerado, Yoná entrou na gôndola e se sentou no fundo da embarcação, perto de Shenu, cujos joelhos batiam um no outro, enquanto Márcio impulsionava o barquinho.

A cada metro que venciam, a água ficava mais cristalina e mais cheia de flores. Pela primeira vez naquele dia estranho, ouviam pássaros cantando. Os peixes já não estavam desesperados como antes, mas acompanhavam a gôndola bem de perto. Súbito, uma leve brisa agitou o arvoredor, as flores, a água, espalhou a neblina e da neblina surgiram seres sublimes com perfumes de flores.

Eram lindas mulheres feitas de vento vestidas de azul e branco, que usavam flores prateadas nos cabelos. Eram extremamente belas e cada uma estava vestida com um traje diferente. Reluziam com um esplendor próprio e, ainda que tão belas fossem, não havia alegria em seus semblantes. Eram etéreas, translúcidas, e se podia ver através delas as árvores se agitando preguiçosamente.

Então, com vozes suaves e serenas, entoaram uma canção, que ressonou pela mata docemente:

*“Onde vai pescador?
Que essas águas são de flor!
Onde vai pescador,
Se não vai para pescar?
Onde vai pescador?
Não macule essas águas!
Que essas águas, que essas águas,
Que essas águas são de Yara.*

*Onde vai pescador?
Volta para tua casa!
Onde vai, onde vai?
Volta ao reino dos mortais!
Onde vai pescador?
É melhor que vá embora!
Que essas águas, que essas águas,
Que essas águas são de Yara.*

*Porque entrar no rio que pertence à mãe d'água
É jogar-se à perdição e levar a vida a nada.
Vá-se embora, pescador, não macule essa morada
Que essas águas, que essas águas,
Que essas águas são de Yara.*

Shenu e Márcio não podiam mais ouvir as palavras de Yoná, apesar dela estridentemente tentar dizer-lhes alguma coisa. Estavam totalmente dominados pela canção e pelas mulheres, que continuavam a observá-los tristemente.

— Agora eu sei — Márcio comentou — como é a voz das flores...

— Flores?! — Yoná exclamou numa repreensão sibilante. — Essas mulheres são *maellem'z*. Espíritos de grande formosura, de voz cândida e doce. São espíritos de pessoas que morreram e ficaram aprisionadas às águas onde se afogaram. E, se não repararam, o canto delas era uma canção de alerta, para nos afastarmos!

Mas Shenu e Márcio não ouviam. Yoná levantou-se enfurecida, sacudiu primeiro Shenu e quase derrubou Márcio com um tapa no rosto, mas os dois continuaram num transe mórbido e sonolento.

— O que é que deu em vocês?! — ela perguntou, assustada.

— A canção, Yoná... É linda...

— Não acho que vocês dois devam continuar... Podem ficar aqui, eu vou sozinha e grito se precisar de socorro...

Mas uma leveza indescritível invadiu os corações dos garotos, e era tarde demais. Era a voz sonora de uma sereia que descia o rio na mesma canção das *maellem'z*, mas com o perfume, a magia, a doçura, que só uma criatura encantada poderia ter. Forçando a gôndola a ir mais rápido, Shenu e Márcio seguiram enfeitiçados, sem perceber que Yoná saltara para a margem e os seguia sob as árvores entrelaçadas.

Então as faias se abriram e as bordas das águas cresceram e o enorme e belo Lago da Lua apareceu, lugar onde a nascente serenava suas águas antes de prosseguir viagem até o mar. O céu estava escuro, mas pontilhado de estrelas pequeninas, e Larehssu, que ali aparecia em toda a sua majestade, lançava uma claridade pálida sobre as rochas que apontavam de dentro da água, fazendo-as brilhar, e as outras duas luas tinham desaparecido do céu, e todas as folhas de todas as árvores eram pequeninas e azuis. Flores minúsculas, brancas, cor-de-rosa e azuis cresciam nas margens, como uma bela coroa natural daquele lago. Borboletas coloridas e grandes passeavam debilmente pelo ar, sobrevoando as pedras.

No meio do lago havia uma pedra grande, lisa e branca, e sentada nesta pedra estava sentada a personificação da beleza. Era uma mulher linda, tão linda quanto a beleza de uma mulher pode ser, cujos longos cabelos, claros como a neve, refletiam o azul das águas e emolduravam perfeitamente seu rosto delicado. Sua mão clara segurava um espelho prateado, enquanto a outra penteava com delicadeza os fios longos e lisos. Seus olhos eram da cor do rio, de um azul profundo e perturbador, e seus lábios carnudos tinham o exato tom de rosa das flores que ali cresciam. Não aparentava ter mais que vinte anos e, no lugar de pernas, uma lindíssima cauda grande e azul delineava seu corpo, adornada com fios de prata em um lindo e delicado cinturão.

Escondida entre os arbustos de folhas azuis, Yoná viu os amigos saírem do barco e saltarem na água, que lhes chegou à cintura. Eles se ajoelharam, ficando apenas com os pescoços acima do nível da água, e não tiraram os olhos da mulher na pedra, emocionados por tanta beleza. “*Estúpidos*”, ela pensou. “*E ainda se dizem sentinelas*”...

A sereia baixou o espelho e o pente e moveu seus olhos, que refulgiram como as estrelas, e algo que estava em seu colo também brilhou. Era uma esfera, uma pérola enorme e negra, do tamanho de um pêssego e brilhante como a própria lua branca.

Sem demora a jovem sentinela tirou a Cuzpola de sua bolsa e escondeu-se atrás de uma rocha para que a luz da bússola não despertasse a atenção da sereia. E quando a jovem fez a consulta, no interior da bola de vidro surgiu o indicador do Objeto Supremo, uma estrela exatamente ali, no centro do *Lago da Lua*.

“*Afinal*”, pensou Yoná, “*o Tesouro não agiu por conta própria*”.

Yoná conhecia a lenda dos Tesouros Supremos e sabia que, segundo ela, a magia neles, além de poderosa, podia ter atributos terrivelmente malignos. A Pérola Negra, conhecida também como a Pedra das Vaidades, pelo jeito era assim. Shenu e Márcio estavam completamente submissos ao feitiço dela. Como uma víbora despejando lentamente seu veneno sobre a presa, aquela sereia soprava palavras doces pelo ar, e essas palavras penetravam nos corações dos jovens, enchendo-os de felicidade e prazer, e os subjugava.

A índia a tudo observava de longe, escondida pelos ramos das árvores, e mesmo dali podia sentir o feitiço da sereia agindo, pois ela mesma estava deslumbrada com toda aquela beleza. Ela só não imaginava que a adversária já soubesse de sua presença ali. Como toda sereia, ela podia se comunicar com a água e com as plantas do seu rio, e as árvores azuis lhe contaram sobre a moça que viera com aqueles rapazes. Então, serenamente, lançou um olhar na direção em que a sentinela se escondera e, no momento em que a brisa agitou seus cabelos, disse:

— Não te escondas, bela moça, que as árvores me contam que estás entre elas.

E o vento soprou forte e afastou os galhos das árvores, revelando a garota.

“*Droga!*”

Devagar, Yoná respirou fundo e saiu de seu esconderijo, cuidando para não deixar transpassar nenhuma sombra de medo. Fora para aquele momento que ela tinha se preparado toda a vida e, se provasse seu valor, sua tribo não poderia continuar desprezando-a. A sereia movimentou a cauda submersa nas águas mornas, e suas escamas brilharam com a luz de *Larehssu*.

— Eu conheci a lenda... — disse Yoná, em voz alta — as histórias sobre uma sereia renegada que abandonou as companheiras do mar e subiu o rio para viver sozinha na água doce. Contavam coisas horríveis sobre os homens que tentavam encontrar a tal sereia. Yara... esse é seu nome, não? Mesmo eu, que nasci e cresci na Grande Floresta no norte, conheço seu nome e sua fama. Jamais acreditei na lenda.

— É bom ouvir tuas palavras, gentil donzela — a bela sereia falou com voz soprada e um sorriso frio. — Então sou lenda! Não sabe como me entusiasma ouvir tal narrativa! Sim, sim, abandonei o povo do mar porque ele não deu o devido valor a mim... Mortal... Imagine! Alguém com tanta beleza como eu, como poderia aceitar o derradeiro destino dos seres mortais e viver uma vida bela até o dia em que a velhice e a feiura tomassem conta de meu corpo e eu ficasse coberta de corais e meus cabelos se tornassem feixes de algas marinhas? Não, escolhi a vida dos imortais... A vida da eterna juventude e beleza. Vivo só, mas acompanhada de minha linda imagem é melhor do que viver acompanhada da feiura do tempo em minhas costas.

Yara tinha um tom tão delicado para contar sua história que os rapazes soltaram suspiros, o que deixou Yoná ainda mais irritada. Crispando os lábios, a sentinela berrou:

— *VAMPIRA!* Sugando a vida dos outros para manter a sua eternidade! Você não passa de uma sombra! A sombra de uma sereia que viveu muito tempo atrás, e que agora não tem mais coração!

— Não tenho coração? Claro que tenho coração! E por isso nunca matei ninguém! Ora, juvenzinha, eu não mato aqueles que me ajudam de bom grado...

— De bom grado? Você os enfeitiça, como fez com meus amigos! Depois os mata!

— Enfeitiço? Não! Eu os *encanto*... É muito mais poético dizer que os *encanto*, os bons homens desse rio. E não, realmente não mato ninguém. Ora, por que tu achas que esse rio é tão povoado?

Yoná franziu o cenho, repassando rapidamente todos os dias de viagem até ali. Não havia nenhuma lembrança de ter visto vestígio de pessoas às margens do *Utthienx*, mas uma suspeita aflorou no fundinho de sua mente. Então olhou para baixo, para suas pernas afundadas dois palmos na água, para os peixes que beliscavam insistentes sua perna, como se a chamassem. Arregalou os olhos, voltou-se para a margem, para as borboletas prateadas pousadas em flores pequenas e cheirosas. Ela nunca vira borboletas com aquelas fluorescentes... E, ali na frente, rodeando os garotos, um boto cor-de-rosa fazia círculos na água, para depois voltar e bater nas pernas de Márcio e de Shenu com a cabeça.

Horrorizada, ela entendeu.

— Esses peixes... Essas borboletas... *São pessoas?!*

— Oh, não, não são não... Já foram, um dia. Pessoas feias, eles todos, por isso cederam o pouco de beleza que tinham para me tornar bela mais tempo. Era o desejo de todos eles, por isso lhes concedi a vida eterna ao meu lado no rio...

— *Louca! Criminosa! Bruxa! Como pôde?!*

— Você também pode vir viver comigo — disse Yara, lançando um olhar carinhoso para a sentinela.

— O quê?!

— Pense... Teu companheiro e teu amigo já estão sob meu domínio. Eles já aceitaram o próprio destino e se tornarão botos... Como os outros botos daqui, os mais belos dentre todos os homens que me cederam sua beleza. Tornar-se um boto é uma honra em meu lago.

— Me-meu companheiro? Uma honra? — Yoná estava sem fôlego. Yara pensava que um dos rapazes fosse seu companheiro, o que, por algum motivo sem lógica, deixou a moça intimamente encabulada.

— Nem sempre os homens vêm sozinhos. Às vezes eles trazem suas mulheres na busca ao famoso tesouro da mata de Terem. Então, aqui, eu dou uma escolha a elas também.

— Que escolha?

— Ora, as mulheres são menos suscetíveis ao encanto do lago e da Pérola... Mas, se elas quiserem, posso dar a elas a eternidade ao lado da pessoa amada. Posso dar isso a você também.

Yoná ficou em silêncio, enjoada com a forma carinhosa que a mulher-peixe-escamosa usava para falar, e começou a bolar um plano para sair dali e salvar seus amigos.

— Basta que tu aceites doar tua juventude e beleza para mim. Então teu espírito deixará o corpo e viverá mais belo do que nunca nas águas do rio.

— E se eu não aceitar?

Yara pareceu surpresa.

— Não aceitar?

— O que acontece se eu não aceitar sua proposta, sereia?

Yoná encarava fixamente o olhar azul de Yara, enquanto disfarçadamente começou a procurar por algo que pudesse ajudá-la.

— Bem, eu não posso me dar ao luxo de desprezar a juventude quando ela vem até mim de tão boa vontade, concorda?

Yoná levantou a sobancelha.

— Se não concordardes, então eu apenas tomarei tua juventude... Não é vantagem pra mim porque ficarei sem a parte mais importante, que é sua beleza, e é algo que só posso ter se me cederes. Também não é vantagem para ti, porque mesmo que eu não consiga tua beleza, ficarás muito velha, feia de qualquer jeito, como um saco de ossos sem carne. Veja, minha proposta é bem vantajosa...

— Foi isso que você fez com meus amigos, não é?! Lá embaixo, no rio?! Transformou-os em sacos de ossos?! — esbravejou a sentinela, então finalmente seus olhos alcançaram o que procurava. A gôndola que os trouxera estava parada perto da margem oposta a dez metros dali, e dentro dela Yoná deixara a lança que trouxera consigo. Ela tinha que ganhar mais tempo.

— Ora, não foi por maldade! — Yara defendeu-se. — Mas já faz tanto tempo que ninguém desce até aqui... Fui obrigada... Do contrário, vós não me encontraríeis tão...

— Poderosa? Encantadora? — Yoná agrediu, enquanto dava alguns passos em direção à gôndola.

A sereia esbravejou: — Bem disposta, eu ia dizer! — e ergueu o espelho e o pente, e começou a pentear os cabelos freneticamente. — Eu tinha que estar bem apresentável para que meus futuros companheiros me conhecessem em todo meu esplendor!

Com Yara distraída com a própria imagem, Yoná correu, alcançou a gôndola e puxou a lança. Yara se assustou, levantou os olhos depressa e viu a moça, já bem perto, com a ponta da lâmina apontada para seu coração.

— Renda-se. Esse Tesouro que você carrega não é seu! Vim aqui em busca dele. Entregue-o e não machucarei você — Yoná falou com firmeza.

— Não vou te entregar nada! — Yara bradou, indignada. Apanhou a Pérola Negra e a abraçou com as duas mãos, então seu rosto ficou vermelho. — A pedra foi um presente! Um presente de um homem muito belo e inteligente, que percebeu que minha extrema beleza não poderia perecer e deveria ser preservada para sempre! Eu jamais vou entregá-la!

— Então vou ter que tomá-la de você!

E a índia partiu com a lança apontada na direção de Yara, mas a sereia soltou um lamento profundo e gelado, chamando guardiões que Yoná não

imaginava enfrentar. Despertados de sua hipnose, Shenu e Márcio se puseram no caminho da companheira, arqueados como gorilas, os olhos vidrados, inexpressivos, os punhos preparados para brigar.

Numa corrida desabalada Márcio lançou-se contra Yoná, mas ela se esquivou e o rapaz caiu de cabeça no lago. Enquanto ele se levantava, Shenu usou suas habilidades de mago para transformar um graveto em adaga. Ele correu, brandiu a arma no ar e Yoná não teve tempo de se defender. Mal percebeu o movimento de Shenu e ele a cortou no ombro direito.

Erguendo-se, Yoná usou a lança para jogar a adaga do andarilho longe e Shenu perdeu o equilíbrio e caiu também.

— É uma pena... Se aceitasses e me cedesses vossa beleza, nada disso aconteceria...

Caído, Shenu usou os pés para puxar a perna de Yoná e desequilibrá-la, mas antes que ela caísse Márcio se levantou e segurou-a por trás num abraço apertado. Ele estava quente, mais quente a cada instante. Yoná sabia que ele queria queimá-la. E Shenu encontrara a adaga mágica a alguns metros dali e vinha correndo para matá-la. Mesmo com a lança em mãos, Yoná não teria chance de se defender, enquanto Yara, sentada em sua pedra, suspirava seus lamentos pela morte cruel da moça. E, quando Shenu se aproximou, a sentinela não teve escolha, senão usar seu último recurso...

Ela gritou.

Enchendo os pulmões com o ar que podia, Yoná mostrou todo o poder de uma sentinela do som, pois tudo o que se fizesse ouvir era arma para ela. E a brisa parou, e as árvores encolheram. A superfície do lago turvou-se quando a voz estridente de Yoná maculou o santuário da sereia, e as folhas se rasgaram, e as pedras se arranharam, e as borboletas caíram pelo chão e a pedra em que Yara estava sentada rachou-se no meio e a sereia caiu na água sem que ninguém percebesse, pois Márcio, Shenu e todos os peixes e botos que não fugiram, ficaram surdos.

Yoná aproveitou o momento: livrou-se de Márcio, que levava as mãos aos ouvidos, e correu para perto da pedra. Ali estava ela, no meio do lago, submersa nas águas claras e refletindo a luz da lua, a Pedra das Vaidades. Sem demora, Yoná tomou-a nas mãos e enrolou-a na beirada da blusa, sabendo que aquele era um artefato mágico perigoso...

E olhe, como era bonita... a pedra... uma pérola perfeita e negra... Deixou uma pequena brecha no tecido para poder apreciá-la e partiu na direção dos rapazes rapidamente... Depois mais devagar... *Afinal, qual era a pressa?*

O som estridente ainda ecoava pelas árvores. Só Yoná não sentia o efeito do próprio golpe e por isso se dava ao luxo de observar por mais um minutinho a

pedra em suas mãos. Pedra das Vaidades, era como a chamavam. A pérola que dava vida e beleza eternas para quem a tivesse. Olhando bem fundo nela, Yoná pôde ver o próprio reflexo. Com espanto ela reparou um brilho fugaz em seus cabelos: nunca percebera como eles eram sedosos e reluzentes... Os anéis que lhe caíam nos ombros eram tão belos, tão negros... *“Por que estavam tão mal cuidados? Ora, claro, por causa daquela expedição irracional.”* Só agora ela percebia o quanto fora louca em seguir o grupo até os confins do mundo. Pelo menos encontrara algo de valia. *Que linda pérola negra! E que pérola negra era ela mesma!*

Mas Yara não permitiria que a sentinela ficasse de posse de sua joia sem lutar. Depois de longos minutos, os quais Yoná gastou apreciando a própria imagem no globo negro, Yara se recuperou e investiu contra a moça. Yoná se desequilibrou e caiu no lago raso, mas então teve uma surpresa: seu corpo afundou! Pois Yara lançara um feitiço sobre o lago para que ele permanecesse sempre raso enquanto ela tivesse convidados, mas diante da situação ela quebrara o encanto e todos submergiam, indo para as profundezas, onde a sereia tinha vantagem.

Márcio e Shenu estavam acordados e conscientes. Viram quando Yara abanou a cauda e libertou o lago de seu encanto, mas estavam longe dela e nada puderam fazer. Márcio mal sabia nadar, e começou a debater os braços dentro d’água, desesperados. E Shenu, que ainda tinha a adaga transformada na mão, mergulhou na direção de Yoná, sem se dar conta de que o amigo precisava de ajuda.

A água fez com que Yoná despertasse. Com agilidade, ela recolheu o Objeto Supremo dentro da bolsa em que carregava a Cuzpola, enquanto afundava cada vez mais. A queda foi rápida, ela não tinha tomado fôlego, o lago estava escuro e Yara estava ali. A luz da lua só iluminava fracamente plantas e lodo no fundo.

Yoná bateu braços e pernas, precisava sair da água. Lentamente ela nadou para a superfície. Então algo bateu na sua barriga com força e ela desceu. *BAM!* Bateu novamente. E *BAM!* Yoná não conseguiria subir mais. Seu ar lhe faltava e Yara agora se agarrara à sua cintura, puxando-a para as profundezas.

Então Shenu surgiu no fundo do lago e segurou a cauda da sereia, mas Yara era muito forte e se debatia sem parar. Yoná já estava quase sem ar. E o rapaz usou a “adaga”... Só que ela tinha voltado a ser graveto, e como graveto mesmo meteu-o na cauda de peixe da sereia e ela soltou um lamento de dor. Largou Yoná, e Shenu segurou a mão da índia e nadou com agilidade com ela para o alto.

Quando o brilho de Larehssu tornou-se nítido lá no alto, uma mão segurou o tornozelo de Yoná e puxou-a para baixo outra vez. Shenu viu, com horror, que havia coisas debaixo da sereia, botos segurando seu rabo com os

dentes, e peixes que mordiscavam seus braços e puxavam-na para o fundo. Yara tentava se agarrar de qualquer forma à sentinela e voltar à sua pedra quebrada, mas os animais não deixavam. Então um deles, um boto especialmente grande, mordeu a mão que segurava Yoná, e Shenu e ela subiram à superfície e saíram do lago.

Quando chegaram à margem encontraram Márcio sentado no cascalho, cercado de mulheres belas e luminosas.

— *Maellem'z* — Yoná comentou, respirando com dificuldade, antes de começar a tossir sem parar.

— Elas me ajudaram — o rapaz falou. Tinha algo nas mãos, dois objetos brilhantes. — Eu estava me afogando, então elas me ajudaram a sair da água. Sei nadar agora!

Márcio estava radiante, mas as mulheres fantasmas não pareciam tão felizes. Olhavam com pesar para o meio do lago, onde a luz da lua lançava seu olhar.

Yara.

A sereia veio nadando com a cauda machucada, veloz e enfurecida. Já não parecia mais aquela mulher bela e encantadora. Em seus cabelos encharcados havia plantas limosas entrelaçadas e fungos e guelras brotavam de suas bochechas, finalmente ela mostrava sua verdadeira face. As mãos não eram mais mãos, membranas uniam seus dedos, que tinham garras de metal no lugar de unhas, e de seus olhos saltados emanava uma raiva vermelha que ninguém poderia conter. Apoiada numa pedra lisa, o restante do corpo afundado n'água, ela falou, a voz grossa:

— Como ousam invadir a *minha* casa, o *meu* santuário, e tirar de mim o que de mais valioso tenho? Pois, além de me reaver a Relíquia, terão que pagar caro por tamanha injúria!

Yara abriu a boca, e não era mais uma boca humana, mas uma boca de peixe, com dentes afiados de tubarão, e cantou aquele cântico horrível que cantam as sereias do mar, um lamento gritado para suas vítimas quando enfeitiçam os corações dos marinheiros para depois matá-los e devorá-los. Yara chorou o lamento das sereias, mas Yoná, mais uma vez, gritou com toda força que pôde, e todas as árvores, e todas as flores e todas as criaturas viventes se curvaram.

Então Márcio, surdo como ficou, assustou-se quando ouviu as *maellem'z* falando com ele, e ele pôde ouvi-las, pois elas não falavam aos ouvidos, mas ao coração. Elas lhe deram instruções e ele, que sabia que elas queriam ver o reinado da sereia destruído, seguiu o que disseram. Levantou os objetos que trazia nas mãos, e Yara parou de cantar imediatamente. Uma imagem passou rapidamente pela superfície lisa do objeto e desapareceu de repente... o rosto de Diana!

— Meu espelho! Devolva-me!

— Então — disse Yoná, tomando o espelho e o pente das mãos do colega — É aqui que você guarda a juventude de suas vítimas! Meus amigos... Ainda há chance para eles!

As garras da sereia se desprenderam das mãos dela no momento em que ela soltou um grito de desespero. A sentinela ergueu o braço e lançou o espelho para Yoná e, quando as garras de Yara raspavam o braço de Shenu, Márcio gritou para que a amiga quebrasse o espelho e assim Yoná o fez, e as juventudes de Dominique, Jadhe, Diana e Pablo foram libertadas e as *maellem'z*, que tinham apenas assistido o tempo todo, começaram a cantar e dançar, e os peixes e botos do lago mudaram de forma e tomaram a forma de homens novamente, mas homens sem cor e sem carne. E Yara tornou-se cinza e agudo foi o seu lamento quando seus braços e cauda se encheram de cascos, de fungos, de algas e coisas horripilantes e feias do profundo oceano. E, finalmente, Yara curvou-se perante sua verdadeira idade, seu corpo se fundiu com as pedras do leito e sua voz deixou de ser ouvida. Naquele derradeiro instante o reinado da sereia do lago acabou, e todos os seres da mata puderam tornar a viver.

Étolo, o louco

O céu clareou quando o cântico da sereia deixou de ser ouvido, embora os habitantes das aldeias próximas tenham dito que a voz da sereia misturada à voz da sentinela ecoaram e ecoarão eternamente naquele lago. A noite estava bela, as três luas reapareceram em suas formas naturais num céu repleto de estrelas. Uma delas brilhava com especial intensidade, uma grande estrela bela e branca.

— *Lincariell* — disse Yoná. — A estrela de Ariell, o primeiro guerreiro de Octoforte. Aquele que lutou contra o grande rei no passado e inspirou a construção de nossa Fortaleza. O herói do mundo de Bhardo... Acho que ele está contente conosco, seus substitutos, sucessores... Mas, o que estou dizendo? Vocês não podem ouvir nada, podem?

Márcio e Shenu olhavam com ar abobado para a companheira. Molhados e gelados, tremiam sem nada falar, como se tivessem ficado mudos e cegos além de surdos.

Foi Yoná que os guiou rio abaixo e de volta ao seu navio. Num silêncio, que para os rapazes se traduziu num zunido longo e ininterrupto, os guerreiros trouxeram o Tesouro que foram buscar: a Pérola Negra, envolta nos trapos molhados que Shenu conseguira arranjar.

— Pena — suspirou Yoná — que vocês não consigam ouvir isso...

Dançando alegremente na borda do rio, as *maellem'z* apareceram, não sozinhas, mas junto com seus companheiros. Seus pés descalços dançavam com graça e elas sorriam ao cantar, com as vozes cheias de alegria, uma melodia em agradecimento aos feitos daqueles três corajosos jovens:

*“Obrigada pescadores,
Pois vieram nos salvar,
Obrigada, Obrigada,
Pois iremos descansar!
Obrigada pescadores
Por livrar nossa morada
Da tormenta, da tormenta,
Da tormenta que era Yara!”*

Então o barco contornou a curva do rio, avançando rápido a favor da correnteza, e despedindo-se com acenos de mão e sorrisos, olharam para frente. Agora, sem os feitiços que Yara havia lançado, a correnteza voltara a ter força e foi

mais difícil guiar o barco pelo caminho correto, mas depois de algum tempo chegaram à clareira onde jaziam os amigos enfermos.

De longe já era possível ver que ninguém mais tinha aspecto de monstro. Todos estavam corados e saudáveis, e o céu clareava gradativamente a cada instante, a ponto de se fazer passar por uma bela manhã ensolarada, se houvesse sol. Mesmo assim, a estrela de Ariell continuava visível, um ponto insistente de luz branca cujo brilho criava oito facho de luz.

Quando o barco atracou, Yoná abraçou cada companheiro, lágrimas rolando dos cantos dos olhos, pois pela primeira vez ela pensava em quanto fora perigosa a aventura dela, de Shenu e de Márcio, e quão perto da morte os amigos tinham estado. Depois se sentaram nas pedras, e por longas e divertidas horas as sentinelas se puseram a narrar os fatos ocorridos em *Felloh Danma*, o Lago da Sereia. Por vezes Márcio e Shenu repetiram o quanto os que foram atacados na clareira ficaram feios, e como foi grande a bravura dos dois, até que Yoná terminou com a brincadeira e revelou como eles caíram facilmente nos encantos de Yara. O problema é que nem Márcio nem Shenu conseguiram ouvir nada e continuaram narrando seus feitos em alto e bom tom. A conversa continuou até a noite escura voltar, com direito a uma gostosa refeição com carne de coelho assada e sopa de cebola, esta trazida desde Can Anazar. Então se recolheram ao barco para dormir, para dali a muitas horas de merecido descanso, retornarem ao rio para partir em busca de mais uma Joia.

— Eles vão voltar a ouvir? — perguntou Pablo, preocupado com o irmão que, finalmente, dera descanso e parara de falar.

— Talvez... — Yoná respondeu. — É por isso que nós, os Sanai, evitamos usar esse poder. Foi pior ainda porque tive que associá-lo com o *mac*... Mas eu não tinha escolha, Shenu ia me matar!

Diana suspirou.

— Só espero que eles “*se toquem*”. Falaram tanto e tão alto hoje que, se houvesse algum animal à espreita, teria fugido com medo do vozerio!

— Eles vão ficar bem — Jadhe falou, enquanto Yoná se deitava numa rede perto dela. — Preparei uma poção à base de cera e folhas de *álbatus*. Por sorte as encontrei aqui, são muito raras em Crimehuór, mas parece que crescem soltas nessa floresta. Ainda bem que não estouraram os tímpanos. O problema é que não achei todos os ingredientes, ficaram faltando alguns... Pinguei duas gotas nos ouvidos de cada um. Se fizer efeito, amanhã eles começarão a se recuperar, mas não sei se voltarão a ouvir normalmente, afinal foi um golpe duplo!

O dia chegou com novas discussões: com quem deveria ficar a Pedra das Vaidades, que até então estava sob a guarda de Shenu, em seu bolso, e que caminho

tomar para chegar ao próximo Tesouro.

Foi decisão unânime entregar a Pérola Negra às mãos de Yoná. Por alguma razão, Shenu abandonou o mau humor habitual e a discordância, e consentiu prontamente em deixar a Pérola com a índia, porém pediu o cuidado de não desembulhar o artefato de seu pacote. Qualquer um que olhasse para a joia ficaria encantado, como a própria Yoná ficou, e poderia se tornar uma nova Yara. Yoná guardou-a bem escondida no fundo da bolsa.

O próximo passo seria descobrir que caminho tomar. A Cuzpola mostrava mais quatro pontos de Tesouro, os quatro que ainda faltavam, e cada um num lugar longínquo do mundo.

— Bem, temos que fazer uma escolha — Jadhe anunciou num suspiro, observando o mapa da Cuzpola nas mãos de Yoná e desdobrando seu próprio mapa de papel. — Já temos três Tesouros e precisamos de sete. O problema é que os quatro faltantes estão longe, muito longe, uns dos outros. Temos um nos confins do mundo, em Namor'n Blando. Outro está no meio do Continente Maior, em Crimehuór, numa região inacessível. Temos um em Yatzarem e outro em Algavar... — olhando novamente a Cuzpola, Jadhe se retratou: — bem, estava em Algavar da última vez que eu tinha visto, agora está em Yatzarem, bem perto do Estreito de Bergháta... Esse último deve ser o que está nas mãos de Ártemis, que não vai cedê-lo enquanto não encontrarmos os outros seis.

— Yatzarem é o lugar mais próximo, não é? — Dominique perguntou, batendo as asas, feliz por poder usá-las de novo. Suas asas, que tinham ficado doloridas e fracas depois que retirara as bandagens, após o bizarro ataque da noite anterior e da súbita recuperação de toda sua juventude, tinham magicamente recobrado toda a vitalidade e estavam novas em folha, aliás, como os corpos dos quatro atacados: a queimadura de Pablo tinha desaparecido, a cicatriz na testa de Diana, que ela carregava desde o deserto de Chivin, também não estava mais lá, assim como vários outros pequenos machucados nos corpos de cada um. Exceto pela antiga cicatriz sobre seu olho direito, Dominique sentira falta de todas as marcas que tinha de machucados antigos. Mas agora, com as asas revigoradas, o gênio adquirira o tique de agitá-las o tempo todo, produzindo brisa sem parar, como um leque gigante.

— Sim, mas eu estava pensando em outra coisa... — Jadhe falou, sem tirar os olhos da bússola.

— Acho que sei o que é — disse Diana, acompanhando o olhar da garota. — Se formos juntos para cada um desses lugares gastaremos um tempão absurdo!

— Está falando de separação? — Pablo perguntou. — Eu não acho a melhor ideia. Até agora só vimos que, se não estivéssemos juntos, não seria

possível conseguir nenhum dos Tesouros.

Jadhe argumentou: — Mas agora temos *certeza* de que estão muito bem guardados, e de que nós somos capazes de coisas incríveis. Teremos mais cuidado. Yatzarem é um país difícil e conseguir a joia de Ártemis não será fácil, convencê-la a entregar algo que está sob sua guarda não é tarefa pra qualquer um, mesmo para Nique e eu. Proponho que esse seja um caminho.

Shenu e Márcio olharam o mapa com interesse, bem mais quietos que o normal. A audição estava voltando aos pouquinhos, mas ainda era muito difícil para eles distinguirem alguma coisa se também estivessem falando.

— Então esse é o caminho por que nós devemos ir, Jadhe — Dominique afirmou, e olhou para ela com firmeza. — Somos discípulos dela, e quem melhor para convencê-la a entregar sua joia do que nós?

Jadhe ficou em silêncio por longos minutos. Seus olhos piscavam na direção de Blando, a Terra dos Cristais.

— Que foi? — Pablo perguntou abruptamente, tirando-a duma espécie de transe.

— Jadhe?

— Não sei como vamos dividir nosso grupo, se é que vamos nos dividir, mas eu não vou por aí não — ela disse, e seu rosto era sério e firme.

— Por quê?

— Vou para *Blando*... porque posso encontrar o caminho mais curto — ela disse.

— O caminho mais curto? — Diana indagou.

— Sei onde fica o porto onde podemos tomar um navio, e como ir até Blando mais rápido que o vento. Será mais fácil do que se fôssemos a cavalo pelo Continente Maior até Darfindor e, de lá, tomássemos a barcaça que vai para o norte do mundo.

— Mas, Jadhe...

— Você está pensando nos cavalos Di, e também me dói saber que vou deixar que Linarfh se perca de meus cuidados... Mas aquelas criaturas são livres, e só por algum motivo estranho nos ajudaram. Tenho certeza de que eles não estão mais à nossa espera.

Dominique olhou-a com atenção. Jamais tinha visto a amiga tão determinada, a não ser daquela única vez que desobedecera à mestra, e ele desconfiava de que havia algum motivo secreto atraindo-a ao Continente Gelado, talvez o mesmo que a fizera perder as estribeiras daquela vez. Afinal, ela não era como ele, que perdera a memória quando criança. Ela tinha suas lembranças...

Ele suspirou. — Muito bem. Vou com você.

Pablo olhou com espanto para o gênio. — Então vamos mesmo nos separar?

— Jadhe tem razão, seria perder muito tempo ficarmos todos juntos. E, bom, eu sempre quis conhecer a neve.

Dominique lançou um olhar furtivo para Jadhe e viu, através da cortina de cabelos que escondia o rosto da moça, um sorriso tímido nos lábios dela. Por várias vezes ele deixara claro que tinha pavor do frio e mais ainda do mar aberto, onde não havia terra firme onde pousar.

— Obrigada — ela disse.

— Mas então... Caberá a nós convencer Ártemis? Eu, Diana e Márcio?

Os olhos se voltaram para Pablo.

— Sim, porque eu não vou me separar da minha namorada nem do meu irmão — ele disse, se defendendo.

— Pablo, sinceramente, não creio que Ártemis se deixaria convencer por mim e por Dominique mais do que por qualquer um. Ela só vai nos entregar o Tesouro quando tivermos os outros seis.

— Então, vamos viajar e trazer os artefatos que faltam. Só faltam Shenu e Yoná resolverem para onde querem ir.

Shenu estava tão calado quanto Márcio. Os dois não conseguiam ouvir mais que uns sussurros e sons difusos, nada que fizesse sentido. Por isso, quando Yoná finalmente falou que preferia continuar em terra firme e quente, os dois não fizeram nenhum comentário, e permaneceram assim pelo resto do dia. Quando chegassem à praia de Terem as sentinelas teriam que se separar e Shenu iria com Dominique e Jadhe para *Namor'n Blando*.

Pablo estava inquieto. Já fazia dias que haviam deixado a nascente, descendo de barco a correnteza veloz, e já deviam ter chegado ao ponto onde o rio se dividia. Estava aflito, aquele rio era muito traiçoeiro, não seria difícil terem pego o caminho errado por distração, pois o céu estava muito escuro. Além disso, para Pablo a mata parecia assustadora e sinistra, quieta demais, diferente demais, e mesmo as águas pareciam mórbidas, como se algo muito mortal e doente tivesse invadido aquele lugar.

Sim, realmente a floresta mudara depois que Yara caíra pela voz da sentinela, tanto que as águas do rio pareciam normais — caudalosas, cheias de sons e de vida, — contudo não havia hostilidade à espera, pelo menos foi isso que lhe disse Diana. Na verdade a floresta parecia bem menos perigosa agora aos olhos dos outros. Só Pablo sentia algo ruim em volta. Talvez ele estivesse com a percepção alterada por causa da Pedra de Mavhtus, a qual carregava no bolso o tempo todo. Sempre que a tocava ele percebia, cada vez mais rápido, sua magia fazer efeito, e o

escuro ficava claro e o seguro ficava arriscado. Mas talvez, e só talvez, aquele sentimento agora...

— Pessoal, acordem! Estamos na encruzilhada! — exclamou Diana, que estava na vigília junto com Pablo. — Precisamos decidir que rumo tomar.

Aquele era o décimo dia de sofrimento da vida de Yara, o décimo desde que tivera seu presente roubado de suas mãos. Todos os animais a abandonaram, pássaros e árvores também. Os espíritos dos homens que ela escravizara, agora estavam livres e abandonaram suas prisões, deixando a superfície do lago coberta de corpos de peixes e botos e com um fétido cheiro de morte. As *maellem'z*, agora acompanhadas de seus companheiros, tinham a oportunidade de torturar a rainha decaída, de fazê-la pagar por tantos séculos de prisão e tristeza. Elas agora podiam rir. Elas e seus homens podiam falar e sorrir e, por hora, contentavam-se em rir muito daquela que um dia fora sua senhora. Yara estava desgraçada. Estava só, estava fraca, estava humilhada. E o pior: estava envelhecendo, envelhecendo rápido, muitos anos em um só dia. Mais dois ou três dias certamente a levariam desse mundo para o dos mortos.

Naquela noite, da penumbra que cobria *Felloh Danma*, surgiu um homem coberto de preto. No instante em que pisou na areia do lago, tudo o que ainda fazia ruído ali silenciou e as *maellem'z* fugiram. Era uma noite fria, talvez a mais fria daquele ano, e ventava muito.

O homem aproximou-se da sereia. Tinha a pele clara e um rosto jovem, coberto por um capuz. Seus olhos eram frios e vazios. E Yara, quando o reconheceu, não conteve a própria alegria:

— Mestre! Obrigada por vir! Salve-me! Só tu tens poder para tirar o presente que me destes das mãos sujas daquela mulher e seus comparsas! Só tu podes devolver-me a vida, mestre! Por favor!

— Só eu posso? Não, Yara, na verdade muitas pessoas poderiam ajudá-la, se você tivesse vivido outra vida e procurasse cativar seus escravos, ao invés de amaldiçoar a todos... Você escolheu uma vida solitária. E essa escolha só resulta num fim amargo — o homem respondeu, numa voz fria e calma.

— Senhor... o-o senhor... — Yara balbuciou, lágrimas em seus olhos grandes e redondos.

Os olhos negros e gelados do homem esquadrinharam o lago. — Você perdeu o Tesouro que te mandei guardar — ele afirmou.

— Pensei... pensei que fosse... um presente para mim! — a sereia se defendeu, sentindo uma raiva súbita crescer dentro dela. “*Aquele que era sua única esperança, iria se negar a ajudá-la?*”

— Presente? — ele esbravejou. — Não, minha cara, apenas um empréstimo! Mandeí que o guardasse, e usasse seus poderes para permanecer viva enquanto o guardava para mim, até o meu retorno. *Presente!*

— Mas ele me foi tomado! Tomado à força pelos teus inimigos! Aqueles que fizeram esta devastação em meu belo rosto! — Yara gritou, com toda a força que podia, mostrando toda a rouquidão de sua velhice e todo o desespero de sua alma.

— Por quem? — o homem perguntou, lançando um olhar perturbador para a idosa coberta de limo.

— Uma jovem... Uma jovem negra e seus dois lacaios, companheiros dela! Vieram e se foram... Eram muito poderosos! Eu não pude... não pude fazer nada — ela murmurou, sentindo um embaraço na garganta subindo pela face e fazendo-a chorar. O homem voltou o olhar para o lago. Pensou por um minuto. Então se virou e começou a caminhar para longe do Lago da Sereia.

Sentindo o desespero da morte iminente rondando-a, sentindo que não havia nada mais a perder, Yara implorou, gritando: — Mestre... não vais me ajudar?

— Você perdeu o que era meu. Por que eu deveria ajudá-la? — respondeu ele, sem olhá-la.

— Você me deve isso, Macrux! Cuidei do que era *seu*, e você me deve isso! Deve minha beleza e juventude de volta!!!

E sombras tomaram os céus, um vento cortante varreu tudo o que era árvores e água, e o lago ficou quente, tão quente a ponto de queimar a cauda da sereia, e Macrux virou-se e sua face era terrível. Seus olhos fitaram Yara e ela não viu nenhuma luz refletida neles, como se tudo que existisse de perverso no mundo estivesse ali. Os dedos do homem tocaram o rosto da sereia e o seguraram com firmeza, e ela não pôde falar nem se livrar do toque dele, que lhe queimava a pele, como o ácido das serpentes venenosas do deserto, e sua voz soou como soa um trovão em meio a uma tempestade violenta:

— Como ousa sereia, pronunciar meu nome sem minha permissão? Pois eu não dei a você este direito! Você, mulher, desespera-se porque sabe o que a aguarda do outro lado da morte, pois vai sofrer tudo o que fez sofrer no Nepcoutem, Exílio dos Condenados! Sua pena não deveria ser menos do que a morte!

“Mas vou te dar o que me pede — disse o homem, baixando o tom de sua voz, mas não o aperto no rosto da sereia. — Quer de mim a beleza e a juventude, pois tu a terás.”

Yara sentiu o rosto queimar e uma dor lancinante irradiou dos dedos do homem para sua bochecha, como jamais sentira antes na vida, como se estivessem

lhe tirando a carne. Mas seus braços ficaram firmes e o limo e o lodo que a cobriam caíram dela e Yara viu, na superfície escura do lago, sua imagem bela e moça. Mas havia uma mancha em seu rosto, uma marca como uma cicatriz enorme e negra, dura como aço, dolorosa e atordoante, que a fez chorar por raiva e por agonia.

— Você viverá, Yara, tantos anos quanto os que viveu até agora — falou Macrux, o vento agourento soprando mais forte, sua voz grave trovejando novamente. — Viverá e será perdoada de tudo o quanto fez. Pois viverá sob a guarda de Zebarân, no país Nepcoutem!

Com a mão direita, Macrux fez um movimento e ali mesmo, solta no espaço e no ar, surgiu uma fissura, um rasgo que se abriu para o Nepcoutem, reino de Zebarân. Ali o demônio jogou a sereia, que caiu no lago podre da floresta *Manazgul* e por lá ela ficou, até perder a consciência e a sanidade.

Mais um dia e o Larócora se aproximava mais do fim do rio. As horas de sono vieram e mais uma vez as sentinelas se revezaram numa vigilância monótona e cansativa.

Aquela estava sendo uma noite difícil para Dominique. Desde o sono encantado em Lherád ele não conseguia dormir direito, menos ainda depois que a sombra da Pérola Negra sugou suas forças na clareira da floresta. Pelo menos seu corpo fora todo revigorado, o que, segundo Shenu, aconteceu porque a juventude de mais alguma vítima de Yara devia ter sido canalizada para o corpo do gênio, já que o verdadeiro dono estava provavelmente morto. Mas agora que o perigo passara o cansaço se abatia sobre ele, justamente no momento em que era dele a tarefa da vigília. Depois de muito lutar contra o sono inoportuno, o rapaz finalmente sucumbiu e adormeceu, para mergulhar num mundo confuso de sonhos longínquos.

Como estava cansado! As pernas ardiavam de tanta dor e as asas... ah! As asas! Não podia voar, não podia sequer abri-las, estavam quebradas, destroçadas, esmigalhadas! Já não suportava mais o peso do próprio corpo, mas sabia que tinha que continuar, as vozes ficavam mais próximas a cada instante. Um cão latiu feroz bem ao seu lado, parecia pronto para devorá-lo. E ali na frente a mata ficava rala, ele não teria onde se esconder por muito tempo.

— Peguem-no! Peguem-no! — gritavam as vozes, e Dominique sabia que ia morrer. Só queria manter-se vivo por mais um instante, mais um momento...

Então o vilarejo acabou e abriu-se para o mar, uma praia de areia grossa e rochas grandes entre ele e a água. Tinha que ir para a direita, pois à esquerda ficavam os picos rochosos, de onde desciam os homens que o queriam morto. Correu noite afora seguindo a constelação da Espada, iluminado apenas

pela luz da Lincariell, que brilhava forte. Tropeçou e, ao se levantar às pressas, sentiu mais que viu o sangue em suas mãos, estava ferido. Mesmo que conseguisse escapar, nunca se salvaria... Havia um medonho navio no mar, e o gênio não conseguiria fugir.

Não podia parar para pensar, os homens estavam na praia com seus cães furiosos perseguindo a carne fresca. Exausto, Dominique deu seus últimos passos e caiu de bruços na areia, esfolando o rosto. Chegara sua hora, mas ele queria ver a face daquele que o perseguia. Trêmulo, apoiou-se em suas mãos fracas e levantou a cabeça, e seus olhos dourados encontraram o rosto de alguém que parara à sua frente. Os cabelos revoltos dançavam ao vento, a face fria observava os homens chegando, e quando olhou para Dominique um clarão cortou os céus e os olhos dele se ofuscaram e arderam, e a magia o paralisou e atirou longe a consciência do garoto, suas lembranças, sua vida, sua respiração...

Então ele abriu os olhos, sufocado, e despertou no convés do barco, mas foi como se o clarão de seu sonho o ofuscassem enquanto acordado, pois no céu brilhou uma luz intensa, que o cegou por um instante no espaço. Assustado, o gênio tentou se por em pé, mas descuidou-se, perdeu o equilíbrio e caiu no rio, pois adormecera debruçado na beirada do barquinho.

Pobre Dominique! Pássaros não sabem nadar e com as asas molhadas ele não conseguia sair da água! Seus gritos de socorro acordaram os companheiros, que vieram em seu auxílio, mas que nada puderam fazer, pois ali era o ponto em que o rio ficava sinuoso e veloz, pois corria para *Ner'maithô*, a Cascata Enevoadá. E havia dúzias de pedras lisas e escorregadias que se chocavam contra o rapaz, mas ele não conseguia se segurar no meio do turbilhão. Jadhe correu, ia pular no rio e tentar usar o *mac* para fazer a água a ajudá-la...

Mas, súbito, Dominique sentiu uma reviravolta sob ele e o fundo do rio ficou mais próximo, e o gênio se viu escorregando por uma superfície áspera e cheia de saliências espinhosas. E toda a água que havia no leito se transformou em cascata, e o Larócora foi erguido no ar, e um abismo se fez que lançou o barco longe. Os jovens foram atirados do barco e do chão perceberam, com assombro, que não era o rio que se erguia, mas sim um sinuoso e refulgente corpo serpentino dum gigantesco dragão! Era um *dilahdron*, um magnífico e legendário dragão dourado esquecido pelas histórias, e era pelo menos três vezes maior que Obirtó.

Voando, Dominique escapou de ser atirado contra as rochas descobertas do rio, e viu quando a suntuosa fera ergueu sua cabeça aos ares, tomou fôlego e lançou aos céus um rugido seguido de uma labareda que alcançou as estrelas. Com a fúria desmedida de um predador despertado de seu sono, o dragão voltou-se contra as sentinelas, que não tinham mais do que o tamanho de uma de suas garras. Com uma só patada o dragão destruiu o barco, e as sentinelas que caíram na água

fugiram apressadas para a margem. Água havia por toda parte, pois o levante do *dron* transformara o rio em um leito de lama. O dragão mordida o Larócora, destroçava, comia, não queria deixar nenhum pedacinho, enquanto os viajantes fugiam.

E logo seu faro sentiu cheiro de homens e a fera os procurou e os avistou, “*pequenos mosquitinhos*” correndo ali em baixo. Quatro corriam mata adentro a sua esquerda e três à direita: pegar quatro era mais vantajoso. Afinal, os outros também não iriam muito longe, “*ele os alcançaria e os torraria e os comeria bem quentinhos e frescos*”. Abriu suas enormes asas, e elas eram seis ao longo do corpo serpentil, e bateu-as de uma vez. Árvores se curvaram, muitas foram derrubadas, mas o *dilahdron* não se importava, só queria suas presas. Bateu asas outra vez e nem bem saiu do chão já caiu pesado, barrando o caminho dos fugitivos, dois rapazes e duas moças. A fera podia comê-los agora, mas gostava de brincar com suas vítimas, então esperou para ver o que aconteceria quando uma das moças deu um passo à frente. Ele curvou a cabeçorra e olhou-a mais de perto, seu grande olho verde bem aberto para fitá-la.

Ela gritou.

O som ecoou pela mata e ensurdeceu o que tocou pelo caminho, mas o velho dragão Étolo, de vários espinhos na cara, dentes trincados e com início de surdez, em nada se abalou, pelo contrário: fora um grito “*tão engraçadinho*” que ele riu, uma risada asmática e dragonesca. E enquanto ria os jovens fugiam, mas antes que pudessem se esconder dos olhos do monstro, ele virou-se e tentou chicoteá-los com sua enorme cauda ardente, lançando-os ao chão pela força do deslocamento do ar à passagem do grande rabo.

Étolo riu de seus oponentes e quando levantou o pescoço e abriu seus enormes olhos enxergou os outros, muito longe, correndo mata adentro. Então lançou uma bola de fogo que explodiu entre eles e derrubou-os um para cada lado. E o dragão se jogou de costas no chão da floresta, desalojando rochas e amassando árvores, e ficou assim, deitado, com lágrimas ácidas escorrendo por sua carona e se contorcendo de tanto rir.

Quando o *dilahdron* resolveu abrir os olhos viu, entre as árvores, que sua cauda derrubara outras duas pessoas, duas moscas para ele — “*e uma delas era uma mosca mesmo, tinha até asas!*” Dominique ficara preso num galho e Jadhe tinha ficado para trás para ajudar o amigo.

Étolo levantou-se e lançou uma bola de fogo na direção dos dois, mas eles escaparam da explosão e o dragão se irritou. Lançou mais fogo e mais fogo, mas eles “*pareciam ser feitos de molas, pulavam de um lado para o outro, como cangurus insistentes*”!

E o monstro levantou o corpo de mais de cem metros e caiu de uma vez no chão, fazendo estremecer a floresta e espirrando lama para todos os lados. Mas os jovens se levantaram rápido, só que Étolo não queria vê-los de pé e repetiu o tombo. A floresta tremeu de novo e mais uma vez, e pela terceira vez as “moscas” se levantaram e fugiram de perto dele.

O dragão se enfureceu, encheu seus pulmões de todo o enxofre que conseguiu produzir. O fogo transbordou pelo canto de sua boca, fumaça saiu pelas narinas dilatadas. Ele se cansara, *“era hora de comer para depois dormir”*. Levantou o pescoço, pronto para cuspir uma língua ardente sobre eles...

BUM! Uma luz intensa brilhou branca na floresta e explodiu entre as sentinelas e o animal, cegando-o. *“Étolo cego, cego! Não podia ser, não podia ver, não podia comer as presas e ele estava com fome!”* A bola de fogo preparada para ser lançada ficou engasgada na garganta do dragão, que rugiu e tossiu várias vezes, batendo as asas descompassadas enquanto arranhava o pescoço com uma das patas! Os viajantes correram, fugindo das passadas perigosas do gigante que dançava descompensado procurando respirar. A cada vez que tossia, sua saliva queimava um galho ou ramo.

Então a fera levantou voo, se ergueu alguns metros acima do chão e então se jogou, com a cara virada para baixo, dentro das águas do rio empoçado, e ali ficou se debatendo por vários minutos até, finalmente, se acalmar.

Imponente, armada com seu arco e sua aljava, Ártemis Caçadora surgira do meio do clarão, e encarou o gigante que fugia. Não era a primeira vez que aquele dragão deparava com a Caçadora, e ela bem sabia que ele se lembraria do que acontecera da última vez.

— Mestra Ártemis! — exclamaram Jadhe e Dominique.

Ali estavam Dominique e Jadhe, estirados no chão aos pés da mestra, que não os encarou enquanto a fera não parou de se mexer. Então ela estendeu a mão e, um por um, ajudou os jovens a se levantarem.

— Étolo, o louco — ela falou, mais para si mesma do que para mais alguém. — Não imaginei que ele ainda vivia.

— A mestra conhece o dragão? — Jadhe perguntou, surpresa, enquanto se levantava.

Por longos minutos a Caçadora nada falou, apenas andou de um lado para o outro até reunir todos os viajantes e curar todos os ferimentos usando de magia apenas com um toque, um sussurro. As sentinelas, por sua vez, nada falavam, só observavam enquanto Yoná, de cara amarrada, era atendida pela feiticeira, e Shenu explicava para quem quisesse ouvir que aquele tipo de cura mágica era muito difícil de ser aprendida.

Quando todos estavam juntos e os ferimentos mais graves tinham sido sanados, Ártemis levantou-se, olhando na direção do rio.

— Eu o conheci há muitos anos, numa época em que vaguei perdida nesse lugar. Um dragão louco, é o que é Étolo. Pobre coitado...

Como ninguém ousou interromper a fala de Ártemis ela continuou, ainda com aquele olhar prateado perdido na direção do rio.

— Existem muitos dragões nesse mundo, de muitas raças, cores e tamanhos, mas poucos *dilahdron*'z, os dragões dourados. Vivem tanto que muitos acreditam que sejam imortais... mas não são. Especialmente depois do conflito entre o *Ulon dilahdron*, o rei dos dragões dourados, e seu general, Agako. A batalha entre membros da própria espécie, muitos anos atrás, eliminou boa parte deles. Os poucos que restaram se separaram, pois adquiriram hábitos violentos, muito incomuns entre dragões e mais incomuns ainda entre *esses* dragões, que eram vegetarianos. Hoje, estes dragões só se encontram para acasalar, se é que se encontram. Não sei de fêmeas vivas; se existem, não passam de duas ou três.

“A solidão os transformou em criaturas de temperamento imprevisível. Soube que há um *dilahdron* vivo em Yatzarem, o mesmo da história de Darim e o Magnífico Tenko. O nome dele é Costa e vive num vulcão que considera seu. É terrivelmente sensível e chorão, mas pode ser perigoso se achar que querem tirá-lo de sua casa. Étolo é diferente. Louco! É o que ele é — Ártemis suspirou, agora olhando nos olhos de cada sentinela. — A solidão o enlouqueceu, tanto que ele se aninha no leito de um rio para dormir, mesmo com o perigo de morrer se sua cauda chamejante se apagar. Se vocês tivessem navegado um pouco mais à frente, teriam deparado com a ponta da cauda dele fora da água, numa clareira queimada à margem direita.”

Márcio, que se esforçara para captar cada vírgula do que Ártemis falava, estava curioso: aquela bela mulher com certeza já tinha vivido mais que sua bela face aparentava. Quando ela teria conhecido o dragão Étolo e como sabia seu nome? Pablo, certamente, estava pensando nas mesmas coisas, porque perguntou:

— Perdoe-me, senhorita Caçadora, mas como você sabe o *nome* dele? Pois o dragão não mencionou... Não parecia ser capaz de falar...

Ártemis encarou o rapaz, as madeixas loiras molhadas por uma chuva que começara de repente. Seus olhos estavam ligeiramente saltados e ela os passou várias vezes por cada um dos sete, especialmente por seus pupilos. — Eu não esperava encontrá-los aqui, muito menos numa situação como esta. No meio de Terem... Quem diria? O caminho de vocês está bem distante do Meio do Mundo. Um caminho que passa pelos segredos mais antigos de Bhardo — ela disse e, embora sua preocupação fosse evidente, Dominique ergueu o queixo um tantinho orgulhoso.

“Parece que perderam seu barco... — ela falou. — O nome do dron, ele me disse quando o conheci. Digo que ele é louco por isso; quando eu o conheci e precisei de ajuda, ele me acolheu. Passamos um dia agradável, caçamos e comemos juntos, mas ele adormeceu. Quando acordou não me reconheceu. Tentou me devorar. Fugi, mas ele me perseguiu. Quando o ouvi falar, chorando e rindo ao mesmo tempo, percebi que a loucura se apossara dele.”

— E como, se me permite perguntar, — falou Diana, começando a ficar incomodada com a água nos olhos — como escapou?

— Conhecia o feitiço de luz que usei agora. Ceguei-o e ele se descontrolou. Começou a atirar pedras para os lados e para cima. Então usei de magia para derrubar a cauda pesada dele na água. Ele se desesperou e, ao invés de revidar, fugiu de volta para o leito do rio, onde parece que vive até hoje.

— Tenho certeza de que hoje ele se lembrou dessa ocasião — disse Yoná, emburrada, e Márcio percebeu um brilho sutil nos olhos da Caçadora, que ele não soube discernir o que era. Talvez de orgulho, talvez astúcia, ele não sabia.

— Tenho certeza de que sim.

A chuva aumentou e não houve tempo para conversarem mais. As sentinelas já estavam enlameadas e molhadas o suficiente, precisavam encontrar um abrigo onde passar as horas de sono. Grutas não encontraram, mas havia ali perto uma região de mata espessa onde acharam uma árvore morta, cujo tronco grosso estava oco. Entraram nela por uma fenda pequena e descobriram um chão seco onde poderiam ficar. Ali se abrigaram, despejando uma cobra verde de sua toca, e dividiram espaço com larvas de cupim no tronco; fizeram uma pequena fogueira para esquentar as mãos usando os gravetos secos que estavam no chão. Então se sentaram em roda e tiraram parte das roupas pesadas e molhadas, antes que começassem a tremer de frio dentro delas.

O vento estava forte, assobiava nas copas das árvores e fustigava violentamente o tronco morto.

— Foi por isso que veio, Ártemis, por causa de Étolo? — Pablo indagou, sentindo que, naquele dia, a Caçadora estava excepcionalmente aberta a dar explicações.

— Não — respondeu a mulher com um olhar vago na direção da fenda da árvore. — Eu estava longe, trabalhando, quando senti algo estranho... Uma força grande, vinda dessa direção, dessa floresta. Uma presença poderosa. Viajei o mais rápido que pude para verificar e deparei com Étolo aqui. Foi o destino que me fez encontrar vocês, eu acho.

— Foi a nossa sorte! — exclamou Shenu, em voz muito alta. — Estaríamos mortos agora, não fosse por você aparecer!

— Por que ele está gritando? — Ártemis perguntou, os olhos cravados em Shenu.

— Ah, isso foi... Acidente com a audição, Márcio e ele estão ligeiramente surdos... — Jadhe respondeu, e Ártemis, sacudindo a cabeça, continuou:

— Se tivessem morrido seria merecido! — a mulher falou, feroz. Dominique e Jadhe desviaram dos olhos da mestra deles. — Eu lhes dei a lição sobre dragões antes de entrarem no Educandário, não? Idade suficiente para aprender e não se esquecer de coisas importantes. *“Dragões têm olhos frágeis. Exceto os ramaddron’z, os dragões vermelhos, e os dragões lendários pretos e brancos, todos os outros dragões têm olhos sensíveis e ficam mais cegos que nós com a luz forte.”* Lembra-se disso?

Jadhe e Dominique estavam encabulados.

— Deveriam se lembrar — Ártemis completou, suspirando, seu indicador direito tamborilando nas costas da mão esquerda, e Márcio percebeu que aquele devia ser o jeito dela de demonstrar preocupação.

— Não poderíamos criar uma luz como a sua... — Jadhe balbuciou.

— Shenu poderia — murmurou Dominique, resignado.

Diana retrucou: — Shenu não é um grande mago, não teria poder para isso.

— Pode ser — disse Yoná — mas ele bem que transformou aquele galho numa adaga bem rápido quando estava enfeitiçado, se querem saber...

— Mas essa... presença... que você sentiu, vinha de Étolo? — Pablo perguntou.

— Não — ela respondeu.

Pablo nada falou, mas olhou para Diana, que retribuiu o olhar, cúmplice, e Márcio lembrou-se do irmão ter relatado uma sensação incômoda de perigo que ele sentira poucos dias antes.

— Isso foi há dez dias, mas sensação persistiu, até que desapareceu por completo, dois dias atrás. Continuei meu caminho, queria ver o local de onde tinha vindo essa energia tão... forte.

Yoná tinha uma suspeita. — Acha que foi mais para dentro da mata, mais ou menos na nascente do rio?

— Talvez — respondeu a mulher.

— Foi Yara, a sereia. Há dez dias nós nos confrontamos e usamos muita energia na batalha. Ela perdeu, mas seu grito ainda ficou reverberando pela floresta por um bom tempo. — disse Yoná convicta. Então narrou, mais uma vez, seu feito prodigioso e a conquista da Pérola Negra, o que levou Ártemis a perguntar como estava indo a busca. Antes de responderem, Diana perguntou sobre Agerta e seus

companheiros. A Caçadora contou-lhes que Verônica se recuperara totalmente, e que agora conduzia uma renovação da ilha, e que os sete ficariam surpresos com seus soldados e com a vila quando retornassem. Também contou que Ólie Fauret continuava desaparecido e que não havia nenhuma pista sobre o paradeiro dele, mas que, depois de tanto tempo sumido e dadas as circunstâncias do dia do desaparecimento, era provável que estivesse morto. A mulher ainda disse, depois das insistentes perguntas da loura e de Pablo que, obviamente, o portal continuava lacrado, e que a jornada deles continuava sendo sua única esperança de reabri-lo.

Felizes por poderem contar boas novidades, as sentinelas começaram uma inesgotável narração que passou pelo Templo em Chivin, os feitos de Diana em Lherád, o roubo da Pedra de Mavhtus e o Hiperbólico em que Pablo participou.

Os olhos de Ártemis se arregalaram à medida que a narração continuava. Seus lábios se crisparam quando ela soube da queda do bonde, e Márcio achou que ela podia passar mal quando surgiram no rosto impassível da mulher estranhas contorções ao ouvir o relato da fuga em Lherád, da floresta e do dragão. Por fim, quando Yoná narrou a maldição de Yara que quase matara seus dois pupilos, os olhos de prata de Ártemis se voltaram para o alto e ela levantou-se, andou de um lado para o outro por algum tempo, numa fúria transbordante que direcionou, só com sua visão, para a escuridão das árvores. Não olhou para os viajantes por longos minutos, e só depois de se acalmar voltou à companhia deles; sentou-se e suspirou, a mão sobre a boca, observando Jadhe e Dominique com um olhar tão maternal que deixou os outros encabulados. Mas logo ela desfez esse momento e disse, respirando fundo.

— Muito bem, vejo que estão indo bem. Mas saibam que seus atos não são tão inocentes como vocês imaginam. Foi o roubo da Pedra de Mavhtus que deu início ao confronto que está acontecendo hoje em Zefim.

— Confronto? — Jadhe se assustou.

— A rainha acreditou que o jovem que a roubou tivesse sido um Yatzarem. Não houve acusações formais, mas a desconfiança chegou aos ouvidos do Yatarrân, que ficou atento. O que aconteceu a seguir foi um ato de estupidez: um zéfiro, brandindo um escudo e uma espada com os signos de Zefim, matou o jovem príncipe de Yatzarem. O Yatarrân, então, organizou uma vingança, pois seu único filho era também o único sucessor ao trono. Zefim respondeu que não tinha enviado nenhum soldado aos domínios de Yatzarem, mas que responderia com espadas se houvesse algum ataque. Houve uma pequena batalha na fronteira, nas *Colinas Felhidas*, onde não houve vitória, apenas mortes. Ambos os exércitos estavam preparados para a guerra, e os reis já marchavam de cada lado para a ofensiva quando saí do país e vim para cá. Yatzarem quer, como recompensa pela perda do único filho, que Zefim lhe dê as *Colinas Felhidas*, um pagamento em dez

baús de ouro e mais dez mulheres jovens da família real, para que com elas o rei tenha filhos sucessores, pois sua única companheira faleceu muitos anos atrás. Zefim respondeu à exigência alegando que pela falta de confiança, por insultar as mulheres zéfiras, e pelo absurdo das exigências, quer que Yatzarem se retrate, retire seu exército e dê a Zefim toda a região da Mata de Lote e mais quinze baús de ouro.

As sentinelas ficaram em silêncio.

— Não devem se sentir culpados. A joia roubada fora um presente do rei a sua esposa, que descobriu seus atributos quando a rainha caiu em depressão por causa das traições dele. Ele percebeu que, se a mulher usasse a pedra, seu casamento seria mais feliz. Mas isso não era algo tão valioso para o reino, não a ponto de despertar uma guerra. O rei não sabia o verdadeiro valor e poder da Pedra. Os dois reinos já estavam em conflito há tempos. Mas o soldado que matou o príncipe não foi enviado pelo rei de Zefim para tomar a pedra de volta, o Zefir jura desconhecer que soldado é esse e porque ele matou o príncipe vizinho. Fui chamada pelo Zefir e contratada para caçar esse tal soldado, mas estou em Zefim há três dias e não consegui uma pista sequer. Mas as desculpas se fizeram... Pretextos para guerrear por terras e riquezas.

— Deveríamos devolver a joia — murmurou Márcio.

— Vocês farão um melhor uso dela do que a rainha. Afinal, ela está livre agora, livre do poder que a fazia enxergar beleza onde havia horror. E agora precisam dormir. A caminhada até a praia levará meio dia; vou com vocês até lá, portanto temos que descansar hoje.

Todos concordaram e se aninharam como puderam no chão duro para dormir. Aos poucos a fogueira foi se apagando, à medida que a chuva forte se tornava tempestade lá fora. Quando o sono já havia tomado o grupo, Pablo abriu ligeiramente os olhos. Um raio cortou o céu lá fora e caiu como uma bomba numa árvore próxima. Sua luz entrou pela fresta da árvore e iluminou o corpo de Ártemis, sentada, com olhos bem abertos, olhando atenta para a fenda. A Caçadora sabia que a presença que a trouxera ali não fora provocada pela sereia, muito menos por Yoná. Pablo também sabia disso.

Separação

O dia chegou escuro como sempre, e Ártemis acompanhou os viajantes até as bordas da floresta. Apenas seis horas de caminhada seriam necessárias para alcançar a praia, mas o chão estava lamacento e por um bom pedaço de terra a floresta estava destruída: as árvores espinhosas pisoteadas e esmagadas por Étolo se esparramavam pelo solo acidentado e atrapalhavam a passagem, consequência da loucura do dragão que dormia outra vez no leito do rio. Decidiram seguir o desenho do curso da água para não se perderem ou avançar em sentido contrário ao que queriam ir, pelo menos foi isso que alegaram à Ártemis. A verdade é que, exceto por Shenu, amedrontado, e Pablo, cauteloso, as outras sentinelas estavam curiosas com a cauda do dragão que ficava de fora da água.

Não foi preciso andar muito porque ali na frente, logo após uma curva acentuada que o rio fazia em direção ao oeste, a cauda do animal brilhava dourada de fora d'água. Olhando com atenção e cuidando para não se aproximarem demais, as sentinelas puderam ver, bem lá no fundo da água barrenta, a cor brilhante das escamas do ser, refletindo a luz do próprio fogo. Se um viajante desavisado navegasse por aquelas águas e deparasse com aquele brilho no fundo do leito, certamente ficaria iludido com a ideia de um leito feito de ouro. Provavelmente era assim que Étolo conseguira se alimentar nos últimos tempos.

Não se demoraram por ali, pois ainda era perigoso que o dragão saísse de sua hibernação de novo, uma vez que ele não conseguira o alimento desejado. Aproveitaram apenas para encher seus cantis com água de uma mina próxima e livre da lama, pois quanto mais chegassem perto do mar, mais salgada a água ficaria, sendo impossível de beber. Continuaram, dessa vez por um caminho dentro da floresta que a Caçadora conhecia. Não havia trilhas, o céu estava escuro e a chuva que caía fina insistia em apagar as tochas. Ártemis não pediu em nenhum momento para ver os objetos conseguidos, e quando Yoná lhe perguntou se ela queria ver a Pérola Negra (na intenção de fazer a mulher cair em tentação, pelo que pareceu a Márcio), Ártemis respondeu evasiva:

— Achei que eu tinha dito para não exibirem essas joias mais do que o necessário. Isso inclui não ficar oferecendo a outros que a vejam. Sei como ela é, então mantenha-a dentro de sua bolsa.

Yoná ficou mais emburrada que de costume pelo resto da caminhada.

Logo no final do dia as árvores ficaram mais raras e a terra firme e escura deu lugar a uma areia grossa e branca. O cheiro de água salgada se espalhou pelo ar e o som das águas quebrando nas rochas embebedou os viajantes, que estavam cansados e com os pés doloridos. Nenhuma luz de lua chegava à terra,

apenas uma mancha avermelhada aparecia atrás de uma nuvem, lugar onde provavelmente estaria a *Ramadissu*, a lua vermelha. A praia estava revolta pelo vento. A chuva da noite anterior não fora suficiente para varrer as nuvens do céu, e o tempo continuava ameaçador.

Ártemis os conduziu até a praia e, juntando tudo o que restara do equipamento que possuíam, as sentinelas e a mulher montaram um acampamento improvisado. Uma fogueira foi acesa, onde a carne caçada durante as horas de caminhada foi assada e degustada com muito gosto. Aproveitaram aquele momento para traçar planos de viagem. Era certo que o grupo se dividiria, e era certo para onde iam, mas era certo também que só havia uma Cuzpola e que ela não poderia ser repartida. A grande sorte é que Jadhe conseguira salvar do Larócora o mapa do mundo, pois estava com ele num bolso das vestes quando o dragão destroçou o navio com a maioria dos pertences dos viajantes. Apenas Shenu, ávido por ouro e brilhantes, conseguira salvar parte do prêmio conquistado em Zefim: todas as joias feitas com sblinc'z e muitas moedas de ouro, as quais ele mantinha guardadas consigo com tanto apreço quanto se fossem Objetos Supremos. O importante é que, neste mapa, Yoná marcou o ponto exato onde estariam os Tesouros que Shenu, Dominique e Jadhe deveriam procurar. Ela, Márcio, Pablo e Diana levariam a Cuzpola para o leste, para Yatzarem, e dali iriam para Algavar, onde deveriam aguardar os outros.

Os quatro que iam para Yatzarem também tinham uma pequena esperança de que Ártemis cedesse seu Tesouro antes de chegarem à Algavar, já que a mulher tomaria o mesmo caminho que eles. Os outros teriam que encontrar o Objeto que estava em Namor n'Blando e, depois, o que estava em Crimehuór. Só então, depois de dez ciclos de Ginhaissu, se encaminhariam para o ponto de encontro e, se um dos grupos não chegasse num prazo de três semanas, então o outro deveria partir em busca de notícias.

— Não é um plano muito bom, mas, provavelmente, quem vai demorar a chegar serão vocês — Pablo falou, indicando com a cabeça para Jadhe, Shenu e Dominique. — Afinal, vocês estarão em menor número e irão procurar dois Artefatos, enquanto nós já sabemos onde está um. Estaremos com a Cuzpola, então, se vocês demorarem, nós os encontraremos!

Ártemis em nada opinou, mas concordou que o caminho seria mais curto se estivessem separados. Porém também alertou que aquela presença que a trouxera ali foi semelhante a que a levava à ilha Agerta no dia do ataque ao portal, portanto poderia estar de alguma forma relacionada com Zebarãn. Seria necessário total cautela e sigilo por parte das sentinelas sobre os Objetos Supremos, não só por causa de Zebarãn, mas por causa de outros andarilhos e piratas, que corriam o mundo em busca de riquezas. Haveria muita cobiça em torno desses artefatos se

alguém descobrisse que eles realmente existiam e que estavam nas mãos de um grupo tão inexperiente.

Na praia, sob o abrigo das últimas árvores, o grupo passou a noite chuvosa e fria. Quando acordaram no dia seguinte bem cedo, depararam com Ártemis sentada na praia, afiando as pontas das flechas de sua aljava, de costas para os jovens. Jadhe e Dominique foram até ela para se despedir, e Márcio ficou fascinado com o respeito com que tratavam a mestra e como a Caçadora, tão ativa e austera, os abraçou ternamente e lhes disse palavras de carinho e cautela. Ela parecia tão cansada!

O vento forte lançava areia nos olhos, mas também afastava as nuvens de chuva, levando-as para o leste, deixando serem vistas no céu a lua branca e a vermelha crescentes. Uma luz pálida inundou a região, tocando as flores belas e coloridas das árvores e trazendo um calor agradável. Márcio abraçou Jadhe longamente e sorriu, quando a largou, percebendo o olhar incisivo do gênio em direção a ele. Jadhe sempre parecera tão sábia e controlada, capaz de acalmar qualquer um nos momentos mais complicados... Em certas horas lembrava uma donzela saída de alguma história antiga, e o jeito que ela tinha de falar às vezes fazia Márcio rir. Em seguida despediu-se de Dominique, desejando-lhe sorte. Pablo sentiria mais falta do gênio do que qualquer outro, Márcio tinha certeza: a despeito de todas as desavenças que tiveram, os dois andavam conversando muito nos últimos dias, e jogando cartas em todas as horas que tinham livres. Soltando a mão do colega, Márcio voltou-se para Shenu. “*Covarde repugnante!*”, pensou, sentindo, na verdade, um nó na garganta. “*Como sentiria falta daquele tratante!*”

Então, com abraços e desejos de boa sorte, Shenu, Jadhe e Dominique deram adeus aos colegas e à mestra, que seguiria com os quatro até Algavar, e partiram para o oeste enquanto os companheiros, sem olhar para trás, seguiam o caminho oposto.

Um ano... Doze ciclos de *Ginhaissu*...

APÊNDICES

Da Grande Guerra à decadência de Octoforte

Havia, no oeste de Bhardo, uma vasta planície verdejante, onde viviam animais de cores hipnotizantes e beleza insuperável. Por centenas de milhas a planície se estendia, e seus braços iam desde os pés da floresta escura que cobria a *Naiad Damma* até o oeste distante, onde dividia território com *Lherád*, a floresta adormecida, até cair nas águas do Oceano Vermelho. Nesta vasta planície nasceu o reino de Hadara, ao norte do Rio Velho, vizinho de Zefim, cujas terras ficavam ao sul do Rio e desciam acidentadas, perdendo-se no litoral do Golfo Belo.

A história do surgimento dos reinos Hadara e Zefim remonta ao ano de 471 de *Ainda Luz*, quando o grande clã de Azdorát, que vivia na região montanhosa de *Naiad Damma*, dividiu-se em dois, criando as tribos do líder Hadar, na margem norte do Rio Velho, e do líder Zefim, na sua margem sul. Com o passar dos anos, a tribo de Hadar foi se distanciando, rumando para o interior e para o norte, onde as terras eram fartas em caça e férteis para a plantação. Na planície do oeste a tribo misturou-se aos habitantes locais, gerando descendentes mais claros e mais altos que os indivíduos do povo original, e chamaram aquele lugar de Hadara. A tribo sulina espalhou-se ao longo dos afluentes do Rio Velho: o Rio de Leite e o caudaloso Leito Branco, sem nunca se distanciar deles. Duas vilas adjacentes foram criadas a partir daquela, e esse foi o início do reino de Zefim.

A rivalidade entre Hadara e Zefim começou por causa da água. Oficialmente o rio era o limite entre os reinos e não pertencia a nação nenhuma, porém as cidades sulinas de Zefim sofriam com secas anuais e, nessas épocas, dezenas de caravanas viajavam dias em carroças, que eram carregadas com barris de água para depois retornarem às cidades necessitadas. Mas as idas e vindas de zéfiros despertaram a cobiça de ladrões e mercenários; bandidos hadaranos se postavam nas bordas das estradas e passaram a intimidar zéfiros a pagarem tributo em troca de uma passagem segura até o rio; caso não pagassem sofreriam agressões e até morte. Por anos os zéfiros foram assaltados dessa maneira, até que o *Zefir*, soberano de Zefim, decidiu interferir e exigir que o *Hadar* ajudasse a construir um desvio no rio para que a água chegasse às áreas mais necessitadas de Zefim.

Além da falta de estrutura para uma obra como essa, Hadara não estava disposto a ajudar. A tensão aumentou a violência e os saques prosseguiram, agora revidados com a força pelos zéfiros. No ano de 702 eclodiu a primeira guerra, depois que o Hadar declarou abertamente seu apoio aos saqueadores.

Assim teve início a rivalidade entre os países mais antigos do oeste, Hadara e Zefim. Ao fim de uma guerra, outra iniciava, e em nenhuma ocasião pôde-se dizer que houve um vencedor. O reino de Darfindor, ao norte de Hadara, e o reino Yatzarem, ao leste de Zefim, intervieram em diversas ocasiões, tornando o cenário cada vez mais caótico. É desta época que vem o apelido que os países do leste deram ao oeste, de “*terra-de-cortadores-de-cabeças*”.

Em 1427 Hadara e Zefim travavam a sexta guerra, a maior e mais violenta de todas. Hadara, apoiada por Darfindor, disputava com Zefim a posse de certo território das montanhas, Zefim aliado a Yatzarem e aos povos das montanhas. A luta já durava sete anos e contabilizava, além de inúmeros mortos e feridos, milhares de escravos. E foi em meio a este cenário conturbado que surgiu o personagem mais famoso que o mundo de Bhardo já conheceu. Vindo dos ermos do deserto de Chivin, um jovem rapaz chegou às vilas baixas de Zefim onde viviam os rebelados de guerra, aqueles que se recusavam a batalhar. O jovem apresentou-se como “*Lando*”, um nome que significa “*Luz do Oeste*”, e foi com esse nome que ele passou para a história, pois seu nome verdadeiro perdeu-se no tempo.

Lando aproximou-se com um discurso de paz e igualdade para todos, de liberdade e de fé, numa terra onde a fé nunca tinha existido. Sabe-se que ele foi o precursor da crença bhardana, trazendo o “*Naelimdér*”, o “*Livro da Alma Maior*”, para o conhecimento público. A história dos Senhores e da criação do mundo, dos homens e da vida, tornou-se o pilar de quase todas as crenças bhardanas, espalhando-se por todos os cantos. O jovem também foi pioneiro no uso do *mac*, a energia que permite ao homem dominar o elemento natural do qual ele foi criado, e foi ele ainda quem descobriu a bruxaria, sendo, portanto, o primeiro *macnór* e o primeiro bruxo em todo o mundo. Suas demonstrações de magia, sua fala cativante e o uso de seu poder para impedir atos de violência contra inocentes, o fizeram adquirir muitos seguidores.

Em poucos anos, Lando já contava com um número considerável de admiradores, e bandos se formavam para aprender as artes do *mac* e para ouvir sua fala. Por volta de 1430, Lando convocou seus seguidores para usarem os conhecimentos que tinham conquistado contra os soldados de ambos os países em meio à batalha, e aqueles homens, que tinham aprendido a magia, conseguiram subjugar os dois exércitos. No entanto, Lando só exigiu que os exércitos se retirassem. O ato atraiu a atenção dos militares e, dois meses mais tarde, Lando foi convidado a apresentar-se diante dos reis do oeste — pela primeira vez em muito tempo, sentados ao redor de uma mesma mesa.

Lando foi testemunha do acordo de paz entre os países do oeste, e milhares de pessoas assistiram e festejaram o “*Embainhar*”, como ficou conhecido

esse dia. Todos os escravos foram libertados, e os territórios dos dois países rivais e também de seus aliados ficaram definidos neste acordo.

Ninguém sabe o que aconteceu depois para transformar o pacifista *Luzdo-Oeste* no temível e poderoso *Imperador*; acredita-se que ele tenha sofrido um golpe duro daqueles que tinham interesses em que a guerra continuasse, ou mesmo que todos os atos pacíficos de Lando fossem só uma grande teia que ele tramava para prender os soberanos e fazê-los se curvarem aos seus pés. O que a história conta é que, depois de assinado o Tratado de Paz, Lando passou a agir estranhamente, e prometendo às pessoas novos tempos de paz e glória, conseguiu colocar boa parte do povo e dos antigos soldados dos exércitos a seu favor; depôs então os quatro reis das terras do oeste, tomando para si o comando “temporário” dos reinos.

Um novo e poderoso exército começou a se formar, o Exército do Oeste, que contava com a força do *mac* e o enorme poder de persuasão de seu líder. Todas as pessoas, reis ou súditos, foram obrigados, por força ou por medo, a aceitar Lando como líder e a chamá-lo de Imperador. Mais tarde, o Imperador começou a cobrar taxas de passagem nas estradas, e tributos cada vez maiores para servirem ao governo. Não impediu o ensino do *mac*, mas ele mesmo, que possuía o maior conhecimento, cessou de ensinar seus segredos.

Cada vez mais os soldados do novo exército tornavam-se violentos, as taxas de impostos aumentavam abusivamente e, em 1443, a grande praga, que levou o nome de “*Misericórdia*”, e que se dizia ter sido propagada pelo próprio Imperador, fez quase tantas vítimas quanto a guerra. O poder do Imperador, que se estendia aos confins do Oeste, agora despertava mais temor que a antiga guerra.

Revoltado, o povo protestou, e foi repellido com armas. Os desertores do Imperador se agruparam e libertaram os reis depostos de Hadara, Zefim, Darfindor e Yatzarem, para liderá-los. Uma grande comitiva marchou até o palácio onde agora vivia o Imperador Lando, que outrora fora um pacifista de grande simplicidade. Lá encontraram o *Naelimder* aos pés da escadaria, rasgado em várias páginas, amassado e borrado, mas com boa parte de seu conteúdo preservada. Dois soldados o levaram em segurança para outro lugar, para que não fosse perdido no tempo.

Lando foi convocado a entregar-se por vontade própria, sem a necessidade de violência, mas foi nesse momento que o povo de Bhardo conheceu o verdadeiro poder que o Imperador escondia. Criaturas do terror, que ainda não existiam nem nas lendas mais sombrias de Bhardo, surgiram das sombras e postaram-se ao lado de Lando — besouros nascidos das areias, que se alimentavam da seiva do mundo, demônios enfurecidos e vermelhos, cujo hálito se dissipava pelo ar e provocava medo e dor, e *ramaddron’z*, o Grande Exército Vermelho de

dragões vindos do norte de Gehenmy — todos eles vieram lutar contra o oeste. Todo o povo se apavorou e os que ainda seguiam Lando voltaram suas armas contra ele, e muitos morreram nessa batalha.

Os reinos do oeste pediram ajuda para os países do leste e, pela primeira vez, Algavar, Gehenmy e Zebelim enviaram reforços contra o mal que se aproximava. Mas monstros de diversas ordens atacaram também o leste, e queimaram as árvores da fronteira da Grande Floresta. E, quando muitos já haviam perecido e outros tantos pretendiam se render, o Imperador convocou seu mais temível exército, o Exército dos Malditos, formado por aqueles que haviam perecido durante a *Peste da Misericórdia*, amaldiçoados para jamais abandonarem seus corpos putrefatos e servirem eternamente aos desígnios dele. E o sofrimento das pessoas foi grande, pois eram obrigados a lutar contra aqueles que já tinham perdido uma vez, e que agora estavam condenados para sempre.

Quando todas as luzes pareciam se extinguir um herói surgiu dentre os rebeldes, Ariell Saramah, que um dia fora pupilo de Lando. Vendo o mal de seu mestre espalhar-se pelo mundo, mesmo tomado de horror, Ariell desafiou o Imperador no pico do Monte Cuzto e lá lhe tirou a espada e venceu-o na batalha. Ariell morreu na luta, mas conseguiu levar Lando consigo.

Como aconteceu exatamente ninguém sabe ao certo, mas foi nesse dia que a luz do Sol desapareceu, e o mundo passou a ser chamado de *Bhardo*, sombra, na língua ancestral. Lendas contam que foi a última maldição do Imperador: que o mundo jamais visse o sol outra vez. Os malditos desapareceram no mesmo instante em que Lando foi derrotado, e também os *arquedemon*'z vermelhos se retiraram; fugiram para o oeste, pelo mar, onde encontraram refúgio no Continente Menor, que estava nas mãos de Zebarân, o maior servo do Imperador, que o admirava e que dele recebeu grandes poderes, usados para conquistar e manter um reinado de horror impunemente por muitos séculos mais. Os dragões vermelhos e outras criaturas voltaram para seus esconderijos, e foram esquecidos.

No ano da derrota do Imperador e do desaparecimento da luz do Sol terminou a era de “*Ainda Luz*” e começaram os “*Anos da Sombra (A.S.)*” no mundo de Bhardo, cujo complicado calendário conta os dias através dos ciclos de suas três luas.

Em A.S. 131 uma nova ameaça pairava sobre os povos do Continente Maior. O feiticeiro Zebarân, que por meios misteriosos adquirira o até então lendário “*Lindonaelun*”, o “Livro do Espírito das Trevas” onde o Imperador tinha escrito todos os seus segredos e bruxarias, das mais fracas às mais poderosas, se aliara aos *arquedemon*'z do Imperador e a outras criaturas, e com o poder delas escravizara o povo do Continente Menor, e as terras daquele reino, que antes

tinham o nome de *Aduna*, passaram a ser chamadas pelo próprio povo de “*Nepcoutem*”, um nome bhardano para a região de além da vida para onde vão as almas condenadas a sofrer e pagar pelos seus crimes. O pacífico Continente Menor tornou-se uma prisão desolada e repleta de escravos.

O povo do Continente Maior assistia à escravidão com revolta, mas nada fazia contra o rei, pois a força de seus exércitos ainda não estava restaurada e eles não tinham poder para enfrentá-lo. No entanto, Zebarãn tinha planos maiores do que a conquista do Continente Menor. Reunindo sua horda de bestas e outras criaturas que ele mesmo criara, Zebarãn atacou o Continente Maior, numa tentativa de conquistar os reinos de Hadara e Zefim. O que o rei não esperava é que uma poderosa aliança se formasse rapidamente, pois Hadara e Zefim se uniram, e receberam reforços de Darfindor e também de Yatzarem, e juntos derrubaram a investida do tirano.

Zebarãn recuou, mas o Continente Maior sabia que por trás da muralha de rochas que ele havia erguido em torno de suas terras a escória se reagrupava, preparando-se para uma nova investida, pois Zebarãn não podia morrer e seus desejos não se perderiam no tempo. E os reis daquele tempo decidiram que o Continente Maior devia ter uma proteção, uma última Fortaleza, capaz de resistir a qualquer investida. Apoiados por Inish, a Senhora da Terra e das Pedras, os homens de todas as nações constituídas se uniram na Última Aliança e enviaram suas forças para o único lugar neutro onde a Fortaleza poderia ficar: a miúda ilha *Agerta*, onde existia *Cermalháct*, a Encruzilhada, uma passagem misteriosa que dava acesso a outros mundos.

Atrás do véu de luz os homens construíram sua Fortaleza, feita com pedras douradas criadas pela Senhora Inish, e a chamaram de *Dilarahtorn*, a Fortaleza dos Muros Dourados, ou Octoforte, a Fortaleza das Oito Torres, onde cada torre representava um dos oito elementos que Ariell Saramah usou para derrotar o Imperador. E homens honrados e fortes foram mandados para o forte, e quando Zebarãn atacou novamente não houve besta nem fera que resistisse ao poder dos bravos soldados de Octoforte e de suas oito poderosas sentinelas.

Inspirados pelos ares da vitória, as sentinelas de Octoforte conduziram seus soldados à terra maldita de Zebarãn, mas quando lá chegaram e viram a muralha de rochas que ele havia erguido, sua coragem se perdeu. E aqueles que ainda guardavam a luz da esperança e da justiça em seus corações tocaram a rocha, determinados a expulsarem o malévolo rei da face do mundo, mas quando fizeram isso a magia do rei se fez presente e seus corpos e suas almas foram sugadas e trancafiadas para sempre atrás dos muros encantados.

Zebarãn nunca mais saiu de seu reino de terror, e nenhum daqueles que ousaram adentrar suas terras jamais foi visto outra vez. Mas Octoforte não se

desfez no tempo, suas forças eram renovadas de tempos em tempos para que, quando o dia chegasse, houvesse alguém alerta com poder para resistir.

Enquanto Zebarân permanecia recluso em seu reino, transformando-se mais e mais em um mito a cada dia de silêncio que se passava, outros bruxos menos poderosos aproveitaram a aversão do povo à feitiçaria e a usaram para causar medo e roubar da população. Embora os governantes do leste estivessem juntos para tentar controlar a situação, um bando grande de saqueadores corria por aquelas terras, roubando e enfeitiçando, fugindo a cavalo logo em seguida. Eram bruxos de certo poder e possuíam muito controle do *mac*, arte que a população tinha medo de usar por ser associada com Zebarân e com o antigo Imperador.

Uma onda de pânico espalhou-se entre as pessoas; ricos e pobres corriam para enterrar os bens que possuíam em locais afastados, e desenhavam mapas malfeitos e errôneos para encontrá-los mais tarde. Muitas pessoas amedrontadas fugiram para a ilha Agerta, onde pediam asilo à Fortaleza e de onde podiam passar facilmente para os outros mundos que se abriam para Cermalháct, *Agharta* e *Terra*.

O grupo de bruxos saqueadores foi contido apenas alguns anos mais tarde por Radamés, general de Octoforte, suas oito sentinelas e vários soldados, e quando os bhardanos que tinham atravessado o portal foram chamados de volta ao seu mundo natal muitos se recusaram a atender, pois na Terra tinham encontrado um povo tão primitivo que as demonstrações mais simples de *mac* foram tomadas como artes de deuses, e eles foram venerados como tais. Depois de muitos conselhos entre os líderes da Aliança, decidiu-se que os bhardanos deveriam retornar imediatamente aos seus lares ou seriam banidos para sempre de Bhardo, pois não foi considerado justo nem honrado que Bhardo interferisse com a cultura, as crenças e a história de outros mundos. A maioria dos bhardanos retornou. Os que decidiram ficar morreram tempos depois, e seus descendentes foram raptados e trazidos de volta, embora alguns tenham permanecido na Terra, mantendo um cuidadoso anonimato.

Nos anos que se seguiram, Octoforte auxiliou nas negociações de paz entre os países do Meio do Mundo, interferiu nas organizações militares e manteve a passagem entre os mundos segura. Por muitos e muitos anos a Fortaleza resistiu, sempre defendida por suas sentinelas e seus soldados dedicados, até chegar aos dias de hoje, no *Ano da Sombra* de 871, quando Ólie Fauret, seu atual general, convocou a seleção para um novo grupo de sentinelas.

~ **MUNDO DE BHARDO** ~
A BATALHA DE AGERTA
- Livro II -

Serpente do Mar

A noite eterna arrastava-se tenebrosa no céu bhardano. Estrelas? Não, nessa noite não havia. Nuvens escuras encobriam o céu, escondendo as centenas de rostos da vergonha do olhar dos astros. O silêncio alastrava-se de leste a oeste, quebrado aqui e acolá pela promessa da violência, no som de uma tocha sendo acesa ou de uma arma tilintando.

Eles estavam lá, esperando. Homens e mulheres, endurecidos pelo tempo, a respiração suspensa, o olhar fixo no inimigo. Tinham os rostos negros pintados para a batalha, lanças e espadas nas mãos hesitantes, cavalos armados à frente. Seus olhos emitiam um brilho de aço. Eles estavam lá, esperando...

A flâmula tremulante foi fincada na terra lamacenta quando o Primeiro Cavaleiro encontrou seu oponente, o Yatzim. Tambores soaram, vindos do leste. Cornetas dos zéfiros responderam fervorosas. O Primeiro Cavaleiro de Zefim ameaçou o adversário, mesmo sabendo que estava em desvantagem. O exército de Yatzarem não estava unido em sua totalidade, mas seu número era ainda assim superior e outros viriam. Zefim tinha poucas chances, mas depositava suas esperanças nos homens do norte, que cavalgavam para juntar-se ao exército.

O Yatzim puxou sua espada, estava selada a guerra. O Primeiro Cavaleiro foi se juntar às tropas e correu, espalhando palavras de coragem pelos ventos que uivavam e varriam as colinas. Fogos e tambores, brados de coragem. Os zéfiros prendiam a respiração, sabendo que o inimigo também temia. Poucos tinham sido os anos de paz, mas foram o bastante para as mãos se acostumarem à enxada ao invés do cabo da espada.

Então o grande clamor se fez e os yatzarem'z correram em descida a colina. Os cavaleiros vieram depois, ultrapassando a infantaria, com grandes e pesadas massas. Zefim esperou, arcos dispararam e derrubaram os mais avançados. Dispararam novamente e derrubaram mais alguns, mas a grande onda de soldados chegou rápida e feroz.

E espadas se chocaram e escudos se quebraram e a chuva se fez forte e sombria sobre as colinas naquela sangrenta noite.

Continua.

Mensagem da Autora

Obrigada por acompanhar esta jornada até aqui, mas se seus pés ainda aguentam mais alguns passos, se seu fôlego ainda não se esgotou e se ainda existe alguma bravura dentro de você, acompanhe as sentinelas na busca pelos Objetos Supremos em “A Batalha de Agerta”.

Conheça mais sobre o próximo livro da saga das sentinelas e o Mundo de Bhardo, a autora, ilustrações, promoções, onde comprar e outras obras acessando:

www.bhardo.net

Table of Contents

[OdinRights](#)

[Prólogo](#)

[O selo de Cermalháct](#)

[Reunião sobre o Rochedo](#)

[Os Objetos Supremos](#)

[A Nalvim de Melvim](#)

[Bonde para Ylhuah](#)

[Astur](#)

[Flachim'ttoér](#)

[Nas Colinas Gritantes](#)

[A queda das Linhas de Sustentação](#)

[Lherád](#)

[Sob Pirraftér Acchernol](#)

[O Hiperbólico](#)

[O caminho para Terem](#)

[A Pedra das Vaidades](#)

[Étolo, o louco](#)

[Separação](#)

[APÊNDICES](#)

[Mensagem da Autora](#)